

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Felícia Rodrigues Rebelo da Silva Araujo

**Passagem perigosa:**

a construção da identidade de jovens em situação de vulnerabilidade social.

Uma perspectiva da Psicologia Analítica

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓSGRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA  
NÚCLEO DE ESTUDOS JUNGUIANOS

SÃO PAULO

2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Felícia Rodrigues Rebelo da Silva Araujo

**Passagem perigosa:**  
a construção da identidade de jovens em situação de vulnerabilidade social.  
Uma perspectiva da Psicologia Analítica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Liliana Liviano Wahba.

SÃO PAULO  
2010

**BANCA EXAMINADORA**

Orientadora: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Liliana Liviano Wahba

Examinadores: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

A poucos dias do depósito desta pesquisa penso sobre a experiência deste processo. Há uma importante conquista, parte de uma grande vivência, intensa e transformadora. A sensação de tarefa cumprida se mistura com sentimento saudosos de despedida.

Recordo-me com gratidão de pessoas que fizeram toda a diferença neste percurso. Grandes passos não são dados sozinho, sempre de mãos dadas. Reservo esta parte para agradecer a essas pessoas.

Agradeço profundamente à orientadora Liliana Wahba, a atenção e confiança durante este trabalho; a orientação enriquecedora, cuidadosa e incentivadora; as sugestões pertinentes; o modelo de compromisso com o trabalho.

À minha mãe, que sempre ensinou e foi referência, que acompanhou as minhas batalhas, incentivando e vibrando, apoiando e permitindo o suporte sobre o qual crescer. Desta vez não foi diferente. Extendendo essas palavras ao meu pai, que está presente de uma outra maneira.

Ao Eduardo, por acompanhar, apoiar, entender, esperar, acreditar e mostrar tanta alegria nas conquistas da minha vida. Por dar tranquilidade e paz necessárias para construir, por enxergar beleza nas minhas vitórias e gostar de comemorar comigo.

À Eloísa Penna, os inúmeros ensinamentos, o apoio e companhia nas minhas trajetórias, a maneira bonita como vê a Psicologia Analítica. Os importantes apontamentos na qualificação.

À Laura Villares de Freitas, a disponibilidade em ajudar, o interesse nas minhas ideias e as preciosas contribuições na qualificação.

À Mariana Kusano, por me ouvir falar, pensar alto, questionar. Por estar ao lado neste caminho da academia e em tantos outros.

Ao Alexandre Scoz, o apoio, incentivo e companhia nestes anos todos, por mostrar coisas que eu não via, por cuidar com atenção nos bastidores.

Ao Roberto Gambini, as conversas enriquecedoras, o entusiasmo diante das minhas ideias, por apostar e por participar carinhosa e interessadamente.

Aos amigos do mestrado que compartilharam o mesmo caminho, que tornaram as reflexões mais ricas e que foram presentes preciosos do mestrado para a vida. Carlos, um amigo de muito tempo encontrado só agora; obrigada por mostrar tantos caminhos e estar sempre por perto. Raquel, a descoberta de uma grande amiga que fica; a forte sintonia já permitiu compartilhar coisas importantes. Arianne, um reencontro na PUC que trouxe uma

boa amiga para continuar caminhando junto. Gisele, amiga de bons momentos do mestrado, com quem é tão rico dividir ideias.

Aos amigos do Projeto Quixote, que tornaram possível a realização desta pesquisa, que acompanharam interessados e deram suporte, com quem aprendi muito no dia a dia destes seis anos de trabalho. Pessoas queridas que fazem a diferença por acreditar na possibilidade de novas histórias assinadas por esses jovens.

Aos jovens participantes que, com generosidade, me apresentaram as suas histórias de vida e me ensinaram muito com elas.

## RESUMO

Araujo, Felícia Rodrigues R. S. **Passagem perigosa**: a construção da identidade de jovens em situação de vulnerabilidade social – uma perspectiva da Psicologia Analítica, São Paulo, 2010.

A constituição da identidade e a formação de uma persona que a expresse são tarefas do desenvolvimento na adolescência, parte do processo de individuação. Esta pesquisa dedica-se à compreensão das especificidades do desenvolvimento de jovens no contexto de rua e do tráfico de drogas, de acordo com a perspectiva da Psicologia Analítica. A partir de entrevistas realizadas com vinte jovens foram retratadas as condições de relacionamento da rua e do tráfico de drogas e as particularidades das características valorizadas para adaptação social nestes contextos. Essas condições influenciam a constituição da identidade destes jovens e o desenvolvimento para a idade adulta. Os conflitos típicos da adolescência são vividos nas condições violentas da rua e do tráfico de drogas, que funcionam sob a influência de dinâmicas matriarcal e patriarcal destrutivas. Os jovens vivem estados de esgotamento psíquico e se desenvolvem sob condições precárias para a sobrevivência, que prejudicam o desenvolvimento da autonomia, da independência e favorecem a inserção na coletividade de forma marginal. Aprendem maneiras de relacionar-se e de se adaptar a esses ambientes mediante a construção de uma persona adequada a essas circunstâncias de risco. A agressividade e a intimidação são características fundantes da persona adaptativa na rua, enquanto o mundo do tráfico de drogas exige que a maldade se associe a agressividade para compor uma persona adequada ao crime. Os sonhos relatados pelos jovens apresentam a consideração da totalidade psíquica sobre as condições vividas nesses contextos. As imagens oníricas retratam as situações de intenso risco, alertam para o perigo vivido, muitas vezes não consciente, e para a possibilidade de desfechos trágicos; assustam o sonhador. Denotam estados de inflação egoica e presença de aspectos violentos dentro deles. Ao mesmo tempo, indicam potencialidades a serem descobertas e a oportunidade de reconexão com conteúdos internos criativos relacionados à dinâmica matriarcal e patriarcal; anunciam novos caminhos e novas possibilidades de vida. A compreensão do desenvolvimento da adolescência em situações extremas de vulnerabilidade social denuncia uma jornada heróica tingida pela qualidade desses contextos violentos e retrata as condições especiais de passagem para a maturidade, uma passagem perigosa.

**Palavras chave:** adolescência, identidade, persona, arquétipo do herói, sonhos, psicologia analítica, psicologia junguiana.

## ABSTRACT

Araujo, Felícia Rodrigues R. S. **Dangerous passage:** the construction of adolescents' identities in situations of social vulnerability – an analytical psychology perspective, São Paulo, 2010.

The constitution of one's identity and the formation of a persona that expresses it are tasks undertaken during adolescent development and part of the individuation process. This research seeks to understand the specific characteristics of adolescent development within the context of drug trafficking and street life, from an analytical psychological perspective. Based on interviews with twenty adolescents, the nature of the relationship involving street life and drug trafficking and the specific characteristics valued for the social adaptation within these contexts were depicted. These conditions influence the construction of the identities of these adolescents and their development towards adult life. Typical adolescent conflicts are experienced in conditions that reflect violent street life and drug trafficking, which operate under the influence of destructive matriarchal and patriarchal dynamics. These adolescents live in a state of psychic exhaustion and grow up in precarious conditions, which compromise the development of autonomy and independence and favor inclusion in collective life in marginal terms. They learn ways to relate and to adapt to these environments by constructing a persona that is appropriate for these circumstances of risk. Aggressiveness and intimidation are basic characteristics of a persona adapted to street life, whilst the world of drug trafficking requires that malice be aligned with aggressiveness to create a persona appropriate for crime. The dreams told by the adolescents present the consideration of psychic totality under conditions experienced within these contexts. The oneiric images illustrate situations of extreme risk and highlight the imminent danger, which they are often not aware of, and the possibility of tragic outcomes; frightening the dreamer. They demonstrate states of egoic inflation and the presence of violent aspects within these adolescents. At the same time, they indicate the potential to be discovered and the opportunity to reconnect with internal creative contents that are related to the matriarchal and patriarchal dynamics; they announce new ways and new possibilities of life. An understanding of the development of adolescence in situations of extreme social vulnerability reveals a heroic journey tainted by the quality of these violent contexts and illustrates the special conditions of the passage towards maturity, a dangerous passage.

**Key words:** adolescence, identity, persona, hero archetype, dreams, analytical psychology, Jungian psychology.



“...os tristes e alegres sofrimentos da gente...”

João Guimarães Rosa

### **Acolhimento**

Felícia R.R.S.Araujo

*Era um menino de olhar desconfiado e outro de gorro enfiado.  
O gorro enfiado escolheu um canto amontoado e ficou meio desanimado.  
O olho desconfiado sentou ao lado de um cabelo engraçado e ficou de olho.  
O gorro enfiado também ficou desconfiado, e o olho desconfiado estava mais intrigado.  
A brincadeira desafiou o gorro enfiado. E o olho desconfiado desconfiou da brincadeira.  
O gorro enfiado viu um boné virado e ficou animado.  
O olho desconfiado olhou uns olhos interessados e ficou mobilizado.  
O olho desconfiado às vezes brilhava.  
Tinham uns olhos que convidavam e um cabelo engraçado.  
O gorro enfiado arriscou, um pouco estabonado. O cabelo arrepiado achou engraçado.  
O gorro enfiado olhou de novo o boné virado, e ficou aliviado.  
O olho desconfiado tava mais amigável, mas às vezes estranhava.  
Sentou ao lado do cabelo arrumado.  
O gorro enfiado tava mais engraçado e o olho desconfiado tava empolgado.  
O gorro enfiado se entusiasmou com o cabelo engraçado e convidou o olho desconfiado.  
O olho desconfiado arriscou uma jogada e o cabelo arrumado ficou contente.  
O olho saiu mais animado e o gorro ficou no canto jogado porque não precisava cobrir mais nada.*

## SUMÁRIO

|       |                                                                                             |     |
|-------|---------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1     | INTRODUÇÃO.....                                                                             | 11  |
| 2     | OBJETIVO.....                                                                               | 14  |
| 2.1   | Objetivo geral.....                                                                         | 14  |
| 2.2   | Objetivos específicos.....                                                                  | 14  |
| 3     | MÉTODO.....                                                                                 | 15  |
| 3.1   | Participantes.....                                                                          | 16  |
| 3.2   | Local e frequência.....                                                                     | 16  |
| 3.2.1 | <i>Projeto Quixote</i> .....                                                                | 16  |
| 3.3   | Instrumentos.....                                                                           | 17  |
| 3.3.1 | <i>Ficha biográfica</i> .....                                                               | 17  |
| 3.3.2 | <i>Entrevistas semidirigidas</i> .....                                                      | 17  |
| 3.3.3 | <i>Sonhos</i> .....                                                                         | 18  |
| 3.4   | Procedimento de coleta.....                                                                 | 19  |
| 3.5   | Procedimento de análise.....                                                                | 19  |
| 3.5.1 | <i>Entrevistas</i> .....                                                                    | 20  |
| 3.5.2 | <i>Sonhos</i> .....                                                                         | 21  |
| 3.6   | Procedimento ético.....                                                                     | 22  |
| 4     | A ADOLESCÊNCIA E A VIOLÊNCIA.....                                                           | 23  |
| 4.1   | Contextos de violência.....                                                                 | 23  |
| 4.2   | A vivência de rua.....                                                                      | 26  |
| 4.3   | O envolvimento com o tráfico de drogas.....                                                 | 30  |
| 5     | PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO.....                                                               | 36  |
| 6     | TRANSIÇÃO, RITUAIS DE INICIAÇÃO E O ARQUÉTIPO DO HERÓI.....                                 | 51  |
| 7     | A PERSONA E A SOMBRA.....                                                                   | 57  |
| 7.1   | A persona.....                                                                              | 57  |
| 7.2   | A sombra.....                                                                               | 64  |
| 7.2.1 | <i>A sombra e o mal</i> .....                                                               | 66  |
| 8     | OS SONHOS NA PSICOLOGIA ANALÍTICA.....                                                      | 71  |
| 9     | CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONTEMPORANEIDADE.....                                                | 78  |
| 10    | ANÁLISE DOS RESULTADOS.....                                                                 | 85  |
| 10.1  | Parte I : apresentação do material coletado e análise do material de cada participante..... | 86  |
| 10.2  | Parte II: Análise dos quadros.....                                                          | 136 |

|                                                                |     |
|----------------------------------------------------------------|-----|
| 10.2.1 A vivência de rua .....                                 | 136 |
| 10.2.2 O envolvimento com o tráfico de drogas .....            | 141 |
| 11 DISCUSSÃO .....                                             | 148 |
| 11.1 A rua e o tráfico de drogas .....                         | 148 |
| 11.2 A potência do herói e os jovens da rua e do tráfico ..... | 152 |
| 11.3 A partida do herói .....                                  | 154 |
| 11.4 A jornada – a iniciação .....                             | 157 |
| 11.5 O retorno .....                                           | 167 |
| 12 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                  | 171 |
| REFERÊNCIAS .....                                              | 173 |
| ANEXOS .....                                                   | 180 |
| Anexo A – Quadros .....                                        | 181 |
| Anexo B – Termos de consentimento .....                        | 195 |
| Anexo C – Comitê de Ética .....                                | 197 |

## 1 INTRODUÇÃO

A inspiração para esta pesquisa surgiu no contato com jovens que, dia a dia, me apresentavam uma realidade e um mundo que eu conhecia pouco. Eram adolescentes excluídos e quase invisíveis na correria da cidade. Alguns deles eram jovens que descumpriram gravemente regras sociais e por isso foram privados da convivência social; outros privaram-se da convivência familiar, deixaram suas casas e seguiram para ruas do centro de São Paulo.

Habitam um mundo desconhecido e diferente, denunciando a existência de muitas cidades dentro de São Paulo. Seguem outras regras sociais, possuem as suas próprias leis. Adaptar-se socialmente nessas condições requer comportamentos específicos e máscaras especiais, o que incentivou reflexões sobre as características socialmente adaptáveis, que muitas vezes parecem contrárias ao padrão estabelecido pela sociedade. Ao mesmo tempo, emergiam inquietações a respeito dos conteúdos do mundo subjacente constelados na psique de jovens nessas condições sociais.

Intrigava-me a maneira como estabeleciam os relacionamentos e se tornavam socialmente adaptados em situações tão duras. Perguntava-me sobre as dinâmicas internas consteladas e sobre o que proporião os sonhos desses jovens. Talvez indicassem algum caminho, talvez apontassem novas perspectivas sobre as questões vividas por eles no mundo. O trabalho com jovens nessas condições se torna viável quando há perspectiva de mudança e esperança de vê-los construir outras histórias de vida.

Os seis anos de trabalho no Projeto Quixote afirmaram a importância de conhecer cuidadosamente as condições nas quais os jovens fazem a escolha pelo crime ou pela rua, mas em igual medida a necessidade de responsabilizá-los pelas suas escolhas, auxiliando na conscientização cada vez mais integral da situação em que se encontram. Responsabilizá-los significa mostrar a profundidade das suas atitudes e a necessidade de responder por elas e por suas consequências. Essa postura, ao mesmo tempo, devolve a potência individual para refazerem as suas escolhas.

Um vídeo institucional chamado *Exilados do Mundo*<sup>1</sup> chamou a minha atenção. Esse filme mostra a vida de alguns jovens egressos da Fundação Casa<sup>2</sup> que contavam sua experiência, eles próprios atores e condutores das câmeras de filmagem. Um dos meninos filmou uma “biqueira”, local onde vendem drogas, e mostrou um jovem muito seguro de sua escolha pelo crime e convicto em sua frieza e seu poder amedrontador, mas que de repente deixa desmontar sua postura criminoso, deixa cair a máscara e apresenta traços sensíveis, humanos, apontando facetas negativas da vida do crime, incentivando o garoto filmador a

---

<sup>1</sup> Disponível no site do Projeto Quixote, [www.projetoquixote.org.br](http://www.projetoquixote.org.br)

<sup>2</sup> Nome atual da antiga FEBEM

não desperdiçar a chance de fazer aquele filme e de recomeçar uma vida diferente depois de sair da Fundação Casa.

Esse filme da vida cotidiana acende a esperança de encontrar um contraponto à crueza do mundo manifesto, na versão da alma, e desperta o interesse em conhecer a posição da totalidade psíquica diante de condições vividas na dureza da rua e na frieza do tráfico de drogas.

Nesse panorama, busco compreender as condições de adaptação social nas situações de vivência de rua ou envolvimento com o tráfico de drogas, destacando as demandas sociais de adaptação e as formas de responder a elas, que constituem fatores importantes na formação da persona. Ao mesmo tempo, importa compreender as dinâmicas internas consteladas nessas condições de adaptação social enquanto correlatos inconscientes diante do que é vivido pelo jovem no mundo. Esses aspectos são fundamentais na constituição da identidade e na busca de um papel social que expresse essa identidade, tarefas importantes do processo de individuação na adolescência.

Quando a adolescência é atravessada por influências sociais desse teor de complexidade, há a possibilidade de interferência na estruturação do jovem, que pode ter o seu desenvolvimento truncado. A passagem da infância para a idade adulta torna-se uma passagem perigosa. A Psicologia Analítica, com seus conceitos de individuação, persona, sombra e self, tem muito a contribuir para o entendimento dessa problemática.

O presente estudo apresenta relevância científica e também social, contribuindo para reflexões sobre a fase da adolescência nessas condições sociais; possibilita a criação de intervenções psicoprofiláticas, inclusive na saúde pública. Esta pesquisa, ao se ocupar com elementos que retratam a psique em situações de vida tão vulneráveis, propõe perspectivas mais profundas sobre o processo de desenvolvimento na atualidade, especialmente durante a juventude. Tem também o intuito de incentivar a sociedade a pensar sobre seus jovens e sobre as condições de adaptação que estão disponíveis para eles. Revela uma problemática atual e relevante, denunciada pelo sucesso de filmes que retratam essas realidades e que lotam os cinemas com pessoas curiosas e interessadas. Há algo ali que desperta a atenção e intriga as pessoas, um símbolo a ser considerado.

Este trabalho conta com a revisão bibliográfica de pesquisas sobre o desenvolvimento humano da adolescência em situações de vulnerabilidade social, o que possibilita a caracterização do contexto em que está inserida a juventude abordada nesta pesquisa (capítulo 4). O capítulo apresenta uma reflexão sobre a convivência em contextos de violência e sobre a conceituação de fatores de risco social e fatores de resiliência de jovens. Caracteriza a situação de vivência de rua e trata da experiência de envolvimento com o tráfico de drogas.

O capítulo seguinte trata do processo de individuação, com ênfase no desenvolvimento da psique adolescente na perspectiva junguiana. As reflexões de C.G. Jung são apresentadas e complementadas com contribuições de autores de destaque (capítulo 5).

O capítulo 6 aborda a característica transitória desse período do desenvolvimento humano que conduz o jovem à idade adulta. Destaca discussões sobre a necessidade de rituais de iniciação nestes momentos de transformações e a relevância e presença destes na atualidade. Trata, também, da influência do arquétipo do herói neste período da vida e sua importância para o enfrentamento das questões vividas na transição para uma nova etapa do desenvolvimento.

Os estudos sobre a construção da identidade de jovens conta com a reflexão sobre os conceitos de persona e sombra, que auxilia na compreensão da adaptação de jovens em situações sociais extremas. Essas reflexões, apresentadas no capítulo 7 sugerem uma breve discussão sobre a questão do bem e do mal, que será contemplada ao final do capítulo.

O capítulo 8 aborda os símbolos e os sonhos na Psicologia Analítica, que terão grande importância neste estudo. Após a compreensão da formação da identidade de jovens em situações sociais vulneráveis e o entendimento da condição de adaptação de adolescentes em tais condições, são abordados os conteúdos subjacentes ao que é vivido pelo jovem no mundo, por meio do relato de seus sonhos. Para tanto, o capítulo 8 fundamenta a apreciação desses conteúdos simbólicos por meio de reflexões sobre o funcionamento psíquico e a relação entre a consciência e o inconsciente na formação dos sonhos.

A dinâmica entre os aspectos conscientes e inconscientes atuante em jovens adaptados a ambientes de alta complexidade social deve ser compreendida à luz das tendências atuais. Por isso, no capítulo 9, tecem-se considerações sobre o panorama contemporâneo que completa a compreensão sobre a adolescência atual.

Muitas seriam as maneiras de abordar esse objeto de estudo, e esta proposta de pesquisa é uma das formas de entender como os adolescentes se inserem de maneira marginalizada na sociedade, mas com certeza, não é a única. Além disso, as reflexões aqui apresentadas não esgotarão a complexidade do tema, mas serão válidas se incentivarem novas pesquisas que tratem desta problemática.

## **2 OBJETIVO**

### **2.1 Objetivo geral**

Realizar uma reflexão sobre aspectos relacionados à constituição da identidade e da persona de jovens com vivência de rua ou envolvimento com o tráfico de drogas<sup>3</sup>.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Analisar as condições de adaptação social expressa pelos jovens participantes e aspectos da constituição da persona nessas circunstâncias.
- Analisar aspectos da constituição da identidade desses jovens.
- Analisar conteúdos simbólicos mediante sonhos e relatos.

---

<sup>3</sup> Jovens nessas condições sociais constituem o grupo de média complexidade, segundo definição do Ministério do Desenvolvimento Social, apresentada na Política Nacional de Assistência Social de Novembro 2004 (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL, Política Nacional de Assistência Social de Novembro de 2004, disponível em [www.mds.gov.br](http://www.mds.gov.br) )

### 3 MÉTODO

O método de pesquisa se refere ao modo como o conhecimento é adquirido e acumulado, de acordo com Penna (2009). Esta pesquisa está fundamentada na teoria da Psicologia Analítica, e o método utilizado “é resultante da articulação das perspectivas ontológicas e epistemológicas do paradigma junguiano” (PENNA, 2009, p.77). A pesquisa tem enfoque qualitativo, que se caracteriza por uma abordagem interpretativa e compreensiva do fenômeno estudado, o que está de acordo com o paradigma da Psicologia Analítica.

De acordo com Gonzalez Rey (2001), o enfoque qualitativo pressupõe a compreensão do fenômeno estudado e a disposição em captar os significados que se inauguram no contato com ele. Trata-se de uma pesquisa que se desenvolve num processo aberto, por estar submetida a diversos desdobramentos, muitas vezes imprevisíveis, mas que mantém a coerência a partir do modelo de pesquisa e do método seguido pelo pesquisador.

O método definido nesta pesquisa propôs um processo de compreensão do fenômeno em seus aspectos conscientes e também em seus aspectos inconscientes, por meio de conteúdos simbólicos. Parte-se da consideração do homem como um ser *symbolicum*, que habita um universo simbólico e não meramente físico, como ressalta Cassirer (1997). O homem deve ser considerado, de acordo com Penna (2003), como uma totalidade eco-bio-psíquica-social incluindo o âmbito consciente, relacionado com os fenômenos do mundo manifesto, e o âmbito inconsciente, relacionado com o mundo subjacente. Tal perspectiva foi contemplada nos objetivos da pesquisa e na elaboração de seu método.

O método de investigação dos fenômenos psíquicos é o *Processamento Simbólico Arquetípico*, conforme proposto por Penna (2009), o qual foi o norteador da presente pesquisa. O método de investigação compreende a fase de coleta do material e apreensão do fenômeno, e a fase da análise e compreensão dos dados coletados. A etapa de coleta dos dados do *Processamento Simbólico Arquetípico* privilegia a observação e apreensão dos fenômenos estudados por meio de procedimentos de observação direta e indireta. A observação direta capta os aspectos conscientes manifestos, e a observação indireta consiste na consideração psicológica que visa acessar o material inconsciente (PENNA, 2009). A etapa de análise compreensiva deste método de investigação tem por finalidade “decifrar e assimilar a face desconhecida do símbolo, tornando-a, até certo ponto, conhecida. Cumpre-se assim, a meta do processo de pesquisa: produção de um conhecimento novo e significativo” (PENNA, 2009, p.175).

O *Processamento Simbólico Arquetípico* será melhor explicitado no decorrer do Procedimento.

### 3.1 Participantes

Meninos e meninas entre 13 e 17 anos que frequentam o Projeto Quixote e que participam do grupo *Acolhimento*. Foram selecionados com base nas informações cedidas no preenchimento da ficha de cadastro inicial, realizado no momento em que o adolescente chega ao Projeto Quixote, e que contém informações sobre a possível vivência de rua ou envolvimento com o tráfico de drogas. A referência a uma dessas experiências durante o preenchimento da ficha inicial determinou a possibilidade da participação do jovem na pesquisa. Foram coletados dados de 20 participantes.

### 3.2 Local e frequência

O material analisado foi coletado em um encontro individual com cada um dos jovens participantes durante suas atividades na instituição. Os encontros ocorreram semanalmente na OSCIP Projeto Quixote que será apresentada a seguir, descrevendo o contexto no qual foi realizada a coleta do material a ser pesquisado.

#### 3.2.1 Projeto Quixote

Os dados da pesquisa foram coletados no *Projeto Quixote*, que é uma OSCIP ligada à UNIFESP, que atua desde 1996 com a missão de “transformar a história de crianças, jovens e famílias em complexa situação de risco, através do atendimento clínico, pedagógico e social integrados, gerando e disseminando conhecimento”<sup>4</sup>.

O *Projeto Quixote* atende, portanto, jovens que já se envolveram com drogas, com o crime, ou vivem em comunidades em que estas circunstâncias estão muito presentes. Alguns cumprem alguma medida judicial em outras instituições. Além disso, circulam ali jovens que vivem nas ruas, em abrigos e CRECAs<sup>5</sup>, ou em famílias muito desorganizadas ou pouco continentais.

Os jovens que frequentam o *Projeto Quixote* são acolhidos e atendidos em diversos momentos e de diferentes maneiras. A instituição aposta na arte e na educação como formas de aproximação e vinculação com os jovens e oferece oficinas com atividades

---

<sup>4</sup> Disponível no site da instituição Projeto Quixote, [www.projetoquixote.org.br](http://www.projetoquixote.org.br), acesso em 23/03/09

<sup>5</sup> CRECA é Centro de Referência da Criança e do Adolescente. Eles recebem jovens e crianças que estão na rua e podem abrigá-los por no máximo 3 meses, período em que procuram inserir a criança de volta na família. Caso isso não seja possível, são encaminhados para abrigos.

esportivas, artísticas, lúdicas e pedagógicas; além de atendimentos individuais, inclusive psicoterapêuticos.

A pesquisa foi realizada com os jovens que chegaram recentemente ao *Projeto Quixote* e que, portanto, participam dos primeiros grupos, chamados *Acolhimento*. Esses grupos oferecem atividades artísticas e têm como objetivo recepcionar, acolher e conhecer os jovens que chegam.

### **3.3 Instrumentos**

Os recursos metodológicos utilizados possibilitaram captar o fenômeno investigado por meio de instrumentos adequados e procedimentos de aplicação. De acordo com Penna (2009), os recursos metodológicos são definidos pela articulação entre “tema da pesquisa, seus objetivos, a delimitação do contexto e o objeto de estudo, ou seja, o tipo de manifestação simbólica a ser captada e observada” (PENNA, 2009, p.93). Buscou-se na pesquisa a interação destes elementos.

#### **3.3.1 Ficha biográfica**

A ficha biográfica foi preenchida com informações relatadas na ficha de cadastro inicial e contém informações sobre idade, sexo, alguma experiência de vivência de rua e por quanto tempo, sobre o cumprimento de alguma medida judicial socioeducativa e sobre algum envolvimento com o tráfico de drogas.

#### **3.3.2 Entrevistas semidirigidas**

A utilização do instrumento da entrevista possibilitou capturar elementos significativos para compreensão do modo de adaptação social dos jovens ao ambiente da rua ou do tráfico de drogas, explicitando algumas demandas sociais às quais os indivíduos devem responder nessas condições. As entrevistas buscaram as considerações dos jovens em relação às regras de convivência, os relacionamentos ali estabelecidos, as características valorizadas nas pessoas que frequentam esses ambientes e a respeito dos aspectos que influenciaram a decisão de atirar-se nestas experiências. Este panorama abrange aspectos necessários para a compreensão de nuances significativas das vivências nessas circunstâncias, e das influências dessas vivências sobre o desenvolvimento dos jovens.

As entrevistas se revelaram um instrumento adequado de apreensão dos aspectos conscientes e simbólicos do discurso a respeito da adaptação social em situação de vulnerabilidade social e do desenvolvimento dos jovens nessas condições.

As entrevistas basearam-se em um roteiro previamente estabelecido, composto por perguntas abertas que nortearam o encontro entre entrevistador e entrevistado. Tal formato de entrevista, segundo Penna (2009), privilegia a relação interpessoal e dinâmica do encontro e confere flexibilidade e liberdade para pesquisador e participante, e por isso este instrumento está de acordo com o paradigma junguiano.

Questões do roteiro da entrevista:

- a. Como você diria que é a vida de quem mora na rua? / Como você diria que é a vida de alguém envolvido com o tráfico de drogas?
- b. Como é o modo de convivência entre as pessoas que vivem na rua/ tráfico de drogas?
- c. Como elas se relacionam nestas condições?
- d. Quais são as regras de funcionamento desses sistemas sociais? Quais as consequências do descumprimento dessas regras?
- e. Quais são as características que você acha importante para que as pessoas se relacionem bem nessas situações e obtenham sucesso? Que características são valorizadas?
- f. Como foi o dia em que você foi para a rua pela primeira vez? / Como foi o dia em que você se envolveu com o tráfico de drogas pela primeira vez?

Com base nas questões que formaram o roteiro da entrevista foram levantadas categorias de análise, que serão apresentadas no procedimento de análise.

### **3.3.3 Sonhos**

Solicitou-se o relato de sonhos, que teve como objetivo uma aproximação dos aspectos simbólicos relacionados ao fenômeno estudado. A partir dos símbolos presentes nos sonhos dos jovens participantes pretende-se conhecer os aspectos do mundo subjacente relacionados às condições de adaptação social e de desenvolvimento relatadas nas entrevistas. Durante as entrevistas alguns elementos são constelados no inconsciente e se revelam através do relato do sonho escolhido pelo jovem, mostrando a consideração da totalidade da psique diante do que é vivenciado pelo indivíduo no mundo. De acordo com Penna (1994), o sonho lembrado e relatado é aquele que se relaciona com o estado momentâneo da consciência. Assim, obtemos os conteúdos conscientes e inconscientes referentes à exposição do indivíduo a condições de vulnerabilidade social.

Os símbolos são formados por conteúdos conscientes e inconscientes. Os elementos conscientes são diretamente apreendidos pelo ego e permitem a aproximação dos aspectos inconscientes. O conteúdo inconsciente pode ser compreendido e assimilado por meio do pensamento simbólico. De acordo com Penna (2009), o símbolo é uma ponte epistemológica entre o consciente e o inconsciente e constitui o fenômeno psíquico passível de investigação. Desta forma, segundo Penna (2003), a realidade inconsciente se expressa no mundo manifesto através dos símbolos, possibilitando o conhecimento de algo sobre o mundo subjacente.

### **3.4 Procedimento de coleta**

Os participantes da pesquisa foram selecionados através da ficha de cadastro inicial que preenchem ao chegar ao Projeto Quixote. A partir do preenchimento deste formulário inicial obteve-se informação sobre possível vivência de rua ou envolvimento no tráfico de drogas. A referência a uma dessas experiências durante o preenchimento da ficha de cadastro inicial determinou a possibilidade da participação do jovem na pesquisa.

Os encontros com os participantes iniciaram-se com a entrevista semidirigida, que buscou a reflexão sobre a convivência social que experimentaram nas situações de rua ou de envolvimento com o tráfico de drogas, e sobre alguns episódios e motivações dos adolescentes durante essas vivências. Ao final do encontro foram solicitados relatos de sonhos.

### **3.5 Procedimento de análise**

O *Processamento Simbólico Arquetípico* como processo de compreensão e assimilação dos conteúdos é proposto por Penna (2009) como uma ampliação do conceito de pensamento simbólico de Jung. Ele é caracterizado como uma forma de reflexão que dispõe de todas as funções da consciência, em um movimento circum-ambulatorio em torno do conteúdo simbólico, na busca pelo sentido e significado. O *Processamento Simbólico Arquetípico* promove uma produção de conhecimento de ordem intelectual, perceptiva, valorativa e intuitiva (PENNA, 2009).

Envolve a amplificação simbólica que se configura como a construção de redes de associação de imagens, comparações e analogias em torno do tema central estudado, e que articula as características implícitas e explícitas do fenômeno (PENNA, 2009). Deve-se buscar, também, a relação entre o plano arquetípico e individual do fenômeno estudado, o que completa a compreensão do material. É importante utilizar a amplificação dos conteúdos contidos nesses materiais coletados, capturar sua temática e os motivos

arquetípicos que estão subjacentes. Vale ressaltar, ainda, a importância da compreensão do fenômeno estudado a partir da perspectiva causal e da perspectiva da finalidade desses conteúdos, observando a direção apontada pelos símbolos.

### **3.5.1 Entrevistas**

A análise das entrevistas permitiu a compreensão das condições de adaptação social vividas por esses jovens a partir daquilo que foi relatado por eles e dos motivos que os impulsionaram às suas vivências. Permitiu explicitar os modos de convivência, a qualidade dos relacionamentos estabelecidos na rua ou no tráfico de drogas, as regras de funcionamento, as características valorizadas nesses contextos. O retrato dessas vivências e a compreensão de seu conteúdo simbólico permitiram refletir sobre o processo de desenvolvimento de jovens nessas situações, incluindo as condições para construção de identidade e de uma persona adequada ao que é experimentado no mundo.

A análise do conteúdo coletado inicia-se com a apresentação dos resultados e um breve estudo do material de cada participante, o que permite alcançar a singularidade e a profundidade de cada história.

O estudo foi realizado com base em categorias de análise levantadas de acordo com as perguntas que formaram o roteiro para as entrevistas. Essas categorias estabelecem núcleos de significados importantes para a compreensão do material coletado. As categorias são: VALORES; PADRÕES DE RELACIONAMENTO/REGRAS; CONSEQUÊNCIAS/PUNIÇÕES; MOTIVOS DE ENVOLVIMENTO; RELATO DO PRIMEIRO DIA DE ENVOLVIMENTO.

As reflexões apresentadas nesta etapa da análise foram enriquecidas com as impressões e considerações da pesquisadora a respeito do momento das entrevistas e dos dados do relato.

As experiências relatadas e a descrição do primeiro dia de envolvimento na rua ou no tráfico foram compreendidas de forma simbólica a fim de capturar o significado daquilo que foi relatado, fornecendo não apenas o retrato do que vivem, mas também a compreensão simbólica do que dizem.

Em seguida, os conteúdos desta primeira etapa da análise do material foram reorganizados em quadros, de acordo com as categorias de análise, separando em quadros diferentes os relatos referentes à vivência de rua e os relatos respectivos à vivência do tráfico de drogas.

A segunda parte da análise debruça-se não mais sobre a singularidade dos casos, mas sobre as categorias levantadas como núcleo de significados, que são enriquecidas pelos principais dados do estudo realizado na primeira parte da análise.

O relato do primeiro dia de envolvimento constitui-se como uma categoria de análise, no entanto foi organizada em dois quadros (Quadro 2 e Quadro 5), nos quais estão incluídas algumas reflexões sobre o primeiro dia, considerando seu caráter originário e fundante da experiência relatada. Essas reflexões foram levantadas na primeira parte da análise. Lançar esta categoria de análise em local de destaque confere a ela sua importância devida, que foi observada no desenvolvimento da pesquisa.

Os quadros foram analisados a partir de muitas leituras de cada categoria de análise e da busca de relação entre elas, num movimento circular em torno de seus conteúdos (PENNA, 2009). Tal esforço sobre o material organizado traz a compreensão dos aspectos relevantes, semelhantes, distintos, significativos, reveladores.

A primeira e a segunda parte da análise contaram com um exercício de amplificação dos conteúdos e de articulação entre o material implícito e explícito, assim como proposto por Penna (2003).

### **3.5.2 Sonhos**

A primeira parte da análise dos dados coletados constituiu um breve estudo do material de cada participante. Nessa etapa são apresentados os relatos dos sonhos e algumas considerações sobre o seu significado, elaboradas de forma articulada ao relato da entrevista.

A análise do material onírico conta com a apreciação do tema do sonho, do padrão arquetípico, dos elementos simbólicos que se destacam na trama onírica e da sua estrutura dramática (JUNG, 1991a; VON FRANZ, 1988). A partir de um movimento circunambulatorio em torno de seus símbolos e do processo de amplificação simbólica, busca-se a compreensão de seu significado (PENNA, 2009). Conforme propõe Penna (2009), os principais parâmetros de análise são a causalidade e a finalidade dos conteúdos, a busca dos padrões arquetípicos proeminentes e a função compensatória dos símbolos em relação à consciência. Esses parâmetros permitem reflexão sobre qual transformação é anunciada por aqueles símbolos; qual o tema arquetípico subjacente; qual atitude da consciência esses símbolos vêm compensar. Foi importante, também, estabelecer a articulação entre o conteúdo arquetípico e o conteúdo pessoal do fenômeno.

Na segunda parte da análise, as considerações sobre os sonhos foram reorganizadas em um quadro, no qual estão destacados os pontos principais da interpretação do material simbólico. Os dados referentes aos sonhos dos jovens com vivência de rua e dos jovens com envolvimento com o tráfico foram organizados em quadros diferentes (Quadro 3, Quadro 6). Em seguida, os quadros foram analisados a partir

do destaque dos aspectos semelhantes, diferentes ou relevantes para a compreensão simbólica daquilo que os jovens vivem na rua ou no tráfico de drogas.

### **3.5 Procedimento ético**

Esta pesquisa é ancorada sobre a *Resolução nº 196/96* do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que visa salvaguardar a autonomia, beneficência, não maleficência, justiça, privacidade e confidencialidade.

Foram elaborados *Termo de Compromisso do Pesquisador Responsável*, *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* da instituição e *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* do participante. Neles estão determinadas as condições sob as quais a pesquisa foi realizada, ressaltando-se que os adolescentes seriam informados de sua participação na pesquisa através de linguagem clara e acessível e estariam livres para recusar a participação em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado. Foram informados, também, da garantia de seu anonimato e privacidade através do sigilo das informações e de dados de identificação dos sujeitos.

É digno de destaque que esta pesquisa não prevê riscos ou prejuízos para os participantes e que os resultados estarão disponíveis para a instituição Projeto Quixote.

## 4 A ADOLESCÊNCIA E A VIOLÊNCIA

O tema da adolescência se apresenta como um universo rico de possibilidades de estudo, com diversas nuances dignas de um cuidado minucioso de pesquisa. Os trabalhos acadêmicos, ao abordarem o vasto campo da adolescência, elegem um aspecto a ser aprofundado, sobre o qual realizam o estudo. Foram pesquisadas as bases de dados da PUC-SP, USP, SBPA, Scielo e publicações internacionais do *Journal of Analytical Psychology*.

Entre os estudos junguianos sobre a adolescência, encontram-se pesquisas que se aprofundam na influência do arquétipo do herói no processo de individuação e na constituição da identidade do jovem (MARQUES, 2009; OLIVEIRA, 2007; PENNA, 1994); discutem a questão da escolha durante esta fase do desenvolvimento e a consideração do chamado da vocação neste período da vida (MOLINEIRO, 2007); abordam as capacidades criativas e o conceito de resiliência em crianças vítimas de violência (SAUAIA, 2003); propõem uma compreensão simbólica dos fenômenos coletivos (SCANDIUCCI, 2005; SIQUEIRA, 2008), um deles concentra-se no movimento sociocultural da cultura hip hop de São Paulo (SCANDIUCCI, 2005); e o outro apresenta uma reflexão sobre a hostilidade no âmbito individual e coletivo (SIQUEIRA, 2008). Essas pesquisas são apresentadas ao longo deste estudo.

### 4.1 Contextos de violência

Os estudos consultados relacionam a adolescência com o tema da violência, o que auxiliará a caracterização da população que será estudada neste trabalho. A conceituação do contexto de violência em que vivem alguns jovens evita a avaliação simplista de questões complexas como a exclusão social, a criminalidade e a vivência de rua.

A reflexão sobre situações de violência exige a consideração cuidadosa de conceitos complexos como 'fatores de risco' e 'resiliência', que são termos de difícil definição. Muitos estudos debruçam-se sobre esses conceitos e destacam a dificuldade de caracterizar os múltiplos fatores que estão envolvidos em uma situação de violência. De acordo com Sapienza e Pedromonico (2005), não devemos tratar de fatores de risco, mas de conjunto de risco ou mecanismo de risco, pois eles não ocorrem isoladamente, eles são partes de um ambiente complexo violento.

Além disso, os fatores de risco também não podem ser entendidos apenas como um conjunto de práticas objetivas. É necessário abordar também as representações pessoais daqueles que estão diante desses eventos, as percepções pessoais, os significados atribuídos a estas vivências e a maneira como a vítima se relaciona com isso (ASSIS et.al.,

2004; GUIMARÃES e CAMPOS, 2007; TRAVERSO-YÉPEZ e PINHEIRO, 2002; POLETO, KOLLER e DELL'AGLIO, 2009). Por isso, Traverso-Yépez e Pinheiro (2002) preferem o conceito de vulnerabilidade, que inclui a interação dinâmica entre o contexto social e os indivíduos nele inseridos.

De acordo com Traverso-Yépez e Pinheiro (2002), as pessoas se constroem por meio das relações que estabelecem e através da interação com o mundo. Os eventos violentos comprometem o desenvolvimento dos jovens e crianças que os enfrentam (POLETO, KOLLER e DELL'AGLIO, 2009, SAPIENZA e PEDROMONICO, 2005), dificultam a ativação de processos de resiliência e agravam a situação de vulnerabilidade (POLETO, KOLLER e DELL'AGLIO, 2009).

De acordo com Assis et.al. (2004), quando a violência é cometida por pessoas de quem o jovem espera amor e respeito, ela se torna um intenso fator de risco que afeta o desenvolvimento da auto-estima, da competência social e da capacidade de estabelecer relações interpessoais, potencializando uma percepção negativa de si mesmo e uma visão pessimista do mundo. Os jovens que sofreram maus-tratos mencionaram atributos negativos sobre si mesmos com maior frequência do que aqueles que não tiveram vivência de violência. Além disso, mostraram-se jovens ambíguos acerca de seus valores e de seus relacionamentos, e isso também teve influência sobre as perspectivas de futuro.

Sauaia (2003) expõe uma importante pesquisa sobre as consequências no desenvolvimento de crianças e jovens, causadas por experiências negativas ou traumáticas neste período. Essas vivências são compreendidas pela totalidade da personalidade do jovem como uma ameaça de fragmentação, diante das quais o ego e o self se defendem. Estes elementos maus permanecem no mundo interno da criança e do adolescente, acarretando desequilíbrio psíquico e prejuízo para o desenvolvimento e para a integração simbólica das experiências.

Bovensiepen (2002), ao se relacionar com crianças e jovens que sofreram experiências traumáticas de violência, notou que elas possuem defasagem na capacidade de utilização adequada da função simbolizante. Foram jovens que romperam com a habilidade de perceber significados nos eventos e estabelecer ligações entre a realidade interna e a externa. Bovensiepen (2002) utiliza o termo atitude simbólica ao se referir à atitude que deve ser assumida para incentivar a função transcendente. Para Jung (1991c), a função transcendente é arquetípica e a necessidade humana de buscar significados é inata. No entanto, Bovensiepen (2002) acredita que é preciso atenção para o processo de desenvolvimento do espaço simbólico e aponta pacientes, que a princípio, não conseguem simbolizar. De acordo com este autor, esta função não opera espontaneamente porque requer uma matriz que está diretamente relacionada e fundamentada nas experiências

iniciais de relacionamento da infância, e que também pode ser reativada no tratamento analítico.

Além de considerar o prejuízo do desenvolvimento em situações de extrema violência, muitos estudos aprofundam a reflexão sobre os fatores protetores individuais que são responsáveis por reparos em indivíduos expostos a um contexto de risco. São os fatores de resiliência, que permitem ao indivíduo manter um funcionamento adequado diante de adversidades ou ameaças ao seu desenvolvimento. Relaciona-se com o modo como as pessoas lidam com as vivências e as mudanças da vida (SAUAIA, 2003; SAPIENZA e PEDROMONICO, 2005).

Sauaia (2003) e Sapienza e Pedromonico (2005) ressaltam a importância de trabalhos que enfatizam os fatores protetores que os jovens já possuem. Afonso (2007) destaca a importância de considerar esses fatores protetores no desenvolvimento de estratégias interventivas para a recuperação de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida.

Para Sauaia (2003), há íntima relação entre a presença desses fatores internos protetivos e as experiências positivas na infância e na adolescência, especialmente na relação primal com a mãe. De acordo com a autora, experiências de proteção e conforto permitem o desenvolvimento de um indivíduo mais fortalecido para tolerar conflitos e emoções intensas, e colaboram para a integração de elementos à personalidade e para a restauração do equilíbrio psíquico.

Pesquisas mostram que a violência é esperada como parte de uma norma social em alguns contextos. Quando são expostos diariamente a estas condições, os jovens “percebem a violência como uma resposta normativa a situações de conflito e passam a utilizar eles próprios a violência como meio para resolver conflitos.” (RIGATTO, 2007, p.73). Muitas vezes a violência é tratada de forma banalizada (GUIMARÃES e CAMPOS, 2007). Os estudos de gangues apontam que, nestas condições, a violência é um fator comum, não possui valoração absoluta e torna-se válida e justificada de acordo com o contexto e com a motivação (GUIMARÃES e CAMPOS, 2007).

A violência marca uma forma de organização (ASSIS et.al., 2004) e de relacionamento, e nestes ambientes, nos quais as relações interpessoais possuem esta marca, o jovem passa a atuar um repertório de violência, seja como agente reprodutor ou como vítima (GUIMARÃES e CAMPOS, 2007; SOLIGO, 2005; BROIDE, 2006; GRAMKOW, 2007; TRAVESO-YEPEZ e PINHEIRO, 2002; NOGUEIRA, 2005; ASSIS et.al., 2004; ALCANTARA et.al., 2002). O jovem cria estratégias para lidar com estes contextos, constrói um personagem coerente com isso e edifica uma identidade intimamente ligada à violência (ALCANTARA et.al., 2002).

A violência interfere na avaliação do risco vivido em algumas situações (NOGUEIRA, 2005), o que torna os jovens mais vulneráveis a violências em outros contextos (ASSIS et al., 2004). A convivência com diversos ambientes desta natureza afeta não apenas as representações que os jovens fazem de si mesmos, seus planos de vida, mas também contribuem para a escolha por uma atividade ilegal, que representa a possibilidade de admiração e respeito, além de gratificações financeiras, segundo Branco (2006).

Muitas são as tentativas de compreensão dos motivos que levam os adolescentes a uma escolha de vida marcada pela delinquência. De acordo com Minayo (1990), as favelas têm ausência quase total de serviços básicos, e nelas as pessoas vivem as consequências da pobreza, como fome, doenças, dificuldade de acesso à saúde, educação e trabalho. Nessas condições, muitos adolescentes vivem o dilema entre a ética do trabalho legal e o salário mínimo, de um lado, e a delinquência e o dinheiro fácil, de outro.

Broide (2006) destaca algumas razões pelas quais os jovens traçam o caminho da violência, entre elas, o cotidiano marcado pela violência, a ausência da palavra na passagem para o ato, o processo de identificação que denuncia a precariedade da dinâmica familiar e as relações sociais vividas pelo jovem.

Marty (2006) ressalta que jovens que vivem em ambientes violentos podem agir com ódio como forma de se diferenciar e, ao mesmo tempo, como forma de filiar-se a alguma identidade, seja um grupo, um bairro, ou um território. Acrescenta que a violência que busca o outro para se construir é fundadora da subjetividade, e isso pode ocorrer quando há falta de referência dos adultos.

A caracterização do contexto violento em que estão inseridos os jovens em situação de complexa vulnerabilidade social permite a reflexão sobre a ambientação que é estabelecida por essas condições e a influência que isso exerce sobre o cotidiano, o desenvolvimento e a formação da identidade. Os fenômenos da vivência de rua e do envolvimento com o tráfico de drogas serão abordados em maiores detalhes a seguir, oferecendo diversos olhares sobre a vulnerabilidade social e psíquica desses jovens.

## **4.2 A vivência de rua**

O silêncio é bruto, o sorriso é belo  
Leshner e Loureiro, 2007, p.3.

As crianças e jovens que observamos no centro da cidade de São Paulo encontram-se em situações muito diversas. Apesar de todos denunciarem uma condição de extremo abandono e vulnerabilidade, esses jovens vivem e trabalham nas ruas por motivos diferentes e de maneiras diferentes. Alguns deles são usuários de crack, “muito sujos e magros, vestidos com farrapos, enrolados em cobertores, deitados pelas calçadas,

confundindo-se com a rua” (GUIMARÃES, 2007, p.6). Outros cheiram cola no Vale do Anhangabaú há dias, ou há anos.

Eles mantêm diferentes formas de vínculos com suas famílias. Muitos circulam entre a rua, a casa e abrigos; algumas vezes com algum irmão ou, na maioria das vezes, sozinhos. Há casos em que a família inteira está na rua. Há jovens que trabalham nas ruas para ajudar na renda familiar e voltam para a casa à noite. De qualquer forma, os vínculos familiares mostram-se enfraquecidos, esgarçados.

Todos os jovens que viviam nas ruas e que foram entrevistados na pesquisa realizada por Paludo e Koller (2008) revelaram algum vínculo familiar, mesmo que frágil. Segundo os resultados dessa pesquisa, 41% dos participantes viviam a reconstituição de suas famílias, 35% revelaram famílias monoparentais chefiadas por mulheres, 35% afirmaram não conhecer o pai biológico. O número de irmãos por família variou de 1 a 12. A maioria dos pais não desempenhava atividades laborais ou trabalhava em atividades informais, o que levava muitos jovens a iniciarem trabalhos nas ruas para ajudar na renda financeira da família. A mulher cuidadora surgiu como figura de grande importância na família, o que também foi relatado na pesquisa de Feffermann (1997), que destacou a força da figura feminina em função do papel que a mulher exerce na família.

Segundo Paludo e Koller (2008), os vínculos familiares, mesmo quando conflituosos, desempenham um papel importante na vida da criança. Acreditam que é necessário fortalecer essas famílias para que elas possam resolver os conflitos que levam à saída de casa e possam romper com a migração de seus filhos para as ruas. Quando interrompem seus vínculos com a família, muitas vezes moradores da periferia, apropriam-se do centro da cidade.

Viram protagonistas da cena urbana: pequenos quixotes, exilados dentro de suas próprias cidades, enfrentam dragões e moinhos de vento, banham-se no chafariz da praça da Sé e pipam suas pedras de crack na escadaria da catedral (LESHER e LOUREIRO, 2007, p.2).

Leshner et al.(1999) apontam o centro da cidade como polo atrativo para esses adolescentes e crianças que saem de suas casas em busca de algo, em busca de uma realidade alternativa à de casa. O jovem “sai em direção ao desconhecido e parece muitas vezes um quixotinho urbano” (LESHER et.al., 1999), aponta o autor citado, que compara a jornada desses garotos ao romance de Miguel de Cervantes, *Dom Quixote*. O jovem que sai de casa e busca o centro da cidade, “passa a se confrontar para além das suas fantasias, com a realidade e muitas vezes crueldade da rua, onde o espaço do humano se reduz e sua tarefa ganha uma conotação de existência” (BEDOIAN, 2007, p. 13).

Esse jovem sai em busca de um lugar, mesmo que este seja um lugar de exclusão. É também um lugar de apelo, aponta Bedoian (2007). Guimarães (2007) ressalta que essas são crianças desencantadas, para as quais o mundo parece caótico, onde tudo pode acontecer independentemente de suas necessidades ou desejos. Os jovens nessas condições não tiveram os princípios fundamentais da humanidade contemplados, não vivem o acolhimento de sua singularidade e não encontram lugares de pertencimento.

São expostos a diversos fatores de risco relacionados às vivências típicas do circuito de sociabilidade da rua. Mas a vulnerabilidade já estava presente antes de irem para as ruas, e frequentemente foi o que os levou até lá. A saída para a rua pode ser, muitas vezes, uma tentativa de busca de condições alternativas às que vivem. Se as crianças saem em busca de algo, o que elas procuram?

Medeiros et. al. (2001) destacam alguns motivos que levam os adolescentes a buscar a vida nas ruas, e entre eles estão a busca por alternativas para as condições de miséria e pobreza da família e a tentativa de fuga de situações de violência doméstica da qual muitas vezes são vítimas. Esses jovens encontram nas ruas outras formas de violência às quais permanecem expostos, entre elas a exploração do mercado informal ou ilegal de trabalho, prostituição, extermínio, drogas, doenças sexualmente transmissíveis.

Silva (2008) desenvolveu uma pesquisa com meninos e meninas em situação de rua no Ceará. Relatou que a vida na rua requer algumas estratégias de sobrevivência e entre elas destacou a coletividade e a construção de uma identidade de resistência que é compartilhada no grupo. Observou também relações de solidariedade entre os jovens como mecanismos de sobrevivência para a vida nestas circunstâncias, na medida em que privilegiam a situação de estarem juntos mesmo em situações de agressões e desafetos. Observou que esses jovens sofrem a fusão da vida privada e coletiva e se moldam pela coletividade.

Santana et.al.(2005) também destacam a importância dos relacionamentos entre pares na vivência de rua. Os jovens vivem em pequenos grupos, que exercem forte influência sobre eles, obedecem uma hierarquia, seguem regras específicas e utilizam um vocabulário particular neste contexto.

Lima (2005) mostrou que as relações estabelecidas informalmente nas ruas, quando os jovens buscam amigos, parentes ou vizinhos, são as que possuem maior ressonância, o que configura a rua como lugar importante de trocas de valores e afetos.

As vivências de rua são marcadas por condições extremas de sofrimento, e “assim como todas as situações sociais limites, exigem do sujeito uma intensa defesa contra a dor, contra a perda, contra o medo e contra o desamparo” (BROIDE, 2006, p.6). Essa postura defensiva auxilia a adaptação do sujeito diante de situações bastante adversas, entretanto, impede a reflexão a respeito da situação e da sua história. Nessas condições, o jovem age

sem refletir e de forma concreta, sem habilidade de discussão ou negociação diante dos conflitos que vive na rua, contribuindo para um contexto já violento. Assim, o trabalho clínico se torna muito delicado, pois reconecta o indivíduo consigo próprio e ele, então, se depara com situações muito dolorosas. Isso faz da relação transferencial com essas crianças uma relação ambivalente, pois “o pedido de ajuda significa uma diminuição da defesa contra a dor” (BROIDE, 2006, p.6).

Existe uma sociabilidade típica da rua, com seu repertório, seus códigos, suas regras, suas necessidades, seu vocabulário. Estar na rua significa viver os vínculos e as experiências próprias da rua (BEDOIAN, 2007; RIGATTO, 2007).

Medeiros et.al.(2001) destacam que o significado da sexualidade também está atrelado ao universo da rua e possui determinações próprias. Como os jovens possuem vínculos frágeis ou rompidos com as famílias, e também com a escola, descobrem a sexualidade a partir das referências de colegas na rua, ou até por experiências sexuais impostas a eles. Constataram que a sexualidade está diretamente vinculada e reduzida ao ato sexual, mas é avaliada pelos jovens como algo bom. O fato de estar na rua não impede as relações sexuais, e os locais prediletos apontados na pesquisa realizada em Goiânia são os lotes vagos e as casas abandonadas. As relações afetivas são pouco comuns e o relacionamento é geralmente marcado por agressividade e rispidez.

Apresentam relatos de prostituição e de aquisição de proveitos materiais, como drogas, a partir de relacionamentos sexuais. E não apresentam preocupação com o uso de preservativos na prática sexual. Taquette et. al. (2003) destacam que quando o problema da violência está ligado aos relacionamentos afetivos interpessoais intensifica-se a dificuldade de proteção contra DST/AIDS.

A fase da adolescência, que inaugura em si mesma uma crise, une-se ao contexto da rua e ganha novos contornos. A concretude das necessidades vividas faz com que a crise existencial típica da adolescência ganhe uma nova dimensão na rua (BEDOIAN, 2007). Nesse contexto, a adolescência tem sua imediatez aumentada e a necessidade de saciar um desejo precisa ser imediata. A droga se encaixa perfeitamente nesse quadro, e a possibilidade de ganhar dinheiro com o tráfico de drogas se torna uma possibilidade à mão.

A droga está presente e faz parte da sociabilidade da rua. Rigatto (2007) cita a pesquisa feita por Galduroz et al.(1997, apud RIGATTO 2007), que verificou que 25% dos estudantes de ensino médio haviam experimentado alguma droga na vida (excluindo-se álcool e tabaco); e entre as crianças e adolescentes em situação de rua, o uso diário de solventes chegava à marca de 60% (NOTO et.al., 2003, apud RIGATTO 2007).

Portanto, o uso de drogas entre os jovens com vivência de rua ocupa um lugar muito particular na vida deles e tem um caráter muito circunstancial por estar atrelado ao modo de viver nas ruas (BEDOIAN, 2007; LESHER e LOUREIRO, 2007; KUCHENBECKER, 2000);

isso é bastante presente na escuta desses jovens. Leshner e Loureiro (2007) lembram que a droga funciona, muitas vezes, como anestésico para quem vive fortes rupturas, válido para as crianças de rua, os imigrantes, os exilados, os soldados no front entre outros.

De acordo com Souza (2001), as drogas facilitam o convívio com o grupo da rua, auxiliando na inclusão e integração com o coletivo, na comunicação com os amigos e possibilitando o alívio temporário de sentimentos e sensações que fazem sofrer. A autora relata que os sentidos das drogas modificam-se em função do tempo que os jovens estão na rua. Inicialmente utilizam apenas cola, e a droga apresenta um caráter lúdico e prazeroso. Posteriormente se envolvem com o crack que apresenta maior conotação com a violência, o tráfico de drogas e o sofrimento. Entretanto, apesar da variação de sentidos que a droga assume, há sempre uma mesma base afetiva, que é o medo de se sentirem sozinhos, não reconhecidos ou desprezados.

Portanto, de acordo com Bedoian (2007), estar na rua significa viver relações, vínculos e experiências próprias da rua, onde estão permitidas “relações de consumo, de lazer, de afetos, de violência, do uso e comércio das drogas” (BEDOIAN, 2007, p.12), que devem ser compreendidos à luz das especificidades da realidade da rua.

O envolvimento com o tráfico de drogas, longe da realidade da rua, parte de uma história diferente e deve ser entendido à luz dessa nova realidade, que será apresentada a seguir. Muitos jovens que se envolveram com o tráfico contam passagens pela Fundação Casa. Os jovens de rua também mencionam, com frequência, passagens pela Fundação Casa como parte de seu percurso pessoal. Entretanto, os adolescentes atendidos por esta instituição não são, em sua maioria, jovens em situação de rua.

#### **4.3 O envolvimento com o tráfico de drogas**

Existem quase 40.000 adolescentes cumprindo alguma medida socioeducativa no Brasil (VOLPI, 2001, apud RIGATTO, 2007), e a ideia de isolar os delinquentes em instituições para educá-los e recuperá-los antes de devolvê-los à sociedade tem cerca de cem anos. Portanto, de acordo com Rigatto (2007, p.75), “vivemos numa sociedade capaz de produzir delinquentes em escala industrial e temos um sistema de ressocialização de jovens infratores que é espelho dessa sociedade”.

Esta é uma questão atual e importante. Muitos estudos buscam explicações para o envolvimento dos jovens em episódios de violência e delinquência e tecem considerações a respeito das técnicas de ressocialização propostas pelo sistema social atual.

Almeida (2002) relata que historicamente as crianças e jovens marginalizados buscam alternativas para adquirir recursos para o próprio sustento e da família, e entre essas possibilidades sempre estiveram o ato infracional, o trabalho infantil e o trabalho em

situação de rua. Tornou-se costume atribuir à pobreza e à desigualdade social o grande motivo pelo qual os jovens infracionam as leis, relacionando violência e pobreza para explicar alguns tipos de crime. No entanto, Rigatto (2007) cita o estudo de Levisky (2002, apud RIGATTO 2007), que declara que a prática de delitos por adolescentes está presente em todas as classes sociais, de países ricos e pobres, e que estaria associada ao modo como a sociedade trata a sua juventude e propõe projetos para ela.

Pereira (2002) investiga os significados atribuídos à violência por jovens em conflito com a lei. O motivo pelo qual eles julgam ter se envolvido com o crime são as condições socioeconômicas, influência de amigos, violência doméstica e aliciamento feito pela família. A violência é entendida como uma maneira de agir quando os meios legais não oferecem garantias de sobrevivência e respeito às condições humanas.

Dell'Aglio, et. al. (2005) sugerem que a questão da delinquência pode ser definida tanto como um distúrbio psicossocial como um tipo de psicopatologia. Dentre os fatores de risco que podem predizer o comportamento delinquente, estão os fatores individuais, que são as características biológicas, comportamentais e cognitivas do indivíduo; e os fatores de risco contextuais, que são os aspectos familiares, sociais e as experiências de vida. Geralmente esses fatores aparecem de forma combinada, revelando um ciclo de violência na trajetória desses adolescentes antes de cometerem o ato infracional. Diversas vezes não se destacam fatores protetivos na vida desses jovens, que pudessem funcionar como mediadores no enfrentamento dos conflitos e no surgimento de problemas de conduta.

Dell'Aglio et.al.(2005) acreditam que o uso de drogas tenha influência no comportamento infrator na adolescência. Segundo esses autores, o contato do jovem com amigos ou familiares usuários de drogas aumenta a possibilidade do consumo de drogas, envolvimento com o tráfico de drogas e comportamentos violentos. Entretanto, Rigatto (2007) destaca que, muitas vezes, a delinquência precede o uso de drogas e que ambos os comportamentos possivelmente possuem um denominador comum, formado por “forças culturais, estressores ambientais, fatores de personalidade, valores morais, controle de impulsos, motivação, meio familiar e influência de colegas” (RIGATTO, 2007, p.74). Segundo essa autora, a violência a que esses jovens estão expostos está menos relacionada com o comportamento provocado pelo efeito da droga e mais associada ao tráfico e às atividades realizadas para obter dinheiro para comprar drogas.

Segundo Branco (2006), a violência se associa a anseios como o retorno financeiro, aquisição de status na comunidade, sintonia com uma identidade masculina, aquisição de méritos pessoais como a coragem e defesa da honra. Quando a associação desses anseios com a violência ocorre, dá-se a busca de imagens positivas de si, ainda que por meios violentos e ilegais. Ocorrem processos graduais de dessensibilização com sentimentos de compaixão incompatíveis com a violência e de aceitação de um status adquirido por

diretrizes morais contrárias a valores de igualdade ou dignidade humana. Entretanto, esse processo de afastamento desses valores morais está pautado na falha da aplicação desses princípios, muitas vezes não vivenciados pelos jovens nesses contextos.

A violência permeia as relações (FEFFERMANN, 2004) e modifica formas anteriores de sociabilidade na comunidade (FONSECA, 2009), que frequentemente fica marcada pelo medo. A lei do silêncio é muito mais garantida pela violência e pelo medo da comunidade do que por cumplicidade ou por proteção dos bandidos em relação à população (ALMENDRA, 2007). Almendra (2007), doutor em ciências sociais, pesquisa sobre violência e tráfico de drogas em São Paulo, Campinas e Rio de Janeiro, e aponta que a organização do tráfico de drogas age dentro de uma estrutura empresarial. Uma indústria que está entre as empresas que possuem maior rendimento na atualidade, completa Feffermann (2004).

A antropóloga Soligo (2005) denuncia a experiência paradoxal de jovens envolvidos com atividades criminais, que vivem entre a dimensão desejosa de viver em liberdade e o risco da morte iminente. Seu estudo mostra que a motivação para o crime está conectada ao processo de constituição da identidade, ao papel que tais jovens assumem no ambiente social e ao imaginário e mitos que partilham sobre a liberdade e o crime. Relata, ainda, que os jovens estudados denominam-se “malandros” para distinguirem-se das classificações impostas pela sociedade, de delinquentes, e para marcar a profissionalização da atividade criminal. Vivem cotidianamente uma faixa limiar entre o legal e o ilegal, entre a juventude e a idade adulta, entre o centro e a periferia.

Vicentin (2002) também deflagra conceitos paradoxais que permeiam a subjetividade desses adolescentes, entre eles, vida e morte, utopia e limite, projeto e finitude. Muitas vezes conflito se confunde com criminalidade e protesto com violência, talvez como consequência da qualidade concreta, direta, corpórea e real das experiências vividas por esses jovens.

Fonseca (2009) e Soligo (2005) compreendem o envolvimento dos jovens em atos delinquentes através da busca pelo risco que traria sentido e valor à existência. A adrenalina os faz sentir vivos e por isso há um prazer pela vida do crime. A iminência da morte, como significativo último, pode gerar sentido para a vida.

Entretanto, Broide (2006) destaca que a possibilidade constante de algo ruim acontecer a qualquer momento os deixa em alerta máximo constante. Essa enorme pressão provoca intenso esgotamento psíquico, o que dificulta o pensamento e a construção de projetos de vida. Vivem o cotidiano marcado pelo medo e pelo desamparo na periferia. As relações familiares são atravessadas pelas características do território, o que torna os vínculos cada vez mais duros e vulneráveis à ruptura. O traficante, muitas vezes, surge como alternativa à queda do pai e das instituições.

De acordo com o autor, a vida, que não é regulada pela mediação da lei ou do Estado, passa a ser pautada pelo vínculo grupal. O grupo, constituído por relações de confiança e respeito, em função da necessidade de sobrevivência, adquire uma força intensa, rígida, “no estilo mafioso” (BROIDE, 2006, p.165). Para proteger-se, torna-se rigoroso e até cruel. No entanto, essas relações, tão marcadas pela proximidade e pela radicalidade das experiências compartilhadas, são também marcadas pela afetividade; “quando alguém é irmão significa irrestrita solidariedade” (BROIDE, 2006, p.165).

A organização pela lei do mais forte, sempre sádica e rígida, impede a mediação entre os sujeitos, o que extrai o valor da palavra e fragmenta as relações. Denuncia relações grupais pautadas pela atuação e pela violência e delata a constituição de uma estrutura psíquica precária para a elaboração dos sofrimentos e dos conflitos (BROIDE, 2006).

Guimarães e Campos (2007) apresentaram diversos estudos sobre gangues, mostrando que nesses espaços os jovens sentem-se respeitados e protegidos. Deflagram a busca por um local, uma posição e uma identidade no âmbito cultural. O relacionamento em gangues representa uma forma de socialização, principalmente para jovens socialmente excluídos, em busca de formas alternativas de inclusão.

Scandiucci (2005) reflete sobre os laços fraternais estabelecidos entre os “manos” da periferia ligados ao hip hop e a importância que esta relação tem ao se colocarem diante do racismo da sociedade em que vivem. O movimento hip hop oferece a possibilidade dos jovens se identificarem com uma nova cara, que leva em conta a origem, a etnia e a história vivida pela raça negra, e possibilita uma espécie de “persona grupal” (SCANDIUCCI, 2005, p.119). Além disso, o hip hopper se torna uma referência importante na comunidade, uma figura valorizada, que muitas vezes ajuda o jovem a se distanciar do tráfico de drogas e do crime.

Fonseca (2009), cientista social, acredita que a sociabilidade dos jovens se constrói nas ruas, onde criam pontos de encontros, formam uma identidade coletiva nos grupos e aprendem a conviver com a violência urbana. Condições de sobrevivência violentas delimitam as possibilidades de identidade e as possibilidades de protagonizar a própria vida, que muitas vezes se dá apenas através de roteiros de violência. A transgressão marca a história de vida do jovem.

Rigatto (2007) identificou um estigma valorizado do criminoso e um mecanismo de dependência do crime. Entretanto, Arpini (2001) e Gramkow (2007) apontam que as construções culturalmente estabelecidas provocam profundas transformações subjetivas e objetivas na apreensão de si mesmo e dificultam a construção de uma identidade mais positiva. Gramkow (2007) relata a história de um rapaz que, ao decidir modificar sua vida e sair da criminalidade, precisou isolar-se do grupo social ao qual pertencia, uma vez que

suas relações sociais estavam pautadas pela transgressão social e, apenas dessa forma, pôde se fortalecer na sua nova configuração subjetiva.

De acordo com Dell'aglio, et. al. (2005), a imagem estigmatizada pejorativa criada pela condição de institucionalização para cumprimento de medidas judiciais também se revela um fator de risco para o desenvolvimento do jovem. O estudo de Rigatto (2007) com adolescentes internados no Complexo do Tatuapé da Febem mostrou que os jovens repetem, fora da instituição, a discriminação que sofreram. De acordo com a autora, que defende formas alternativas de ressocializar o jovem infrator, frequentemente os jovens que agem pela violência “acabam numa instituição que repete a violência: perde-se nome, cabelos, roupas, contato com o mundo, com a família” (RIGATTO, 2007, p.75).

Outro estudo realizado por Rigatto (1996), em 2006, envolveu 325 adolescentes egressos do sistema de internação da Fundação Casa. Após 12 meses de progressão da medida, Rigatto (1996) localizou apenas 193 jovens. Sua pesquisa revelou que, dentre os jovens encontrados, 7 haviam falecido de forma violenta, 38% voltaram a incidir em ato infracional, 40% estavam frequentando a escola (dos que não estavam estudando, 26% não encontraram vagas), 39% estavam trabalhando (a maioria no mercado informal), 5% participavam de alguma atividade de lazer. Ao analisar os motivos aos quais estavam relacionados os piores desfechos das histórias desses jovens, a autora identificou a necessidade de repensar as medidas que preparam o jovem para reinserção em sociedade. Aponta a necessidade de responsabilizar os jovens pelos seus atos, sem justificá-los com o discurso da dívida social, nem excluir da nossa avaliação o peso das circunstâncias (RIGATTO, 2007).

De acordo com Marty (2006), para ajudarmos a juventude a transformar essa violência destrutiva, que ele entende como um ataque à cultura, não devemos opor a defesa social à proteção dos menores, mas fundar a defesa social na proteção dos menores. Assim será possível transformar a onipotência da destrutividade em prazer de criar.

Diante do exposto neste capítulo, destaca-se a importância de compreensão de cada contexto de vulnerabilidade aos quais estão submetidos esses jovens, atentando para as particularidades que incidem sobre o seu desenvolvimento. Desta forma é possível refletir sobre formatos de atuação propícios.

Os trabalhos com jovens devem investir na promoção de autonomia e na conscientização e responsabilização das suas escolhas, pois “ao privilegiar o sujeito e suas escolhas, vamos em direção ao protagonismo possível, ao resgate do gerenciar a vida, do gerar outros quereres, encontrar outros prazeres e poder almejar futuro” (BEDOIAN, 2007, p.15). É importante oferecer um circuito alternativo ao da rua e do tráfico de drogas, e na medida em que se introduzem novas alternativas de circulação e vínculo emergem novas demandas. Os trabalhos com os jovens buscam a possibilidade de reflexão (SANCHEZ

2006) e a estimulação da representação otimista de si próprios, para que reconheçam o próprio potencial e limite, e os limites da sociedade e das pessoas que os cercam (ASSIS et.al., 2004).

É necessário compreender as situações de vulnerabilidade de maneira ampla, buscando as singularidades de cada contexto e de cada história, para melhor compreender o universo íntimo dos jovens. Para isso é preciso escutar atentamente o que dizem esses jovens quando relatam uma realidade, muitas vezes, desconhecida, como se apresentassem um novo país ou uma língua estrangeira. Entender como esses mundos afetam a psique adolescente é tão importante quanto conhecer as imagens e fantasias que se originam propriamente na adolescência. Sem deixar de responsabilizá-los por suas escolhas e atitudes, é preciso buscar os sentidos mais íntimos e profundos de suas experiências.

## 5 PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

A teoria junguiana, ao apresentar importantes reflexões sobre a idade adulta, traz uma perspectiva inovadora para uma época em que a maioria das abordagens psicológicas tratava da infância como determinante do desenvolvimento humano. Com este enfoque original, devolve importância a todo o percurso da vida como fundamental para o desenvolvimento psicológico e retira da infância o privilégio exclusivo do desenvolvimento. Essa ênfase nos estudos sobre a idade adulta não significa, entretanto, que Jung tenha ignorado a importância da infância. Segundo Stein (1998), ele apenas ressaltou que a expressão e o desenvolvimento da personalidade podem ser observados em qualquer idade.

Stein (1998) destaca que o processo de desenvolvimento humano, descrito por Jung como processo de individuação, consiste em “tornar-se uma personalidade unificada, mas também única, um indivíduo, uma pessoa indivisa e integrada” (STEIN, 1998, p.156). Nas palavras de Jung (2002, par.266), “individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por ‘individualidade’ entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando, também, que nos tornamos nosso próprio si-mesmo”. Este processo, em direção à complexidade de cada indivíduo, ocorre através de um intenso conflito entre os opostos.

Byington (1988) define este processo como a transformação da energia inconsciente em energia consciente a serviço da cultura e da individualidade, por meio da elaboração simbólica. Um processo que leva o indivíduo a uma diferenciação e a uma reunião com o universo, simultaneamente.

Jung (1991a) descreveu originalmente o processo de individuação como um fenômeno típico da segunda metade da vida, deixando controvérsias sobre a ocorrência deste processo no início da vida. Apesar desta falta de clareza, os pós-junguianos ampliaram este conceito, o que permitiu a compreensão de todas as etapas da vida sob a perspectiva da individuação. De acordo com Fordham (1994), Jung estudou a segunda metade da vida num momento em que esta etapa do desenvolvimento não havia recebido importância e restringiu a ela a individuação. No entanto, para Fordham (1994), Byington (1988), Frankel (2005) e Feldman (1996), o processo de individuação é um percurso da vida toda e a formação da consciência ocorre desde o início da vida.

Fordham (1994) destaca, também, a emergência do self já na infância como entidade primária psicossomática sobre a qual decorre a individuação. Essa constatação foi bastante significativa para ele e para os analistas junguianos.

Considerar o processo de individuação como um processo que ocorre durante a vida inteira do indivíduo, inclui a infância e a adolescência como períodos deste processo de desenvolvimento da personalidade.

Até o século XVIII, a adolescência era considerada como equivalente à infância (ARIES, 1981), e somente no início do século XIX a juventude foi compreendida como uma fase diferente da infância e da idade adulta, sendo considerada como uma das etapas do desenvolvimento humano e um período de transição entre a infância e a vida adulta.

A adolescência, em sua condição de transitoriedade, apresenta-se repleta de mudanças simultâneas internas e externas. As mudanças mais visíveis desta fase, de início, são as físicas, que se caracterizam pelo crescimento corporal, por alguns processos hormonais e maturidade procriativa, que é sinalizada na menina pela menarca. Além dessas, outras mudanças são vividas pelo jovem, apesar de não serem tão visíveis; entre elas, a busca por novos modelos e referências, por uma identidade própria, pela autonomia e pela independência. Esta nova configuração de identidade enfrentará momentos de escolhas importantes, como preferências amorosas, vocações profissionais e outras questões existenciais.

Wilkinson (2006) apresenta as ocorrências biológicas da adolescência e descreve o cérebro do jovem como um trabalho em processo. Na adolescência ocorre uma segunda onda de produção de células nervosas, comparável ao que ocorre nos primeiros 18 meses de idade, estágio que coincide com o início da consciência dos outros. De acordo com a autora, conforme a capacidade de raciocínio e julgamento se torna madura, o jovem se separa de seus pais e engaja-se no mundo externo. Além disso, o adolescente se torna, aos poucos, capaz de compreender os efeitos das ações nos outros e capaz de impedir comportamentos impulsivos.

Entretanto, Minayo (1990) discorda da determinação biológica desse período de desenvolvimento. Acredita que mesmo que os processos biológicos marquem essas transformações, há ainda conteúdos sociais e culturais atribuídos às etapas da vida, o que faz com que nem todas as pessoas passem pelas fases da infância, adolescência, idade adulta e velhice da mesma maneira.

Levisky (1998) considera a adolescência como uma revolução biopsicossocial. A puberdade é um processo desencadeado por transformações biológicas, enquanto a adolescência é fundamentalmente psicossocial, disparada por alterações biológicas que influenciam na maturação de manifestações pulsionais. A velocidade de maturação dos setores biológico, psicológico e social é distinta em cada pessoa e também interatuante. Segundo esse autor, apesar da adolescência depender de fatores exteriores, há aspectos que podem ser considerados universais.

Há muitas controvérsias quanto à definição do início e do término do período da adolescência e quanto às determinações de aspectos que marquem estas passagens.

Dell'Aglio et. al.(2005) destacam que está implícito no termo “*adolescere*” a sua condição de processo de crescimento, o que indica as transformações que ocorrem com a puberdade e que terminariam com o compromisso e com as responsabilidades adultas. A adolescência teria início na biologia e terminaria na cultura (MIUSSEN, CONGER, KAGAN & HUSTON, 1995, apud DELL'AGLIO, et al. 2005).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define que as crianças são aquelas que possuem até 12 anos incompletos, e os adolescentes aqueles entre 12 e 18 anos<sup>6</sup>. A OMS estabelece a fase de desenvolvimento da adolescência no período de 10 a 19 anos<sup>7</sup>. Entretanto, a OMS utiliza, também, o termo juventude ao tratar da faixa etária dos 15 aos 24 anos, devido ao prolongamento da fase em que o jovem ainda não assumiu as responsabilidades adultas (BURAK, 2001, apud DELL'AGLIO, et al. 2005).

Muitos autores debruçaram-se sobre a compreensão da especificidade desta etapa da vida como parte do processo de individuação, apresentando diferentes enfoques do desenvolvimento da psique adolescente.

Segundo Jung (1991a), observar o despertar da consciência nas crianças é uma importante maneira de investigar o surgimento da consciência no Homem. A consciência é criada com o afastamento do Homem em relação aos instintos e a oposição a eles. Este conflito leva à ampliação da consciência e, assim, à necessidade de desprendimento dos traços infantis. É o sacrifício do ser inconsciente, simbolizado no mito cristão pelo ato de comer a maçã da árvore do conhecimento.

Jung (1991a) demonstra que o processo de desenvolvimento humano ocorre de maneira diferente na primeira e na segunda metade da vida, e expõe a metáfora da trajetória do sol durante o dia para definir o desenvolvimento humano ao longo da vida. O Sol nasce pela manhã, atinge o ápice ao meio dia e durante a tarde declina até se pôr, quando cai a noite. O mesmo movimento ocorre ao longo da vida humana, com o nascimento da consciência, quando o ego surge do inconsciente e se desenvolve em expansão e complexidade, acompanhado do desenvolvimento do corpo físico que abriga este ego. Na segunda metade do percurso feito pelo sol, e analogamente pelo ego, intensifica-se o contato com aspectos inconscientes, até que o ego se encontre com ele na ocasião de sua morte, quando simbolicamente o sol se põe.

Na primeira metade da vida, o ego infantil emerge do inconsciente e gradualmente desenvolve suas capacidades, expande e amplia a complexidade de sua estrutura. A principal tarefa dessa fase é desenvolver o ego, diferenciando-se do mundo a sua volta.

---

<sup>6</sup> Artigo 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente.

<sup>7</sup> Informação disponível em [www.who.int/topics/adolescent\\_health/en/](http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/)

Este processo de desenvolvimento da consciência é acompanhado pelo crescimento e desenvolvimento do corpo físico que aloja esse ego.

A vida da criança é governada pelos instintos, e a primeira forma de consciência é bastante caótica. O Eu ainda está pouco diferenciado do resto das coisas (JUNG, 2006). Conforme o ego adquire energia própria, surge um sentimento de subjetividade, de egocidade (JUNG, 1991a). À medida que se distingue dos outros e do ambiente externo e retira deles algumas projeções, o ego aprende a manipular o ambiente para a sua sobrevivência e adaptação social. Espera-se o desenvolvimento e fortalecimento do ego de maneira autocrítica e reflexiva, e a adaptação à cultura através da formação da persona, que se baseia em potenciais arquetípicos, tendências pessoais e demandas sociais.

O desenvolvimento do indivíduo pressupõe relacionamentos sociais, “o processo de individuação não leva ao isolamento, mas a um relacionamento coletivo mais intenso e mais abrangente” (JUNG, 1991c, par.853). A adaptação às normas coletivas, que ocorre, mais caracteristicamente, na primeira metade da vida, é de grande importância, pois nas palavras de Jung (1991c, par.855), “a planta que deve atingir o máximo desenvolvimento de sua natureza específica deve, em primeiro lugar, poder crescer no chão em que foi plantada”.

A juventude é caracterizada por uma intensa ampliação dos horizontes da vida e traz a missão de adaptar aquilo que foi dado no passado às possibilidades e exigências do futuro. É preciso buscar um lugar na sociedade e se adaptar a essa nova forma de existência. Enquanto a infância trava uma luta pela existência do ego, a juventude inaugura uma nova luta para afirmar-se diante do mundo e de si mesmo (JUNG, 1991a). Ao formar sua atitude pessoal e sua posição social, o jovem experimenta impressão de descobrir o verdadeiro curso da vida e os verdadeiros princípios do comportamento. Torna-se mais diferenciado das condições oferecidas a ele externamente, sente-se menos dependente de sua família de origem, sente-se capaz de reproduzir-se biologicamente e criar seus filhos, ao se perceber, também, mais preparado para inserir-se no mundo adulto.

O jovem vive um grande conflito da adolescência, que é transpor o desafio do crescimento. É preciso superar o apego a um nível de consciência infantil e vencer o anseio por manter a consciência dentro de seus estreitos limites ou permanecer como criança. O jovem vive a tensão entre o desejo de tornar-se independente e o medo da perda da segurança e da dependência do mundo infantil. De um lado, há uma força pela regressão à infância, ao estado primitivo de relacionamento, proteção e passividade, que leva à rejeição daquilo que é novo e estranho, num movimento que estanca o desenvolvimento. De outro lado, há o desejo de conquistar a individualidade e a autonomia da fase adulta e uma força que impulsiona o processo de desenvolvimento adiante. Jung (1989) entendeu que essa regressão tem uma qualidade incestuosa de retorno ao mundo da mãe, discutindo a questão

do incesto de forma simbólica. Essa questão é retomada por muitos autores, entre eles, Feldman (1996), Byington (1988) e Frankel (2005).

O movimento do ego na segunda metade da vida ocorre de maneira diferente e a energia está depositada sobre a tarefa de unificação da personalidade total, através do intenso relacionamento entre aspectos conscientes e inconscientes. O desenvolvimento que ocorre nesta fase da vida recebe o significado clássico de individuação junguiano, quando a pessoa investe na consolidação consciente daquilo que já é potencialmente. Nesta fase, também, ocorre o reconhecimento da limitação do ego e uma clara percepção do poder do inconsciente e do mundo material.

Fordham (1994) apresenta claras distinções entre o desenvolvimento humano que ocorre na infância e na adolescência. De acordo com o autor, o nascimento é uma grande perturbação, a partir da qual o psicossoma é invadido por estímulos internos e externos. Após esta perturbação ocorre um estado de estabilidade, pois o recém nascido logo integra a sua experiência de nascimento. A sequência de estados de perturbação e estados de repouso se repete durante o amadurecimento e este movimento ocorre por forças integrativas e deintegrativas.

O self, postulado por Fordham (1994) como uma entidade primária original, divide-se em partes durante o relacionamento do indivíduo com o mundo. A reintegração destas partes através da função integrativa do self cria um núcleo com nova estrutura, cada vez mais complexa, e esse é o processo de desenvolvimento da consciência. Esse desprendimento de partes do Todo é chamada deintegração.

Com o movimento das sequências de deintegração-integração forma-se uma “imagem corporal que permite que a criança perceba a si mesma e ao mundo externo” (FORDHAM,1994, p.92). A criança desenvolve sua noção de realidade, sua auto-imagem e seu mundo interno. A exploração começa a trazer novas e grandes descobertas, principalmente quando o bebê aprende a engatinhar, andar, falar, tornando-se cada vez mais independente da mãe. Por mais que a separação gradativa da mãe ainda seja uma experiência aflitiva, a fase de participação mística e simbiose finaliza-se à medida que se intensifica o desenvolvimento das funções egoicas, que mais tarde prescindirão da presença da mãe. Com a aquisição de maior domínio da realidade, a criança também desenvolve a sua vida simbólica.

Na próxima fase do processo de desenvolvimento, descrito por Fordham (1994) como a fase do conflito edipiano, os impulsos sexuais amadurecem e cria-se uma base para o desenvolvimento e formação de uma vida heterossexual. Neste processo, o jovem inicia a fase da adolescência, quando as estruturas essenciais do desenvolvimento estão formadas e se desenvolverão em complexidade e riqueza, além de se combinarem em novos arranjos e receberem novas aplicações. Os conflitos de identidade se tornam mais agudos e

frequentes, e a instabilidade desta fase é potencializada com a intensa maturação da sexualidade.

As identificações que o adolescente tinha com a família se enfraquecem e ele se torna cada vez mais independente da família, buscando novas alianças fora de casa. Entram em contato direto com a sociedade e suas atividades passam a acontecer em diferentes contextos sociais e não mais apenas na família. No início da infância, a família representa a sociedade para a criança e na escola ela é parcialmente inserida na comunidade. Apenas na adolescência é possível exercer alguma influência sobre o contexto social. O jovem busca seu lugar na sociedade e constrói uma persona que o auxiliará em sua inserção social. As relações que os adolescentes estabelecem com a sociedade nesta fase dependem das influências que tiveram durante a infância com a família (FORDHAM, 1994).

Alguns conteúdos arquetípicos são ativados na adolescência e isso promove uma regressão a estados anteriores da psique, dando a possibilidade de integrar aspectos deintegrados. Essa experiência, que ocorre frequentemente na adolescência e em períodos de crise, é muito importante porque dela atinge-se uma sequência deintegração-integração que cria condições para a mudança contínua. É uma oportunidade de reviver as experiências da infância e integrá-las na adolescência. Os jovens podem apresentar, algumas vezes, comportamento afrontoso, e isso pode ser entendido como uma regressão na qual os padrões de relacionamento entre a criança e a mãe são revividos e expressam-se de maneira confusa e desorientada. Esses intensos processos de deintegração vividos pelos jovens caracterizam-se como momentos de intensas transformações, ricas em energia psíquica, e nestas condições eles têm dificuldade de percepção global de si mesmos e da realidade.

Byington (1988) descreve o processo de desenvolvimento da personalidade através de etapas influenciadas por diferentes dinâmicas arquetípicas, que regem cada momento, mesclando conteúdos arquetípicos, culturais e pessoais. Descreve os ciclos matriarcal, patriarcal, de alteridade e cósmico e compreende cada um deles com o seu valor na estruturação do ego e da consciência.

Para Byington (1988), a adolescência, como passagem da infância para a vida adulta, tem seus primeiros indícios no amadurecimento físico decorrente do funcionamento das glândulas sexuais, que provocam erupção de grandes e intensas transformações físicas, psicológicas e sociais, e por isso, compara esta etapa da vida a um “furacão”.

O jovem vive a perda da infância, que é sacrificada perante a possibilidade dos novos poderes e vivências da vida adulta. No início desse processo, vive uma ambição onipotente e saudável, que busca a entrada em uma nova fase e os ganhos da maturidade, mesmo sem se dar conta do peso das responsabilidades que serão assumidas. Neste novo

período do desenvolvimento humano ocorre forte ativação do arquétipo Anima/Animus, que traz o combustível para a intensidade da adolescência.

Durante a infância, o ego, que ainda não está plenamente desenvolvido, é formado por ilhas isoladas de consciência (JUNG, 1991a). Nesta fase, destaca-se, segundo Sanford (1988), a importância da construção de um ego ideal que não contenha aspectos que contrariem a moral familiar e coletiva, e que permita à criança ter uma percepção positiva de si no mundo. De acordo com Faria (2003), as crianças idealizam seus pais, depositam neles suas certezas e projetam sobre eles características de heróis, deuses e, às vezes, de demônios. Os pais, por outro lado, também idealizam seus filhos, que tentam corresponder à imagem de um bom menino. Durante este período se formam os complexos parentais, que são núcleos energéticos impregnados de intensa carga emocional. Eles se estabelecem pelo encontro das predisposições arquetípicas com as experiências pessoais de relacionamento com os pais.

Byington (1988) destaca a importância da família na estruturação da consciência individual e na formação da identidade de seus membros, através dos relacionamentos íntimos e das relações entre os papéis familiares. Os papéis, que são organizados dentro da família, são contaminados com fatores culturais, arquetípicos e pessoais, e contribuem para a formação da persona, uma das tarefas do desenvolvimento na adolescência. Os padrões arquetípicos se relacionam com as épocas da vida e regem o papel familiar de acordo com a necessidade de elaboração simbólica para o desenvolvimento da consciência.

De acordo com este autor, durante a adolescência os vínculos de identificação e dependência são revividos e elaborados na estruturação da maturidade. Feldman (1996) postula que as identificações, introjeções e modelos constituídos durante a infância são retomados e atualizados, e neste momento o jovem é forçado a confrontar componentes pessoais e arquetípicos desses conteúdos.

Segundo Byington(1988), a dinâmica do arquétipo da alteridade ativada na adolescência entra em confronto com a dinâmica dos arquétipos parentais regentes de maneira predominante até então. Quanto mais intensa for a dominação dos dinamismos parentais, mais radical será a ativação e a constelação do arquétipo Anima/ Animus. Nessa polarização eleva-se a “temperatura emocional necessária para a diferenciação e reforço da identidade ontológica única de cada ser” (Byington, 1988, p.77), e facilita-se a desidentificação com os pais como pessoas dentro do complexo materno e paterno.

Ativa-se no jovem, também, o arquétipo do Puer, que emerge preenchido de potencial de vida (BYINGTON, 1988; FRANKEL, 2005; FARIA, 2003), e estabelece, segundo Byington (1988), oposição em relação à dinâmica do Senex, ativada pelos arquétipos parentais. De acordo com Faria (2003), o jovem frequentemente reveste-se das características transformadoras sob a influência do arquétipo do Puer e projeta as

características de rigidez do Senex nos pais. O pai frequentemente reage apontando as características negativas do Puer no filho. Este conflito pode se resolver à medida em que pai e filho abandonam suas posições polarizadas.

De acordo com Kast (1997), a separação do ego desses complexos parentais deve ocorrer até a adolescência para que o desenvolvimento individual continue. Faria (2003, p.95) ressalta que os arquétipos que estimulam e sucedem o desenvolvimento “possibilitam ao indivíduo um desligamento dos arquétipos parentais, auxiliados pelo arquétipo do herói, uma vez que preparam o sujeito para uma autonomia da vida adulta”.

Apesar dos complexos materno e paterno influenciarem o desenvolvimento do indivíduo, por serem marcas importantes de sua identidade, o indivíduo tem a oportunidade, durante o processo de individuação, de “reavaliar o relacionamento com os pais, assim como reestruturar suas imagens internas” (FARIA, 2003, p. 96). O crescimento do jovem envolve a perda da imagem idealizada dos pais, que se modifica para que a dependência do jovem se transforme (FRANKEL, 2005; FARIA, 2003) e para que ele descubra as características e aspirações que estejam mais conectadas com o Si-Mesmo (FARIA, 2003). Na adolescência, essa veneração aos pais se enfraquece, os filhos começam a buscar suas diferenças em relação às referências oferecidas pela família e a contestar a posição heroica e divina que depositavam sobre os seus pais. A desidealização do outro lado também é verdadeira, pois aquele menino bonzinho passa a ser visto como alguém agressivo, crítico e contestador. Neste período de intensa perturbação, “ocorre um deslocamento da persona do pai como herói e do filho como um bom filho do herói” (FARIA, 2003, p. 128).

A impossibilidade dessa desconfiguração prejudica o desenvolvimento da identidade do jovem. Entretanto, os jovens respondem a essa perda com muita tristeza e brigas, lutando contra a separação do mundo da infância, da família, da segurança garantida (FRANKEL, 2005). Emergem pensamentos e sentimentos sobre a finitude das coisas, numa experiência simbólica de morte, de acordo com Frankel (2005).

Marty (2006) aponta uma forma de violência que é própria do processo da adolescência. Diante de um “bombardeio pubertário” ocorre um ato de violência contra a criança, que agora é um púbere. A adolescência provoca uma ruptura na estabilidade da organização da vida psíquica, e diante dessas modificações o jovem sente-se desamparado, e reage, muitas vezes, com violência à chegada desta novidade. É importante, segundo Marty (2006), que o adulto que se relaciona com o jovem não desmoroze diante de sua violência, mas que resista à sua destrutividade e sirva de referência para ele. É preciso ajudar o adolescente a encontrar recursos psíquicos para enfrentar essa ameaça e para conter e elaborar essa força violenta que é a expressão de uma coisa nova. A violência não pede apenas limite, disciplina, a lei do pai, mas pede também apoio que ajude a

simbolização, forneça referências e abra caminho para perceber os seus significados (MARTY, 2006; FORDHAM, 1994).

Os pais também sentem a retirada da projeção heroica que assumiam (FARIA, 2003) e sofrem com a distância que o jovem passa a manter em relação à família, quando se dedicam à descoberta do mundo fora de casa (FARIA, 2003; FRANKEL, 2005). Pode acontecer de os pais sentirem tanto a perda da proximidade com o filho que entendem esse processo de diferenciação do jovem como rejeição pessoal em relação a eles (FRANKEL, 2005).

Faria (2003) ressalta que o ideal de uma vida íntegra talvez seja a superação dos complexos parentais através de uma íntima relação entre o ego e o self. Caso estabeleçam um bom relacionamento e desenvolvam uma boa maneira de enfrentar este período de crise, pais e filho se enriquecem com este processo. Os filhos podem ajudar os pais a resgatar elementos infantis e adolescentes importantes que foram deixados no passado (FARIA, 2003; FORDHAM, 1994) e promover uma reflexão sobre o significado que os pais observam em suas vidas quando os vínculos familiares com os filhos deixam de ser o núcleo dos investimentos libidinais (FORDHAM, 1994). Os pais ajudarão os jovens a assumirem um lado adulto e responsável, encorajando-os na busca pela autonomia, pois, embora eles estejam se preparando para a vida adulta, eles ainda são pessoas imaturas.

Feldman (1996) destaca a influência das relações parentais e a relevância do fornecimento de modelos e referências durante a infância para o processo de desenvolvimento da identidade, em especial a identidade sexual e de gênero. O ponto de desenvolvimento significativo na adolescência, segundo esse autor, é o estabelecimento de um sentido de identidade coerente, quando emerge o sentimento de síntese significativa da personalidade. O self, “guardião das experiências significativas” (FELDMAN, 1996, p.491), exerce função fundamental neste processo, pois é uma importante força integrativa e sintetizadora de várias partes da personalidade. Conforme o desenvolvimento da identidade avança, o jovem se sente mais autêntico e seguro de sua sexualidade, com capacidade de planejar e atualizar objetivos significativos para o desenvolvimento, segundo Feldman (1996). Este sentimento de confiança interna torna possível tentativas de estabelecer intimidade interpessoal.

Feldman (1996) retoma o conflito incestuoso da adolescência descrito por Jung (1989), no qual o jovem encontra-se entre a volta à infância e a conquista do mundo adulto. O desafio do jovem, para Feldman (1996), é compreender simbolicamente este conflito e engajar-se na missão heroica de conquista da autonomia e individualidade. Com a passagem desta fase, conquista-se uma nova configuração da personalidade, experimentada como um todo melhor integrado, e mais preparada para a abertura para a alteridade; emerge um sentido de confiança interna maior e estabelece-se a persona,

tarefas da adolescência como etapa constituinte do processo de individuação (FELDMAN, 1996).

Erikson (1976) também define a adolescência como um período de formação da identidade através do enfrentamento de questões dos anos anteriores e da maturidade sexual. Um período de busca por um novo sentido de continuidade e uniformidade, baseados em ideais duradouros que constituirão uma identidade final. A alienação, que é própria desta fase, é a confusão de identidade vivida pelo jovem.

As identificações infantis com aspectos parciais de pessoas com as quais a criança tem afeto são subordinadas a uma nova e singular gestalt, uma nova totalidade coesa, que é diferente da soma das partes. A formação da identidade inicia-se com o fim da utilidade das identificações e com a absorção dessas identificações numa nova configuração.

A crise normal da adolescência configura-se por um grande acesso de energia que faz reviver ansiedades e desperta conflitos antigos, ao mesmo tempo em que impulsiona a exploração lúdica e fantasiosa de novas oportunidades e associações. O processo de formação da identidade é uma configuração em evolução, gradualmente estabelecida por sínteses e ressínteses do ego durante a infância.

A adolescência é vivida com um sentimento de perda de identidade, por ser um período em que o corpo muda radicalmente, a sexualidade inunda o corpo, a intimidade com o outro sexo se aproxima. O jovem é colocado diante de um grande número de possibilidades e opções conflitantes. Neste período da vida há, de acordo com Erikson (1976), uma concessão social de uma moratória psicossocial, um compasso de espera para os compromissos adultos, durante o qual o jovem pode experimentar papéis até que descubra o seu lugar na sociedade e possa assumir os compromissos da fase adulta.

O processo adolescente está concluído quando as identificações da infância estão subordinadas a uma nova identificação coesa que não se caracteriza pela natureza lúdica da infância, nem pela atmosfera experimental da puberdade. Essa nova configuração leva o indivíduo a opções e decisões por compromissos mais permanentes. O jovem deve, também, consolidar as importantes realizações do mundo adulto.

Quando há um dilema sobre a identidade ou uma confusão de papel, junto com uma grande desesperança, podem ocorrer episódios de delinquência. Erikson (1976) acredita que parte da delinquência juvenil, especialmente em sua forma organizada, pode ser entendida como uma forma de moratória psicossocial. Entretanto, o jovem pode se sentir profundamente engajado e só mais tarde perceber que aquilo que ele levou a sério era apenas um período de transição. De qualquer forma, essa experiência é muito intensa, pois o contato com qualquer imagem de identidade significa entrar em contato com fortes emoções e correr o risco do processo não ter regresso. Neste caso, a moratória fracassa, pois o indivíduo é definido muito cedo e as circunstâncias o comprometem.

As condições de marginalidade econômica, ética e religiosa dão pouca base para o desenvolvimento de identidades positivas, prevalecendo as identidades grupais negativas na juventude das grandes cidades. A identidade grupal negativa é encontrada em grupos fechados, como turmas de bairro, clubes de viciados e quadrilhas criminosas (ERIKSON, 1976).

Frankel (2005) também descreve a atração da psique adolescente por experiências intensas de rompimento, que conduzem a busca por um modo autêntico de empregar algo de individual no mundo.

Há estados psíquicos próprios da adolescência, algo que nasce ou desperta neste período da vida e que não é gerado na infância. Por isso, é importante, segundo Frankel (2005), compreender as constelações arquetípicas da adolescência e atentar para as especificidades desta fase, sem contar apenas com as lentes da infância ou da idade adulta. Além disso, é preciso incluir a concepção de self, enquanto força orientadora da personalidade, o que confere novos significados aos comportamentos dos jovens e à compreensão de sua luta pelo desenvolvimento da identidade.

As confusões e as crises, as imagens de iniciação e as imagens de morte e renascimento são partes do processo de individuação que flui na adolescência. Esse espírito que toma forma na adolescência é faminto de experiências e busca por estados de ser extremos, expressando a luta que é viver com questões que envolvem os extremos das polaridades.

Desta forma, os adultos que se relacionam com adolescentes devem ser capazes de suportar paradoxos essenciais para que não assumam a missão de curar o jovem da sua própria adolescência. Os adultos, diante de estados polarizados de ser, experimentam sentimento de tumulto, caos e perda, e ao suportar essa condição, deixam disponível a possibilidade do jovem encontrar sua própria configuração de ordem e integração a partir dessas contradições.

Nesse momento de transformação, a família precisa de boa capacidade emocional para suportar desorganizações (FARIA, 2003). A elaboração da vivência conflituosa da adolescência ocorre em melhores condições se houver um bom “vaso familiar” (BYINGTON, 1988, p.77), que pode conter e abrigar todos os conteúdos emergentes desse processo.

O adolescente vive a tensão de opostos em diversos aspectos, um deles é a tensão entre a infância e a idade adulta. O jovem não é mais criança e ainda não é um adulto, configurando uma condição de tornar-se, de vir a ser, que significa que algo ainda não está formado. De acordo com Frankel (2005), culturalmente não lidamos bem com esses estados ainda não formados e, sem habilidade para tolerar esta condição borderline, tratamos os

jovens como crianças ou os forçamos a assumir responsabilidades adultas, e muitas vezes erradicamos o mistério do vir a ser.

Frankel (2005) retoma a concepção simbólica de incesto de Jung (1989), mostrando a luta entre, de um lado, o movimento em direção ao mundo, a idade adulta e a conquista da liberdade e, de outro lado, uma força regressiva de volta ao que é conhecido. Essa regressão a estados infantis pode ser explicada pela psicologia analítica com o modelo de regressão e progressão da libido, que ocorre na adolescência, segundo Frankel (2005). Quando o ambiente externo cria a necessidade de um novo modo de interação com o mundo, e quando uma atitude habitual não é mais adaptativa, a energia psíquica regride, ativa conteúdos inconscientes na forma de símbolos e imagens, que sugerem uma nova direção para responder às novas demandas de adaptação. Na adolescência, há esse movimento da energia psíquica, pois os padrões infantis de relacionamento deixam de ser válidos e algo mais passa a ser necessário.

A regressão da libido pode deixar transparecer, para quem observa de fora, que o jovem está imóvel e paralisado. Isso caracteriza uma nova tensão de opostos vivida pelo adolescente, que parece repleto de energia e vitalidade em alguns momentos, e adormecido e aprisionado por dentro em outros momentos, quando assiste horas de televisão, dorme muito ou tranca-se no quarto o dia todo. O adolescente sente-se fraco e passivo diante do mundo em alguns períodos, e cheio de movimento e vida em outros.

Conforme o desenvolvimento prossegue, ocorre uma modificação da dinâmica familiar, que altera o sentimento de garantia e segurança do jovem. O adolescente é atirado para si mesmo e experimenta a condição de estar sozinho. Oscila, mais uma vez, entre um sentimento de absoluta separação, isolamento, exclusão, e o sentimento de conexão total e mistura com o grupo de pares, devido a um grande desejo de pertencimento.

Não observamos, segundo Frankel (2005), muitos contingentes culturais para desenvolver a capacidade de estar sozinho, e isso pode contribuir para essa força que impulsiona o jovem em direção ao grupo. O desejo de pertencer a um grupo pode ser desesperador e provocar um sentimento de fragmentação no adolescente, que muitas vezes tenta participar de um grupo que não combina com ele. Está descrito no capítulo anterior, a importância de participar de grupos em uma situação de vivência de rua (BEDOIAN, 2007; RIGATTO, 2007; SILVA, 2008; SANTANA et.al., 2005; LIMA, 2005; MEDEIROS et.al., 2001), nos estudos das gangues (GUIMARÃES e CAMPOS, 2007), e no envolvimento com o tráfico de drogas (BROIDE, 2006; FONSECA, 2009).

Uma das grandes dificuldades de jovens que lutam para se afastar das drogas é a ameaça de perder o grupo de pares. Com o interrompimento do uso se dá a impossibilidade de manter os velhos amigos, o que provoca grande sentimento de isolamento e solidão. Essa é uma condição que deve ser levada em consideração, porque o que move o jovem é,

muitas vezes, o desejo de pertencer ao grupo, mais do que o desejo pela substância da droga (FRANKEL, 2005).

O vínculo de amizade é muito importante nessa fase e é baseado na capacidade de se abrir, sem reservas, ao outro. Há grande prontidão de dividir sentimentos muito profundos, segundo Frankel (2005). A familiaridade e a proximidade são transferidas dos pais para o grupo de pares ou para o primeiro amor quando ele acontece. Quando se apaixonam, os jovens vivem uma intensa vida emocional, de corpo e alma, mas quando ocorre uma traição, vivem imensa tristeza e dor, sentem-se enganados e rejeitados, e essa experiência deixa marcas para a idade adulta. Na adolescência, o aprendizado de proteger-se é necessário. A saúde psicológica da adolescência é denunciada pela habilidade de se recuperar da traição e continuar envolvido com os movimentos da vida (FRANKEL, 2005).

O jovem vive, então, entre episódios de mistura total e de isolamento. E o isolamento também pode ter um valor positivo de proteção. A luta por consolidar uma identidade envolve a busca de uma maneira de se relacionar com os outros de modo protegido e, para isso, o isolamento é necessário.

Erikson (1976) também discute essa relação do jovem com o grupo. Para ele, os jovens ajudam-se, neste momento de grande conflito, formando turmas e estereotipando-se a si próprios e aos seus ideais. Superidentificando-se com heróis e ideias ao ponto de quase perder a individualidade. Até a paixão adolescente não constitui inteiramente uma questão sexual, ao contrário, o amor jovem é uma tentativa de alcançar uma definição de identidade própria pela projeção de uma imagem de si mesmo numa outra pessoa.

Os sentimentos de integração e conexão profunda são alternados com sentimentos de desintegração e fragmentação, segundo Frankel (2005). Os sentimentos de desintegração ocorrem, por exemplo, com as mudanças corporais: os meninos passam a falar em um tom mais grave e desconhecido, os contornos do corpo se tornam diferentes, ocorre o desenvolvimento dos quadris e dos seios nas meninas, e a menstruação, enquanto sangramento e esfoliação do corpo, como evento estranho e profundo. Os sentimentos de desintegração ocorrem, também, devido aos impulsos sexuais que parecem tomar conta do corpo, e nos episódios de depressão que ocorrem na adolescência, como crises de choro, exílio, e sentimentos de solidão e de tristeza.

De acordo com Frankel (2005), há na adolescência experiências de morte, perdas, desintegração, impotência, ao mesmo tempo em que existe a necessidade profunda de experiências inéditas que tragam vitalidade e afirmação. Isso pode estar por trás de comportamentos autodestrutivos como o uso abusivo de drogas, e também por trás da necessidade sedutora de ter uma arma e participar do crime.

Essas questões de separação/conexão e fragmentação/integração, descritas por Frankel (2005) como fatores presentes na adolescência, bem como imagens de morte e

perda, têm profunda relação com os rituais de iniciação que serão abordados mais adiante neste trabalho.

Outra questão da adolescência é a tensão entre o poder e a impotência. De acordo com Faria (2003), as características de herói que estavam projetadas nos pais são retiradas e reintrojadas no jovem, dando-lhes sentimentos de grandiosidade e poder. Esta condição de inflação egoica impulsiona o jovem na sua busca de identidade e de novas referências, revestindo-o de poder transformador. Mas o adolescente, neste momento, também corre o risco de não avaliar corretamente suas reais possibilidades e limites. A inflação do ego também pode trazer sentimentos negativos, e o jovem percebe-se como desajeitado, feio, incapaz, deprimido. Portanto, até que possa encontrar um novo equilíbrio, o adolescente transitará entre a onipotência e a impotência.

O poder e a vitalidade, de acordo com Frankel (2005), estão relacionados com as novas dimensões das experiências corporais, com o envolvimento com novas ideias e com o processo de aquisição de novos conhecimentos, que são aspectos importantes na constituição de uma identidade adulta. Entretanto, o medo de não alcançar novos modos de ser e sentimentos de impotência e falta de recursos também rondam a psique adolescente. Um dos exemplos em que essa dinâmica está presente é na emergência da sexualidade, fato essencial da adolescência, já destacado por Byington (1988), Fordham (1994), Erikson (1976).

O despertar da sexualidade traz sentimentos de medo e insegurança sobre o bom funcionamento do corpo e sobre a possibilidade de se sentir competente e integrado ao explorar a sexualidade com alguém. Segundo Frankel (2005), a adolescência é a transição de uma existência não sexual para uma existência sexual, anunciando a aquisição de um novo poder do mundo adulto. Emerge do corpo e conecta o jovem com um núcleo de significado do self, sendo uma transformação com dimensões simbólicas e arquetípicas também. A expressão do amor físico toca as raízes da identidade, e a proximidade e a intimidade com o outro transforma a personalidade em desenvolvimento.

Há na adolescência um desejo de transcendência que é expresso pela emergência da sexualidade e também pela ânsia idealística que marca essa idade. A imaginação também é muito importante nesta fase da vida, porque permite conexão com as próprias possibilidades de atuação no mundo e é alimentada pela música, pelos filmes, pela literatura, que atraem a atenção do jovem.

As ânsias idealísticas se expressam, também, na busca por um modelo a seguir ou por um mentor, que podem ser esportistas, artistas, atores, músicos, ou alguém conhecido. A escolha de um modelo a seguir não está sempre baseada em critérios visíveis, mas pode estar fundada em conexões e aspectos escondidos. Caso o modelo inspire o jovem de

forma moralmente positiva, pode influenciar a não usar drogas ou a não se envolver com o crime, por exemplo.

Devido a esse aspecto idealístico da adolescência, a psicoterapia de jovens deve envolver troca de ideias. Discutir sobre ideias significa também trabalhar as emoções de maneira segura. Falar sobre as ideias envolve um trabalho com o comportamento e, à medida que as ideias se desenvolvem, o comportamento muda. Ao desenvolverem novas maneiras de pensar sobre o mundo, os jovens descobrem novos modos de ser no mundo.

Com essa nova configuração de personalidade que se anuncia, terá de fazer importantes escolhas no mundo adulto, decisões cada vez mais duradouras. Neste contexto, Molineiro (2007) apresenta uma interessante discussão sobre a vocação a partir da perspectiva da Psicologia Analítica e sua abordagem na clínica de adolescentes. Importa-se especialmente com a fase da adolescência, por ser um momento em que primeiro se apresenta a questão da escolha vocacional. Para Erikson (1976), a escolha de uma profissão, por exemplo, está além da questão de remuneração e status, trata-se de uma questão de identidade.

Ao final deste capítulo, cumpre ressaltar a importância da fase da adolescência, período em que se estabelecem as configurações psíquicas sobre as quais transcorrerá a maturidade, próxima etapa da vida do jovem. A tarefa de constituição de uma identidade coerente e uma persona que a expresse ocorre em interação com o cenário em que os jovens estão inseridos, por isso a importância de avaliar o formato de cada mistura.

Nesta fase especial do desenvolvimento há grande acesso de energia psíquica (FRANKEL, 2005; ERIKSON, 1976), responsável por impulsionar o desenvolvimento adiante. Está configurada a intensidade do período e a crise normal (FRANKEL, 2005; ERIKSON, 1976; FORDHAM, 1994) enfrentada pelo jovem. Crise entendida como um período que clama por transformações fundamentais em direção à passagem e à iniciação para a vida adulta.

## 6 TRANSIÇÃO, RITUAIS DE INICIAÇÃO E O ARQUÉTIPO DO HERÓI

e lá, onde tínhamos encontrar algo abominável encontraremos um Deus.  
 E lá, onde esperávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos.  
 Onde imaginávamos viajar para longe, iremos ao centro  
 da nossa própria existência  
 Campbell, 1990, p.131.

Dentre todas as características da adolescência, a mais comentada parece ser o fato de ela ser uma fase de transformações e de transição da infância para a idade adulta, com todas as implicações que isso carrega. Momentos de transição são períodos de limiar psicológico, nos quais o senso de identidade parece suspenso e flutuante. É um momento de grande vulnerabilidade pessoal, mudanças e alternância de ganhos e perdas de autoconfiança (STEIN, 1990).

Em momentos de passagem e de mudanças fundamentais da condição existencial, os rituais adquirem grande importância. Eles contêm e regulam as transformações energéticas, individuais e coletivas, que acompanham o desenvolvimento humano nestes períodos (ZOJA, 1992; FRANKEL, 2005). Os rituais auxiliam o indivíduo, fornecendo símbolos que auxiliam o espírito humano a elevar-se em sua trajetória, demarcando a passagem de uma etapa para a seguinte, habilitando o indivíduo para a sua próxima fase (LIMA FILHO, 2002). “O indivíduo morre para as circunstâncias anteriores e nasce para a nova fase” (LIMA FILHO, 2002, p.210). Ao final do processo, o iniciante está transformado e pronto para seguir adiante (FRANKEL, 2005). Quando a passagem de uma etapa do desenvolvimento para a outra não acontece de maneira demarcada e consciente, a pessoa corre o risco de não estar preparada para o que viverá na próxima fase (LIMA FILHO, 2002).

O ritual é um conjunto de práticas que se realiza sempre da mesma maneira, em ocasiões específicas, e que carrega forte crença na eficácia das ações que o compõem (LIMA FILHO, 2002). São atividades simbólicas, regidas por um mito, que as impregnam de conteúdo sagrado (LIMA FILHO, 2002; FRANKEL, 2005; CAMPBELL, 1990). Os mitos fornecem instruções fundamentais para os momentos cruciais da vida humana (CAMPBELL, 1990) e, nas palavras de Campbell (1990, p.157) “os mitos o apanham lá no fundo de você mesmo”.

Os rituais auxiliam na estruturação da consciência,

demarcam a passagem entre uma fase do desenvolvimento e a seguinte; preparam e capacitam a pessoa para assimilar demandas, incumbências, habilidades e responsabilidades distintas daquela que caracterizavam sua vida até então; fortalecem o Eu e a personalidade que precisam se despedir de modalidades antigas de comportamento e conduta; explicitam o sentido da nova etapa da vida através de um comportamento exemplar;

preparam o espírito da pessoa para os embates e confrontos que ela deverá encarar; oficializam a permissão para o acesso da pessoa a novas e mais evoluídas instâncias de seu ambiente cultural; presentificam o senso de pertencer ao grupo comunitário e as suas instâncias hierárquicas e evolutivas gradativamente superiores; evidenciam o sentido social e espiritual da inserção do indivíduo na coletividade a que pertence (LIMA FILHO, 1997, p.138).

Em sociedades tradicionais havia rituais de iniciação que auxiliavam os jovens na sua passagem para a fase adulta. Esses rituais tinham uma base mitológica que conduzia à eliminação do ego infantil e à emergência de um adulto. Essa passagem é muito importante, porque na adolescência o ego se dá conta de que não possui o comando total da vida e mal sabe manipular o novo sistema de exigências que lhe é apresentado (CAMPBELL, 1990). Nessas circunstâncias, a necessidade de ritual de iniciação era satisfeita com ritos fornecidos pela comunidade.

Campbell (1990), Oliveira (2007) e Zoja (1992) destacam que, ao contrário do que acontecia nas sociedades antigas, a sociedade ocidental atual não fornece as instruções fundamentais adequadas para a passagem por esses momentos de transformação e não há rituais previstos para acompanhar esta transição. Lima Filho (2002) acredita que não há, na verdade, os mentores disponíveis para desempenhar a função de iniciadores, como ocorria nas sociedades tradicionais. De qualquer forma, segundo esse autor, há o desígnio arquetípico para reconstituí-los.

Embora a prática literal dos ritos tenha desaparecido da cultura contemporânea, a exigência iniciática sobrevive, é arquetípica, e leva a psique a buscar novas alternativas. O ritual, então, continua propondo-se, mesmo em termos ocultos ou inconscientes (ZOJA, 1992; FRANKEL, 2005; OLIVEIRA, 2007; LIMA FILHO, 2002). Há uma necessidade emocional que procura ser satisfeita através dos rituais, e todos os jovens, de todas as gerações se propõem à satisfação desta necessidade, com ou sem rituais fornecidos pela comunidade (FRANKEL, 2005). A iniciação é, portanto, uma necessidade arquetípica, que tem o sentido de vinculação com o self (LIMA FILHO, 2002); e o homem moderno, assim como o homem das sociedades mais antigas, é profundamente afetado por imagens iniciáticas (FRANKEL, 2005).

As atividades simbólicas dos rituais auxiliam na estruturação da consciência e, por isso, na ausência de ritos de iniciação fornecidos pela comunidade, a psique tende a significar algumas vivências como se fossem rituais de passagem. Apesar destas experiências receberem este valor, frequentemente são abstraídas de um fundamento mítico que lhe preencha de significado (LIMA FILHO, 2002).

Muitos costumes que são parte de rituais de iniciação em sociedades muito antigas surgem, de forma espontânea, como formas de comportamento entre jovens da sociedade atual, e são, frequentemente, legitimizadas pelo grupo de pares (FRANKEL, 2005).

Há um padrão arquetípico dos rituais de iniciação, que envolve a morte iniciática e o renascimento iniciático, e as cerimônias de iniciação são concebidas com uma experiência de morte, seguida de símbolos de renascimento. Esse padrão arquetípico fundamenta as transições essenciais da vida humana, inclusive a passagem de uma posição de imaturidade psicológica infantil para a maturidade e responsabilidade da idade adulta (ZOJA, 1992; CAMPBELL, 1990; FRANKEL, 2005). Há na adolescência, portanto, uma necessidade psíquica de morte metafórica e de renascimento iniciático (FRANKEL, 2005).

Frankel (2005) destaca a questão do suicídio na adolescência, que tem sido um grande responsável por índices de mortalidade de jovens atualmente. Relata que o impulso para o suicídio pode ser entendido como uma urgência de transformação, como se uma parte do indivíduo precisasse morrer pela necessidade de uma nova vida. Enquanto as sociedades tradicionais reconheciam a necessidade psíquica dos adolescentes e promoviam uma experiência ritualizada de morte e renascimento, o adolescente moderno pode ser atraído por fantasias de suicídio como uma maneira de expressão da necessidade de transformação radical, fazendo do desejo autêntico do self um ato literal de tirar a vida.

Os sentimentos de separação, vividos pelo adolescente na perda da antiga relação com os pais e na ausência de privilégio e proteção infantis, também são comuns nos rituais de iniciação. O iniciante vive a separação real da família e, muitas vezes, o isolamento da comunidade. Frankel (2005) reflete sobre a possível presença de uma necessidade psíquica de separação e iniciação em episódios em que os jovens saem da casa dos pais. Sair de casa exige uma grande reorientação psicológica, mesmo quando as relações familiares são marcadas por abuso ou negligência. A habilidade para suportar perdas da família, da infância, da inocência em relação ao mundo é uma grande tarefa da adolescência, que é maximizada quando os jovens vivem sob condições de abuso e abandono.

O sentimento de desintegração e fragmentação vivido na adolescência, já discutido anteriormente, está presente também em alguns rituais de iniciação pela mutilação. A função da ferida iniciática é conduzir o indivíduo de um estado de ignorância psicológica para um estado psicológico mais esclarecido. A intensa dor promove um relacionamento diferente com o corpo, conscientiza o jovem de sua corporeidade e de sua conexão com o mundo natural. Há um intenso sofrimento com a mutilação e com a perda da vitalidade, mas no estágio final da cerimônia, o iniciante é revitalizado e retorna para a comunidade com uma nova configuração de personalidade (FRANKEL, 2005).

Algumas das cerimônias de iniciação tradicionais preveem a escuta de histórias sagradas sobre o passado da tribo, e isso possibilita o estabelecimento de um contato do

indivíduo com o passado ancestral da sua comunidade. Ensinam o valor e o propósito da vida no contexto grupal e estabelecem a relação do jovem com a sociedade e com o universo (FRANKEL, 2005).

De acordo com Frankel (2005), Zoja (1992) e Oliveira (2007), podemos entender algumas experiências radicais da adolescência, como o uso de drogas, a fuga de casa, a automutilação e até tentativas autodestrutivas de suicídio, como formas de passagem para a vida adulta através de caminhos perigosos.

As drogas estão presentes nos ritos de iniciação desde tempos antigos e têm como objetivo aproximar o mundo da consciência do inconsciente. O encontro com a droga é comparado com o encontro com um mundo novo e com uma vida nova, e os jovens buscam, por eles mesmos, experiências que alteram a percepção e permitem transformação (ZOJA, 1992). A droga oferece o contato com algo não familiar e promove a alteração da percepção do mundo, dando ao jovem a impressão de que podem encontrar, através de uma espécie de mágica, uma nova maneira de ver o mundo e a si mesmo. Desta forma, sentem-se capazes de descartar uma identidade antiga para assumir outra (FRANKEL, 2005).

Segundo Zoja (1992), a busca contemporânea pela droga pode ser entendida como um processo arquetípico de busca por iniciação, porém essa tentativa é falha por falta de consciência do processo. O contato com a substância é impulsionado por uma necessidade de transcendência e está fundamentado numa dinâmica entre morte e vida.

De acordo com Zoja (1992), a morte e o renascimento são partes do ritual de iniciação. Primeiro o iniciado vive a experiência de morte iniciática, que fortalece e prepara o indivíduo para a renovação, que acontece a seguir. A experiência de renascimento iniciático é tão poderosa que precisa desta preparação e de espaço interno que sirva de recipiente para ela. O viciado em drogas frequentemente não possui esse espaço interior, que é criado pela experiência de morte iniciática, porque o contato com a substância promove a experiência de renovação e transcendência sem que tenha ultrapassado a etapa da morte iniciática. Por isso o jovem fracassa no processo de iniciação. O ego é devorado pelo efeito da substância psicoativa, mas também pelas emoções intensas e primitivas que são envolvidas no ritual e que são comparadas ao que a substância proporciona. De acordo com Frankel (2005), os jovens anseiam por algo que está além da sua existência e não percebem que é a substância que lhe dá essa experiência.

Além disso, segundo Frankel (2005), é possível que se estabeleça uma necessidade de repetição da experiência, porque há um desejo inconsciente de ser transformado, seja pelo uso de drogas e álcool, por atos de violência ou pelo sexo indiscriminado. Todas essas experiências podem ser entendidas como tentativas falhas de iniciação. De acordo com o autor, há uma diferença fundamental entre os rituais realizados nas sociedades tradicionais

e as tentativas de autoiniciação dos jovens atuais, que é a presença de um mestre. Alguém mais velho e experiente que, nas sociedades tradicionais, supervisionava o ritual, garantia a segurança e estava pronto para dar continência às energias poderosas que estão presentes no processo do ritual. Uma iniciação que ocorre no vácuo e sem segurança pode causar uma ânsia por um tipo de entrega e transformação que não ocorre naquela atividade.

Os processos de renovação e transformação contam com a ativação do arquétipo do herói, que auxilia na superação de obstáculos do processo de desenvolvimento. A ativação desse arquétipo é especialmente experimentado na adolescência, por ser uma fase de grandes transformações, em meio às quais o jovem enfrenta a tarefa de inserir-se no mundo de modo próprio (OLIVEIRA, 2007, MARQUES, 2009, ZOJA, 1992, MOLINEIRO, 2007). O arquétipo do herói está relacionado com o movimento da consciência e, segundo Byington (1988), é o grande mediador entre o Ego e o Arquétipo Central.

De acordo com Molineiro (2007), o ideal heroico era aspirado por todos na Grécia, e era dos mais altos ideais da conduta humana. O caminho do herói o reaproximava dos deuses. Segundo Zoja (1992), o esforço egoico de sair da escuridão e seguir o desenvolvimento é expresso mitologicamente pela luta do herói contra os inimigos e dragões. É, portanto, na adolescência que ocorre a identificação com figuras de herói e a necessidade de experiências heroicas em direção ao próprio desenvolvimento.

A jornada do herói é formada pelas etapas da partida, iniciação e retorno. A etapa da partida envolve um chamado para a jornada, momento em que o herói se retira do mundo cotidiano em direção ao desconhecido, a uma descida às trevas. Durante a trajetória, o herói enfrenta desafios, é transformado, e retorna ao meio ao qual faz parte, com a possibilidade de modificá-lo.

De acordo com Campbell (1990), quando o herói abandona a família e percebe-se diante de um grande desafio, ele experimenta o tema da morte-ressurreição. A personalidade consciente perde o controle diante do contato com uma carga de energia inconsciente, e passa por uma série de provações e revelações, a partir das quais é possível emergir em direção a uma nova vida. A jornada exige um sacrifício, de onde nasce o novo.

Oliveira (2007) analisa a trajetória heroica de Buffy, a caça vampiros, apresentando, assim, um processo de desenvolvimento da infância à idade adulta. Buffy viveu sete desafios que se tornaram gradativamente mais difíceis e exigiram respostas cada vez mais complexas e transformações intensas. Durante esse caminho, e em resposta aos desafios que enfrentou, implicou-se na formação da persona, na retirada das projeções e na integração da sombra e do animus, que são tarefas do processo de individuação. Esse caminho se encerra com a transformação do meio em que vivia.

Marques (2009) apresenta reflexões sobre os modelos de identidade em crianças e adolescentes de baixo nível socioeconômico através de modelos heroicos descritos por

eles. Ressalta que o desenvolvimento humano ocorre a partir do relacionamento com necessários modelos referenciais e a partir dos quais as crianças e jovens têm seu desenvolvimento psíquico e realizam ações no mundo. Observou a utilização dos poderes heroicos para benefício do outro, o que demonstrou que a generosidade é uma possibilidade arquetípica que favorece o relacionamento entre os indivíduos, facilitando a adaptação social. Este potencial arquetípico pode ser observado na metáfora do herói, que retorna de sua aventura trazendo algo para compartilhar. No entanto, a situação de violência e exclusão social, às quais, muitas vezes, ficam expostas crianças e adolescentes, pode torná-los vulneráveis à vivência do anti-heroísmo, que é uma forma desvirtuada da vivência do herói, que leva o indivíduo a agir de maneira predatória e lesiva no ambiente social. De acordo com o autor, “o mesmo heroísmo que pode se perder, ceder às forças de sua natureza sombria, bater, matar, conquistar e impor-se, pode também salvar, partilhar, amar.” (MARQUES, 2009, p.120). Por isso, valoriza a possibilidade de vivenciar a energia transformadora da constelação do arquétipo do herói atrelada à ação curativa e germinativa do “arquétipo da generosidade” (MARQUES, 2009, p.121).

Zoja (1992) também reflete sobre a possibilidade de vivência negativa do arquétipo do herói, que acontece, por exemplo, no consumo de drogas. Acredita que quando esse impulso arquetípico não encontra possibilidade de expressão criativa, ele tende a humanizar-se de forma mais irracional e primitiva. Une-se à sombra e pode impulsionar vivências destrutivas e inconscientes, e experiência de iniciação negativa, que destroem a personalidade anterior sem inaugurar uma nova condição.

Campbell (1990) destaca a relevância da jornada heroica para a vida contemporânea, e aponta a importância da pessoa seguir a sua própria aventura, sem a qual a vida passa a definhando completamente. É preciso, segundo o autor, dizer um sim convicto ao desafio da própria jornada, e a melhor maneira do indivíduo fazer isso é descobrir, dentro de si, onde está a vida, o que o faz profundamente feliz e manter-se vivo.

Diante do exposto no capítulo, é importante considerar as demandas arquetípicas que se impõem sobre o jovem, conduzindo-o a uma transformação e a uma passagem necessária para a próxima etapa da vida. A experiência desta potência arquetípica de iniciação ocorre em um momento de vulnerabilidade psíquica que caracteriza a adolescência, quando o jovem luta pela construção da identidade e da persona que o acompanharão na maturidade. Resta considerar como ocorre esta transição nas condições da rua e do tráfico de drogas, onde alguns jovens protagonizam essa demanda arquetípica.

## 7 A PERSONA E A SOMBRA

### 7.1 A persona

A constituição de uma identidade capaz de se relacionar com o mundo é central na individuação na adolescência. Portanto, a formação da persona tem grande importância neste período da vida e exige um grande investimento emocional.

O conceito de persona é muito importante no pensamento junguiano e percorre toda a obra de Jung, na qual aparece sob diferentes enfoques.

Em *Tipos psicológicos*, Jung (1991c) destacou a importância da persona para a adaptação do indivíduo ao mundo, descrevendo-a como uma estrutura psíquica que funcionaria como uma mediadora entre o ego e o ambiente. Esta característica adaptativa da persona é ressaltada com frequência por Jung e é bastante considerada por pensadores pós-junguianos.

A persona é entendida como a face externa da psique que estaria em contato com o mundo exterior. Ela está relacionada com o desempenho de papéis na sociedade e se torna a maneira pela qual a pessoa se apresenta ao mundo. É um complexo funcional que existe por razões adaptativas, e não é idêntico à individualidade (JUNG, 1991c).

As pessoas não se comportam da mesma maneira nos diferentes ambientes que frequentam; cada situação externa coloca sobre o indivíduo algumas expectativas, e ele responde a isso de alguma maneira. A construção de uma persona adequada protege o sujeito e permite que ele esteja adaptado a cada ambiente. De acordo com Stein (1998), é possível que, num esforço de adaptação, o indivíduo transfira a persona de um contexto para outra situação muito diferente e isso pode causar grandes problemas, pois até que a pessoa perceba que este é um ambiente distinto, fica presa em antigos e habituais comportamentos, reagindo ao novo ambiente como se fosse o antigo.

Segundo Stein (1998), ao formarmos a nossa persona, nos adaptamos àquilo que percebemos que os outros são e querem de nós e, portanto, as projeções do indivíduo sobre os objetos também estão incluídas na persona que ele desenvolve. Estas projeções têm origem nos complexos, como nos complexos parentais, por exemplo, evidenciando os efeitos dos primeiros anos da infância e da adolescência nas personas adultas.

O bom entrosamento entre o ego e a persona facilita a apropriação deste papel social e auxilia no bom funcionamento da persona para a adequação social. Entretanto, nem sempre o relacionamento entre o ego e a persona é fácil. Geralmente o ego deseja individuar-se, separar-se, conquistar autonomia e independência, ao passo que outra parte do ego, na qual a persona se enraíza, interessa-se pelo relacionamento com o outro,

movimentando-se na direção da adaptação ao mundo (STEIN, 1998). Isso pode gerar ansiedade.

A consolidação da persona exige, também, um acordo entre o ego e a sociedade, pois sua formação depende tanto das demandas sociais como das aspirações e objetivos do indivíduo. Essa estrutura deve ajudar a evidenciar e também a esconder aspectos da personalidade, permitindo uma amplitude suficiente para expressar aspectos socialmente apropriados e, ao mesmo tempo, ser autêntico. Segundo Hopcke (1995), o público e o privado se encontram na estrutura da persona.

A característica adaptativa da persona coloca essa estrutura psíquica em oposição à estrutura da sombra. Jung (2002) ressalta que, no desenvolvimento da personalidade, os aspectos socialmente melhor adaptados são eleitos para compor a persona, enquanto os aspectos rejeitados, que não contribuem para a adaptação social, são enviados para a sombra, sobre a qual falaremos mais adiante. Alguns aspectos são escolhidos como bons e outros são desprezados e escondidos. Normalmente observamos nas descrições sobre esses processos que o indivíduo reprime o mal porque quer ser bom. No entanto, essa questão de bem e mal é bastante polêmica e será brevemente considerada a seguir.

Apesar de Jung frequentemente contrapor persona e sombra, a persona também é relacionada por ele com outra estrutura psíquica, a anima. Assim como há um relacionamento com objetos do mundo externo, também existe um relacionamento com objetos internos, uma atitude interna. A personalidade inclui o modo como alguém se comporta em relação aos processos psíquicos internos e o caráter que apresenta ao inconsciente (JUNG, 1991c). A anima, segundo Jung (1991c, par.759), comporta-se, como princípio geral, complementarmente ao caráter externo e “costuma possuir todas aquelas qualidades humanas comuns que faltam à atitude consciente”.

Em *O Eu e o Inconsciente*, Jung (2002) destacou o aspecto coletivo da persona, compreendendo-a como um papel através do qual falaria a psique coletiva. Esse papel, como foi explicitado, seria assumido a partir de um compromisso entre indivíduo e sociedade. No entanto, Jung (2002) reconheceu que a persona não seria formada apenas por expectativas externas e sociais, sua natureza não seria apenas coletiva, e ressaltou a possibilidade da persona refletir algo de essencial e individual da pessoa. Aponta, portanto, o aspecto da individualidade desta estrutura psíquica.

A persona não seria apenas a expressão de uma individualidade fingida, de uma falsa personalidade, que deveria ser removida para se obter a cura psíquica do indivíduo. De acordo com Jung (2002), há algo de individual na escolha e na expressão da persona, e a verdadeira personalidade está ali refletida. Segundo Hopcke (1995, p.14), a individualidade está denunciada na maneira como “essa máscara coletiva se molda sobre a personalidade essencial do indivíduo, que Jung chamou de alma”. Mais do que esconder a

identidade do indivíduo, de acordo com Frankel (2005), o bom funcionamento da persona tem o potencial de ampliar a voz própria da pessoa.

O Homem sempre construirá modelos culturais que norteiam o exercício de determinados papéis sociais, e isto serve como guia, pontua Faria (2003). Mesmo quando o homem segue modelos, estão ali elementos de sua individualidade; nenhum homem é uma máscara ou um modelo. “A identidade funde sua origem no social, mas também em sua alma, em seu Si Mesmo” (FARIA, 2003, p.85).

A consideração sobre a expressão de uma falsa personalidade seria mais adequada na ocasião de um desequilíbrio no relacionamento entre o ego e a persona, como, por exemplo, nos casos de identificação com a persona, ou quebra da persona (HOPCKE, 1995).

A imagem da máscara e da pele servem como metáforas para a persona. A pele, comparável à persona, protege o ser humano, não esconde o seu verdadeiro ser interno e é um dos órgãos mais necessários do corpo (HOPCKE, 1995). Freitas (1995) expõe qualidades importantes das máscaras ao longo da história como instrumento de proteção, de metamorfose, de representação, de comunicação. Paralelamente à persona, ressalta que as máscaras não apenas escondem a face de quem as usa, mas também o revela. As máscaras definem as características dos personagens e podem também se propor a aterrorizar, assustar, afugentar, denunciando a relação entre quem as usa e o que se representa através dela. A construção de uma máscara depende da escolha do indivíduo na ocasião de sua interação com a sociedade. Apesar do senso comum acreditar que ao retirar a máscara, a pessoa se torna aquilo que realmente é, o seu uso tradicional mostra que a construção e a utilização da máscara já cumprem esta função (FREITAS, 1995).

A máscara, portanto, assim como a persona, é expressiva e reveladora da individualidade e acompanha seu desenvolvimento. Por isso, a persona é coadjuvante do processo de individuação; veicula o que está pronto para ser comunicado e deve fazer isso de forma articulada com a totalidade psíquica.

A persona se modifica muitas vezes ao longo do processo de desenvolvimento, a partir das percepções do ego das mudanças ocorridas no ambiente. A persona, portanto, possui grande capacidade de transformação e pode ter caráter bastante flexível se o ego apresentar-se disposto a modificar antigos padrões. Ao contrário da persona, o núcleo arquetípico do ego, que é a manifestação do self, não se modifica desta forma, segundo Stein (1998). Épocas de grandes transformações, por exemplo, acontecem na adolescência, na meia idade e na velhice, quando o ego pode notar importantes mudanças no ambiente e na sua maneira de interagir com ele. Um desenvolvimento saudável conta com a adaptação do ego a novos cenários, por meio de alterações apropriadas no conceito de si mesmo e na apresentação que faz de si próprio através da persona.

Hudson (1978) sugere que o desenvolvimento inicial da persona é decorrente da relação entre a mãe e o bebê. A persona do bebê começa a se formar a partir da demonstração da mãe de bons comportamentos por meio de recompensas e rejeições. A criança, ao mesmo tempo em que reprime uma série de conteúdos e forma a sombra, modela a sua persona para minimizar os conflitos e as frustrações na relação mãe-bebê e para maximizar as gratificações envolvidas nessas relações.

Segundo Stein (1998), desde pequenas as crianças imitam as outras crianças e também os pais. As meninas com frequência simulam as atividades que a mãe realiza e vestem suas roupas, e os garotos imitam os irmãos mais velhos e os pais. Isso demonstraria que o sexo é um dos aspectos pelos quais somos classificados e estas características são absorvidas pela persona. Stein (1998) ressalta, também, a particularidade da formação da persona no período da adolescência, na qual ocorrem fortes impulsos internos e, ao mesmo tempo, grande pressão do grupo de pares no sentido da conformidade, intensificando o conflito inerente à relação entre o ego e a sociedade. A intensa relação do adolescente com o grupo de pares parece uma identificação primitiva, mas o ajuda a se separar dos pais e o impulsiona no sentido da maturidade. Algumas vezes parece que o jovem está mergulhado em seu mundo subjetivo e desatento ao mundo objetivo; em outros momentos, parece muito atento aos valores e expectativas da família e do mundo social.

De acordo com Frankel (2005), a fluidez da identidade é um fenômeno genuíno na adolescência, porque ela ainda não está totalmente integrada. É um momento em que muitos aspectos do self emergem. O teste de diferentes personas no mundo é um reflexo dessa erupção de aspectos e da busca pela elaboração de uma identidade e uma persona que seja coerente com ela. Nesta luta, a formação da persona é bastante evidente através da grande atenção que os jovens investem na maneira como falam, no jeito como se vestem, nas pessoas com as quais andam junto. O tema da formação da persona também está denunciado no forte sentimento de exposição vivido pelo adolescente, como se todos pudessem ver seus aspectos mais íntimos e particulares, sem nenhuma proteção.

Zoja (1992) reitera que a tentativa adolescente de elaborar uma identidade que lhe promova vivência psicológica de se reconhecer como idêntico a si mesmo, e também a elaboração de um papel social que seja correspondente externo dessa identidade, significa uma busca por unir-se à sociedade e participar dela.

A formação da persona durante a adolescência está relacionada com o autoconhecimento do jovem e tem uma grande importância na formação da personalidade individual para a idade adulta. Quanto mais os adolescentes explorarem a construção da identidade e o ensaio de suas personas, mais flexível será a persona assumida posteriormente. Diante disto, Freitas (1995) destaca a importância da pessoa perceber sua

multiplicidade e individualidade para desenvolver personas criativas e adequadas aos momentos da individuação.

Muitas vezes os adolescentes se identificam com uma figura coletiva. Mesmo que superficialmente pareça que ele está apenas imitando a individualidade de outra pessoa, a semente da sua individualidade está contida nessa figura ou na fantasia que o jovem tem a respeito dela (FRANKEL, 2005).

Scandiucci (2005), ao buscar uma compreensão sobre o contexto sociocultural da cultura hip hop de São Paulo, mostra que esta cultura e os laços fraternais estabelecidos pelos manos da periferia ligados ao hip hop abrem a possibilidade de constituição de uma persona que leva em consideração a etnia, a origem e a história desse povo, ressaltando as qualidades do que é periférico. Nasce do movimento hip hop uma nova persona grupal, que fornece referências positivas fora da malandragem. Quando o hip hopper se torna uma figura valorizada pelo jovem, ele apresenta uma forma de viver distante do tráfico de drogas, do crime e da tentativa de embranquecer. Ele fornece uma referência que, muitas vezes, tira o jovem da marginalidade. Por isso muitos hip hopppers manifestaram preocupação com o crescimento do movimento gangstarap no Brasil, que resalta a violência nas periferias e o poder dos traficantes. Ao fazer apologia à criminalidade e à violência, oferece oportunidade ao jovem de se vincular a uma persona grupal ligada àquele que impõe respeito pela violência e pelo medo, uma persona impositiva que, talvez, não promova a ampliação da consciência. Muitos jovens assumem uma persona influenciados pelo contexto grupal e encontram dificuldades de desenvolver-se verdadeiramente porque a persona possui características restritas.

No desenvolvimento da personalidade pode ocorrer de a voz interior se tornar tão imprecisa e inconsciente que se confunde com a voz do grupo, e a pessoa, sem conseguir distinguir-se da voz do coletivo, dilui-se no grupo. A voz interior é substituída pela voz do grupo social, e o indivíduo passa a responder pela necessidade da coletividade. Ainda neste estado é possível receber um chamado da voz individual e discriminá-la dos outros (JUNG, 2006).

Segundo Zoja (1992), neste momento de passagem e de carência de estruturas psíquicas como algo bem definido, o jovem pode optar por adquirir uma identidade e um papel social bem precisos, porém primitivos, e nestas condições se ligar, por exemplo, ao mundo das drogas.

Um desenvolvimento psicológico adequado pressupõe bom relacionamento entre persona e ego, permitindo que a pessoa se reconheça como indivíduo, tenha consciência de si separada das exigências externas e desenvolva capacidade de julgamento não necessariamente idêntica aos padrões coletivos, mesmo que atenta e ciente deles. A constituição saudável da persona depende, também, da boa integração entre ego e self

durante o processo. A persona disfuncional é aquela desligada do potencial criativo do self, que garante a integração e coesão do processo de individuação.

Ao compreender os mistérios da psique, sua dinâmica centralizadora, seu funcionamento autorregulador e suas estruturas de ordem e coesão, Jung formulou o conceito de self. A psique, então, se desenvolve em função de uma estrutura fundamental coordenadora, que é o centro magnético do universo psicológico, a unidade e totalidade, e que tem a tarefa de manter o sistema psíquico unido e equilibrado. Atua sobre o sistema psíquico por meio da função compensatória e da formação de símbolos de ordem e integridade, possibilitando a construção de uma configuração psíquica autêntica, que pode se desenvolver sem se perder narcisicamente investida em objetivos e questões puramente egoicos (STEIN, 1998).

O desenvolvimento da persona, portanto, nem sempre ocorre com tranquilidade, pois existem alguns perigos no relacionamento entre o ego, a persona e o self. Um deles é o ego não se atentar suficientemente ao mundo externo e seus objetivos e permanecer profundamente envolvido com o mundo interior. Neste caso, a pessoa está identificada com o mundo interno, dominada por impulsos, desejos e fantasias, dispensando pouca atenção aos outros. Nota-se a formação de um indivíduo socialmente inadequado que não consegue ou não se propõe a representar um papel social. Com frequência apresenta rebeldia desnecessária, autoproteção excessiva e sentimento de falta de segurança, de acordo com Whitmont (1991). Também pode ocorrer a quebra da persona quando a pessoa vive uma grande perda ou uma forte ruptura na vida, e tem a experiência de não saber mais quem é, nem como se comportar socialmente ou se apresentar ao mundo.

Há a possibilidade, também, da persona adquirir uma função autoprotetiva de forma defensiva, consolidada como uma estrutura impenetrável. O terapeuta deve respeitar o que a persona está comunicando e, conforme o relacionamento se desenvolve, observar o que há por baixo das defesas para alcançar o indivíduo.

Outro perigo na relação entre essas estruturas psíquicas é a superidentificação do ego com a persona. Isso acontece quando o ego preocupa-se intensamente em agradar o mundo social e adaptar-se a ele, e passa a acreditar que a imagem construída por ele para a interação social é tudo o que existe na sua personalidade. Sente-se idêntico à persona, que pode ser uma expressão verdadeira de sua personalidade, mas não é a totalidade daquele indivíduo (STEIN, 1998). O problema se apresenta quando a persona, que pode ser representada pelas roupas, substitui a pele e a pessoa adoece, propõe Whitmont (1991). É como se não houvesse mais separação entre o que o indivíduo é como totalidade e aquilo que ele representa na sociedade, o papel que exerce e o modo como se apresenta ao mundo.

De acordo com Whitmont (1991), a identificação com a persona interrompe o desenvolvimento da personalidade e estabelece a formação de um “pseudo-ego”. Isso ocorre porque a pessoa negligencia parte de sua individualidade genuína, por não reconhecer que este glorioso papel social é apenas uma parte de sua personalidade e não a sua totalidade. Stein (1998) concorda com Whitmont (1991) e afirma que aspectos importantes da personalidade ficam escondidos da consciência, e a pessoa se torna dependente da sua persona para sentir seus valores pessoais, sua identidade, e para notar afinidade com o grupo ao qual pertence.

Jung (1991c) ressalta, ainda, que as pessoas que estão muito identificadas com sua atitude externa já perderam, também, sua ligação consciente com os processos internos. Uma persona muito rígida expressa uma falta de contato interior. Esses indivíduos sofrerão as implicações e os efeitos desta relação distante com o mundo interno, mesmo sem a consciência dessa configuração. Segundo Jung (1991c, par.761),

a identidade com a persona determina automaticamente uma identidade inconsciente com a alma, pois quando o sujeito, o Eu, é indistinto da persona, não tem relação consciente com seus processos do inconsciente. [...] Quem é seu próprio papel externo também sucumbirá infalivelmente aos processos internos.

Como a persona e a anima são estruturas complementares, o trabalho com a anima pode ser um meio possível de cura da identificação com a persona. A conexão interna possibilita a expressão da individualidade, por meio de uma persona adequada e bem integrada com as outras estruturas psíquicas.

Nos casos de desequilíbrio psíquico, o inconsciente pode oferecer uma mensagem criativa pela emergência de símbolos, muitas vezes por meio de sonhos. Os símbolos trazem mensagens construídas pela totalidade psíquica e contribuem para a constituição de um novo equilíbrio psíquico.

Em consideração ao que foi relatado no capítulo, vale ressaltar a participação fundamental da persona na constituição da identidade do indivíduo, na sua adaptação social e na expressão de sua individualidade no mundo. A participação no coletivo se dá por meio da persona, que cumpre papel essencial no processo de individuação.

A construção dessa máscara envolve uma escolha, que mostra algo de individual na seleção de suas especificidades. A formulação da máscara denuncia, também, as pretensões do indivíduo ao se apresentar socialmente da maneira como se apresenta. Isso acontece porque a máscara possui um lado de fora e um lado de dentro, que está em contato com o corpo inteiro daquele que a utiliza. Um corpo pulsante, desejante, às vezes, angustiado. Cabe, ainda, refletir sobre o que expressam as máscaras adequadas à rua ou ao tráfico de drogas e considerar os possíveis custos psíquicos em sustentá-las.

## 7.2 A sombra

A sombra é uma estrutura da psique que comporta todos aqueles traços de personalidade que poderiam pertencer ao ego se tivessem sido integrados, mas que foram suprimidos por alguma desarmonia emocional. Esses aspectos são selecionados pelo processo de desenvolvimento do ego.

Aquilo que a consciência do ego aceita positivamente, se identifica e absorve em si mesmo torna-se parte integrante de si e da persona. Aquilo que a consciência do ego rejeita torna-se sombra. Lá estão aspectos desgostosos, momentos esquecidos, ou aspectos da personalidade que poderiam ser assumidos, mas não foram escolhidos ou foram trocados por outros. De um modo geral, os conteúdos sombrios possuem um caráter pouco recomendável ou imoral e representam posições contrárias às convenções sociais. Lá estão as características que a cultura desaprova e condena, e a dor de conviver com esses sentimentos. São qualidades que estão escondidas, encobertas, atrás de nós, que estão “na sombra”, e com as quais o ego não gosta de ter contato. O ego sente-se mais à vontade com a persona do que com a sombra.

Como a sombra é caracterizada por aspectos que são incompatíveis com o ego, a consciência e a persona, Stein (1998, p.98) postula que a sombra é “o lado inconsciente das operações intencionais, voluntárias e defensivas do ego. É, por assim dizer, a face posterior do ego”. A sombra ameaça a nossa autoimagem e a nossa paz interior.

Bly (1991) afirma que todas as pessoas possuem um saco atrás de si, onde colocam as coisas de que não gostam nelas mesmas. Para lá, também, foram as partes de que os pais não gostavam, depois as partes das quais os professores e outros adultos importantes na vida não gostavam. Na adolescência, muitas características foram arremessadas para o saco e, desta vez, eram as pessoas da mesma idade que pressionavam. Não há maneira de não preencher o saco, devido às pressões das referências coletivas.

Faria (2003) reitera que a formação da sombra acompanha o desenvolvimento do indivíduo e acentua-se depois da infância. A criança não aceita os aspectos que contrariam a moral familiar e coletiva, e “precisa construir um ego ideal, que não seja contaminado pela sombra e que lhe permita se ver de um modo mais positivo” (FARIA, 2003, p. 95).

De acordo com a Psicologia Simbólica Junguiana proposta por Byington (2008), a formação da sombra ocorre como uma decorrência da fixação da elaboração simbólica e, por isso, podemos identificar o funcionamento da sombra através dos mecanismos de defesa. Byington (2008) adota o conceito de função estruturante normal e defensiva. A função estruturante normal está relacionada à formação e ao funcionamento da consciência, e a função estruturante defensiva está relacionada à formação e ao funcionamento da sombra.

É comum encontrarmos estudos sobre a formação da sombra e da persona que citam exemplos de conteúdos que podem pertencer a uma ou a outra estrutura. Geralmente apresentam os conteúdos da sombra marcados pelo egoísmo, pela insensibilidade, obstinação, maldades; enquanto a persona é revelada como detentora de aspectos ligados à bondade, ao altruísmo, à sensibilidade. Essa caracterização envolve algumas complicações, pois esses aspectos são selecionados de acordo com as escolhas feitas pelo ego, carregam as influências das condições externas nas quais o indivíduo está inserido e a sua consideração sobre essas demandas sociais.

Alguns casos demonstram que o ego se identificou com qualidades culturalmente tidas como negativas e desprezou qualidades positivas, reprimindo-as. Nestes casos, segundo Whitmont (1991b), a pessoa é incapaz de integrar o seu potencial positivo, e a sombra recebe alguns aspectos positivos, que ainda assim assumem caráter indiscriminado. De acordo com Von Franz (1991b), as pessoas que vivem o seu lado sombrio, muitas vezes, sonham com figuras redentoras da humanidade, como Cristo, por exemplo.

A integração da sombra é parte do processo de individuação e se torna possível à medida que o ego reconhece a presença de aspectos escondidos da personalidade. No confronto com a sombra o ego pode negá-la, reprimi-la, projetá-la ou reconhecê-la, facilitando, assim, o seu relacionamento com esses conteúdos.

Durante o processo de individuação, muita energia é destinada, segundo Bly (1991), à tarefa de enviar aspectos para dentro do saco da sombra. Entretanto, o processo de desenvolvimento propõe que esses aspectos sejam retirados de lá. Essa tarefa é difícil, tem-se a impressão de que o saco está lacrado. Aquilo que vai para dentro do saco regride e assume um caráter primitivo, apresentando-se com hostilidade ao dono do saco, que frequentemente sente medo de seu conteúdo. Influenciado por esses aspectos, o ego tende a se comportar de maneira arcaica, entra em contato com emoções descontroladas e tem dificuldade em exercer sua capacidade de julgamento e autocrítica. No entanto, de acordo com Berry (1991), embora a sombra ameace o ego, em geral, ela não é realmente ameaçadora. A sombra geralmente contém valores que são necessários à consciência, apenas existem sob uma forma que torna difícil integrá-los.

De acordo com Von Franz (1991b), a relação que o ego estabelece com a sombra determina se ela será amiga ou inimiga do ego. Segundo a autora, é necessário se relacionar com a sombra da mesma forma que o fazemos com as pessoas, às vezes, cedendo, às vezes, resistindo, às vezes, amando, de acordo com a exigência da situação. Nas palavras de Von Franz (1991b, p.60), “a sombra só se torna hostil quando é ignorada ou mal compreendida”.

A dificuldade em lidar com a sombra é que preferimos continuar acreditando na nossa boa imagem, e não reconhecer as nossas deficiências. Portanto, o primeiro passo para estabelecer uma relação mais próxima com a sombra é levar em consideração sua existência e aceitá-la; apenas desta forma podemos perceber suas intenções e nos sentirmos menos ameaçados (JUNG, 1991b).

Byington (2008) postula a existência da função estruturante da depressão normal, que ajuda, através da tristeza, na elaboração das perdas, dos erros, das frustrações, e na elaboração das disfunções da elaboração simbólica. Sem confrontação da sombra não há elaboração simbólica ética e nem crescimento da personalidade.

A sombra, segundo Byington<sup>8</sup>, tem aspectos preciosos. Os conteúdos do arquétipo central, quando elaborados, formam consciência. Entretanto, ao serem fixados, por conta de defesas do ego, formam a sombra, e frequentemente entram em repetição. Portanto, há na sombra símbolos da individuação que foram fixados. Esses conteúdos merecem atenção e podem promover transformações.

O encontro com a sombra, segundo Berry (1991), provoca tensão por abalar a forma como vemos a vida, mas nos impulsiona a buscar novas perspectivas. Hillman (1991b) reitera que o encontro com a sombra coloca o ego diante da necessidade de assumir um novo modo de ser. É preciso que o ego reconheça a sombra e traga-a consigo, num esforço para conhecer e conviver com uma série de figuras desagradáveis e, ainda assim, amar todos esses traços como partes de si. De acordo com Whitmont (1991b), a sombra nos oferece uma primeira olhada para a parte inconsciente da nossa personalidade, ela é a porta para a nossa individualidade, para o encontro profundo com o self. De acordo com Stein (1998), se a pessoa rejeita e tenta ignorar a sombra, a vida permanece correta apesar de incompleta, mas ao abrir-se para o encontro com a sombra, a pessoa se mancha de imoralidade, porém alcança um maior grau de totalidade e complexidade. Grinberg (1997, p.147) aponta que “uma pessoa não se ilumina simplesmente imaginando figuras de luz, mas iluminando a escuridão. E, para isso, é necessário que façamos com a nossa sombra várias negociações, muitas vezes longas e difíceis”.

### **7.2.1 A sombra e o mal**

A questão polêmica do bem e do mal é sempre deflagrada quando há pretensão de refletir sobre os conceitos de persona e sombra e sobre os aspectos morais e éticos do processo de desenvolvimento humano.

---

<sup>8</sup> Comunicação oral nas palestras “Psicologia Simbólica Junguina”, proferidas na PUC-SP, em 2009.

Segundo Jung (1991b), não podemos pensar sobre a questão do bem e do mal como opostos absolutos. O reconhecimento do mal torna relativos o bem e o mal, colocando-os como metades de um todo paradoxal. Cristo, como representação do arquétipo do self, corresponde a apenas metade desse arquétipo, enquanto a outra metade se manifesta no Anticristo, como aspecto tenebroso do self (JUNG, 1986). A totalidade sofreu uma cisão, dando origem a um reino de luz e outro reino de trevas (JUNG, 1991b).

De acordo com Schmookler (1991b), a cisão interior humana promove a guerra entre o bem e o mal, e a moralidade adquire uma força de guerra, na qual os homens se identificam com uma parte de si e repudiam a outra. Segundo o autor, a bondade não deve ser reconhecida em função da vitória sobre o mal, mas na consideração de sua existência em si. Nas palavras de Schmookler (1991b, p.211), “a capacidade para o mal vive dentro de nós”.

No percurso de desenvolvimento o ego se depara com duas figuras arquetípicas, um aspecto superior do self e outro aspecto inferior do self, segundo Henderson (1990). A manifestação de um aspecto do self em sua forma superior conteria em si aspectos da sombra e, da mesma forma, ao deparar-se com aspectos sombrios, ali estariam contidos aspectos superiores do self. Neste sentido, a sombra não seria derivada do ego, mas sim do self, e é compreendida como o aspecto arcaico sombrio da personalidade supraordenada do self.

Segundo Byington<sup>9</sup>, o mal faz parte da vida também, assim como o bem. São considerações da perspectiva do ego, pois o aspecto do mal não é em si, algo bom nem mau, mas está sendo utilizado destrutivamente. O ego opera ora a serviço do bem, ora do mal. “Essa percepção do mal e da sombra postula que o indivíduo não seja nem bom nem mau, mas que o desenvolvimento individual ou coletivo assim o torna” (BYINGTON, 2008, p.120).

Com o pensamento de Santo Agostinho, o bem e o mal passaram a ser apresentados como consequência dos atos humanos, oferecendo uma importante discussão em torno da questão da liberdade e do livre-arbítrio. O mal não estava nas coisas, mas na consequência do mau uso que o homem fazia de seu livre-arbítrio. Toda vez que o homem se distanciava de Deus, o mal prevaleceria (TARNAS, 2001).

Pierrakos (1991b) concorda com estas observações sobre o mal. De acordo com esse autor, o mal é mais profundo do que concebem os códigos morais e existe apenas no domínio da manifestação humana, quando há resistência à vida. A vida é uma força pulsante que se manifesta de muitas maneiras, e quando há distorção dessa energia isso é a expressão do mal. O mal é antívida.

---

<sup>9</sup> Comunicação oral nas palestras “Psicologia Simbólica Junguiana”, proferidas na PUC-SP, em 2009.

A discussão sobre a sombra e o mal é válida no âmbito individual e coletivo. Byington (2008) formulou o conceito de sombra unificada, que seria a união das inúmeras dimensões que a sombra assume em diversos setores do self cultural: saúde, direito, educação, segurança, e outros. A partir desse conceito é possível reconhecer a presença do mal, identificá-lo e elaborá-lo enquanto sombra no processo de individuação e humanização.

Weisstub e Galili-Weisstub (2004) também se referem à sombra em um âmbito coletivo e acrescentam que a sombra da cultura pode aparecer na forma de um inimigo coletivo que ameaça e, ao mesmo tempo, evoca o guerreiro que possibilita a defesa e a afirmação do self. Nesse sentido, o reconhecimento da sombra cultural traz um conhecimento profundo da cultura e permite que o coletivo incorpore os aspectos sombrios da sua identidade e também os idealizados, o que provavelmente tornará este grupo mais desenvolvido e mais responsável socialmente.

De acordo com Jung (1991b), a sombra constitui um problema de ordem moral, que desafia os esforços da consciência e a personalidade do eu como totalidade. A consciência dos aspectos obscuros da personalidade é decisiva para a estabilidade da vida individual e coletiva.

Frey-Rohn (1991b) acredita que no encontro com o mal não é válido reprimi-lo e nem aliar-se a ele. Aliar-se ao mal significa sucumbir ao poder da sombra e atuá-la, enquanto negá-la seria anular a eficácia do mal, limitando o desenvolvimento do indivíduo e conectando o sujeito com a moralidade coletiva. O excesso de moralidade fortalece, segundo a autora, o mal interior. Essas duas posturas são unilaterais e promovem a dissociação do bem e do mal. Um dos caminhos diante desta questão seria a boa relação entre o ego e o inconsciente, pois a integridade da personalidade humana forma um todo harmonioso. Vale lembrar que a palavra diabo vem do latim diabolom, que significa aquele que separa, que desune, que foge à integração. Também não basta estar consciente do conflito moral, é preciso mantê-lo diante do ego sem assumir nenhuma postura unilateral, atentos aos símbolos que possivelmente emergirão em função do processo de desenvolvimento. Diante do símbolo há a possibilidade de transformação da totalidade do ser, incluindo sua personalidade consciente e seu adversário interior.

Jung (2000) alerta que agir com consciência não garante proteção contra o mal, pois mesmo assim ele não deixa de ser mal. O bem e o mal são partes da natureza humana e estão destinados a vir à tona, por isso uma decisão ética é entendida como uma criação subjetiva que depende de um bom autoconhecimento; o conhecimento mais absoluto possível da própria totalidade (JUNG, 1991b). Não basta apoiar as decisões pessoais nos códigos morais estabelecidos, pois a ética surge de uma consciência maior, que transcende os costumes e carrega um sentido profundo do bem e do mal.

Von Franz (1985) ressalta a existência de uma reação ética básica da psique humana e, para ilustrar essa questão, conta a história de um criminoso internacional que já havia matado mais ou menos dez pessoas a sangue frio e fora preso. Nesse momento, o Dr. Guggenbühl-Craig foi chamado para dar sua opinião psiquiátrica sobre o caso jurídico. Ele, então, decidiu colher os sonhos do assassino e contá-los a Dra. Von Franz e ao Dr. Riklin, sem contar-lhes toda a história. A Dra. Von Franz analisou os sonhos e o conflito ali explicitado e teve uma má impressão, “o inconsciente desse homem lhe dizia, com o mesmo sangue frio com que assassinava, que ele estava perdido” (VON FRANZ, 1985,p.153).

A reação moral do inconsciente não funciona sempre como uma personalidade que ensina o que é certo ou errado, com um senso ético que estabelece regras de comportamento. É uma disposição que reage, de alguma forma, à posição consciente do sonhador. Neste caso, o inconsciente reagiu à desumanidade do assassino. Em outros momentos, entretanto, o inconsciente se expõe de forma mais objetiva e direta à consciência. E para ilustrar essa possibilidade, Von Franz (1985) conta um caso de Jung em que um homem havia recebido uma oferta de um negócio fraudulento, que ele não havia percebido que era suspeito. Nesta noite sonhou que, ao assinar o papel, sua mão se tornava preta e suja. O homem, então, não aceitou a proposta de negócio, que mais tarde se revelou fraudulento, com a possibilidade de que ele tivesse sido preso.

Ao final desta exposição sobre a sombra e o mal, cumpre ressaltar que a complexidade inerente à natureza humana comporta tanto o mal quanto o bem.

O mal e o bem existem como partes da totalidade do self e apenas podemos observar a sua manifestação expressa na vida humana quando o ego compartilha com um ou com outro princípio. O desafio é lidar com esses opostos vivos numa perspectiva da alteridade, que significa colocar-se integralmente diante do conflito entre o bem e o mal e estabelecer uma atitude subjetiva. Diante desta tensão ocorre o desenvolvimento de uma consciência ética.

A capacidade de considerar os aspectos do mal inaugura uma consciência menos ingênua, mais amadurecida, que traz com ela a necessidade de assumir um novo modo de ser, mais complexo, e uma nova perspectiva diante da vida. Conduz ao desenvolvimento de uma percepção ética da vida.

O confronto com a sombra significa considerar em si, aspectos que contrariam a ilusão de uma boa autoimagem, livre de deficiências e dificuldades. A sombra ameaça a paz interior, coloca o ego diante de emoções descontroladas e atrapalha a sua capacidade crítica. Entretanto, o esforço em confrontar a sombra inaugura uma disposição em iluminar a escuridão, seguindo por um caminho que leva ao desenvolvimento de uma personalidade mais complexa.

Não é razoável definir as qualidades que caracterizam o mal ou a sombra, pois isso depende da configuração psíquica do indivíduo, da sua concepção de adaptação social, do seu conceito de boa imagem e das condições sociais do ambiente no qual está inserido. A ética surge de uma consciência que transcende os códigos morais pré-estabelecidos. No entanto, é possível entender o mal como manifestação destrutiva contra a vida e o desenvolvimento. A expressão de algo que caminha no sentido da “anti-vida” (PIERRAKOS, 1991b), que vai na contramão da potência de vida e não está a serviço dela.

## 8 OS SONHOS NA PSICOLOGIA ANALÍTICA

É emocionante observar árvores mutiladas por uma  
poda insensata lançando brotos  
de um galho decepado, numa, diríamos,  
desesperada luta pela vida  
Gambini, 2008, p.159.

Os sonhos sempre mobilizaram as emoções e a atenção dos Homens. Por um motivo ou por outro, a curiosidade humana se ocupou com seus conteúdos ao longo da história.

Muitas eram as maneiras de considerar os sonhos. Algumas vezes, tentavam extrair um sentido profético dos conteúdos oníricos, outras vezes, buscavam orientação para condutas individuais ou coletivas. Frequentemente notavam que os sonhos tinham relação com o mundo supra-humano, com o mundo dos mortos ou com o reino dos deuses. O sonho, de qualquer forma, provocava sensação de contato com algo numinoso, desconhecido, relevante e, muitas vezes, sagrado.

De acordo com Von Franz (1988), a maioria dos povos primitivos confiava nos sonhos, e um exemplo disso eram os senoi, que incentivavam as crianças, desde muito cedo, a contarem seus sonhos. Eles eram interpretados pela família ou pela tribo e, desta forma, orientavam a vida social e o comportamento do grupo.

Segundo Freitas (1995), os babilônios e os assírios acreditavam que muitas dificuldades eram provocadas pelos espíritos dos mortos através dos sonhos. Os egípcios acreditavam que os sonhos eram mensagens dos deuses. Os chineses acreditavam que os sonhos eram constituídos no encontro das almas dos falecidos com a alma espiritual de cada pessoa, que se separava do corpo adormecido para seguir a este encontro. Os gregos pensavam que a alma deixava o corpo humano para visitar os deuses. A autora lembra, também, a relevância dos sonhos nas escrituras sagradas. Na Bíblia os sonhos relatados eram relacionados à previsão e solução dos problemas. No Talmud os sonhos deveriam ser interpretados, pois possuíam efeito transformador. No Alcorão, há que Maomé interpretava os seus sonhos e os sonhos de seus discípulos, que revelaram muitos dos conteúdos do livro sagrado. Herdamos dos gregos e dos romanos antigos a ideia de que há uma conexão entre os conteúdos do sonho e a constituição da pessoa, entre o sonho e os distúrbios somáticos.

Segundo Jung (1991a), o sonho possui um significado intrínseco próprio e é constituído por uma atividade psíquica involuntária. Seus conteúdos possuem consciência suficiente para serem reproduzidos no estado de vigília, mas não é formado apenas por aspectos conscientes. De acordo com Jung (2007), ele é o modo do inconsciente se comunicar com a consciência.

A psique teria seu lado diurno, a consciência, e seu lado noturno, o inconsciente, e os sonhos seriam “mensagens vindas da metade noturna da vida” (JACOBI, 1957, p.113). São depoimentos da psique sobre ela mesma (JACOBI, 1957), cartas que o self escreve ao ego todas as noites (VON FRAZ, 1988).

Os sonhos expressam conteúdos inconscientes que foram reunidos e selecionados em função do estado atual da consciência, expressam um sentido e informam sobre a situação psíquica da pessoa (JUNG, 1991a). Tem-se a impressão de terem sido produzidos de forma muito especial, com um tema propositadamente selecionado para cada momento da vida (WHITMONT e PERERA, 1995), denunciando a presença de uma sabedoria superior à da consciência, uma perspicácia que orienta o ego (VON FRANZ, 1988).

É preciso observar os símbolos dos sonhos como expressão de algo que o consciente não conhece e relacioná-los com a configuração consciente do sonhador. Só a partir do conhecimento da situação consciente é que se tem pistas sobre o sentido do conteúdo inconsciente do símbolo (JUNG, 2007). Os sonhos não são isolados ou dissociados do cotidiano do sonhador, eles se referem à atitude da consciência, apesar de suas raízes estarem no inconsciente. Os sonhos revelam, desta forma, uma profunda ligação entre os estados internos e externos. Eles, muitas vezes, retratam uma situação interna que a consciência reluta em considerar (JUNG, 2007), revelam a causa de alguma angústia ou desarmonia, e também indicam o potencial de vida, apontando sempre aspectos que o ego não conhece (VON FRANZ, 1988). De acordo com Whitmont e Perera (1995), os sonhos mostram como o indivíduo está, onde errou, quais as possibilidades e os caminhos abertos, apontam uma direção, indicam um desenvolvimento provável, incentivam, advertem, chamam a atenção para algo que já aconteceu ou está próximo a acontecer, mas o ego não percebeu, e força o indivíduo a se questionar sobre situações internas ou externas para as quais não havia atentado, ou estava relutante ou inconsciente para considerar.

De acordo com Jung (1977), o homem civilizado despoja tanto as suas ideias da energia emocional que elas possuem, que se sente pouco tocado por elas. No entanto, a imagem do sonho tem energia psíquica suficiente para obrigar o sonhador a dar-lhe atenção.

A compreensão do sonho exige uma consideração cuidadosa que extrapola o esforço puramente racional, segundo Von Franz (1988). É preciso alcançar um significado que dê um estalo no sonhador. De acordo com Whitmont e Perera (1995), a pessoa deve primeiro sintonizar-se com o sentimento do sonho, penetrar no seu reino simbólico e, a partir disso, sentir e intuir seu sentido. O segundo passo seria voltar desse devaneio e buscar uma compreensão racional, integrando, assim, esses novos aspectos na configuração

psicológica atual. É necessária, portanto, uma combinação de sintonia artística, emocional, intuitiva e lógica racional.

Os sonhos são constituídos de símbolos. A palavra *simbolo* deriva da palavra grega *symbolon*, que une duas raízes: *sym*, que significa “junto” e *bolon*, que significa “aquilo que foi colocado”. Logo, *symbolon* seria “aquilo que foi colocado junto”. Além disso, é interessante notar que “símbolo” é o oposto de *diabolo*, de onde deriva “diabo”. *Diabolo* significa o que separa, enquanto símbolo é o que possibilita a união. Aquilo que traria a parte que falta do homem inteiro. Segundo Jung (1991c), é a melhor expressão daquilo que é pressentido, mas ainda não consciente.

A atividade da consciência é selecionadora e, ao assumir uma direção, exclui todo o resto, assumindo uma postura unilateral. Os conteúdos excluídos se tornam inconscientes e constituem um contrapeso à orientação consciente, segundo Jung (1991c). Quanto maior a unilateralidade da consciência maior a tensão exercida pelo contrapeso.

A tensão entre o consciente e o inconsciente os aproxima. Um elemento inconsciente recebe um acréscimo de energia e se aproxima da consciência. Nesta aproximação ocorre a função transcendente, responsável pela formação do símbolo. A luz da consciência incide sobre o conteúdo inconsciente, e da igual colaboração do consciente e do inconsciente, forma-se o símbolo, um novo elemento, repleto de significado. A função transcendente possui este nome porque promove a passagem de uma situação de conflito para uma nova possibilidade.

O símbolo é formado por conteúdos inconscientes, fundados em sua base arquetípica; e por conteúdos conscientes, que são diretamente apreendidos pelo ego. Ele funciona como mediador entre a consciência e o inconsciente, entre o revelado e o oculto. Em contato com o símbolo, o ego se aproxima dos conteúdos inconscientes, desconhecidos, e tem a chance de considerá-los. O ego pode reconhecê-lo e integrá-lo, negá-lo ou não compreendê-lo. Caso os conteúdos simbólicos sejam integrados à consciência, mediante a transformação de conteúdos inconscientes em conscientes, ocorre ampliação de consciência e o sistema psíquico é conduzido a um nível mais complexo de funcionamento, denunciando o caráter curativo e restaurador do símbolo (JACOBI, 1957).

Diante desta nova configuração psíquica, novos símbolos se manifestarão (WHITMONT e PERERA, 1995).

Caso o símbolo não seja considerado e seus conteúdos não sejam assimilados, estes elementos retornam ao inconsciente até que recebam outra roupagem para novamente emergir. Seus conteúdos se repetirão.

O símbolo, portanto, mantém a vida psíquica em constante fluxo, unindo os opostos, permitindo integração de conteúdos inconscientes à consciência, propondo transformações. É interessante que a consciência considere os símbolos que emergem porque eles contêm

aspectos importantes para o seu desenvolvimento. Eles foram selecionados pela totalidade psíquica e obedecem ao princípio da autorregulação, que busca a correção dos pontos cegos da consciência e o equilíbrio psíquico. Assim como o corpo, a psique pretende manter o equilíbrio da vida (JUNG, 2007), por isso os sonhos promovem um ajustamento psicológico (JUNG, 1991a).

O sonho mobiliza o sujeito para uma mudança de situação psíquica a partir de uma nova maneira de considerar a sua problemática (GAMBINI, 2008). São tentativas de transmitir à psique a compreensão de que ela precisa para atingir um novo equilíbrio. Eles complementam a consciência (JUNG, 2007). “Em prol da auto-regulação psíquica, cada inadaptação, unilateralidade, extravagância, bloqueio, desvio, ou desorientação da vida consciente é muitas vezes compensada nos sonhos” (JACOBI, 1957, p. 115). Apresentam novos pontos de vistas, mostram que algo em nós está propondo uma nova maneira de pensar ou de sentir (GAMBINI, 2008). Mostram onde está a nossa energia e para onde ela deseja seguir (VON FRANZ, 1988). Propõe uma confrontação, uma comparação.

No entanto, a compensação nem sempre é um contraste exagerado, pode ser uma complementação de fragmentos ausentes na atividade consciente (JUNG, 1991c). Os sonhos podem, ainda, exagerar a atitude consciente e enviar a sua mensagem a partir do princípio de que coisas semelhantes se curam com coisas semelhantes. Assim como o corpo reage a um ferimento, as funções psíquicas reagem às perturbações perigosas, entretanto, não há uma regra geral sobre a maneira como isso acontece, pois as possibilidades de composição são múltiplas.

Segundo Gambini (2008), não só o corpo como também todos os seres vivos se organizam de modo a tentar manter a vida. Autopreservar-se. Diante de qualquer ameaça há um impulso para a reorganização e readaptação e este salvamento vem muitas vezes através dos sonhos. Desta forma, destaca-se que todos os sonhos são mensagens úteis, por mais trivial e irrelevante que possa parecer (VON FRANZ 1988; WHITMONT e PERERA, 1995).

De acordo com Von Franz (1988), os sonhos são uma tentativa de religar o indivíduo ao centro mais profundo e estabilizar a personalidade. Eles auxiliam na descoberta dos padrões únicos da vida de cada sujeito. Ao estabelecer contato com a própria profundidade psíquica, o indivíduo sente que sua vida flui e que está vivo. A observação dos sonhos liga novamente o ser humano à fonte psíquica de onde brota o ritual, que ajuda na travessia por momentos de transição (VON FRANZ, 1988). Os sonhos podem ter uma expressão tão intensa que transmitem uma experiência imediata, como se o sonhador a tivesse vivido em estado de vigília. Pode ocorrer como uma vivência ritualística. De acordo com Jacobi (1957, p.170), “ela impregna a alma a partir de dentro, atuando nela, mesmo quando não é

acompanhada de um acontecimento externo, e muitas vezes até sem que o 'eu' tome uma posição consciente em relação a ela".

Segundo Jung (1991a), sonhos com imagens arquetípicas ocorrem em momentos cruciais da vida como na primeira infância, na puberdade, no meio da vida e na eminência da morte. São questões humanas gerais que buscam expressão na consciência do sonhador. Esses símbolos marcam o desenvolvimento psíquico como se fossem marcos em uma trilha (JACOBI, 1957). São comuns os sonhos com sombra, velho, criança e mãe (JACOBI, 1957), e sonhos em que emergem expressões do self como mandalas, círculos, criança divina salvadora, ou outra figura redentora como o velho sábio, como psicopompo ou alguma figura que guie a vida psíquica (VON FRANZ, 1988).

Os jovens vivem as transformações naturais de seu processo de desenvolvimento para a idade adulta. Independente da sua vivência individual, todos se ocupam com a adaptação ao mundo externo, com a realização amorosa e profissional e é comum que seus sonhos os auxiliem nesta adaptação à vida (VON FRANZ, 1988). Cada passagem para uma nova fase da vida ocorre pela morte da configuração psíquica anterior e o nascimento de uma nova, anunciando o tema da morte e do renascimento, que é bem comum nos sonhos dos jovens (JACOBI, 1957). Quando esses temas se anunciam nos sonhos, dão pistas de que o sonhador pode atravessar um momento de crise e transformação, segundo Jacobi (1957).

Os sonhos de morte geralmente se referem a uma morte simbólica inerente ao processo de desenvolvimento, advertem Whitmont e Perera (1995), e raramente devem ser compreendidos literalmente. Esses sonhos, muitas vezes, significam que a velha atitude do ego, a maneira como se apresenta naquele momento, deve morrer, desaparecer, para, assim, permitir a descoberta de uma nova configuração (VON FRANZ, 1988; WHITMONT e PERERA, 1995). De acordo com Von Franz (1988), se o ego onírico leva um tiro, ou é atingido por algo, talvez seja porque precise despertar com um choque, precise de uma mudança radical que não mantenha nada da velha atitude.

Os pesadelos, em geral, assustam o sonhador e são choques aplicados no ego quando este precisa despertar (VON FRANZ, 1988; WHITMONT e PERERA, 1995). "A intenção é nos sacudir e arrancar de uma sonolência inconsciente a respeito de alguma situação perigosa" (VON FRANZ, 1988, p.99). São mensagens urgentes do self sobre algo que está sendo ignorado, negado ou mal considerado (VON FRANZ, 1988; WHITMONT e PERERA, 1955). Outras vezes, segundo Von Franz (1988), os sonhos de morte podem dizer que a pessoa deveria encarar a possibilidade de que sua vida pode acabar e, assim, viver uma experiência de choque também. Outros tipos de pesadelos, segundo Whitmont e Perera (1995), repetem situações traumáticas, propondo ao sonhador que as enfrente e ajudando-o a se relacionar conscientemente com isso.

Na tentativa de compreender o sentido de um sonho, é importante ater-se fielmente à imagem onírica, segundo Jung (2007), uma vez que aquela foi a expressão selecionada para indicar o que deseja. É como compreender um texto muito desconhecido, diz o autor. Gambini (2008) trata da importância de deixar-se afetar pelo sonho, ao mesmo tempo em que é necessário manter um rigor metodológico.

Segundo Jung (1991a), é importante buscar o tema do sonho, para compreender o padrão arquetípico que está por trás desse tema. Além disso, é necessário atentar para os símbolos que compõem o sonho, para as figuras que estão ali presentes, enquanto traços personificados do sonhador, e para o padrão arquetípico que as sustentam (JUNG, 1991a).

Jung descreveu o método de amplificação para a compreensão dos sonhos. Significa alargar o tema do sonho através da junção de muitas versões análogas, de acordo com Von Franz (1981), enriquecendo os elementos do sonho com imagens semelhantes e motivos correspondentes presentes em mitos, contos de fadas, arte, literatura, completam Whitmont e Perera (1995). Desta forma, alcança-se o significado arquetípico daquele sonho.

Jung (1991a) propõe, também, uma reflexão sobre a estrutura do material onírico, e para examiná-lo compara o sonho a um drama. Primeiro deve-se identificar a fase da exposição, na qual há indicação do local do sonho, dos personagens que atuam ali e da situação inicial do sonho (JUNG, 1991a). Na exposição geralmente está descrito o tema onírico, segundo Whitmont e Perera (1955). Em seguida é importante identificar o problema do sonho, o conflito declarado. A próxima etapa é a peripécia, que são os altos e baixos da história, de acordo com Von Franz (1981), e quando ocorre um clímax. Este é o ponto alto do drama. A crise indica as possibilidades máximas, positivas ou negativas, inerentes ao desenvolvimento que o sonho está mostrando, explicam Whitmont e Perera (1995). E, por fim, ocorre a lysis, que é o resultado apresentado pelo sonho. É a solução inconsciente, segundo Von Franz (1988). A lysis indica as maneiras como a crise pode ser resolvida. De acordo com Whitmont e Perera (1995), pode indicar uma saída possível, uma meta das novas possibilidades ou uma catástrofe – que pode ser entendida como a impossibilidade de resolução favorável nesta situação da consciência do sonhador ou como uma tentativa de impressionar urgentemente a consciência do sonhador. A lysis aponta, também, algo possível de acontecer ou que está em vias de sê-lo.

Os sonhos podem ser abordados por um ponto de vista causal, observando os seus elementos como resultante de conteúdos psíquicos que o precederam; ou abordá-los do ponto de vista de sua finalidade, que apresenta um novo sentido e um novo alcance. É interessante que ele seja compreendido sob os dois pontos de vistas, buscando além dos motivos desses conteúdos e suas determinações, o sentido para onde ele está apontando, a sua finalidade (JUNG, 1991a). O ponto de vista causal tende à uniformidade do sentido dos símbolos, fixando seu significado. Ao contrário, o ponto de vista da finalidade percebe a

variação das imagens oníricas, nota a importância dessas expressões nelas mesmas e não busca significados fixos. A função prospectiva dos sonhos se apresenta como uma antecipação de atividades conscientes que surgem no inconsciente (JUNG, 1991a).

É importante constatar a especialidade dos primeiros sonhos apresentados pelo paciente num processo psicoterapêutico. Eles apresentam uma perspectiva para o processo que se inicia e oferecem, também, uma concepção dos conflitos apresentados pela pessoa sob nova ótica. Dão pistas das medidas a serem tomadas e contêm indícios prognósticos, diagnósticos e elementos que completam a apresentação que o paciente faz de si nos primeiros encontros, de acordo com Freitas (1987). Essas considerações se mostram relevantes para este estudo porque ele se debruça sobre sonhos relatados durante a primeira conversa com os participantes, trazendo, ainda assim, conteúdos preciosos para a compreensão da constituição psíquica destes jovens que se ambientam em condições de extrema vulnerabilidade.

Ao final deste capítulo cumpre ressaltar a relevância do sonho para o conhecimento sobre o universo interno do paciente sob o ponto de vista da totalidade psíquica e também a sua importância para o desenvolvimento da personalidade do sonhador.

O sonho deve ser observado à luz do que ocorre na consciência, pois trata-se de uma consideração da totalidade psíquica a respeito do que se vive cotidianamente. Ele apresenta ao sonhador conteúdos desconhecidos e importantes que complementam a posição da consciência. Entretanto, deve ser apreciado com cuidado, pois muitas são as formas de fazê-lo, já que não se pode contar com regras definidas de complementação.

A atenção dispensada sobre seus conteúdos numinosos permite inferir as considerações do mundo interno dos jovens a respeito de suas experiências na rua e no tráfico de drogas. Permite, ainda, refletir sobre os caminhos apresentados pela totalidade psíquica quando analisados sob a perspectiva da finalidade.

## 9 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONTEMPORANEIDADE

O modo como as pessoas se relacionam, pensam, entendem os acontecimentos internos e externos, tratam as questões globais, naturais, espirituais e cotidianas foi constituído através das épocas atravessadas pela humanidade. A história da humanidade mostra a transformação das maneiras de compreender o mundo, os outros e a si próprio.

A transição da Modernidade para o momento atual trouxe profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana. Vários autores esforçam-se para esclarecer como se deu esta transição e o que ela significa, apresentando reflexões sobre as especificidades do momento contemporâneo. Neste capítulo serão apresentados alguns desses autores, destacando pontos relevantes sem pretender um retrato completo da complexidade do momento. Vivemos um período chamado de pós-modernidade por Bauman (1998; 2001), de modernidade tardia por Giddens (2001), de hipermodernidade por Lipovetsky (2004).

Uma breve consideração sobre a contemporaneidade cede o contexto para a compreensão do fenómeno da adolescência e da adolescência em situação de vulnerabilidade social na perspectiva da pós-modernidade.

O mundo moderno, que antecedeu o momento atual, valorizava a certeza e a segurança, as tradições, o poder da razão e do pensamento intelectual, das normas, do discernimento, da distinção, da comparação, dos avanços e das conquistas (TARNAS, 2001). Tratava-se de um mundo dividido, no qual os assuntos espirituais, religiosos, simbólicos, subjetivos estavam de um lado, enquanto de outro lado estava a objetividade, a ciência e a razão, juntas em busca de verdades absolutas. Segundo Penna (2003), a ciência moderna assimilou o positivismo e o racionalismo, enquanto as influências românticas, religiosas e os aspectos subjetivos foram se enquadrando no mundo das artes.

Uma nova era se anuncia com a física de Einstein em oposição à física clássica newtoniana, com o avanço da informática, com a era virtual. Este novo paradigma traz mudança na concepção de tempo e espaço, aceleração da comunicação, pluralidade de fatores, ambiguidade. Apresenta uma riqueza de possibilidades, admite a complexidade, a diversidade, a flexibilidade de pontos de vista, com acento ainda maior na individualidade e na autonomia do homem. Tudo isso em oposição ao paradigma da ciência moderna, fundado na causalidade, objetividade, previsibilidade, estabilidade, ordem, razão, leis universais.

De acordo com Lipovetsky (2004), a noção de pós-modernidade surgiu para anunciar uma mudança de direção, uma profunda reorganização do funcionamento social e cultural da sociedade. A palavra *pós* traz essa ideia de substituição de um modelo por outro. Entretanto, segundo o autor, este momento pós-moderno transitório, que marcou a saída do mundo da tradição, foi breve. A ruptura da pós-modernidade cedeu lugar para a cultura do

mais rápido e do sempre mais, e ocorreu a passagem da era do pós para a era do hiper, inaugurando o período da hipermodernidade.

Giddens (2001) prefere nomear o momento atual de modernidade tardia, marcada por uma ordem pós-tradicional que assiste a um alto grau de erosão dos hábitos e costumes tradicionais, responsável por mudanças radicais da vida social cotidiana. De acordo com o autor, observamos a reorganização do tempo e do espaço, e a presença de mecanismos de descontextualização. Vivemos um mundo interconectado, globalizado, que desenvolve laços mundiais. Neste contexto de conexões sociais em âmbito muito largo se dão as mudanças nos aspectos íntimos da vida pessoal, que pedem intensas reorganizações psíquicas. Estes momentos eram ritualizados nas culturas tradicionais através de ritos de passagem, que hoje não ocorrem.

A qualidade mutável da modernidade tardia lhe fornece uma característica de momento de crise, no qual as atividades parecem subitamente inadequadas e precisam ser recriadas, um momento de transformações. A perda de pontos de referência ancoradores e a necessidade de construção de sistemas de referências internos provocam inquietação emocional e formam um clima de incerteza geral que é perturbador para o indivíduo (GIDDENS, 2001).

Na modernidade tardia, a tradição perde a influência e a atividade reflexiva se torna fundamental para a escolha de estilos de vida e para a constituição da autoidentidade. A identidade torna-se algo criado e sustentado rotineiramente, pois não é mais algo fornecido por sistemas pré-estabelecidos (GIDDENS, 2001). A necessidade de fazer escolhas gera incerteza e ansiedade, pois trata-se de adotar uma atitude diante de inúmeras possibilidades disponíveis, positivas e negativas. Além disso, o ambiente de alta mutabilidade e de grande diversidade não se mostra propício para avaliação clara dos riscos que garanta segurança da adoção de uma atitude. Neste panorama, o indivíduo sente-se ora incapaz, sem autonomia, esmagado e dominado por forças externas, ora onipotente, manipulador do mundo, vivendo num estado de fantasia de domínio (GIDDENS, 2001).

Bauman (2001) também destaca a insegurança, a falta de garantias e a incerteza como características do momento atual. De acordo com o autor, a pós-modernidade não conta com grupos de referências predeterminados como na modernidade, e os padrões e configurações que antes eram evidentes agora são muitos e contrastantes.

Ressalta a natureza fluida do momento presente, nomeando-o, não apenas como pós-modernidade, mas também como Modernidade Líquida. Os líquidos, segundo o autor, diferente dos sólidos, que possuem suas dimensões claras, não mantêm a forma. “Eles fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, pingam” (BAUMAN, 2001, p.8). Utiliza esta metáfora para ressaltar a qualidade inconstante e móvel da contemporaneidade.

De acordo com Bauman (1998), todas as sociedades produzem estranhos e elas os fazem à sua própria maneira. Os estranhos são aqueles que não se encaixam na estrutura moral, cognitiva e estética estabelecida por esta sociedade, que deixam turvo e confuso o que deveria ser transparente e coerente. Trazem incerteza. Na era moderna, os estranhos eram aqueles que abalavam a organização, a certeza e a clareza, que deveriam ser absolutas. Manter a ordem significava excluir e expulsar os estranhos e os diferentes, ou torná-los semelhantes. Atualmente observamos a convivência com o estranho e o diferente, e o mundo pós-moderno vive sob uma condição permanente de incerteza “a respeito da futura configuração do mundo, a maneira correta de viver nele e os critérios pelos quais julgar os acertos e os erros da maneira de viver” (BAUMAN, 1998, p.32). O mundo se apresenta indeterminado e maleável, onde tudo pode acontecer, nada pode ser conhecido com segurança e qualquer coisa pode ser conhecida novamente de outro modo. Há “diluição entre o normal e o anormal, o esperável e o inesperado, o comum e o bizarro, o domesticado e o selvagem” (1998, p.37). Nada parece sólido e estável, e a questão de livrar-se de estranhos se transformou em como conviver com a alteridade permanente e cotidiana.

A pluralidade da sociedade amplia os horizontes e as oportunidades da humanidade. Neste panorama, o indivíduo deve buscar unidade e autoidentificação através do confronto, debate, negociação e compromisso entre valores, referências e escolhas, e não mais pela supressão das diferenças (BAUMAN, 2001). É preciso adotar uma atitude, mesmo ciente de que há muitas crenças igualmente convincentes disponíveis. A falta de estruturas constantes e consistentes sobre as quais apoiar os projetos de vida individuais exige trabalho de autoconstrução individual, e o peso e a responsabilidade pelas escolhas e pelo fracasso caem sobre os indivíduos (BAUMAN, 1998; 2001). O indivíduo vive o dilema da escolha. Há maior liberdade de escolha e maior oferta de alternativas, mas isso não acontece sem ansiedade, pois mesmo depois de decidir por alguma coisa, ainda assim não se pode colocar a “consciência para descansar” (BAUMAN, 1998, p.249). Como bem ressalta o autor, é preciso lembrar que felicidade não é ausência de inquietações (BAUMAN, 1998).

A liberdade é exaltada como o valor supremo da atualidade e acompanha a velocidade das mudanças econômicas, culturais, tecnológicas e cotidianas da contemporaneidade (BAUMAN, 1998). Entretanto, a valorização da liberdade trouxe, também, menos segurança individual (BAUMAN, 1998; 2001).

A construção da identidade sofre grandes abalos, pois a imagem de si mesmo se constrói pela coleção de instantâneos, como uma série de começos, ao invés de ser construída gradualmente. A identidade se acomoda sobre a especificidade de uma época em que é mais adaptável esquecer do que memorizar, num mundo em que coisas e

peças se aproximam e se distanciam sem compromisso de permanência (BAUMAN, 1998). Os compromissos de “até que a morte nos separe” parecem dar lugar a compromissos “enquanto durar a satisfação” (BAUMAN, 2001), pois qualquer compromisso denso está em desacordo com a mobilidade e inconstância da Modernidade Líquida (BAUMAN, 2001). Os laços humanos estão cada vez mais flexíveis, e podem ser tecidos ou destruídos com muita facilidade, o que também gera insegurança (BAUMAN, 2004).

A satisfação instantânea parece uma boa estratégia quando não há segurança de permanência de vínculos a longo prazo. Os relacionamentos, quando entendidos como fonte de prazer imediato, não sustentam o sacrifício e o esforço para mantê-los, denunciando a fragilidade dos vínculos humanos. Tudo parece substituível e instável, e ao primeiro sinal de dificuldade há possibilidade de buscar uma nova fonte de prazer, mais aperfeiçoada (BAUMAN, 2001).

Entretanto, Lipovetsky (2004) ressalta que o indivíduo hipermoderno é afetivo e relacional e, mesmo diante das especificidades do momento contemporâneo, não aboliu a sensibilidade do outro, as paixões e aspirações de uma vida equilibrada e sentimental.

De acordo com este autor, o momento atual pode ser definido pela cultura do mais rápido e do sempre mais, e também pelo caráter paradoxal do momento, no qual coabitam muitas tendências. A hipermodernidade apresenta uma escalada aos extremos em todas as esferas da vida. Como bem expressa Lipovetsky (2004), vivemos o enorme inchaço das atividades nas finanças e nas Bolsas de valores, aumento do volume de capital em circulação, excesso de consumo, profusão de mercadorias, tecnologias, mundo internético de milhões de sites, bilhões de páginas, turismo em massa, megalópoles superpovoadas, milhões de câmeras para lutar contra a criminalidade e o terrorismo, o sempre mais. Até os comportamentos humanos entram na escalada do extremo: frenesi consumista, doping, esportes radicais, assassinatos em série, bulimias e anorexias, obesidades, compulsões, vícios.

Quando o passado não é mais obstáculo, observa-se a era da hipermodernidade que não intenciona mais a destruição do passado, mas a sua reintegração e reformulação dentro das lógicas modernas. Vivemos a redescoberta do passado na busca do retrô, do vintage, as empresas divulgam sua história, lançam produtos de cunho saudosista, receitas à moda antiga, apelam para o valor emotivo mnêmico. A hipermodernidade, no entanto, é regida pelo presente, e traz a reciclagem e a retradução de todos os eixos da temporalidade com fins econômicos, emocionais e identitários; como bem exemplifica Lipovetsky (2004), as pessoas reformam os móveis antigos, conferindo-lhes o conforto moderno. A sociedade hipermoderna vive um presente paradoxal que redescobre o passado. De acordo com o autor, no fim dos anos 60 e nos anos 70, o presente canalizou os sonhos e paixões, impondo um *carpe diem* contestador e consumista, despreocupado com o futuro. A partir

dos anos 80 e 90, a sociedade descobriu novo presentismo, acentuando a sensação de imediatez e simultaneidade e desvalorizando as formas de espera e lentidão, numa lógica urgentista. O presente é efêmero e vivido com insegurança. Vive-se mais exigência a curto prazo, agir sem demora, competição, prioridade do urgente ao invés do importante, imediatez ao invés da reflexão, valorização do acessório e não do essencial. O reinado da urgência, da pressa e da eficiência, e um desejo grande de renovação do eu e do presente. O futuro se tornou incerto e inseguro, e o *carpe diem* deu lugar à inquietação diante do futuro incerto.

Em contrapartida, esse autor ressalta a presença da valorização do duradouro. Ainda que as uniões pareçam frágeis, há permanência da instituição do matrimônio e o desejo de ter filhos, que pede investimento emocional de longo prazo. “A sociedade hipermoderna dá nova vida à exigência e permanência como contrapeso ao reinado do efêmero, tão causador de ansiedade” (LIPOVETSKY, 2004, p.74).

Lipovetsky (2004) concorda com Bauman (1998; 2001) e Giddens (2001) ao descrever o universo incerto e caótico da hipermodernidade. Destaca que os indivíduos estão mais fluidos e independentes socialmente, porém há desestabilização do eu ao invés de afirmação de um indivíduo senhor de si. Conforme as normas coletivas deixam de reger o indivíduo e quanto mais desejam viver intensa e livremente, maiores são os sinais de *panes* psíquicas, indivíduos desestabilizados e de sentimentos de peso de viver. Pode-se entender a redescoberta do passado como uma necessidade de manter continuidade entre passado e presente, explicitando as raízes. Cresce a necessidade de unidade, de sentido, de segurança, de identidade comunitária, de reconhecimento.

Muitos autores (LIPOVETSKY, 2004; JACOBI, 1957; FRANKEL, 2005; BAUMAN, 1998; BAUMAN, 2001) ressaltam a falta de sentido na vida contemporânea e a necessidade de aprofundamento nas raízes emocionais. De acordo com Jacobi (1957), é importante voltar-se aos símbolos que são apresentados de várias formas, inclusive nos sonhos, pois ali se oferece um mistério fundamental a ser considerado.

Neste cenário se desenvolve a adolescência atual. A interação das especificidades desta etapa da vida com a singularidade do momento histórico-cultural produz uma combinação que merece cuidadosa consideração.

Molineiro (2007) ressalta que os adolescentes respondem muito bem às demandas contemporâneas de busca pelo novo e pela rapidez, têm facilidade na convivência com a virtualidade e rapidamente assimilam linguagens eletrônicas. Além disso, vivem a vontade adolescente de conquistar o mundo e a ansiedade de imprimir nele a sua marca e fazer escolhas, o que se mostra em sintonia com as tendências contemporâneas.

De acordo com Cunha (2008), o relacionamento entre a mudança biopsicossocial do jovem e uma sociedade em transformação pode conduzir ao desequilíbrio. Essa autora

revela um duplo mal estar do jovem atual, que se dá, de um lado, por ele não conseguir lidar com perdas, frustrações e dor, por não ter aprendido a fazê-lo; e de outro lado, por não receber do ambiente continência necessária, uma vez que a sociedade não está preparada para isso e seus cuidadores também não sabem lidar com este sofrimento.

O jovem é altamente influenciado pela atmosfera que o circunda, e busca no coletivo e nas referências externas bases nas quais se apoiar e sobre as quais basear o seu processo de transição e transformação pessoal. O jovem, em sua busca pela construção de uma identidade e de uma persona que a expresse, está, pelo menos parcialmente, fundado naquilo que recebe como referência dos modelos que encontra no mundo. Neste sentido, Levinsky (1998) chama atenção para os modelos oferecidos aos jovens neste paradigma contemporâneo. Segundo o autor,

Fala-se de amor e se faz guerra, e por meio da guerra, almeja-se a paz. Deseja-se liberdade, fala-se de confiança, mas usa-se da repressão, da violência, do suborno. Defende-se o sexo como expressão sublime do amor, e vende-se o corpo em anúncios de qualquer coisa que possa ser consumida. É neste mundo de contradições que o adolescente precisa aprender a viver, com as suas ansiedades e com as do próximo, esperançoso e desejoso de encontrar-se (LEVINSKY, 1998, p.33).

Frankel (2005) também alerta sobre a necessidade de considerarmos o retrato do mundo e os modelos de humanidade que oferecemos aos jovens. De acordo com esse autor, o jovem encontra uma multiplicidade de crenças e valores fornecidos pelos modelos ocidentais, os quais expressam a diversidade e riqueza desta cultura. Entretanto, isso pode deixar o adolescente vulnerável e susceptível aos sentimentos de fragmentação. Há, também, dúvidas quanto ao fornecimento de modelos que expressem o propósito da vida e os significados dos acontecimentos, algo que promova um sentimento de estar internamente preenchido, de estar vivo e não anestesiado.

Durante o processo de desenvolvimento o indivíduo se encontra entre as referências externas e as demandas do processo de individuação. De acordo com Jacobi (1957), encontra-se entre o inconsciente coletivo e o consciente coletivo, ameaçado de ser tragado por ambos se falhar na sua missão de mediador. Neste conflito, o indivíduo deve libertar sua verdadeira essência destas duas esferas, ao descobrir uma consciência individual capaz de discernir, de reconhecer suas limitações e de estabelecer relação viva e dialética entre ambas as instâncias psíquicas para, assim, conquistar a inteireza psíquica.

Diante do exposto no capítulo, é válido ressaltar que os jovens baseiam seu desenvolvimento nas referências oferecidas pela sociedade, assim como procuram coerência interna. Ao experimentarem este conflito, têm dificuldade de reconhecer suporte internamente, âmbito muito tumultuado e pouco definido; e também externamente, pela falta

de coerência das referências oferecidas (LEVINSKY, 1998; FRANKEL, 2005), pela insegurança, incerteza, falta de garantias (BAUMAN, 2001; BAUMAN, 1998; GIDDENS, 2001), confusão e caráter paradoxal (LIPOVETSKY, 2004) que marca a contemporaneidade.

## 10 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados apresentados foram obtidos durante encontro individual com cada participante. A maior parte dos jovens parecia interessada e envolvida com a conversa e muitos deles estavam realmente disponíveis para apresentar as suas vivências, cientes de que falavam de uma experiência estranha a mim. Quando se mostravam inseguros ou incomodados em falar sobre suas experiências, indicavam que este era o limite a ser respeitado.

Vale destacar que, apesar da entrevista semidirigida ser orientada por um roteiro de questões, os jovens estavam a vontade para responder a sua maneira e se concentrar naquilo que julgassem mais relevante, por isso nem todos os participantes responderam todas as perguntas. As impressões sobre as conversas, sobre o que diziam e sobre as vivências que apresentavam foram registradas.

Os jovens entrevistados participavam do grupo de Acolhimento do Projeto Quixote, que recebe os meninos recém chegados à instituição. Alguns deles tiveram o primeiro contato comigo no momento da entrevista, enquanto outros já haviam me conhecido no grupo. Mesmo depois do encontro houve contato com muitos dos participantes, e alguns me procuraram novamente para completar seus depoimentos com novas informações. Isso demonstrou que o encontro havia trazido a oportunidade de refletirem sobre suas vivências e de serem ouvidos.

Durante a entrevista foram pedidos relatos de sonhos, e foi surpreendente a grande quantidade de sonhos que os jovens contaram. Mesmo que a princípio achassem estranho falar sobre o que sonhavam, e de início não se lembrassem dos sonhos, logo se lembravam de algum para contar, na maioria das vezes, mais de um.

É interessante perceber a disposição dos jovens para compreender o que sonhavam. Os sonhos foram relatados, com frequência, de forma pouco discriminada da realidade, como se fossem uma continuação do que acontecia com eles no mundo, ou como se fossem avisos de algo que aconteceria em seguida. Notou-se interesse no material onírico como algo importante e relevante.

A análise dos resultados contém os dados referentes aos modos de convivência e relacionamentos presentes no contexto de vivência de rua e envolvimento com o tráfico de drogas, explicitando regras de funcionamento e características valorizadas descritas pelos jovens. Apresenta uma reflexão sobre os motivos que influenciam os jovens na escolha por essas experiências e dedica-se à compreensão do relato do primeiro dia de envolvimento nessas situações e à compreensão dos sonhos. Serão apresentadas as análises da vivência concreta relatada pelos jovens e seu conteúdo simbólico.

A análise do material coletado foi realizada em duas etapas. A primeira parte da análise dedicou-se à reflexão sobre o material de cada participante. Na segunda parte da análise foram elaborados quadros de acordo com as categorias de análise estipuladas a partir do roteiro da entrevista: VALORES; PADRÕES DE RELACIONAMENTO/REGRAS; CONSEQUÊNCIAS/PUNIÇÃO; MOTIVOS DE ENVOLVIMENTO. Os dados obtidos na primeira parte da análise foram organizados em quadros, que foram analisados em seguida. Essas etapas de análise serão apresentadas com maiores detalhes na Parte I e na Parte II deste capítulo.

É importante destacar que as análises simbólicas apresentadas devem ser consideradas como uma das possibilidades de compreensão do material coletado, dentre outras possíveis. Também é importante dizer que foram realizadas considerações resumidas de cada caso, que não esgotam a riqueza do material apresentado, o que poderá ser novamente explorado em futuras pesquisas.

O método de análise do material está de acordo com o Processamento Simbólico Arquetípico descrito no Método desta pesquisa.

### **10.1 Parte I : apresentação do material coletado e análise do material de cada participante**

A primeira parte da análise do conteúdo coletado consiste em um breve estudo do material de cada participante da entrevista, que permite captar a profundidade e a singularidade de cada história, trazendo riqueza e sutileza para a compreensão das vivências relatadas.

Inicialmente há a apresentação das entrevistas de cada jovem, seguida do relato dos sonhos e as associações correspondentes, quando houver. A análise do material das entrevistas foi realizada de acordo com as categorias de análise levantadas a partir das questões formadoras do roteiro da entrevista: VALORES; PADRÕES DE RELACIONAMENTO/REGRAS; CONSEQUÊNCIAS/PUNIÇÃO; MOTIVOS DE ENVOLVIMENTO. Foi também enriquecida com as impressões e considerações da pesquisadora a respeito do momento da entrevista e dos dados relatados pelo participante. Todas as vivências foram observadas de forma simbólica, em um movimento circular em torno de seus conteúdos, em busca de seus significados.

Em seguida há a análise simbólica da imagem do primeiro dia de envolvimento com o contexto de rua ou com o tráfico de drogas. Essa imagem evocada do primeiro dia indica a origem dessa história na vida desses jovens, a forma como tudo começou, o momento que ele destaca como fundante da experiência relatada. A imagem da origem da vivência possui um caráter mítico, originário e fundador das experiências, e será entendida junto aos sonhos

e entrevistas em termos de seu conteúdo simbólico. Evocar a imagem do primeiro dia traz material importante para a pesquisa, e também possui função terapêutica, pois na medida em que o jovem destaca um primeiro dia para o início do que hoje vive, ao mesmo tempo propõe a existência de um último dia dessa experiência, caso ele deseje modificá-la.

A análise simbólica dos sonhos seguiu o método de análise descrito na parte Método desta pesquisa, e foi relacionada com o material presente na entrevista e na imagem do primeiro dia.

## **Participante 1     M.M., menino, 14 anos**

### **ENTREVISTA**

Pensei, preciso fazer dinheiro de algum jeito, então vou traficar ou roubar. Ando mais com os pixadores e com os usuários de drogas, e prefiro pixar porque corre mais risco. Eles falam na gíria.

O primeiro dia que eu fui para o tráfico foi assim, eu tava conversando com os meninos que eu queria dinheiro e o menino me disse: “porque você não vai ali pedir para o cara pra traficar?”; Eu fui lá e ele disse que tinha chegado um cara na minha frente e que se rolasse ele me chamava.

Tem que ter postura de malandro, não pode ser muito mongão, não pode falar qualquer coisa senão os cara vão pensar que você não serve pra traficar, nem pra comprar droga. Porque quando eles percebem que a pessoa é muito boba eles nem vendem. Teve um cara que era viciado em crack e chegou gritando lá, esse tipo de gente eles não vendem. Deram uns tapa nele e falaram que ele tinha que ter postura, e mandaram ele ir embora.

Ainda tenho muita coisa pra aprender, não sou muito malandrão, mas também não sou bobo. As vezes fico pensando se quero virar bandido ou quero trabalhar normal, mas ainda não tenho certeza. Trabalhar na boa não corre o risco de ser preso, as pessoas não te julgam, não falam mal de você. Mas se trabalhar de bandido, e se for esperto pode conseguir muito dinheiro, mas também não pode comprar qualquer coisa e nem gastar o dinheiro todo com droga. Eu queria comprar uma ferramenta (arma) para furtar, por isso que eu comecei a traficar. Se eu trabalhar de bandido posso ser preso, ir pra FEBEM ou pra cadeia. Não é uma boa saída, mas... Quem se dá bem nessa vida é aquele mais esperto, que não vacila, que tem mais postura, que sabe controlar o vício.

No crime tem regras. Não pode denunciar, não pode conversar e nem confiar na polícia, não pode pegar coisa de casa, tem que ser ligeiro, senão os cara “requisitam” a pessoa e espancam.

### **SONHOS**

1. Já tive um sonho que eu tava tomando banho e começou a sair sangue da minha orelha e saí correndo pro quarto da minha mãe.

*Associações sobre o sonho:* Acordei e fiquei pensando “ainda bem que não aconteceu”. Parecia um aviso que vai acontecer uma tragédia. Acho que sangue na orelha parece um aviso para parar de usar droga porque danifica o meu cérebro.

2. Agora pode ser um sonho bom? Já tive sonho que eu ganhei uma casa e dinheiro e comecei a mobiliar e viver nela. A casa era só minha e eu podia fumar maconha na sala vendo TV e sair de casa a hora que eu quisesse.

*Associações sobre o sonho:* Eu até fiz uma aposta na mega sena. Acho que esse sonho fala da minha vontade de virar adulto mais rápido e ter dinheiro para investir.

3. Sonhei que eu caí de um prédio e não morri. Tava conversando com um homem que eu não conheço e me desentendi e ele me empurrou, caí. Quando caí no chão eu acordei.

*Associações sobre o sonho:* Esse eu não sei o que pode significar. Eu nunca vi esse homem.

4. Na época do tráfico eu só tinha sonho estranho. Meio besta. Teve um que eu tava descendo uma rua e descendo e pulava bem alto meio voando. Era a rua de casa normal. Achei que eu ia me machucar.

*Associações sobre o sonho:* Acordei assustado porque na hora que eu tava caindo eu achei que eu ia me machucar.

### Análise do caso:

M.M. esteve pouco envolvido com o tráfico de drogas. Tece avaliações ingênuas sobre a vida no crime, mesmo apresentando algumas regras do tráfico com clareza, dentre elas, não denunciar, não conversar, não confiar na polícia, não pegar coisas de casa; o que levaria à punição de espancamento ou morte. A fala de M.M. chama a atenção pela inconsequência, em que o peso do que ele fala não tem conexão com a seriedade do conteúdo de seu relato.

Quando conta a história de seu primeiro dia no tráfico de drogas, levanta suspeita de talvez não ter sido aceito para este trabalho. Diz, também, que tem muita coisa para aprender, por ainda não ser muito “malandrão”, e mostra preocupação em demonstrar que serve para traficar ou para comprar drogas, relatando o cuidado em mostrar uma postura de malandro e não de “mongão”. Faz uma distinção entre ser “malandro”, “ligeiro”, “esperto”, “não vacilar” e ser “mongão”, “bobo” ou inadequado, o que define algumas características valorizadas e desvalorizadas no mundo do crime.

Ao mesmo tempo em que fala das consequências duras da vida no tráfico, mostra encantamento com o crime e com o destaque que tem um criminoso na comunidade. Anuncia fascínio pelo risco e valoriza o fato de falarem na gíria, enquanto linguagem própria deste grupo. O motivo que o levou a buscar o mundo do crime parece ter sido, além do fascínio pelo poder e pelo risco, a possibilidade de ganhar muito dinheiro, um símbolo importante a ser considerado neste caso.

Questiona-se sobre a possibilidade de ser “bandido” ou de aceitar um “trabalho normal”. A escolha pela vida do crime traz dinheiro, mas corre-se o risco de ser preso ou de gastar o dinheiro todo em drogas.

Nota-se a atenção de M.M. ao julgamento que as pessoas fazem dos bandidos. Ao mesmo tempo em que não quer ser “mongão”, também não quer ser mal visto pelas pessoas que julgam os bandidos, demonstrando grande preocupação com o que as pessoas pensam dele.

A imagem do primeiro dia de tráfico mostra dificuldade de avaliação das consequências de suas escolhas, ilustrando a desconexão entre o peso de sua fala e a seriedade do que diz, deflagrada na entrevista. Esta configuração denuncia um estado de inflação egoica, que dificulta a avaliação das situações vividas e mostra pouca consciência dos riscos que estão envolvidos. A decisão pelo tráfico é retratada nesta imagem como uma

ação quase impulsiva, em que segue o conselho de um colega durante uma conversa com amigos, sem aparente elaboração desta escolha, de forma pouco discriminada e pouco consciente.

O primeiro sonho de M.M. é entendido como um aviso de que suas experiências podem trazer graves consequências para sua vida, assim como relatado nas associações sobre a imagem de sair sangue da orelha. Enquanto a entrevista de M.M. demonstra avaliação prejudicada das consequências do que faz, o sonho traz uma imagem que choca o sonhador e revela com clareza a qualidade do que vive no mundo. É importante destacar que a orelha normalmente recebe as informações do mundo externo e nada deve sair de lá de dentro, no entanto, neste sonho, a orelha recebe informações do mundo interno, que precisa ser ouvido. A imagem de sair sangue da orelha desperta a atenção do sonhador para o chamado de dentro, para as informações fornecidas pelo universo interno. Trata-se de um aviso visceral para o sonhador.

A imagem de sair sangue da orelha indicaria, também, que M.M. tem ouvido coisas que ferem os seus ouvidos, a sua orelha sangra, está machucada. Entretanto, ele parece não estar atento a isso, não escuta o perigo, não escuta a realidade do que vive. Essa imagem o alerta para que preste atenção ao que está escutando e vivendo no mundo.

Além disso, a busca pela mãe, sugeriria a possibilidade de procurar aspectos curativos e protetivos dentro dele, aspectos relacionados com uma figura materna, salvadora, importante para o seu desenvolvimento.

O segundo sonho revela a vontade de “fazer o que quiser”, em oposição a uma vida marcada por limitações e pelas regras duras do crime. De acordo com as associações de M.M., este sonho trataria do conflito de crescer e se tornar adulto. No entanto, há uma visão ingênua do crescimento, como se isso lhe permitisse fazer tudo o que quisesse. Esta visão ingênua também está relacionada à sua consideração sobre a vida no crime. M.M. relata na entrevista que, apesar de correr riscos, os bandidos ganham muito dinheiro e por isso podem fazer tudo o que querem. Neste sonho surge, mais uma vez, o símbolo do dinheiro e também o símbolo da liberdade.

O terceiro sonho indicaria a presença de um perigo inconsciente, desconhecido, e a possibilidade de envolvimento com situações de risco, sem que tenha consciência ou controle (ser empurrado do prédio). Está de acordo com as avaliações despreocupadas e ingênuas dos perigos da vida do crime, relatadas nas entrevistas. É possível compreender o ato de cair, como cair na real. Abruptamente, jogado à realidade de uma vez, em oposição a um estado de inflação do ego, que avalia mal o perigo, que está tomado pela onipotência. O fato de estar em cima do prédio indicaria esse estado de inflação.

A figura do homem que o empurra do prédio pode estar relacionada com aspectos violentos de M.M. ou com a figura do criminoso que o fascina. Esse homem mata aspectos

do sonhador, talvez sua parte menino, livre, criança, em nome do poder que o fascina em um estado de inflação. Esse homem indicaria também o adulto criminoso que ele pode se tornar, levado pelo poder e pela inflação, e que certamente matará alguns aspectos seus.

Na lysis do sonho, M.M. cai do prédio e não morre, o que indicaria a possibilidade de desfecho positivo do conflito apresentado no sonho. Entretanto, parece mais provável que indique as avaliações ingênuas das situações perigosas vividas, e a busca de saídas fantásticas para problemas sérios, comum em estados de inflação.

O estado de inflação egoico é retratado também no quarto sonho, em que desce a rua pulando, com pouco contato com o chão, revelando essa má avaliação da realidade. Neste sonho ele mesmo pula, deflagrando uma ação egoica; perde o controle, pula alto demais, e a possibilidade de cair provoca medo. O medo chama a atenção para perigos desconhecidos e para o contato com a sua própria potência, a potência real.

Os conflitos relacionados ao crescimento e ao futuro são típicos da adolescência e recebem a tonalidade das experiências vividas pelo sonhador no mundo. O estado de inflação, o desejo de poder, de dinheiro e a dificuldade em controlar a própria força são temas comuns aos jovens da idade de M.M., mas neste caso, de uma vida permeada por riscos, e riscos reais contra a vida, a inflação se torna perigosa.

## **Participante 2      F., menino, 17 anos**

### **ENTREVISTA**

Estou em liberdade provisória por causa de tráfico. O relacionamento lá na FEBEM é complicado, e com o pessoal do tráfico é muito duro, não quero falar disso porque tô saindo fora.

### **SONHO**

1. Sonhei que eu fui visitar [na prisão] o cara que foi preso comigo e fiquei trocando ideia com ele. Assisti o jornal com ele e começou um tiroteio. Tomei um susto porque eu achei que eu tava lá no meio.

*Sem associações.*

### **Análise do caso:**

F. esteve bastante envolvido com o crime e foi preso. Não quer falar da sua experiência, o que demonstra a intensidade do que viveu. Declara que os modos de convivência e de relacionamento são “complicados” e “muito duros”, tanto na Fundação Casa como no tráfico de drogas.

Não há clareza sobre o motivo pelo qual não quer falar das suas vivências, talvez ele esteja buscando outras formas de ser, novas imagens de si mesmo, está “saindo fora” da vida do crime; ou talvez esteja muito envolvido com o crime e prefere manter segredo. O conflito de participar ou não do tráfico de drogas pode estar presente nas inquietações de F.

O ambiente do sonho é a prisão, onde vai encontrar o seu amigo que foi preso com ele, o que indica o tema do sonho: trata da parcela da vida de F. que tem relação com o

tráfico de drogas. No sonho ele é colocado dentro do tiroteio, pego de surpresa, envolvido nesta situação sem que tenha controle. É atraído para este tiroteio sem saber como, nem por quê, e não sabe se vai sair ou não de lá.

Ao mesmo tempo em que parece envolvido no tiroteio de forma surpreendente (o que pode representar o envolvimento pouco consciente na vida do crime), é o sonhador que vai ao encontro do amigo. Há uma atitude do sonhador que o leva ao tiroteio de alguma maneira. Este sonho indicaria que algumas atitudes de F. o levam à vida do crime, e talvez ele tenha pouca consciência de como isso acontece.

O sonho ilustra a sensação de que aconteça o que acontecer, independente do que fizer ou escolher, F. permanecerá nesta condição na qual está envolvido. Como se o destino o perseguisse e não disponibilizasse alternativas para sua vida. Como se algo o empurrasse sempre para a vida do crime, aspectos dos quais ele não tem consciência. Essa sensação de ausência de saídas, de impotência diante da própria vida estaria relatada nesse sonho.

O sonho indicaria também o dilema sugerido na entrevista: continuar envolvido com o mundo do crime ou buscar outra vida fora desse contexto. Não há desfecho no sonho, demonstrando a inexistência de resolução disponível para este conflito na consciência.

### **Participante 3     V., menina, 15 anos**

#### **ENTREVISTA**

Se for “pelo certo” vai tudo na amizade. Eles vendem isso aí, mas pra eles tem que “andar tudo no certo”. Por exemplo, um pai e um filho eram amigos de um cara e só eram usuários. Eles roubaram um celular do cara pra comprar cocaína e os traficantes não acharam certo, levaram eles pro barraco e bateram neles.

Tem respeito pelo outro, mas a gente brinca com o outro. Eu sou a única mulher de lá e eles falam “chegou a nossa mascotinha”, mas na hora de trabalho é trabalho. Tem que fazer o seu. Na hora de bater as conta tem que tá tudo certo. Se você vê que tá acontecendo algo errado, chega no cabeça, no patrão e fala. Não pode defender quem tá “pelo errado”.

Se errar, eles pega a pessoa e leva pro barraco, bate, mata. A gente tem pena, mas a gente bate, ou é ele ou é nós! Eu me sinto mal. Eu gosto de ter amizade com todo mundo. Meu coração é mole. Eu tô nessa vida, mas o meu coração é mole. Eu tento ser ruim, porque é assim que a gente convive. No mundo do tráfico não pode ter coração bom. Até pode ter, mas não pode mostrar pra ninguém. Acredito que todo jovem que entra nessa vida quer subir, quer no outro dia tá gerenciando, mandando. Se mostrar que é bonzinho, as pessoas acha que é idiota, que pode pisar. Tem que ir na humildade, falar com todo mundo. Mostrar respeito para ser respeitado. Não agredir ninguém, só se for necessário. Se eu mostrar que tenho coração mole eles vê que eu não sou pra isso.

Meu primeiro dia de tráfico foi assim: conversei com uma amiga minha. Eu não conhecia ninguém onde eu queria. Ela falou que estudava com um menino que conhecia os cara. Eu conheci o menino. No outro dia ele me levou lá, fui no barraco. Os outros já tava sabendo o que eu queria. Conversaram comigo, falaram que ía puxar a minha ficha e se eu tivesse mentindo ía ficar feio pro meu lado, e no dia seguinte eu comecei. Assim que a gente saiu de lá foi bala pra todo lado. Puxaram a gente pra trás, era guerra entre traficante. No primeiro dia eu comecei a trabalhar, normal, não senti nada. Fizeram mal pra mim, e desde lá meu coração parece que esfriou. Aí eu entrei nessa pelo poder. Para fazer as pessoas pagarem pelo que fizeram. Eu quero fazer, não quero

mandar ninguém fazer. Eu nem chorava mais, agora que eu tô chorando. Meu coração parece que não está palpitando nada.

### **SONHO**

1. Geralmente não é coisa boa. Não lembro.... Sonhei que eu estava com duas amigas e a gente queria entrar em uma casa grande e velha bem esquisita onde faziam velório. Tinha que comprar ingresso. Mas uma mulher, que eu não conheço, veio e deu ingresso pra gente. Quando a gente entrou, tinham umas velas grandes, mas não tinha nenhum caixão. A gente saiu de lá, foi andando por uma floresta e apareceu uma menina monstrinho, um monstrinho que era uma menina e corria atrás da gente e dizia: Me espera! E a gente corria mais. Aí ela disse que conhecia a Juliana e a gente ficou com mais medo e correu mais.

*Associações sobre o sonho:* Eu não conheço essa mulher... esse monstrinho já vi num filme, mas no sonho ele era uma menina. Juliana é uma amiga minha e no dia seguinte desse sonho eu soube que ela apanhou muito do pai. O caixão... tava sem, tinha acabado de sair.

### Análise do caso:

V. parecia muito envolvida com a vida no crime. Às vezes expunha dor e sofrimento, mas outras vezes se mostrava fria, calculista e determinada. Era uma menina muito sozinha, sem apoio da família. A única pessoa da família de quem ela gostava era o pai, com quem vivia no norte, antes de vir sozinha para São Paulo. Atualmente mora com uma tia, com quem tem pouca intimidade e com quem nunca tinha morado.

O motivo que levou V. a participar do tráfico foi a possibilidade de adquirir “poder” para se vingar, por si mesma, de algo que não me contou, e isso a deixava determinada para a vida criminoso. Acredita que os jovens se envolvem com o tráfico porque desejam poder e se empenham em desenvolver suas atividades para assumir novas funções dentro da organização do crime, querem “subir, querem no outro dia tá gerenciando, mandando”, diz.

Aos poucos foi sensibilizada pela nossa conversa e chorou, dizendo que fazia tempo que não chorava, pois seu coração parecia mais frio, e que não estava “palpitando nada”. Não sabia se aquilo que vivia era bom ou ruim para ela, mas não se decidia a sair. Tem consciência das situações duras que experimenta no tráfico, conhece as regras de funcionamento e as segue com seriedade. Dentre as regras destacadas, estão: ter respeito pelos outros, fazer as coisas dentro das regras estipuladas (“andar pelo certo”), não defender quem faz algo errado, conversar com o patrão caso perceba alguma irregularidade, garantir que tudo esteja correto no acerto de contas ao final do trabalho, trabalhar direito (“fazer o seu”), ter consciência de que o trabalho deve ser desempenhado com seriedade. Caso as regras não sejam cumpridas, diz que a punição é levar para um “barraco” e bater ou matar.

Apresenta clareza do que é valorizado neste mundo e das consequências e dificuldades em fazer parte dele. As características apontadas como adaptativas são falar

com todo mundo e ser “humilde”, mostrar respeito para ser respeitado, não mostrar sentimentos, nem parecer “bonzinho”, ser ruim. Nas palavras de V., “no mundo do tráfico não pode ter coração bom. Até pode ter, mas não pode mostrar pra ninguém”, “se mostrar que é bonzinho, as pessoas acham que é idiota, que pode pisar”.

Diz que sofre, sente “pena” por ter “coração mole”, mas mesmo assim participa do crime. “Tô nessa vida, mas meu coração é mole”, diz. Impressiona a maneira como se defende do que sente. Sofria mas lutava contra os seus sentimentos e passava por cima deles, “eu tento ser ruim, porque é assim que a gente convive”, fala. É necessário eliminar os sentimentos e ficar dura. É o conflito entre o ego e a sombra na formação de uma persona adaptada para aquele ambiente que, neste caso, exigia que ela combatesse a compaixão e a emoção, reprimisse o afeto. Relata que se mostrasse seus sentimentos eles perceberiam que ela não servia para o mundo do tráfico.

Nota-se que V. utiliza a palavra palpitar (“meu coração não está palpitando nada”), e esta expressão possui sentido duplo. Referia-se ao fato de não chorar há muito tempo por seu coração estar mais frio, sem vida, sem bater (palpitar). No entanto é possível compreender que seu coração estava calado, sem dar nenhum palpite. Desta forma ela estaria falando sobre ouvir o coração, os palpites do coração, que a fazem chorar, e que ela luta para não ouvir. É possível que os palpites do coração a afastassem da vida no tráfico de drogas.

A imagem de seu primeiro dia de participação no tráfico de drogas é bastante interessante, pois ela o relata como se fosse buscar um emprego comum. Foi recomendada e participaria de um exame de seleção, que depende da avaliação da sua “ficha”. Está explícita a decisão deliberada em participar do crime e, ainda que relatando muitos conflitos, ela faria o possível para participar desse grupo, imbuir-se dessa persona, ficar dura e fria. No primeiro dia de trabalho ela não sentiu nada, foi “normal”.

A imagem desse dia mostra que ela se sentiu protegida pelo grupo do crime durante o tiroteio e a guerra entre os traficantes. Esse sentimento de pertencer ao grupo e ser protegida por ele também ficou evidente quando disse que é a “mascotinha” do ambiente do tráfico, expressando satisfação em ocupar esta posição carinhosa.

A motivação que leva à busca pelo tráfico de drogas é a aquisição de poder para se vingar de algo muito ruim que lhe aconteceu, o que denuncia ausência de recursos internos para lidar com uma vivência traumática e de forças para se defender da dor deste acontecimento ruim. Há uma ferida não cicatrizada. Diante da incapacidade de lidar com esse sofrimento, ela anseia por vingança como forma ilusória de amenizar o ferimento interno por meio de uma ação concreta no mundo externo. Tal fato delata fragilidade interna acentuada e a busca pelo crime baseada em uma enorme dor, em uma experiência traumática importante.

V. apresentou muita dificuldade em lembrar-se de seus sonhos. No dia em que a vi pela segunda vez, ela me procurou para dizer que havia se lembrado de um sonho e queria contá-lo. Foi um presente muito afetivo que ela me deu. Lembrou-se de um sonho e se preocupou em me contar porque isso era importante para mim. Nesse momento ela parece ter ouvido o seu coração mole e foi carinhosa comigo.

O sonho apresenta uma casa grande, velha e esquisita em que faziam velório. A entrada dependia do pagamento de um ingresso. A imagem da casa simboliza o mundo do crime e a entrada neste mundo exige o pagamento de um preço. O preço de fazer parte do crime está relacionado tanto aos perigos enfrentados, como à necessidade de V. eliminar partes de si relacionadas aos sentimentos e emoções para, desta forma, tornar-se melhor adaptada a esse ambiente. Entretanto, ela ganha os ingressos e entra sem pagar, como se não tivesse consciência das consequências que esta escolha traria.

A mulher que ajuda a sonhadora a entrar na casa parece iniciá-la na vida do crime. Ao entrar nota que o caixão não estava mais lá, e essa imagem provoca a impressão de que aquele caixão era para V.. Alguns aspectos dela estariam morrendo, provavelmente relacionados com os conteúdos reprimidos na vida no crime. Esses aspectos são representados na menina monstrinho que corre atrás dela na floresta e pede para ela esperar. São conteúdos emocionais, que fazem chorar, ter medo, que deixam o coração mole. Correm atrás dela para serem reconsiderados e integrados. Perseguem o ego para acertar as contas com ele, após a constituição da persona adaptativa ao tráfico de drogas.

Ao apresentar as suas associações sobre o sonho, V. se lembra que no dia seguinte Juliana havia apanhado muito do pai, e acredita que este sonho tenha sido um aviso. Essa amiga representa o feminino maltratado, que faz alusão ao trauma vivido por V. O sonho sugere que V. precisa de cuidado, pois trata-se de uma menina machucada que luta contra seus sentimentos para se vingar daqueles que lhe fizeram mal. O sentimento corre atrás dela, que foge com medo e receio de entrar em contato com esta dor. Diante desta impossibilidade, luta pela ilusão de amenizar a ferida de forma concreta, vingativa, no mundo externo.

#### **Participante 4      A., menina, 15 anos**

##### **ENTREVISTA**

Tenho 9 anos de rua, indo e saindo....Na vida na rua você precisa de respeito, se não tiver respeito o pessoal cobra. Precisa respeitar o espaço do outro, ser amigo e não ser falso. Senão eles cobram, bate e muitas vezes mata. Tem regras. Precisa chegar com respeito, saber respeitar o espaço do outro e o local onde você está. Não roubar o local onde você está. Saber lidar com as pessoas. Quem cobra são os disciplinas do centro. São pessoas escolhidas por eles mesmos, que já está lá há mais tempo. Manda quem entra, quem sai, quem pode dormir lá. Se você quer bater em alguém tem que pedir aval dos disciplinas.

É muito diferente o jeito de se relacionar na rua e nos CRECAs. Nos CRECAs tem muita gente falsa, pilantra, tem que saber lidar com eles. Tem sempre os que estão mais tempo no CRECA e querem mandar. No CRECA você tem seguro. Na rua, se você tá errado todo mundo tem que cobrar. Na rua tem que ser humilde, sincero, amigo, saber entrar e saber sair, não pode meter pau na pessoa quando ela vira as costas, saber dividir. Para se dar bem na rua precisa ser humilde. Não pode pagar muito de bandido para ter respeito. Falar que conhece tal irmão, ou pagar pique de FEBEM, dizendo que quem sobreviveu sobrevive a qualquer coisa. Muitas vezes não conquista respeito desse jeito e acaba morrendo, apanhando, se descobrirem que você mentiu. Tem que ser mais você e não pagar pau pra ninguém. Os humildes tem mais respeito, conquistam confiança, e são parceiro pra toda hora. Os bandidos de verdade tem respeito das pessoas e a gente tem amizade com eles. Eles conquistaram respeito ao longo do tempo, e conquistaram carinho e amizade. Os disciplinas moram em casas e apartamentos por lá. E tomam conta das drogas, como se fossem o patrão da boca. Vão pra rua só pra saber como está. Alguns passam uns dias na rua.

Tem bastante tráfico de drogas na rua, que é o trabalho e dá dinheiro fácil. Mas funciona igual o vício, vem fácil e vai fácil. Roubo também tem bastante, é a maneira de se sustentar. A maioria das pessoas usam drogas. Na rua você tem tudo na mão. Comida, cobertor, dinheiro. No centro, tudo vem fácil. Nunca roubei e nunca trafiquei. Eu sou considerada lá e quando eu brigo no CRECA eles querem vir cobrar as pessoas.

Mas a vida é dura na rua. Dormir na rua e acordar com tapa na cara da polícia. Quando eles pega, acha que tudo é bandido, ladrão. Não tem respeito. As pessoas são muito discriminadas. O fácil é que você ganha tudo na mão, vende droga fácil porque tem muito nóia. Usa droga na hora que quer, é mais livre para ir onde quiser, na hora que quiser. Quando você é considerada, você tem amigo. Mas tem muita briga, principalmente quando rouba a gente. É raro dormir na rua, eu ficava mais conversando, usando droga, furtando.

Os relacionamentos são assim, você fica com quem quiser, que não esteja ficando com ninguém. As pessoas transam na rua mesmo, e o namoro é normal, igual em todo lugar.

Eu ficava com a minha irmã lá. Ela dormia embaixo de uma árvore, tinha um banco onde ficava um pessoal vendendo droga. Descendo as escadas tem mais criança. Tinha passarela, dois riacho, e em cima onde a gente tomava banho. Cada canto da praça tem um cara que trabalha. Todos para o mesmo patrão. Não pode atravessar senão tem que contar pro patrão.

O lado bom da rua é estar perto de quem te considera. O ruim é dormir e acordar levando porrada, não ter oportunidade, as pessoas olham pra gente de jeito diferente, já pensam que vou roubar. Eu queria sair da rua e parar de usar droga, e poder tirar a minha mãe das drogas. Eu tive uma conversa com a minha mãe se ela queria ser ajudada e ela disse que uma parte sim e a outra não.

### **SONHO**

1. Sonhei que eu podia ajudar a minha mãe. Eu tinha crescido, tava trabalhando e ajudava a minha mãe.

*Sem associações.*

2. Sonhei que minha irmã foi presa. Ela chegava em mim e me dizia que ia fazer um assalto, e eu falei, “não, tem polícia!”. Fizeram, ela e mais dois amigos, e saíram correndo, trocaram de roupa, comeram uma coisa e depois foram presos.

*Associação sobre o sonho:* Quando acordei ela tinha sido presa e saí da rua.

### **Análise do caso:**

A. viveu na rua por muito tempo, saindo e voltando para lá muitas vezes. É uma menina sozinha, sem apoio familiar, que encontra na rua a possibilidade de estar perto de algumas pessoas da sua família.

Demonstra consciência das regras, do funcionamento dos relacionamentos e da rotina da rua. Faz minuciosa descrição das diferenças de relacionamento na rua e no CRECA. As características valorizadas na rua são ser amigo, humilde, sincero, respeitoso, parceiro, ser mais você, saber dividir, saber “entrar e sair”, conquistar a confiança das pessoas, não ser falso, não falar mal dos outros, não mostrar-se mais envolvido com o crime do que é. Ao contrário, diz que no CRECA é preciso identificar as pessoas e saber lidar com elas, pois são pilantras e falsas, querem mandar nos outros quando estão na casa há mais tempo. As regras da rua descritas por A. são chegar com respeito, respeitar o local onde se vive e o espaço dos outros, não roubar o local onde está, namorar quem você quiser desde que não esteja envolvida com ninguém. Para aqueles que descumprem as regras, as pessoas “cobram” e a punição é bater ou matar, o que não acontece no CRECA onde as pessoas estão mais protegidas (“No CRECA você tem seguro”). Quem comanda as regras na rua são os “disciplinas”, que estão na rua há mais tempo e decidem quem entra ou sai, quem pode dormir no local e autorizam quando alguém quer bater em outra pessoa.

A. descreve com clareza as características boas e ruins de estar na rua. Gosta da rua porque consegue comida, cobertor e dinheiro facilmente, vende drogas sem dificuldade, usa droga na hora que quiser, é livre para ir onde quiser, tem amigos e fica perto de quem gosta dela. Os aspectos ruins de estar na rua são a exposição à agressão e à discriminação, a ocorrência de muitas brigas entre as pessoas da rua, a falta de oportunidades.

Apresenta reflexão sobre ser e parecer bandido. Os bandidos são muito respeitados e é importante ter a amizade deles, entretanto, há pessoas que gostam de dizer que são muito envolvidos com o crime, mas não são, e fazem isso por desejar respeito e admiração. Mostram-se bandidos, enumeram situações perigosas vividas (“dizendo que quem sobreviveu, sobrevive a qualquer coisa”), contam que já foram presos ou que são conhecidos de alguém muito envolvido com o crime. Está explícita a valorização de alguém que parece experiente no crime, que já sofreu situações muito difíceis e tem força suficiente para sobreviver, que é perigoso e bem relacionado entre os bandidos. Caso descubram que a pessoa mentiu, batem ou matam.

Ao falar sobre a discriminação vivida na rua, relata que a polícia sempre pensa que eles são ladrões, e sente que as pessoas a olham com “jeito estranho”, pensando que ela vai roubar. Há preocupação com o que as pessoas pensam dela e com sua imagem social, mesmo sabendo que realmente roubava (passava a noite “conversando, usando droga, furtando”). Nota-se falta de consciência da relação entre as suas atitudes e o que as pessoas pensam dela, necessidade de ser reconhecida pelo outro e necessidade de estabelecer relações de referência e proximidade.

A. compara o envolvimento com o tráfico de drogas com um “vício”. No mecanismo da adição (e do tráfico) a pessoa precisa de quantidades cada vez maiores e frequentes da substância, na esperança da mesma satisfação. Há uma busca vazia, sem sentido, infinita. Esta é uma maneira importante de entender o envolvimento com o tráfico de drogas, no qual a pessoa se entrega na busca de um prazer fugaz e perigoso, que “vem fácil e vai fácil”, segundo palavras de A.

Em vez de descrever o primeiro dia em que foi para a rua, A. descreve o local onde morava com a sua irmã e outras pessoas de que gosta. Não fala sobre o início da história de vivência de rua; fala do presente, do cotidiano, que vive há muito tempo. Descreve a rua como a sua casa, mostra um ambiente familiar, cheio de gente, mesmo depois de ter relatado a dureza dos relacionamentos na rua. Estar na rua significa estar perto de algumas pessoas de sua família e isso fica muito claro nesta descrição. A apresentação da rua condiz com o que descreve sobre a parte positiva da vida na rua: estar perto de quem “te considera”.

Ao descrever esse espaço, lembra-se da sua mãe que é usuária de drogas como ela, e que deseja ajudar. Relata que sua mãe possui um lado que quer sair da atual situação, e outra parte que não quer. Isso também se revela verdadeiro para A. A rua não significa apenas sair de casa, mas assume o sentido de estar em casa; apesar de muitas vezes sair da rua e procurar um CRECA por não aguentar as condições na rua, logo retorna para lá. Sua mãe está bastante comprometida e A. tem dificuldade em ajudá-la, entretanto, quer a mãe sadia ao lado e mostra a necessidade de relacionamentos próximos e verdadeiros novamente, relacionamentos familiares e contato com figura materna cuidadora, que provavelmente existe mais internamente do que externamente.

O primeiro sonho de A. ilustra o desejo de ajudar a mãe e estabelecer um relacionamento saudável com ela, que compensaria a falta de relacionamentos de qualidade e de intimidade. Esse sonho indicaria também a possibilidade de se ajudar, de encontrar aspectos saudáveis internos de cuidado e de proteção de si mesma. Aponta um novo caminho, outra possibilidade para as suas experiências no mundo, que seria possível por meio do resgate desses aspectos internos.

O segundo sonho também trata de relacionamentos de intimidade e de carinho. Indicaria a possibilidade de reconciliação com seus aspectos internos de reparação, cuidado e intimidade. A possibilidade de reconciliação consigo e com seus aspectos femininos feridos.

O terceiro sonho traz um retrato do que vive no mundo, a possibilidade de desfechos trágicos e a existência do perigo e das consequências dos seus atos. Anuncia a capacidade de avaliar os resultados dos seus atos, mas ao mesmo tempo, se surpreende diante deles. Há ilusão de não sofrer as consequências. A irmã e os amigos já estavam com outras

roupas, já haviam comido, certos de que nada mais aconteceria. Este sonho indicaria consciência das regras de funcionamento, mas também a ilusão de invulnerabilidade, denunciando uma postura onipotente e inflada. Ilustra também a ausência de consideração ética das situações.

O sonho traz a imagem da irmã presa, anunciando novamente aspectos internos relacionados ao feminino ferido. Há idealização da figura da mãe e não aparece declaração de raiva ou desapontamento diante desta figura materna ausente, pouco cuidadora, pouco continente. Entretanto, há nos sonhos a sugestão de um feminino cindido, aprisionado, abandonado.

A carência de relacionamentos de intimidade e cuidado nestes contextos é retratada nos sonhos. Ao mesmo tempo é apresentada a possibilidade de reconexão com aspectos internos ligados à dinâmica matriarcal, que promove a reconciliação com elementos internos criativos, a reparação dos erros, o cuidado, a permanência da vida.

## **Participante 5     D.M., menino, 14 anos**

### **ENTREVISTA**

No tráfico você precisa ficar atento, esperto com a polícia. O pessoal vende droga e usa droga. Precisa ser mais quieto e ter disciplina – ficar quieto, para não chegar alastrando. Uma pessoa que chega alastrando pode pegar um pau ou não pegar a droga. Tem que chegar normal, de boa, não chegar correndo. Tem regras. Não pode sair do lugar que você tá, se quiser sair escuta um monte do patrão. Aí não sei se ele deixa.

Meu primeiro dia de tráfico foi assim, eu acordei e fui direto pra lá. Já sabia. Peguei as drogas e fui pra biqueira. Não pensava em nada, só em arrumar grana. Esse dia eu tava bravo porque eu passava muito desaforo dos outros na rua. Aí resolvi comprar droga e usar droga. O tráfico me ajudou porque eu comprava a minha própria droga e não precisava pedir para os outros. Aí não precisava passar vergonha, o pessoal me tirava na frente dos outros e não deviam fazer isso. Eu tinha sete anos. Me senti normal e fiquei atento. Só não podia perder a droga senão era do meu lucro.

Eu era mais respeitado. Eles vê que você tá na contenção, que você tá esperto, na disciplina. As pessoas sabem que quem mexe com droga, mexe com arma, e fica em choque, com medo. Até de passar na sua frente. Eles tem medo de mim até hoje, não sei porque. A pessoa fica com medo e não quer olhar no seu olho. Eu fico envergonhado, pensando o que que eu tenho. O que que eu sou. E são as pessoas que eu conheço e as que eu não conheço que faz isso. Acho que elas pensam que eu vou matar. Eu não gosto disso. Acho que eles ainda pensam que eu tenho revólver, mas eu não tenho mais não. Quando eu trabalhava eu não trabalhava de mão vazia. Se remelar, se deixar sumir droga, se roubar, eles zoam, eles matam. Eu comecei a parar quando minha mãe me trouxe pra cá.

### **SONHO**

1. Sonhei hoje, eu e meus dois irmãos. Nós três brigando, um deu uma facada no outro. Eu chamei o que tava sangrando, vem aqui, e abracei ele.

*Associação sobre o sonho:* Ainda bem que não aconteceu. Acho que eu sonhei isso porque nós briga muito.

### Análise do caso:

D.M. possui poucos recursos internos e usava muita droga desde menino. Sua família era muito desorganizada. Ele entrou no tráfico com apenas sete anos e resolveu fazer parte desse mundo porque estava com raiva das pessoas que o provocavam e zombavam dele, principalmente quando ele pedia droga.

O envolvimento com o tráfico de drogas decorre do uso da droga e da impossibilidade de adquiri-la de outra maneira. Vender drogas trouxe independência para sustentar a sua vontade de usá-las, permitindo que ele não passasse mais vergonha, não fosse desrespeitado e nem humilhado por causa disso.

Nota que as pessoas do crime são respeitadas porque andam armadas e os demais sentem medo delas. Destaca a importância de ser esperto, ter disciplina e ficar mais quieto. As regras ressaltadas são: ficar atento com a polícia, não chegar no ponto de drogas de forma que chame a atenção, não deixar sumir drogas, não roubar, não desistir do trabalho com o qual se envolveu. As punições para quem descumpre as regras são apanhar (“pegar um pau”), não pegar mais drogas ou ser morto.

Ao lembrar-se da época em que estava envolvido com o tráfico, exibe fascínio diante da posição de respeito que ocupava no crime. As pessoas percebiam que ele estava “esperto no trabalho” e mostravam medo dele. “Quando eu trabalhava eu não trabalhava de mão vazia”, diz.

Ao mesmo tempo, D.M. mostra preocupação com o que as pessoas pensam dele e com o modo como se portam perto dele. Não gosta que não olhem em seu olho, sintam medo dele e mal se reconhece na relação com elas. Questiona-se sobre o que é, sobre o motivo pelo qual as pessoas parecem distantes. Nota que provoca algo nos outros que não gosta, e parece sentir falta de uma boa relação com as pessoas. Demonstra necessidade de interação social, ausência de relações mais verdadeiras e carência de modelos de identificação.

A imagem que apresenta sobre o primeiro dia de trabalho no tráfico de drogas ilustra a decisão de um menino bravo, envergonhado e humilhado. Buscou o tráfico pelo desejo de independência na obtenção das drogas. D.M. era um menino muito novo, de quem não se pode esperar uma escolha muito elaborada. Além disso, a decisão pelo tráfico ocorre de forma impulsiva em um momento de raiva e desespero, enquanto não pensava em nada mais do que conseguir dinheiro.

Essa imagem revela o conflito entre a impotência e a onipotência. A impotência diante dos outros, quando se sentia humilhado e nervoso, e a onipotência inflada que leva ao mundo do tráfico de drogas, sustenta o fascínio pelo poder e pelo respeito que tem um criminoso na comunidade. Indicaria, também, a busca por autonomia, reconhecimento,

valorização, que compensa uma vida de abandono, falta, desvalorização, invisibilidade, impotência e dependência.

O sonho mostra a possibilidade de proximidade com o outro apenas por meio da agressividade e da dor, o que está descrito na associação que ele faz do sonho, quando fala do relacionamento com os irmãos.

O sonho apresenta, também, um intenso conflito interno, no qual um aspecto se sobrepõe ao outro e quase mata, agride, exclui. Um conflito de identidade muito primitivo. Essa imagem estaria relacionada com o questionamento sobre si mesmo, sobre o que aconteceu com ele desde os sete anos, no que se transformou, já que não se reconhece mais no olhar das pessoas. D.M. parece ainda aquele menino de sete anos, com pouca consciência do que viveu e de que forma isso influenciou sua identidade. Este sonho mostra que ele precisa de cuidado e aponta a possibilidade dele acolher seus aspectos feridos. O sonhador abraça e cuida do menino desamparado, humilhado, machucado, agredido, o que indicaria a possibilidade de transformação e integração de alguns aspectos importantes para a constituição da sua identidade.

## **Participante 6     N., menina, 15 anos**

### **ENTREVISTA**

Quando eu gosto de uma pessoa a minha mãe começa a perceber e fala pra eu ir embora. Minha mãe me provoca e eu não gosto de xingar ela, mas tem um limite que você não aguenta. Pode ser mãe, pai, avô, namorado, você não aguenta. Minha mãe fala que eu fico com um monte de cara e manda eu ir embora, eu ir dormir na praça da Sé. Ela que só se envolve com cara casado. E é por causa do namorado dela que ela briga comigo. Ela fala que é por causa de mim que ela não arruma ninguém. Eu tenho sete irmãos, eu arrumo a casa toda, eles bagunçam tudo, deixa o prato pra eu lavar. Eles chegam tarde, eu tô dormindo, eles causa lá em casa, me atormenta. Eu às vezes fico na rua até todo mundo dormir pra eu entrar em casa. Quero sair de lá de qualquer jeito. Mas tenho que ficar lá até terminar meus estudos e trabalhar. Nem quero fazer faculdade porque aí tem que pagar. Foi por causa disso que eu saí de casa. Meus irmãos eram atentado, minha mãe xingava, e eu ia embora e ela ia atrás de mim. Aí eu tava lá na rua usando droga igual uma louca. Eu ia pra longe de casa. Aí eu saí e pensei: não vou voltar mais. Falaram pra mim que ela tava atrás de mim, achando que eu tava morta. Ela ficava preocupada, a pressão dela ficava alta e ela não dorme quando eu não tô lá. Eu gosto dela, mas ela não tá nem aí, fazer o que? Fui pra casa de umas amigas, mas aí voltei porque é muito ruim depender dos outros, comer as custas dos outros. Eu fico na rua porque não aguento ficar em casa, então eu chego em casa meia noite.

Quando eu fui a primeira vez pro CRECA eu fui antes por Conselho Tutelar com a minha mãe, e me encaminharam pro CRECA centro. Eu fui pro CRECA porque o juiz me levou porque eu tava na rua usando drogas. Minha mãe falou que eu tava usando droga. Fiquei dentro da perua chorando e ela foi embora chorando. Aí eu pensei: agora ela aprende.

Hoje em dia ela tá pra colocar meus dois irmãos no CRECA, o juiz vai decidir, eles estão aprontando muito. Até que vai ser bom se eles saírem de casa. Quando ela briga comigo eu falo “por que você não me deixou no abrigo que eu tava quando eu tinha cinco anos, pelo menos eu seria crente”.

Minha mãe tinha brigado comigo porque eu tava com o Rodrigo, menino que eu conheci no CRECA. Falou: “fica em casa e deixa esse menino”. E eu falei: “não, vou com ele”. Aí minha mãe não deixou ele ficar em casa comigo, fomos pra rua. Chegou o pessoal querendo levar a gente pro CRECA de novo e a gente queria ir junto, então a gente falou que era irmão. E o cara perguntou: e o que são essas alianças? Eu disse que meu namorado tava preso. Ele ligou lá e não tinha vaga no CRECA, fomos para o Vale [do Anhangabaú], e encontramos um monte de gente que tava no CRECA antes com a gente. Ficamos lá usando maconha, fiquei tão louca que dormi na rua, senão não tinha dormido, tinha ficado andando. Lá ficar acordada para não dormir porque não gosto de dormir na rua. Achamos um mocó embaixo do viaduto, com um monte de rato, e eu tava tão louca que eu nem ligava. Quando nós acordamos, o sapato dele tinha sido roubado! Claro, não pode tirar os sapatos! Eu já sabia disso porque os outros me falaram no CRECA.

Não tem muito essa de amigo na rua não. Só pra chamar pra usar droga ou pra roubar. Uma vez, eu fui roubar com uma menina, eu fui pegar a bolsa da mulher e ela virou a mão na minha cara, eu até rodei! O pessoal da rua tem uma técnica para abrir a bolsa que você não sente. Uma vez eu tava com um menino, ele roubou a bolsa de uma mulher e ela gritou “pega ladrão!”. Aí eu saí correndo atrás dele falando que ele roubou a minha bolsa, senão o povo ia atrás de mim. É assim mesmo: ninguém vai lá falar com a polícia, se der alguma coisa errada, vai todo mundo sair correndo e você que se estrepa.

As pessoas são falsas, dão de amigo, mas não são. Tem muita briga. Tem um mocó onde eles ficam e muita menina fica grávida na rua. Cada um faz seu corre. Pra se dar bem tem que ser humilde, ser legal. Tem um grupo pra roubar, tem um grupo pra usar droga. Tem uns que ficam junto na rua, mas a maioria não tem relacionamento, é só porque rolou mesmo, e tem uns que nem assume os filhos.

No tráfico os caras eram tranquilos comigo, mas tem que ser humilde, não pode bobear. No tráfico sou mais boazinha, em casa sou mais chata. De manhã eles batem as contas e descontam o que você usou. Um cara pegou as drogas e o outro ameaçou ele se ele mentisse. Não tem desculpa não. E esse cara era amigos dos caras. Mesmo amigo, se faz algo errado não deixa passar batido não. Eles dão uma de amigo, mas não são.

### **SONHO**

1. Eu só sonho com menino que eu tô ficando. Eu sonhei com o cara que eu tô namorando e que disse que ele ia roubar lá no autódromo. Eu falei: “vai lá então, com um monte de polícia, você vai ser preso”. Eu vi ele indo preso no sonho, os caras colocavam a algema nele. Eu fazia de tudo para ver ele lá na cadeia, mas a minha mãe tinha que dar uma autorização ela não quis dar e eu quebrei a casa toda. Chutei televisão, máquina, tudo. Ela queria chamar a polícia pra mim e eu falei “vai lá chamar que assim eu vou pra mesma cadeia que ele”.

*Associação sobre o sonho:* Na vida real ele falou pra mim que ele ia roubar no autódromo e eu disse que eu tinha acabado de sonhar com isso e se ele fosse ele ia ser preso. Eu não sei se ele foi. E ele falou: “Ai, vira essa boca pra lá”. Eu falei para ele que se ele for para ele me esquecer.

2. Sonhei que eu tava na favela, e que eu ia morrer, tinha tomado vários tiros de dois ou três caras, e chegou a polícia. Caí no chão. Aí eu levantei do nada e eu tava com colete a prova de balas, eu pensei: “ox, eu não tava com isso aqui!”. Aí eu fui atrás dos meninos e eles acharam que eu era espírito. Depois os caras me mataram de verdade, um monte de cara.

*Associação sobre o sonho:* Minha mãe disse que esse sonho era um livramento de Deus, senão era pra eu tá morta, porque eu ficava lá na favela no meio dos drogados, mesmo assim eu continuei lá.

### **Análise do caso:**

N. é comunicativa e com muitos recursos internos, apresentando pensamentos elaborados sobre as condições nas quais vivia e sobre as circunstâncias que a levaram à

vivência de rua. Entretanto, avalia mal os riscos das situações vividas, envolvendo-se com condições perigosas e deixando-se influenciar com facilidade pelas pessoas com quem mantém contato.

N. é intensa e entregue ao que vive, quando está apaixonada se envolve com a vida do namorado. Isso também acontece com as amizades que estabelece. Foi desta forma que se envolveu com o tráfico de drogas e passou alguns dias na rua.

Retrata a forma de relacionamento na rua destacando como características valorizadas ser “humilde” e “legal”. Ao mesmo tempo diz que as pessoas são falsas, parecem ser amigos, mas não são. Os relacionamentos ocorrem baseados nas drogas ou nos roubos e nessas horas as pessoas parecem próximas às outras. Por isso a regra da rua é “cada um por si”, dizendo que “cada um faz seu corre”, ou que “se der alguma coisa errada, vai todo mundo sair correndo e você que se estrepa”. Mostra, portanto, um ambiente em que as pessoas estão sozinhas, sem apoio e não podem confiar nas outras.

Em relação ao tráfico, diz que as características valorizadas são ser humilde, boazinha, não bobear, e que as pessoas também aparentam ser amigos mas não são. Fala que em casa é mais chata e no tráfico é mais boazinha, mostrando a importância de se relacionar desta forma no mundo do crime. As regras são não mentir e fazer com que as contas da venda das drogas estejam corretas de manhã, quando conferem o dinheiro e descontam o que a pessoa usou durante a noite.

N. declara que o motivo pelo qual saiu de casa é a dificuldade de relacionamento com a mãe e com os irmãos. Relatou muitas brigas e uma situação insuportável dentro de casa. Em consequência disso, quer crescer logo para sair de casa e não pretende fazer faculdade para não depender mais tempo da mãe. Tem clareza de que precisa aguentar essa situação até que possa viver sozinha.

A relação com a mãe parece melhor quando ela está longe, pois percebe que a mãe se preocupa com ela e chega a passar mal, demonstrando amor por N. É uma forma de mostrar amor pela filha, e da filha perceber a preocupação da mãe. Entretanto, quando estão juntas as brigas são frequentes e intensas.

O retrato do primeiro dia em que saiu de casa para ir ao CRECA é uma cena muito sofrida em que chorava dentro da perua, enquanto a mãe chorava do lado de fora. E neste momento ela pensa: “agora [minha mãe] aprende”. Esta imagem retrata a dificuldade de relacionamento com a mãe. Ainda que exista afeto, há muito pouco manejo e flexibilidade, o que vai tornando os laços familiares endurecidos. Descreve uma relação ambivalente, permeada de amor e briga, e de falta de continência para o desenvolvimento de N. A mãe não cumpre o papel de sustentação, cuidado e apoio sobre o qual o desenvolvimento da filha deve se segurar. A mãe tem pouco recurso para promover continência à filha e acompanhar o seu processo de desenvolvimento. Mesmo que esteja presente o afeto, o

relacionamento é muito frágil, atabalhado, ambivalente, confuso, inseguro e instável. Ambas possuem pouco espaço interno para solucionar os conflitos e estabelecer um relacionamento firme e saudável.

A estratégia desenvolvida para não ficar em casa por algum tempo era permanecer na rua até muito tarde, e voltar apenas quando todos já estavam dormindo. Lá se envolveu com pessoas que usavam droga e participavam do tráfico, tornando mais frequente o uso que fazia de droga e sua permanência em lugares de risco. Essa foi uma fase perigosa da sua vida, pois avaliava muito mal os riscos que corria. Foi durante este período que sonhou o que está descrito no segundo relato de sonho. Atualmente N. está longe das drogas e não se relaciona mais com essas pessoas.

A segunda imagem de seu primeiro dia na rua, depois que já havia voltado do CRECA, mostra a vulnerabilidade diante das influências de pessoas com quem se envolve intensa e apaixonadamente. A imagem apresentada deste dia em que dormiu na rua com o namorado, revela a história do momento em que levou para a sua casa o menino que havia conhecido no CRECA e, como a sua mãe não permitiu que ele morasse com elas, decidiu ir para a rua na companhia dele. N. tenta levar o namorado para casa, mas como não foi possível, vão para rua.

Conta que encontrou os amigos, usaram drogas, buscaram um lugar para dormir juntos, sem avaliação dos riscos ali presentes. Relata este dia como se estivesse lembrando de uma festa ou de uma viagem entre amigos. Nesta imagem, há explicitamente o relato de uma adolescente, com questões em relação ao grupo de pares, a sexualidade, ao confronto com os pais, às “baladas” e às experiências com os amigos. No entanto, os temas próprios da adolescência estão, neste caso, influenciados pelas tonalidades depauperadas do contexto social que os circunda. A busca típica da adolescência se desenvolve exposta a riscos e sobre a falta de estruturas seguras.

N. relaciona os sonhos com o que vive. Apresenta sonhos mais elaborados do que a média dos sonhos dos demais participantes e se mostra uma menina menos amortecida.

O primeiro sonho relata a maneira como vive o universo do namorado e os questionamentos adolescentes. Retrata as brigas com a mãe, a busca por relações de pares fora de casa, a influência das amigas e do namorado. O namorado está relacionado com aspectos de violência, agressão e transgressão, o que indicaria características valorizadas no masculino, e sugeriria um animus agressivo e transgressor. Alude, assim, à presença de elementos de violência e contravenção dentro dela.

Esse sonho chama a atenção para a relação ambivalente com a mãe, que é relatada na entrevista. A mãe tenta protegê-la do ambiente perigoso da prisão, mas o faz de forma atrapalhada e agressiva. Tem pouca força para conter a filha que a confronta e busca uma contenção externa, a polícia, para resolver o problema. Da mesma forma como pediu ajuda

ao Conselho Tutelar, que levou N. ao CRECA. O sonho retrata sentimentos ambivalentes de amor e raiva em relação à mãe.

A decisão pelo mundo da rua é decorrente da dinâmica de relacionamento com a mãe. Conforme dados da entrevista, a sexualidade de N. se apresenta como uma ameaça à mãe a aos relacionamentos que a mãe estabelece. N. é vista como rival (“minha mãe fala que eu fico com um monte de cara e manda eu ir embora, eu ir dormir na praça da Sé. Ela que só se envolve com cara casado. E é por causa do namorado dela que ela briga comigo. Ela fala que é por causa de mim que ela não arruma ninguém”). Nestas circunstâncias, N. vive sua sexualidade de forma exposta e pouco protegida. Um dos motivos que a leva à rua é a paixão pelo menino do CRECA, que será vivida neste contexto de risco.

A imagem do autódromo alude a um circuito circular sem saídas, o que indicaria a permanência em um círculo de vivências que não oferece outras alternativas e que se assemelha à situação vivida pela sonhadora no mundo: relacionamento ruim com a mãe, a necessidade de sair de casa, o envolvimento com pessoas relacionadas ao risco e a valorização de características que são próprias do mundo da rua e das drogas. Há necessidade de descoberta de instrumentos que rompam este círculo vicioso.

O segundo sonho trata de experiências perigosas às quais estava exposta. A sonhadora levou muitos tiros, o que chama a atenção para o risco de suas experiências no mundo. Ao ser baleada a polícia aparece e N. nota que estava com colete à prova de balas. Esses elementos indicariam a existência de potencialidades a serem descobertas. Há outras possibilidades para sua história, mas ela precisa apropriar-se dessa segunda chance para que não tenha um desfecho trágico. Ao se surpreender com a presença do colete à prova de balas explicita a necessidade de descobrir e se apropriar de suas defesas e de seus aspectos protetivos internos. A presença de potencialidades a serem desenvolvidas, entretanto, não é uma garantia. Isso parece referenciado pelas suas associações.

A presença do colete à prova de balas alude também a uma crença de N. de que é imune a esse mundo perigoso. Relaciona-se com o perigo de forma inconsequente e irresponsável, apostando em superpoderes que não possui. Essa sensação é bastante comum no período da adolescência, mas neste caso os riscos são reais e muito próximos da possibilidade de um desfecho fatal. O sonho mostra a possibilidade de morte real caso ela não se proteja; atiram em N. pela segunda vez, mostrando que ela não está segura, que está enganada ao avaliar onipotentemente as situações em que vive. O sonho indicaria também a morte simbólica da sonhadora, uma morte interna. Há algo que morre em N. quando está inserida nesse contexto de risco.

Novamente emerge a imagem de repetição do ciclo, de circuito fechado, como no primeiro sonho (autódromo), demonstrando a sensação de falta de alternativas e a necessidade de N. despertar para a busca de novas saídas, novos desfechos.

## **Participante 7      J., menina, 16 anos**

### **ENTREVISTA**

Fiquei um mês na rua antes de ir para o CRECA. Na rua têm regras: se você quer comer você tem que ir atrás. Se uma pessoa consegue um lanche dá muita confusão porque os outros também querem comer. Não pode mexer nas coisas dos outros. Precisa respeitar os outros. Sempre tem uma pessoa que manda mais, que é disciplina. Eles mandam e todo mundo obedece, se desobedecer apanha muito. Tem que respeitar os namorados dos outros.

Para se dar bem tem que ser esperta, saber chegar e saber sair. Se as meninas veem que você é muito boazinha, manda você fazer as coisas, roubar, senão, bate. Querem pegar as mais bobinhas. Se você empresta coisa, some. Tem que falar que não vai emprestar. Sendo bobinha, vão montar em cima de você. Na FEBEM também é assim, se você não tiver uma idéia boa, se não for esperta as meninas manda. Faz de lagartinho, de esquema.

No meu primeiro dia de rua, uma menina me perguntou: “você rouba?” Eu disse que não. “Então como você vai fazer pra comer?” Eu disse que eu ia pedir, mas ela disse “você tá ligada que vai ter que fazer uns corre”. Nesse dia eu briguei com a minha mãe e saí. Fui com meu pai [padrasto] na 25, vi o pessoal lá. Aí quando eu briguei com a minha mãe eu fui para a 25. Fui eu e uma menina, mas ela quis voltar para a casa. Já saí pensando em ficar fora de casa, mas não imaginava o que era ficar na rua. Tinha muita criança. Eu queria voltar para casa, mas toda vez eu brigava com o meu padrasto. Eu cheguei na rua e uma menina me disse: “por que você veio pra rua?”, e eu respondi, “porque eu briguei com a minha mãe”, ela disse “dorme aqui no mocó, onde tem um monte de gente”. Eu não dormia. Ficava acordada. Também... tem que dormir com um olho aberto e outro fechado... ninguém sabe a maldade dos outros...

Na rua você não pode ir pela cabeça dos outros. Quando eu ficava na rua eu ficava toda arrumada. As meninas achavam estranho. Eu usava muita droga.

No tráfico, a primeira coisa que eles veem é a confiança. Tem muita gente que vende, mas se droga muito. Para trabalhar tem que ser esperto, ficar atento, tem uns que é pego no primeiro dia. Tem uns que ficam no radinho para ver se tem polícia. E os outros ficam lá embaixo vendendo. Não tem muita conversa. Eles querem dinheiro. Se não trabalhar direito, se não produzir, ou desconta do que a pessoa usou e não gera dinheiro, ou eles matam ou espancam. Também não tem amigo. E tem que ficar atento com a polícia, que às vezes tá disfarçado. Também tem aquela cobrança. Se vai preso a única pessoa que te salva é a família, o pai e a mãe. As pessoas entram no crime porque ....Eles saem com as pessoas, querem as coisas, celular, adidas, dá uma volta e vai para a vida do crime. Ou por influência. Já me chamaram, deu vontade, mas me controlei e não fui. Eu converso com as meninas que trabalham e um dia a polícia chegou, mas não me levou. Precisa ser esperto e atento. As meninas gostam do traficante porque uns tem moto, tem carro. Tem umas que leva jumbo se o cara vai preso. É obrigada. Os caras aqui fora ficam de olho se ela fica com alguém.

Na rua você não pode ser folgada, mexeu com alguém, apanha. Não pode pegar coisa dos outros, ficar com o namorado de alguém da rua, não pode pegar droga dos outros. No CRECA também não pode mexer nas coisas dos outros sem permissão, mas na rua tem mais violência do que no CRECA. O mundo é pequeno, se você rouba alguém, você encontra a pessoa de novo. Na rua ou no CRECA. Mexer nas coisas dos outros é errado, no CRECA briga com a mão, na rua com faca. Com faca não tem como se defender. Em casa se você faz algo errado, sua mãe bate. Em casa você tem seus deveres, estudar, fazer curso. Hoje, eu uso droga e não me sinto bem em casa, brigo com as minhas irmãs. Na rua eles falavam: “essa menina não parece que é de rua”, porque eu não fico bagunçada, com o cabelo bagunçado. No CRECA eles dizem: “essa menina tem família, o que ela tá fazendo aqui?”

Na casa eu sou do meu jeito, não faço bagunça e escuto a minha mãe. Quando eu não usava droga achavam que eu ia ter uma vida normal, hoje pensam que eu quis essa vida, eu que procurei. O mais difícil na

rua é fazer amizade, no CRECA é mais fácil. Para se dar bem na rua, você precisa fazer amizades que te faz bem, ficar arrumado. No CRECA, você precisa ser legal e em casa precisa fazer as regras.

### **SONHO**

1. Sonhei que eu amanhecia cheia de tiro. Não tinha lugar para dormir e eu sonhei que eu tomava um tiro na cabeça de um cara que um outro cara tava devendo.

*Sem associações.*

2. Tava com umas amigas, aí chamaram a gente para ir na biqueira para comprar droga. A gente tava com 50 reais, mas era falso. Os meninos descobriram e bateram em nós. Aí a polícia chegou, queria saber onde era a biqueira e nós não falamos e eles levaram a gente pra FEBEM.

*Associação sobre o sonho:* Acordei assustada.

3. Sonhei que eu conhecia meu pai, eu não conheço ele. Ele ía no CRECA, falava com o juiz e me levava pra morar com ele. Eu tinha acabado de sair e voltei, e a tia disse que o meu pai tava na porta do CRECA.

*Associação sobre o sonho:* Acordei triste porque eu queria que fosse verdade.

### Análise do caso:

J. apresenta recursos internos para refletir sobre o que vive, mas fica muito triste e perdida por causa das brigas em casa; muitas vezes com as irmãs, e principalmente com o padrasto, quando são mais perigosas. Estava triste por estar longe da mãe e achava que a mãe nunca se importava com ela.

As brigas com a mãe, com as irmãs e com o padrasto tornavam a convivência em casa algo sofrido, o que levou J. à vida nas ruas. O envolvimento com as drogas dificultou ainda mais o relacionamento familiar, impulsionando sua decisão por sair de casa. Segundo J., as pessoas decidem pela vida no crime porque desejam bens materiais ou por influência de outras pessoas. Ela teria suportado e controlado a vontade de participar do tráfico, o que é descrito como algo tentador.

J. difere, com clareza, os relacionamentos estabelecidos na rua, no tráfico de drogas, no CRECA e na casa da família, ressaltando diferentes características valorizadas em cada um desses contextos.

Na rua as características valorizadas são ser “esperta”, “saber chegar e saber sair”, não ser “folgada”, ser egoísta e não ser muito boazinha para que as pessoas não queiram obrigar a obedecê-las. O que também se verifica na Fundação Casa, segundo J. No ambiente do tráfico há muita cobrança, não há muita conversa, é preciso ser “esperto” e, principalmente, “atento” para não ser surpreendido pela polícia.

Na rua e no tráfico as pessoas não são amigas umas das outras. No tráfico de drogas, se algo acontecer com alguém, ninguém ajuda, “se vai preso a única pessoa que te salva é a família, o pai e a mãe”. Na rua também não se deve contar nem confiar nas pessoas, cada um deve buscar o que precisa, “se você quer comer você tem que ir atrás” e

“não pode ir pela cabeça dos outros”, denunciando um ambiente de muita solidão, onde não há ajuda entre as pessoas e não há confiança entre elas.

As regras da rua são ir atrás do que se precisa, não mexer nas coisas dos outros, respeitá-los, obedecer quem manda mais, que são os “disciplinas”, respeitar os namorados dos outros, não pegar as coisas dos outros, não pegar drogas dos outros. Caso estas regras não sejam cumpridas a punição frequentemente é bater ou matar o infrator. As regras do tráfico são trabalhar direito, gerar dinheiro, “produzir”, e o descumprimento também leva à morte ou ao espancamento. No CRECA também há esta regra de que não pode mexer nas coisas dos outros, no entanto, as brigas que derivam desse fato são mais violentas na rua, onde se usa a faca. Vale destacar o estado de atenção e alerta em que permanecem os jovens, na esperança de que nada saia fora das regras, devido a intensidade da punição ao erro.

É importante destacar o sentimento de solidão de J. Não se sente amparada em casa devido as brigas e as drogas. Sente-se desprotegida na rua, onde também estabelece relacionamentos baseados em brigas e vive sob condições nas quais não consegue dormir. J. tinha dificuldade de fazer amizades na rua. Sentia-se diferente das pessoas da rua porque nunca ficava “bagunçada” e os outros achavam estranho, dizendo que ela não parecia “menina de rua”. Também não fazia parte do CRECA e as pessoas não entendiam porque ela estava lá se tinha família. J. estava perdida, desamparada, não se sentia acolhida e nem pertencente a nenhum lugar.

Seu cabelo era muito bonito e bem trabalhado com tranças. Quando o penteado precisava de retoques, J. voltava para casa e a mãe arrumava-lhe os cabelos. Sua aparência denunciava que ela não era menina de rua e que possuía família. Esta característica de estar sempre arrumada teria sido incorporada em sua identidade. J. não percebia na constituição de sua identidade a característica da rua e nem do CRECA, mas da família, e sofria porque não se sentia parte dela.

Ao se dar conta do caminho percorrido, mostrava-se pouco satisfeita, dizendo que sua vida poderia ter sido boa se ela não tivesse “estragado”, escolhido a vida ruim das drogas e da rua. Há, em sua fala, forte tom de arrependimento e culpa, e também de desesperança em trilhar uma nova direção para a vida. Sentia-se sem recursos e sem apoio.

Está deflagrado um conflito sofrido. J. não se identifica com nenhum dos ambientes que frequenta, apenas com a casa da sua família. No entanto, tem dificuldade de relacionar-se com as pessoas de lá, onde se sente pouco pertencente e acolhida. Talvez tenha saído de casa em busca de um lugar em que se sinta integrada mas não encontrou. Envolveu-se com a rua e com as drogas, está arrependida, mas não vislumbra novas possibilidades de vida.

Destaca a importância de voltar para casa. Uma nova história estaria relacionada com a vida em casa, onde teria oportunidade de estudar e fazer cursos, mas ela não consegue fazê-lo devido às brigas em família. Diz isso com muita dor, como se tivesse escolhido um caminho errado, sem volta.

No primeiro sonho, J. amanhece com tiros na cabeça, o que simbolicamente representa a opção pela vida na rua. Muitas foram as contingências que a conduziram, como se ela tivesse escolhido esse caminho sem consciência, sem controle. Essa sensação está presente na entrevista ao repensar sua vida. Talvez por isso o tiro tenha atingido a cabeça, o local da consciência, do pensamento, da decisão, da escolha ética. Ela não estava em vigília, estava dormindo, sem defesas, sem consciência, quando sofreu uma ameaça. O sonho choca J, assusta-a ao retratar intensamente o que vive no mundo.

O segundo sonho mostra uma situação sem saídas. Ela é repreendida pelos traficantes e também pela polícia, não há lado seguro. Ela não faz parte de nenhum dos lados, não pertence a nenhum dos grupos, o que está de acordo com o conflito relatado na entrevista, em que não se identifica com o mundo da rua nem com o CRECA e nem com a sua casa. Esse sonho choca a sonhadora, mostrando que essa escolha de vida não propõe alternativas saudáveis, é uma escolha cara. A presença do dinheiro falso indicaria que nesse mundo não há dinheiro verdadeiro, não há energia que leva à construção de nada. O desfecho do sonho, a lysis, é negativa, indicando a possibilidade de desfechos trágicos para a sua vida nestas condições.

No terceiro sonho relatado J. conhece seu pai e ele a leva para a casa, dois fatores muito importantes. Esse sonho apresenta um novo caminho, uma nova possibilidade para a vida de J., a possibilidade de voltar para casa, de encontrar seu centro, seu verdadeiro ser. Esse sonho mostra que há saídas, diferente do segundo sonho. A saída está representada pela figura do pai, simbolizando a saída pela consciência, pelo pensamento, pela regra, pela ética, pela função patriarcal que havia sido atingida no primeiro sonho (tiro na cabeça). Voltar para casa representa uma forma de vida que tenha proteção, refúgio, acolhimento e integridade interna. O pai leva J. com a autorização do juiz, mostrando uma alternativa correta, justa, dentro das leis, das regras, consciente, esclarecida.

O sonho compensa a violência que vive em casa. Vive uma dinâmica de violência em casa e encontra a mesma dinâmica nas leis duras na vida na rua. Há indícios de que a experiência brutal vivida externamente ilustre a dinâmica violenta presente também internamente. Entretanto, o sonho mostra a possibilidade de encontrar elementos positivos da função patriarcal internamente, o que ajudaria nas novas escolhas de vida.

## **Participante 8     S., menina, 15 anos**

### **ENTREVISTA**

Fiquei na rua por um mês. Tem muita briga, sempre por causa de drogas. Tem muita sujeira nas pessoas, na rua. O jeito das pessoas é meio ignorante, não gosta que cheguem perto delas porque acham que as pessoas vão pegar droga delas. E sempre acham o pior das pessoas. Na rua você tá sozinho. Por mais que chegue alguém para falar que é seu amigo, que está com você, você está sozinha. As pessoas ali só tá por si mesmo. Quer saber da comida delas, do lugar para eles dormir. Se eles não correm por eles, ninguém vai correr. Nem querem saber o que você pensa. As pessoas são falsas, só pensa nelas. São muito arrogantes, e não quer saber se você tá vivo amanhã. Tudo que elas conseguem é só delas porque é tudo que elas têm. Você tem que estar com cara de nervosa, parecer uma pessoa nervosa, egoísta, saber brigar, saber bater, senão apanha. Senão você não vive na rua, não pode ser uma pessoa muito boa, não pode querer ajudar os outros, porque senão os outros acham que é muito bonzinho e fica pisando em você. Egoísta, assim, se tiver comendo uma coisa, não pode dar. Quem quer ajudar só se ferra. Eu era assim, arrogante, na rua. Não pensava em ninguém, só em mim. Porque só tinha eu pra correr comigo. Na hora que você tem droga eles usa com você, é seu amigo. Quando acaba ainda chama alguém pra bater em você dizendo que você fez alguma coisa. Eu era ignorante, que chega e xinga os outros, que não tem limite.

Tem regras na rua. Primeiro, não roubar as pessoas que moram por lá. Depois, tem que ser esperto, saber fazer seu corre, senão não vive. Depois, a regra mais importante para mim: eu roubar para conseguir as coisas pra mim, porque se eu fosse esperar dos outros não estaria viva, teriam me matado, ou me batido. As pessoas na rua são muito ruins, parece um bando de animal.

O tráfico na rua. Eu vendia cola no vale. Não dava muito dinheiro, dá mais pro gerente porque cola é barato. O tráfico é do mesmo jeito que na favela. Se não vender, não leva sua porcentagem e ainda recebe ameaça. Também não pode ser bonzinho, se não fizer o que é certo, morre. Não são amigos, é cada um por si.

Meu primeiro dia de rua foi num dia que eu não queria ficar com a minha mãe, ela me batia e eu não precisava ficar apanhando. Saí de casa para ir para a casa do meu pai. Eu achei que eu ia pedir dinheiro e ia pra lá, mas não consegui e dormi na rua, perto da casa dele. Encostei lá e acabei dormindo no mercado, quando abriu eu acordei. E fui para a casa do meu pai.

Na vez seguinte eu tava na casa de uma amiga na favela, briguei com ela e fui para a rua. Eu ficava com uma menina e fiquei com ela na rua. Às vezes eu ficava com ela e às vezes sem ela.

No CRECA, mesmo eles vindo da rua você pode contar com eles. Quando você quer chorar tem um ombro para você chorar, e mesmo quando você tá triste eles conseguem tirar um sorriso de você. As pessoas também são ignorantes, às vezes são boazinhas, mas às vezes tem os limites delas, todo mundo tem o seu limite. E a pessoa vai lá e pesa na sua, você estoura seu limite mesmo. No CRECA eu sou diferente do que sou na rua. Às vezes sou igual. Depende do dia. Porque tem dia que eu acordo muito irritante e até eu concordo com isso. Tem dia que eu acordo dando bom dia. Tem dia que eu acordo com saudade da minha mãe. Na rua eu era mais esquentadinha e se mexia comigo eu batia mesmo. No CRECA eu tenho mais saudade da minha mãe do que na rua, porque na rua eu ia ver ela, passava a tarde com ela e a noite ia para o Vale. Na minha família eu sou totalmente diferente, sou mais dócil, mais calma, para não apanhar da minha mãe e para eu não me irritar e não sair do sério. Na minha casa, minha mãe é chata, meu padrasto é bêbedor, mas eu sou suave. Faço igual no CRECA, e quando eu não acordo bem vou para a casa dos outros. Na minha casa eu consigo contornar, sair, respirar fundo. Na rua a gente se dá com quem não conhece. Mas sou um pouco ignorante com o meu padrasto. Na minha casa sou arrogante porque minha mãe não pensa em mim, então tenho que pensar eu. Diferente da rua, que eu gosto de arrumar encrenca. Na rua as pessoas querem se achar, se achar PCC. Só porque usa maconha, trabalha no PCC. Quem trabalha no PCC é respeitado porque eles têm a metranca que nós não tem. Eles não erra, não dá motivo pros outros falar deles.

No CRECA é legal estar com os amigos. Na rua é legal usar droga, mas é ruim também. Na minha casa é bom porque é minha família, mas é ruim porque lá parece um enterro, parece um velório, acho que quando eu morrer vai ser mais alegre. Lá eu fico no quarto o dia todo.

#### **SONHO**

1. Tava na minha casa, atrás da minha casa tinha uma Igreja. O diabo foi me buscar, saí correndo para a igreja, e uma mulher de lá me disse: “esse diabo é muito forte e você não vai conseguir deter ele”. Ele saiu quebrando a igreja toda.

*Associação sobre o sonho:* Acordei chorando. Esse sonho eu tive na rua.

2. Sonhei que meu pai morria, se jogava do Viaduto do Chá. A gente tava conversando e ele me disse que não aguentava mais beber, que a vida dele não era aqui, queria ir para um lugar melhor e se jogou.

*Associação sobre o sonho:* Esse sonho eu também tive na rua.

3. Esse sonho eu tive há umas 3 semanas, não estava mais na rua. Sonhei que eu tava tendo relação com um menino que eu fiquei, na mata perto da minha casa

*Sem associações.*

4. Sonho com a minha madrinha (já falecida) direto. Que ela vem conversar comigo, que não é para eu chorar porque ela tá comigo.

*Sem associações.*

5. Ontem eu sonhei que eu tava fazendo sexo com 15 pessoas. Num corredor, no final do corredor era um buraco e tinha 15 portas. Cada porta tinha um menino diferente e eu transava com cada um.

*Sem associações.*

#### Análise do caso:

S. é comunicativa e apresentou recursos internos para compreender as circunstâncias que viveu na rua, no CRECA e que vive atualmente na casa da sua mãe, tecendo importantes reflexões durante a entrevista.

Apresenta clara diferença entre as formas de relacionamento na rua, no CRECA, no tráfico e na sua casa. Ao descrever o ambiente da rua fornece o primeiro retrato do que significa viver ali: há muita briga e muita sujeira. Em seguida, descreve as pessoas como arrogantes, ignorantes, desconfiadas, acham o pior das pessoas, são ruins, são como um bando de animais; estas são as características adaptativas e valorizadas na rua. Ressalta a importância de ser nervosa, egoísta, esperta, saber brigar, saber bater. Conta que passou a ser desta forma e assim estava adaptada na rua - xingava as pessoas e era “sem limites”. Não é aconselhável ser boazinha e nem querer ajudar as pessoas para evitar que os outros abusem ou sejam agressivos, diz S. Ser uma pessoa boa, ajudar os outros, ser amigo, é entendido como “ser trouxa”, por isso é preciso ser ignorante, arrogante, egoísta, xingar as pessoas e brigar.

Relata também o desejo de obter respeito mostrando aos outros o que não é. Muitas pessoas querem “se achar”, “se achar PCC”, que significa ser bandido, perigoso, muito envolvido com o crime, andar armado. Isto denuncia os valores deste ambiente.

As principais regras que destaca na vida da rua são não roubar as pessoas que moram no mesmo lugar e conseguir o que se precisa por si só. S. enfatiza que as pessoas parecem amigas, mas não são, e que cada um deve fazer as coisas por si próprio e resolver os seus problemas sozinho. No tráfico é preciso vender bem, fazer o que é dentro das regras, e não mostrar-se “bonzinho”. Revela que a vida na rua, e também no tráfico, é uma vida solitária, e não se pode confiar em ninguém. S. ressalta a dificuldade de nunca contar com ninguém. Esta sensação também estava presente quando falava do relacionamento em casa. Dizia-se arrogante em casa porque precisava cuidar dela própria já que ninguém pensava nela, nem sua mãe. Ser arrogante foi um mecanismo desenvolvido para sustentar-se sob essas circunstâncias.

Na rua, as pessoas também se preocupam apenas consigo mesmas, “querem saber da sua própria comida, do lugar para dormir”. Não são amigas e são falsas. Explica que agem assim porque “se eles não correm por eles ninguém vai correr”, e “tudo que conseguem é só deles porque é tudo que eles têm”. Esta é uma forma adaptativa e defensiva que permite a sobrevivência na rua e por isso ela também agia assim, “só tinha eu para correr comigo” diz, na rua e também em casa.

S. relata os aspectos positivos e negativos de cada ambiente em que está inserida, mostrando elementos muitas vezes contraditórios, numa tentativa de avaliar e pensar sobre essas formas de relacionamento. Na rua, ela era mais brava e diz gostar de arrumar encrenca, o que denuncia relacionamentos baseados na agressividade. Há muitas brigas e as pessoas pensam o pior das outras, ainda assim permanecem juntas, por mais difícil que seja a relação entre elas. Devido à fragilidade dos relacionamentos ali estabelecidos S. se sentia sozinha.

A imagem do primeiro dia em que foi para a rua mostra solidão, desespero por causa das brigas em casa e inconsciência dos perigos. Acreditava que conseguiria dinheiro para ir à casa do pai, no entanto, teve que dormir em um mercado até que amanhecesse. Nessa imagem aparece a briga com a mãe, a busca do pai e o sentimento de solidão quando está em casa, confirmado pela última frase da entrevista: “lá parece um enterro, parece um velório, acho que quando eu morrer vai ser mais alegre. Lá eu fico no quarto o dia todo”.

S. descreve a convivência no CRECA de forma mais carinhosa, acentuando a importância da relação com os amigos, pautada pelo afeto e pelo apoio. Gosta de estar com os jovens do CRECA, que a consolam quando está triste e ainda tiram-lhe um sorriso. Ao falar desta convivência, reconhece a sua própria irritação e os limites das outras pessoas. Denuncia a necessidade de relacionamentos dessa natureza, que não estão presentes em nenhum outro momento do relato. Vale destacar que N., J. e S. estiveram juntas em um

CRECA que era parte do Projeto Quixote e tornaram-se muito amigas. Hoje este CRECA não existe mais e elas se encontram na instituição durante as atividades propostas.

O primeiro sonho de S. traz a imagem impressionante da perseguição do diabo, que entra inclusive na igreja e quebra tudo. Uma mulher alerta que este diabo é muito forte e que S. não conseguiria detê-lo. Esse sonho trata da luta contra o mal, e talvez da dificuldade de controlar o mal que há nela. Indica a força dos aspectos diabólicos internos que a persegue e, por mais que ela busque alternativas nesta luta, elas não são firmes o suficiente para deter essa potência interna. Surge no sonho um mulher que lhe diz que ela não conseguirá deter o diabo, pois ele é muito forte. Esta mulher pode ser o símbolo de uma figura materna interna negativa, que não acredita na força dela, não apóia, não promove força. Esta mulher pode ter relação, também, com a sua mãe real. Esse sonho parece alertar para a fuga do mal e para a necessidade de buscar novas alternativas nessa luta, mostrando que ela não conhece as suas armas e precisa encontrar aspectos internos positivos que a auxiliem.

O segundo sonho traz a figura do pai. Talvez indique a ausência de uma figura paterna, de ordem, proteção, apoio, o que está em ressonância com a imagem que traz de seu primeiro dia de rua em que buscava refúgio na casa do pai, sem sucesso. Essa imagem retrata a busca do pai concreto, mas também do princípio paterno dentro dela, responsável pela ordem, pela lei, pela consciência, pela proteção. O sonho indicaria que alguns aspectos do princípio paterno dentro dela não estão conseguindo expressão nesse modo de vida.

Há, neste sonho, a sensação de que não há saídas, como no sonho do diabo. A figura do pai no sonho não consegue viver neste mundo e a única saída é a morte. Representa um alerta para a dificuldade de superar o diabo e de salvar esse pai interno. Ilustra, também, estado depressivo, falta de horizontes e logot lesado. A ausência de lysis no sonho indica que ainda não há resoluções disponíveis para este conflito na consciência.

No terceiro sonho há a relação sexual com um menino com quem S. já “ficou”. Este sonho traz aspectos adolescentes, conflitos comuns nesta etapa da vida. Há presença de aspectos de Eros e indicaria a possibilidade de relacionamentos de maior intimidade com os outros. A necessidade de relacionamentos mais afetivos, que não esteja pautados por brigas, está presente na entrevista também. O sonho compensa a falta de contato e de intimidade.

O sonho indicaria, também, a possibilidade de relação estreita entre aspectos internos de S. O sexo traz vida e apresenta aspectos criativos de seu processo de desenvolvimento. Um relacionamento interno mais harmonioso promoverá relações de proximidade no mundo.

O quarto sonho traz a imagem da madrinha já falecida. Apresenta uma figura feminina, materna, cuidadora, protetora, que está ao lado dela, vem auxiliá-la nesta luta no mundo, e dizer que ela não está sozinha. Compensa a situação de desproteção, solidão e

falta de cuidado que vive no mundo; a madrinha dos contos de fadas aparece quando há falta de mãe, solidão e desamparo, condição de maior vulnerabilidade e exposição à riscos. Esse sonho oferece figuras do self que indicam novas possibilidades internas e novos caminhos.

O quinto sonho relatado provoca preocupação novamente. Está relacionado aos dois primeiros sonhos; todos eles apresentam uma situação sem saídas, desfechos ruins ou ausência de lysis e, portanto, falta de resoluções criativas disponíveis na consciência. Neste sonho S. está num corredor com 15 portas, em cada porta havia um menino com quem tinha relação sexual e ao final do corredor havia um buraco (ausência de saída). S. tem 15 anos e o sonho indica um abuso ou violação por ano. A vida de S. estaria marcada por eventos fortes e traumáticos, muito invasivos. Ao contrário do terceiro sonho em que o sexo surge como uma busca pela vida e traz um aspecto criativo de relacionamento íntimo, neste quinto sonho há sensação de uma busca desviada, desvirtuada. A tentativa de buscar proximidade e vida pela via sexual denuncia uma busca desenfreada de preencher um vazio, o buraco que aparece no sonho. Este sonho choca a sonhadora, pois retrata suas experiências abusivas numa sequência que não propõe saídas. Não há resolução disponível na consciência (ausência de lysis). Indicaria, também, o perigo de utilizar instrumentos disponíveis de forma equivocada e transformá-los em elementos destrutivos de violação. Retrata a necessidade de buscar novas saídas e utilizar as potencialidades de forma criativa.

## **Participante 9      J.E., menino, 17 anos**

### **ENTREVISTA**

Eu fiquei na rua e não passei frio, passei fome. E não encontrei ninguém que eu conhecia. Eu não sabia as regras, sabia um pouco porque conheci gente de lá, sabia que cada um tem um lugar para dormir, que as pessoas pega as coisas dos outros e quando você tá dormindo os outros faz maldade.

Eu tenho cara de bobo mas eu sou folgado. A maioria das pessoas eu fico amigo, mas não gosto que pise no meu calo. Ser folgado ajuda na rua, porque ninguém vai achar que você é bobo e os outros não vão subir em cima. Não pode baixar a cabeça, senão pro resto da vida tem que responder para essa pessoa. Tem que se mostrar bravo. Eu sou o maior palhaço, mas tem que mostrar firmeza. No CRECA é igual. Tem que ter carisma, bom humor, mas quando tá rolando um confronto tem que demonstrar firmeza. Hoje sou menos nervoso, antes eu era mais.

Antes de ficar na rua de verdade, eu saía de casa cedo, ia pra rua. Ficava lá. Usando droga, ou fazendo outras coisas, às vezes roubava, a noite voltava. As pessoas achavam que eu era imprestável.

### **SONHOS**

1. No CRECA só tenho sonho ruim. Sonho que eu estou brigando.

*Sem associações.*

2. Sonhei que eu tava no ônibus e fui para a casa da minha mãe, acordei quando encontrei uma pessoa, um amigo no meio do caminho, e não fui para a casa dela.

*Sem associações.*

3. Sonhei que eu tava matando uma pessoa, esfaqueando, era um homem. Não lembro por que.  
*Associação sobre o sonho:* Acordei meio assim, mas não tão assustado porque já vi gente morrendo.
4. Sonhei que a minha vó tava viva e eu tava morando com ela.  
*Sem associações.*

### Análise do caso:

J.E. relatou pouca vivência de rua e indicou pobre conhecimento em relação à dinâmica de funcionamento neste contexto, não apresentando distinção entre o ambiente da rua e do CRECA. Ele afirma que não vivia na rua, apenas ficava muito tempo fora de casa, o que parecia não apenas uma forma de lazer, mas também uma forma de manter-se longe do contexto familiar. J.E. sente-se sozinho e possui pouco apoio familiar. A avó, com quem mantinha intenso contato afetivo, faleceu, por isso vive, atualmente, com uma tia com quem tem pouca proximidade. Chama a atenção sua percepção de que as pessoas o avaliavam como imprestável, o que significa aquele que não tem valor, não serve para nada e pode ser descartado.

Durante sua passagem pela rua, não encontrou nenhum conhecido e ficou sozinho. Conhece algumas regras que se referem à demarcação do território da rua e aos perigos dos outros roubarem as suas coisas ou lhe fazer algum mal; diz que “cada um tem um lugar para dormir, as pessoas pega as coisas dos outros e quando você tá dormindo os outro faz maldade”. Sozinho e com poucas instruções sobre o funcionamento da rua, utilizou algumas regras que eram próprias do CRECA. Apostou na importância de ser bravo e folgado. Há forte oposição entre ser folgado e ser bobo. Caso alguém passe a impressão de que é “bobo”, corre o risco dos outros abusarem dele, por isso é favorável mostrar-se “folgado” e “bravo”. De acordo com J.E é preciso ter bom humor e carisma, mas ao mesmo tempo “firmeza”. Acredita ser “palhaço”, mas precisa mostrar “firmeza”, que é mais valorizado na rua. Estas são questões referentes ao relacionamento com as pessoas e aos valores nesses ambientes.

O primeiro sonho relatado por J.E. trata de brigas, que podem ser entendidas simbolicamente como conflitos. Esses conflitos são de natureza interna e externa. Apresenta conflitos em relação ao ambiente do qual faz parte e também conflitos internos, típicos da adolescência, que tratam da questão do desenvolvimento, do dilema de crescer.

No segundo sonho relatado o ego onírico estava a caminho da casa da mãe e muda o trajeto ao encontrar um amigo. O desfecho do sonho, a lysis, retrata o desvio de um caminho que leva o sonhador a não chegar em casa. Enquanto outros sonhos expressam o símbolo do voltar para a casa como retorno à própria essência, como possibilidade de descoberta de um novo caminho, este sonho trata de um desvio do caminho, ocasionado pela circunstância de um encontro casual com um amigo. É possível compreendê-lo como o

retrato da impossibilidade de encontrar uma alternativa de desenvolvimento que siga em direção ao centro, e que o desvio do desenvolvimento estaria relacionado a circunstâncias ocasionais, fora de controle.

No entanto, também é possível compreender esse sonho a partir do conflito adolescente de crescer, em que o jovem deve se desligar da mãe e do mundo da infância para seguir por outro caminho. Esse novo trajeto é inaugurado pelo encontro com um amigo, que indica a busca de referência no grupo de pares e não mais em casa. Seria um desvio saudável, próprio da adolescência. Lança-se, assim, a discussão sobre o distanciamento do mundo da família em circunstâncias em que a família é pouco continente.

A peripécia do terceiro sonho apresenta o assassinato de um homem, cometido pelo sonhador. Neste sonho também não há lysis, o que indica a ausência de resoluções disponíveis para este conflito na atual configuração da consciência. Trata de um assassinato sem motivo, sem história, e apresenta o tema da morte de forma banalizada. Estaria relacionado ao relato de que as pessoas acham-no um ser imprestável, que pode ser eliminado, descartado. Este homem que morre simbolizaria alguns aspectos de J.E. que estão morrendo, de forma pouco explicada, banalizada, e o sonho retrata isso ao sonhador.

Esse sonho indicaria, também, a ausência de modelo masculino sobre o qual apoiar a construção de sua identidade masculina. Há necessidade de uma figura com quem confrontar, o que sustentaria a constituição de sua identidade de homem. Entretanto, esse confronto necessário acaba acontecendo como uma luta de faca, que promove a morte e não a construção e o desenvolvimento. Que homem J.E. será?

No quarto sonho surge o tema de voltar para casa a partir do encontro com a avó já falecida, que era uma figura afetivamente importante para J.E. Essa figura feminina traz a expressão de aspectos internos, ligados à dinâmica matriarcal, que evocam cuidado e proteção. Esse sonho compensaria a solidão, a desproteção, o risco, a falta de cuidado, a falta de figuras de identificação e ausências de locais de pertencimento. A figura da avó expressa aspectos profundos da psique relacionados ao cuidado, à manutenção da vida, à integração, ao conforto e ao apoio. Indicaria a presença de conteúdos internos importantes e a possibilidade de um novo trajeto a seguir, um caminho para o desenvolvimento e para a vida.

## **Participante 10      C., menino, 14 anos**

### **ENTREVISTA**

Estou no tráfico desde os 10 anos. No começo o tráfico é bom. Você usa droga, trafica, ganha muito dinheiro. Depois que se acostuma, os cara começa a montar em cima e faz você de lagarto. Você tem que fazer as coisas para ele e só dá dinheiro para ele. A convivência é normal, como se não tivesse na vida do crime. Tem que conversar com respeito, normal. Tem que pensar antes de fazer, para ver se vai dar certo, não agir só pela emoção. Se for pela emoção dá errado. Sair devendo pros caras, eles querem te matar. A maioria das pessoas

trabalha só para usar. Tem que saber usar a mente, porque tem uns que traficam só para ir preso. Tem que agir como se ninguém soubesse que é do tráfico. Você tem que ser como se não fosse o cara, fingir que não é o dono. Os criminosos são maldoso só se houver falha. A regra é assim, na terceira falha não dá oportunidade, mata. Você tem um dia certo para pagar e não pode ficar devendo. Tem umas meninas que vão em cima dos traficantes porque os caras compram tudo o que quer.

O que acontece de diferente fora e dentro do tráfico é a gíria. Na família também ninguém fala na gíria. Em casa eu respeito a minha mãe, faço o que ela me pede. No tráfico cada um faz a sua, não pode ser bonzinho. Tem que agir na maldade, ser bravo. Tem que ser maldoso, senão caem em cima. Tem que ser bravo, se apronta com você, tem que quebrar ele logo de uma vez. Tem que ser maldoso e falar na gíria.

### **SONHO**

1. Sonhei que o diretor da Fundação me deu um monte de tiro na perna e eu sobrevivi. Falei que eu ia voltar pra buscar ele, quando eu voltei ele não tava mais lá.

*Sem associações.*

2. Sonhei que a minha vó foi atropelada. Eu tava traficando ela foi lá onde eu tava, não fui embora, ela foi sozinha e foi atropelada.

*Sem associações.*

### Análise do caso:

C. conhece as regras e os valores relacionados ao mundo do tráfico, aprendidos desde os 10 anos, quando se envolveu com isso. Estava interessado em me contar como era este mundo que eu não conhecia.

Destaca entre as regras principais conversar com respeito, pensar antes de fazer, usar a mente, não sair devendo e não agir pela emoção, o que levaria a cometer erros. Interessante notar que C. faz distinção entre a razão e a emoção, e valoriza a razão, dizendo que é preciso pensar antes de agir. Agir com razão ajuda a prevenir o erro e a prisão, enquanto agir pela emoção atrapalha, traz resultados ruins. A punição para o descumprimento das regras seria ir preso ou ser morto. Após a terceira falha não há negociação, não há oportunidade, o criminoso mata. Ressalta que o criminoso só é maldoso quando há falhas.

No mundo do tráfico de drogas é valorizado falar na gíria, não agir pela emoção, não ser bonzinho, ser bravo, agir na maldade, responder com violência quando alguém fizer algo contra você. A gíria surge como passaporte para o mundo do tráfico, como se fosse o idioma desse ambiente.

Apresenta uma importante distinção entre o comportamento que estabelece no contexto familiar e no tráfico de drogas. Em casa obedece à sua mãe por respeito e faz o que ela pede, enquanto no tráfico não se pode fazer o que pedem, pois não é aconselhável ser “bonzinho”. Não há relacionamento de qualidade entre as pessoas e nem disposição para ajudar o outro, é “cada um na sua”. Em casa pode ser “bonzinho”, enquanto no tráfico precisa ser “malvado” e “bravo”.

Descreve um deslumbramento e uma desilusão. Durante o envolvimento inicial com o tráfico, o jovem está encantado com a posição de fazer parte do tráfico, a proximidade da droga e a possibilidade de ganhar muito dinheiro. Após algum tempo, este deslumbramento parece ruir e os garotos sofrem abuso das autoridades do crime, vivem desilusão.

É interessante notar no relato de C. que é preciso agir como se não estivesse envolvido com o crime, como se não fosse o dono do tráfico, em oposição a alguns depoimentos que dizem que muitas pessoas querem parecer bandidos. Talvez aqui esteja deflagrada uma distinção importante entre aqueles que tentam parecer perigosos e criminosos, e aqueles que realmente assumem altos cargos na organização criminosa e preferem agir como se não fizessem parte deste mundo.

No primeiro sonho relatado, C. é atingido por um tiro na perna num confronto com o diretor da Fundação Casa (peripécia). Quando o sonhador retorna para se vingar, o diretor não está mais lá (lysis). O conflito com o personagem “diretor da Fundação Casa” revelaria dificuldades de interação com figuras de poder do sexo masculino, e a dificuldade de identificação com uma figura paterna. A figura masculina mais velha e mais poderosa é punitiva, é um inimigo e não um aliado, contra quem ele estabelece um confronto e é atingido. Após o conflito com este personagem, o sonhador retorna para continuar o confronto e não encontra ninguém, declarando a ausência de um interlocutor com o qual o jovem precisa discutir, dialogar, confrontar. O jovem atravessa uma fase de descoberta de novas referências distantes daquelas adquiridas pela identificação com figuras parentais e em seguida é importante confrontar tais descobertas com as figuras de referência, dando sustentação para a construção da identidade. Sem esse confronto, sem essa retaguarda, a construção da identidade pode ser comprometida. A ausência de interlocutor também fica clara em seu discurso quando fala dos relacionamentos no mundo do tráfico, no qual não há diálogos nem negociações, e os limites são duros, rígidos e já estabelecidos (“sair devendo pros caras, eles querem te matar”; ou “a regra é assim, na terceira falha não dá oportunidade, mata”, por exemplo).

Nesse sonho C. recebe um tiro na perna, que é a parte do corpo responsável pela locomoção, pela direção, pelo rumo, indicando que o confronto com a figura masculina não promove desenvolvimento e crescimento, mas provoca uma ferida em aspectos relacionados à mobilidade, à direção e ao caminhar na vida.

Este sonho traz também o tema da raiva e da vingança.

O segundo sonho apresenta uma figura protetora, a avó. Esta figura interna feminina, ligada à dinâmica matriarcal, apresenta aspectos internos de cuidado, zelo pela vida e proteção, aspectos que podem retirá-lo da vida que ele escolheu no crime. Entretanto, esta ajuda pode ser desperdiçada, sem possibilidade de integração desses conteúdos. Este sonho indicaria que a transformação de sua história ocorrerá a partir desses aspectos

internos representados pela avó, mas exigirá uma decisão e a disposição egóica também, pois caso contrário tais possibilidades não se concretizarão.

Esse sonho também traz o aspecto motor (como a perna no sonho anterior). Há um carro que mata a avó. A ferida relacionada à direção na vida pode destruir aspectos internos protetivos.

Apresenta, ainda, o sentimento de culpa, que inauguraria questionamentos sobre as condições atuais de sua vida, ao contrário do sonho anterior, no qual a vingança e a raiva não incentivam tal questionamento e aprisionam. A vingança e a raiva estariam relacionadas às suas condições de crescimento, à ausência de figuras de proteção, à sociedade atual. Entretanto, neste último sonho há a figura da avó, afetiva, que indicaria que ainda é possível fazer novas escolhas em nome de outros afetos.

### **Participante 11     K., menino, 13 anos**

#### **ENTREVISTA**

Na rua a gente fala na malandragem. Na linguagem que aprende na rua, no dia a dia. Se eu for numa favela, eu ouço o pessoal falar e aprendo a falar na malandragem. No crime é diferente, você precisa de uma arma pra roubar, pra se defender. Você é mais respeitado porque os outros pega medo.

#### **SONHO**

1. Sonhei uma vez que eu tinha saído do CRECA e tive um sonho que eu acordei em casa. Aí eu achei que esse sonho era realidade. Eu acordei e conversei com meu pai no sonho e ele ficou todo feliz que eu tinha voltado pra casa.

*Associação sobre o sonho:* Eu acordei e comecei a chorar porque eu também tava feliz de ter voltado pra casa. Esse sonho é o que eu mais lembro.

#### **Análise do caso:**

K. era bastante novo e esteve pouco tempo na rua. Apresentou considerações de quem conhece este mundo sem participar intensamente dele.

É interessante apontar que o respeito aos bandidos do crime se dá pelo medo, e isso é descrito por K, como algo valorizado nesse mundo. Ressalta, também, a importância da gíria como um passaporte de entrada, que permite o pertencimento a este grupo e funciona como um dialeto próprio para esta vivência.

O sonho de K. traz a imagem de um relacionamento harmonioso com a figura paterna e com a função paterna interna. Este sonho apresenta, também, a imagem de voltar para casa, que anuncia a possibilidade de um novo caminho a ser seguido, um caminho que retorne à essência e ao centro da personalidade. Apresenta a possibilidade de regresso para um local de referência onde é possível encontrar alguém importante. Este retorno ocorreria por meio da função paterna, ainda preservada.

O sonho indicaria a possibilidade de novas formas de poder, agora relacionadas aos aspectos positivos da dinâmica patriarcal, em oposição ao poder dos criminosos, que se dá mediante o medo, o porte de arma e a transgressão.

## **Participante 12     I., menino, 14 anos**

### **ENTREVISTA**

Estou em semi liberdade por causa do tráfico.

Tem moleque que só quer aparecer, que quer aparecer até pra mãe. Malandro mesmo não fala que é. Tem gente que fica falando “aqui é o crime”, pra se aparecer. Porque já passou por uma opressão ou outra, ou porque foi preso e acha que é a grande experiência da vida.

Por onde eu ando eu sou respeitado. Pra minha mãe eu sou outra coisa. A pessoa tem um lado bom e um lado ruim. E nesses lugares tem que mostrar o lado ruim. Que você tem maldade, malícia, que você é esperto. Pra ninguém achar que você é trouxa. Se você mostrar o bom, você se dá mal. Para a mãe você mostra o bom, porque ela é a coisa mais importante que você tem. A linguagem com os caras também é diferente e facilita pra gente se entender.

Para mim o tráfico é sem saída. Doze sem saída. Tem que mostrar maldade. O crime é podre e não admite falha. Pra ser mais fácil pra aprender, se você vê que não é brincadeira, você não vai falhar. O convívio é diferente. É humildade, exigência, certo. Aqui não pode demonstrar o amor. Tenho que demonstrar a minha malícia, se você não mostrar malícia sua palavra não vai valer, não vão acatar. Veem que você é bobo e querem passar por cima. Se mostrar meu lado sentimental já não combina com esse tipo de convívio. Eles aproveitam e usam a pessoa. Meninos bonzinhos os outro se aproveita, quer a mão e depois o braço.

Em casa, com a família é outro convívio. Lá no crime não tem paz, toda hora tem alguém querendo alguma coisa, ou alguma reunião. Na família você fica parado, na paz, pouco movimento. E tem futuro. Lá não tem, ou você vai preso ou você vão ser morto.

Era uma vez o tráfico a milhão. Pessoas com aparência de clientes, sacam o revólver e aparentam ser polícia. E confusão. Confundi polícia com cliente e deu prisão. Foi isso que deu. Aconteceu comigo.

### **SONHO**

1. Tava na UIP, sonhei que tava a maior ventania no prédio, um temporal, foi antes da minha audiência.

Sonhei que o prédio tava balançando e o portão se abrindo e eu saindo.

*Associação sobre o sonho:* Acordei ansioso, achando que aquele sonho significava a minha liberdade.

### **Análise do caso:**

I. é bastante articulado, parece respeitado no local onde mora e talvez ocupe cargos mais altos na organização do crime, indicando forte envolvimento com o tráfico de drogas. Apresenta consciência do funcionamento do tráfico, entretanto, confundiu a polícia disfarçada com cliente e foi preso, conforme seu relato em forma de rap.

As regras do crime são descritas como rígidas, duras e inegociáveis, “o crime não admite falhas”. Essa estrutura facilita o aprendizado de quem inicia as atividades no crime e mantém o funcionamento organizado do tráfico. Isso acontece, segundo I., porque quando está claro que participar do crime não é “brincadeira”, a pessoa não falha. Está descrita uma dinâmica patriarcal rígida.

Destaca como valor ser humilde, exigente para não errar, ser esperto, fazer valer a sua palavra, mostrar malícia, maldade, malandragem, mostrar o lado ruim.

I. diferencia os comportamentos que estabelece em casa e no crime. Em casa demonstra o lado bom, o amor, os sentimentos, que devem ser eliminados do mundo do crime. Mostrar sentimento não é adaptado ao mundo do tráfico e caso isso seja expresso por alguém, a pessoa parece trouxa e boba, abrindo espaço para os outros abusarem dela. O convívio com as pessoas do tráfico exige que se mostre malícia, esperteza e maldade. I. ressalta que todos possuem um lado bom e outro ruim, mas no mundo do crime só pode mostrar o lado ruim. Esta questão expressa o conflito da formação da persona. A gíria também é relatada como idioma próprio do mundo do crime, “a linguagem dos caras também é diferente e facilita pra gente se entender”.

Comenta sobre algumas pessoas que querem parecer mais bandidos que os outros, aparentar perigosas e experientes no crime, em oposição aos que realmente possuem um posto mais elevado nesta organização e que não exageram nesta postura de “malandro”. Quem é não precisa mostrar que é, pois já é respeitado. Quem não é experiente neste mundo tenta construir uma imagem que impressione os outros. I. declara que o tráfico não tem saída, mostrando descrença em seus recursos internos para mudança de vida. O ambiente do crime é tenso, estressante, movimentado, “não tem paz”, “não tem futuro”, não se pode “ficar parado”, diferente do ambiente familiar. A escolha pelo crime não propõe futuro. Há indícios de que a transformação da sua vida estaria sustentada sobre os valores da família, que são relacionados aos sentimentos, ao amor, ao lado bom das pessoas.

O sonho de I. é impressionante e traz símbolos especiais e distintos quando relacionados aos demais sonhos relatados nas entrevistas. Há semelhança com o sonho do participante C.R. (participante 14).

I sonha que um vento forte abala as estruturas do prédio da prisão onde ele está e que neste momento os portões se abrem, permitindo que ele saia. Significaria, segundo I., a sua “liberdade”. Indicaria a liberdade de sua vida e a possibilidade de construir uma nova história, com perspectivas de futuro. Apontaria novos caminhos, oportunidades de novas escolhas. O vento seria um símbolo importante de espírito, uma imagem do self, e sopra como se quisesse derrubar e destruir a vida carcerária que está edificada dentro dele. Destroí essa escolha de viver no crime, libertando-o. Esta imagem do self balança a estrutura do crime que há dentro dele e propõe uma reflexão sobre a liberdade, que não deve ser compreendida de forma tão concreta.

Entretanto, este sonho pode apresentar, também, a expectativa fantástica de salvação. O desejo de que algum fenômeno, mesmo que mágico, o resgate do perigo de permanecer preso. Está ilustrada uma frágil estrutura egóica que, sem ação, espera um evento surpreendente.

### **Participante 13      J.F., menino, 16 anos**

#### **ENTREVISTA**

Na rua eu fiquei um mês. É difícil. Fome você não passa, porque para onde você for, você arruma comida. Mas à noite você passa frio, não sabe o que pode acontecer com você, tem muito doido na rua, muita gente usa droga. Pode acontecer qualquer coisa com você. Os outros arrasta você pra roubar. Eu, graças a Deus, nunca roubei. Catava papelão, meu ferro velho e depois vendia. No CRECA é difícil, você fica todo dia lá, faz sempre a mesma coisa, vê sempre as mesmas pessoas. Mas por outro lado é bom porque não tô na rua, não tô passando fome.

O jeito de se relacionar na rua ou no CRECA é diferente. Na rua eu falo diferente. Fala na gíria, tá com seus amigos. Na rua você quer ser malandro, você quer ser o pá. Gíria é o modo, você mora numa favela e todo mundo cresce com a gíria na cabeça, aí você se acostuma. No CRECA você pode até falar na gíria, mas a sua mentalidade é outra. No CRECA é outra coisa. Tem regras, você tem que seguir as regras. Na rua você tem mais liberdade, acorda na hora que quer, come na hora que quer. Na rua as pessoas me olham de outro jeito. Acham que você tá traficando, que é marginal, não tem futuro. O CRECA tem o objetivo de mudar você e quer o seu bem. Na família eu converso, não falo na gíria. Na rua a partir do momento que você tem droga, você tem um monte de amigo do seu lado. Mas quando você não tem droga, você não vê ninguém. É só você e você. Na família, independente de que a pessoa tá passando eles estão ali dando assistência. Na rua e no tráfico você tem ordem. Você tem que obedecer. Se não obedecer, ou você não trabalha mais, ou é perigoso até complicar pro seu lado.

O dinheiro que você recebe no tráfico vai fácil. Você ganha 500 reais por semana no 12. A pessoa recebe e fica ansioso. Eu comprava roupa, usava droga e ia para as festas, durava dois dias. Aparece uma pá de urubu. Vamo usar, vamo usar e você acaba usando. Eu passava o dia todo fumando maconha na rua, andando de carro e plantando maconha. As pessoas... têm umas que são humildes, mas têm outras que são ignorantes e olha pra você de um jeito estranho, na maldade. Como se não fosse com a sua cara, ou quer te matar ou fazer algo até pior.

Eu comecei a usar drogas com 9 anos. Com 10 eu entrei para o mundo do tráfico. Eu comecei a pensar que vinha coisa boa pra mim. Ganhar dinheiro. Comecei a plantar maconha. Com 14 anos eu fui preso, minha mãe nem sabe disso. Me livreí várias vezes da morte. Era para eu tá numa cadeira de rodas. Hoje eu tenho uma vida que eu nunca tive no crime. Eu paro pra pensar na minha vida, no meu futuro. Eu quero estudar, quero ser bombeiro. Quero seguir em frente, deixar de lado as coisas velhas e seguir uma vida nova. E acreditar nos meus objetivos.

#### **SONHO**

1. Eu sonho direto com a minha vó, que ela fala comigo para eu mudar de vida. Que ela não quer me ver nessa vida, nesse caminho sem volta. Ela quer que eu estude, ajude minha mãe e meus irmãos.

*Associações do sonho:* Quando eu penso na minha vó me dá ansiedade e nervosismo. Sinto muita saudade dela (já falecida).

#### **Análise do caso:**

J.F. mostrava-se entusiasmado com a nova vida que está construindo para si, apresentando reflexões e reconsiderações sobre o que já viveu. Indica força para sustentar esta batalha e manter-se firme diante de algumas tentações.

Lembra que a vida na rua é difícil e que por mais que não se passe fome ou que tenha mais liberdade para fazer o que quiser, há sofrimento com os aspectos negativos da

vivência de rua: passa-se frio, medo, sentimentos de desproteção, vulnerabilidade, insegurança e sofre discriminação no olhar das pessoas.

As regras da rua devem ser obedecidas como ordens, assim como no tráfico de drogas. Em caso de descumprimento, a pessoa não pode mais trabalhar para aquele traficante ou pode acontecer algo pior, “pode complicar pro seu lado”. Descreve algumas pessoas da rua como humildes, enquanto outras são ignorantes, maldosas e querem mostrar-se “malandras”. Muitas querem parecer “malandras”, parecer “o pá”, alguém importante, envolvido com o crime, experiente; isto está em ressonância com dados de outras entrevistas. J.F também comenta sobre a importância da gíria como linguagem da rua e parte deste mundo. A gíria não é adequada para o convívio familiar.

Mostrava-se preocupado com o que as pessoas pensam dos meninos que vivem nas ruas e percebia que as pessoas o olhavam “de um jeito estranho”, achavam que estava “traficando”, que era “marginal”, que “não tinha futuro”. Ficava incomodado, também, com os olhares dos outros meninos que estavam na rua, “te olham estranho, na maldade”. Está deflagrada a necessidade de consideração do outro, de relacionamentos legítimos com o outro. Na falta de relacionamentos dessa qualidade, se sente sozinho: “você não vê ninguém. É só você e você”. Percebia que os amigos de rua só apareciam quando havia drogas ou quando ele tinha dinheiro, por isso os descreve como más influências, como interesseiros, em quem não se pode confiar, ressaltando relacionamentos de má qualidade, poluídos.

Descreve o CRECA como um ambiente diferente, com outra “mentalidade”, onde as pessoas se preocupam com o seu bem estar. Revela a possibilidade de estabelecer relacionamentos de outra natureza em ambientes mais propícios e de reconsiderar aspectos da sua vida para transformá-los.

A imagem do primeiro dia em que foi para a rua e se envolveu com o tráfico de drogas mostra a trajetória de um menino muito novo, com esperança de encontrar um caminho bom para a sua vida, deslumbrado e iludido com as oportunidades prometidas pelo tráfico. Decidiu-se pela vida do crime sem muita elaboração, enfrentou diversos perigos e aos poucos percebeu-se diferente. É interessante que ele se preocupe em não poluir a imagem que a família tem dele, como se desejasse preservá-la, mantendo a possibilidade de retomá-la. Relata, também, o seu processo de transformação que teve como ponto fundamental a possibilidade de reflexão sobre a própria vida, de reavaliação dos riscos. Possibilidade de refletir, reconsiderar, pensar e não apenas agir ou reagir às circunstâncias que apareciam para ele. Conseguiu um intervalo dentro desse contexto tenso, estressante, caótico e arriscado em que vivia. Pôde estabelecer planos para o futuro, o que antes era inviável, e também acreditar neles, que é algo mais elaborado e profundo.

J.F. apresenta estrutura egóica mais fortalecida que, apesar de enfrentar experiências bastante duras, desenvolve diálogos internos importantes e tece reflexões fundamentais para a reconstrução de uma nova história de vida.

O sonho de J.F. apresenta uma figura interna materna positiva, a avó, uma imagem profunda da psique que aponta para este novo caminho que ele escolheu, uma trajetória que tem futuro, em oposição ao caminho sem futuro, “sem volta”, que vivia no crime. A avó é a ancestral da mãe, um símbolo muito importante da Velha Sábã, um conteúdo numinoso. Imagem interna feminina afetiva que traz proteção, acolhimento, perspectiva de vida e sentido à vida. É uma figura relacionada a valores que permitem novos planos e que preveem a manutenção da vida. Esta figura interna materna sustentaria a possibilidade dele acreditar nos seus objetivos e planos já revelados na entrevista.

#### **Participante 14    C.R., menino, 16 anos**

##### **ENTREVISTA**

O crime é que nem uma responsabilidade. Só muda que é errado. Igual a FEBEM. Na FEBEM, tem que saber controlar a situação, se alguém xingou, não pode pagar na mesma moeda.

Só dá pra ser carinhoso no dia da visita. No crime, um quer ser mais que o outro, um quer ter mais dinheiro que o outro, um quer ser mais bonito que o outro, e o final é cadeia. Se errar.... erra com Deus, com a família... no crime não. É o dinheiro dos outros, se der alguma coisa, vai no seu corre pra arrumar o dinheiro. Na FEBEM acorda às 5h30min e as regras são chatas. Na FEBEM tem que ser arrogante, estressado... você se adapta.

Quando você vai falar com outra pessoa, que não é de lá, é outro diálogo. Lá você tem que tratar de um jeito pra não ser cobrado mais pra frente. Antes de sair da FEBEM dá muito medo. Como será que vai ser no Mundão? Parece que é um bicho de sete cabeças. Não é medo de cair de novo. É... não sei do que... de renascer de novo. Na FEBEM a convivência é só com bandido, malandro, lá eu sei falar. Aqui, você vai conversar com alguém e não consegue nem falar. Tô aqui agitado, gaguejo. Não é medo, é a convivência. Cada lugar tem um modo de conversar e tem que se adaptar em cada lugar. Quando chega um familiar na visita, eu nem quero falar de nada, só ficar abraçado.

A convivência na cadeia e na favela é igual, mas na comunidade você tá armado. Tem um monte de revoltado. E na cadeia você também não pode errar. No tráfico também, estão só esperando um pezinho, um erro, pra matar. Doido pra matar. Cheio de ódio. A principal diferença é o ritmo. No mundão tem mais palavrão, mais destruição. Na FEBEM não tem falta de postura, não tem palavrão. Nós só fica conversando sobre o Mundão. Eu tô perdido, parece que nasci agora, não sei qual vai ser a minha ideologia no Mundão. Eu ganhava dinheiro demais, até moto. Quem é do tráfico, todo mundo tem respeito. Meu pai morreu e eu desandei, ele trabalhava pra um cara que tava preso.

##### **SONHO**

1. O último que eu tive. Tinha dois passarinhos azuis, vieram os dois, pousou do meu lado. Depois na minha frente e depois do meu lado de novo. Eu estava na varanda da minha casa.

*Associação sobre o sonho:* Tenho fé que é a minha liberdade.

### Análise do caso:

C.R. está bastante envolvido com o crime, mostrou-se influente e talvez ocupe cargos altos da organização do tráfico de drogas. Está concluindo uma medida judicial de sistema fechado (medida bastante grave) e iniciando uma nova etapa em que cumprirá medida de liberdade assistida. Durante o encontro refletia sobre a insegurança em retornar ao mundo depois de ter sido preso, mas às vezes se mostrava desconfiado e provocava em mim uma sensação de insegurança também.

C.R. entendia o crime como um emprego, era uma “responsabilidade. Só muda que é errado”. Conhecía bem as regras de funcionamento, sua rigidez e as graves punições para quem não as cumpre. Relata a impossibilidade de negociação ou reparação do erro: “erra com Deus, com a família... no crime não”. Este funcionamento é baseado em uma dinâmica patriarcal rígida. Dizia que os homens do tráfico eram doidos para matar, eram pessoas cheias de ódio, e isso chamou a atenção porque nunca havia sido dito de forma tão clara por nenhum participante.

Percebia as regras do tráfico semelhantes às da Fundação Casa, em ambos os espaços é preciso controlar a situação, ao invés de reagir a alguma afronta na mesma moeda. É preciso tratar os outros de forma que eles não venham a cobrar alguma coisa depois. E, principalmente, não se pode errar.

Os valores observados no mundo do tráfico e na Fundação Casa também são semelhantes. C.R. diz que não é interessante mostrar-se carinhoso, é preciso ser arrogante, estressado e fazer com que as pessoas te respeitem. Para serem respeitadas e valorizadas, as pessoas querem parecer bem adaptadas a este ambiente, influentes, bem sucedidas. Segundo C.R. “um quer parecer mais que o outro”, “parecer que é mais bonito que o outro, que tem mais dinheiro que o outro”. Para adaptar-se a uma situação é preciso ter clareza da maneira como são aqueles que têm sucesso neste contexto e perceber o que é importante mostrar aos outros sobre si. Aprende-se a conviver nesses contextos e a apresentar-se socialmente de forma adequada, o que fica explícito na fala de C.R.: “você se adapta”. Ele sabe “falar” no mundo do crime. Difere com clareza a maneira de se portar neste ambiente e em casa, ou com as pessoas da família, quando é permitido ser “carinhoso” e ficar “abraçado” sem falar nada.

C.R. estava incomodado em falar comigo porque eu exigia que ele se comportasse de uma maneira diferente da maneira como ele se relacionava com os bandidos. Explica que há uma maneira de se relacionar com as pessoas na FEBEM, com os “bandidos” e “malandros”, e que lá ele sabia como se portar pois se adaptou (“você se adapta”). Dizia que “cada lugar tem um modo de conversar e tem que se adaptar em cada lugar”. Diante de mim, era preciso agir de outra forma e parecia não saber o que fazer. Às vezes falava comigo na gíria, às vezes ficava desconfiado, às vezes tentava me explicar o que

significavam as gírias. Dizia-se agitado e gaguejando durante a nossa conversa. Sentia-se desprovido de uma persona estruturada para se relacionar comigo e isso provocava medo em C.R. Medo de não saber conviver no “Mundão” quando saísse da Fundação Casa, medo da possibilidade de ser outra pessoa, e de não saber como conviver com as pessoas fora da prisão. Isso indica a intensidade e profundidade da experiência de estar envolvido com o crime e de ser preso, o que provoca medo de voltar ao “Mundão”. Ele se dizia “perdido”, sem persona, sem certeza de que a persona construída seria funcional em ambientes diferentes do crime, “parece que nasci agora, não sei qual vai ser a minha ideologia no Mundão”. Vale destacar a expressão que ele utiliza para descrever este momento de sua vida: “renascer de novo”, mostrando a profundidade da experiência que viverá ao voltar para casa.

A imagem do dia em que se envolveu com o tráfico traz a figura do pai dele, também envolvido com o crime. A morte do pai provocou a escolha por este caminho, uma escolha baseada na dor, na perda da figura masculina de identificação, do modelo. Depois da morte do pai ele diz que “desandou”, uma palavra que traz conotação negativa para a sua escolha de vida. Ao mesmo tempo não explicita vontade de criar uma nova vida fora do crime.

O sonho de C.R. é impressionante por trazer um símbolo diferente dos demais sonhos desta pesquisa. Tem similaridade com o sonho do participante I. (participante 12), ambos muito envolvidos com o crime e comprometidos com essa vivência.

Neste sonho, C.R. observa dois passarinhos azuis que pousam ao seu lado, depois à sua frente e depois ao seu lado novamente. Pássaro é o símbolo do Espírito Santo e também era o símbolo de alma no Egito antigo, de onde decorre a imagem do Espírito Santo. Jung (1989) comenta sobre o símbolo dos pássaros azuis, relacionando-os com Cristo, depois de sua morte. Neste sonho, os pássaros azuis seriam uma imagem do self, que toca C.R. como se fosse uma benção e mostra a possibilidade de um novo caminho a seguir. Indicaria a libertação de C.R. da vida do crime. Esses passarinhos surgem na varanda da casa dele, o que faz alusão a voltar para casa, a possibilidade de encontrar uma alternativa para que a sua vida vá ao encontro do centro, do seu íntimo, do seu ser.

O símbolo do pássaro azul enquanto imagem do espírito, do self, é um conteúdo bastante profundo da psique e traz um chamado interior de mudança, que propõe um estado de liberdade espiritual, psíquico. Entretanto, C.R. está tão comprometido pelas suas experiências intensas do crime que confunde este chamado com a liberdade concreta, que o livraria da prisão. Ele parece não compreender o sentido simbólico da liberdade trazida pelos pássaros azuis.

## **Participante 15     T., menina, 15 anos**

### **ENTREVISTA**

A rua é triste. Eu fui para a rua depois que a minha mãe morreu. Mas eu conheci muitas pessoas na rua, no Vale do Anhangabaú. Uma vez a gente foi num pessoal para a praia de trem cargueiro, foi muito legal. Na rua você tem que falar com todo mundo, mas não muito, mostrar que você tem humildade. Quando falam de droga ou roubo, é melhor não falar nada. Porque alguém pode querer matar você para você não dedar ninguém, caguetar. O pessoal da rua zoa bastante. O grupo que eu tava só queria diversão, outras pessoas estão lá para trabalhar. É melhor ouvir mais e falar menos. Os que traficam não conversam muito. Se alguém faz alguma coisa errada eles explicam, mas da próxima vez.... abandona. Esse grupo que eu tava na rua, eles não deixavam as meninas fazer nada, eles cuidavam e eles falavam: vocês não são meninas de rua, sabem só de olhar na cara. O pessoal da rua tem cara emburrada, sempre chorando, e às vezes louco. Eles não confiavam um no outro. Mas se ajudam também. Mas é cada um por si, na maioria das vezes. É uma gente que tem cara sofrida. A pele é maltratada, machucada, o olhar triste. Eu ficava triste só de olhar no olho da pessoa. Mas o grupo que eu tava, ficava na rua só pra curtir. Algumas pessoas moravam na Bahia, ou no nordeste, e de vez em quando passavam uma noite no CRECA, quando faltava cobertor, por exemplo. Agora o grupo que tá na rua por necessidade é triste, se envolvem com o tráfico, a vida tá apertada. Quando se dá bem no tráfico, às vezes sai da rua e vai pra uma favela, compra um barraco, e às vezes vai pra casa do “dono”. Essas pessoas tão sofrendo por dentro.

Eu fiquei com dois dentes estragados por estar na rua por 5 meses, ainda bem que eu tinha escova. Mas é difícil achar um banheiro, tem que ser em alguma estação. Sábado e domingo é mais difícil de achar comida. O pessoal que tava na rua pra curtir é diferente, ficava lá dias, noites, até quando aguentar. Quando não aguenta mais lá pra casa, às vezes morava lá perto, ou vai pro CRECA.

### **SONHO**

1. Eu tava vindo pro Quixote e apareceu a Pamela e o Edson e eles tavam aqui, cantando, aí eu tento chamar eles e não consigo. Depois eles percebem que eu tava chamando e vieram falar comigo.

*Associação sobre o sonho:* Acordei, queria que esse sonho tivesse continuado. Tô com saudade deles, com aperto no coração, queria ver eles, mas como?

2. Eu tava andando em uma paisagem linda com a minha mãe (já falecida) e eu tentei falar com ela, mas não consegui.

*Associação sobre o sonho:* Achei que esse sonho queria dizer continue em frente. Que ela estava do meu lado, me protegendo, para eu sonhar com o que eu quero que eu vou conseguir. Me fazia carinho.

### **Análise do caso:**

T. nunca havia morado na rua antes de sua mãe falecer e ela ficar sozinha, triste, perdida, sem saber o que fazer. Neste momento em que lutava para elaborar a perda da mãe, foi para a rua e conheceu algumas pessoas que a ajudaram a se sentir protegida, cuidada, acompanhada. Depois de 5 meses na rua morou no CRECA.

Conta episódios que viveu na rua como se falasse de uma festa entre amigos, de uma viagem, de um momento de diversão, como o relato sobre a viagem para a praia no trem cargueiro. Esses amigos cuidavam dela, curtiam, se divertiam, e só estavam na rua por opção, não por necessidade. Esta declaração se opõe aos outros depoimentos recolhidos nesta pesquisa, nos quais percebemos alguns momentos importantes entre os amigos, mas frequentemente permeados por brigas e por grande sofrimento.

T. distinguia o seu grupo de amigos das demais pessoas da rua, que estavam nesta situação por necessidade. Essas pessoas se envolviam com o tráfico, tinham cara emburrada, cara sofrida, pele maltratada, olhar triste. Viviam uma vida apertada e estavam sofrendo por dentro. A partir de seu relato nota-se que a sua identidade não parece relacionada à vivência de rua, inclusive os outros diziam que ela não parecia menina de rua (“e eles falavam: vocês não são meninas de rua, sabem só de olhar na cara”). A rua não parecia um lugar ao qual se sentia pertencente, ela se identificava com aqueles que estavam na rua “só para curtir”, mas também não eram de rua.

Destaca como valores sustentados na rua ser humilde, falar com todo mundo, não contar com os outros e nem confiar nos outros (“cada um por si”), ao mesmo tempo percebia que as pessoas se ajudavam ali de alguma forma. Aprendeu algumas regras importantes para sobreviver na rua, entre elas fazer o que o traficante explica, não falar muito quando o assunto é drogas ou roubo, para ninguém achar que você pode contar as informações que sabe para alguém. Insiste no fato de ouvir mais e falar menos como medida protetiva.

No primeiro sonho T. encontra alguns amigos que fez na rua, mas tem dificuldade de se comunicar com eles. Este sonho indicaria a dificuldade de comunicação e a fragilidade do relacionamento com alguns conteúdos internos que começam a se aproximar da consciência e precisam ser integrados. São conteúdos que parecem amigáveis, o que indica que estão próximos da consciência. Talvez sejam questões relacionadas com esta fase nova da sua vida que envolve a perda da mãe, as experiências da rua (os amigos do sonho são da rua) e a experiência de participar do CRECA e do Projeto Quixote (ela estava na porta do projeto quando encontrou os amigos).

No segundo sonho T. encontra a sua mãe já falecida, que permanece ao seu lado, lhe faz carinho, mas com quem não consegue conversar. A mãe representa aspectos maternos internos, relacionados ao cuidado, à proteção, ao apoio. É preciso manter contato próximo com eles para que auxiliem na sua jornada, entretanto o sonho mostra que T. ainda não consegue comunicar-se com eles. Essa imagem profunda da psique anuncia uma alternativa de vida que esteja em ressonância com o seu centro, com o seu ser e que incentive T. a seguir os seus planos, acreditando neles. Este sonho indicaria presença de recursos internos para seguir um caminho que busque o desenvolvimento, o crescimento e a vida, mas com os quais precisa estabelecer contato.

Os dois sonhos mostram grande dificuldade de se comunicar com pessoas de quem gosta muito. Ela não consegue falar. Ilustra um bloqueio afetivo e sentimentos fortes de isolamento, de estar calada. T. era uma menina sozinha, triste com as perdas, carente de afeto. Este sonho indicaria não apenas a dificuldade em falar, como também a necessidade e a importância de ser ouvida.

## **Participante 16     C.A., menino, 16 anos**

### **ENTREVISTA**

As pessoas acham que eu sou ladrão. Mas eu não sou não. Graças a Deus. Tudo o que acontece no bairro sou eu. Eu andava com gente safada que roubava, eu fiquei até ameaçado de morte. “Mostra com quem tus anda, né? Que te mostro quem tus é, né?”.

Eu não gosto de levar desaforo pra casa e quando eu quero ser ignorante eu sou. Eu usava drogas com os meus amigos. Fico lembrando o passado e aí volto a fazer tudo de novo.

### **SONHO**

1. Sonho que eu tô fugindo e o cara vai me matar. Primeiro eles atiram e pega um amigo que tá comigo.

*Associação sobre o sonho:* Eu só acordo fugindo, já me acostumei. Eu aprontava muita coisa e agora sonho com isso. Já aconteceram várias coisas e eu não quero lembrar mais.

### Análise do caso:

C.A. demonstrou-se pouco consciente das condições às quais estava submetido e dos riscos enfrentados. Indicou, também, má adaptação a vida na rua, dizendo que ficou ameaçado de morte o que sugere o descumprimento de alguma regra de funcionamento.

Relata que durante a sua vida na rua usava drogas, era ignorante e não levava desaforo para casa, dando conotação valorativa para essas características.

Ao destacar que não gosta de lembrar-se do passado porque corre o risco de fazer tudo de novo, mostra vulnerabilidade e pouco controle sobre si mesmo, alertando sobre a possibilidade de reincidir nesta mesma escolha pela rua. Exibe fascínio pela vida na rua e grande tentação para voltar a fazer o que antes fazia. Revela pouco controle sobre si mesmo quando culpa as companhias que o cercavam, como se as circunstâncias tivessem incidido sobre a sua vida e o impulsionado para a rua, sem que ele tivesse consciência e controle.

Preocupa-se com o que as pessoas pensam dele e não parece feliz com a impressão que causa nelas. Acham que ele é ladrão, colocam a culpa do que ocorre na comunidade sobre ele, apesar dele não ser ladrão. Entretanto, ao refletir sobre o sonho diz que já “aprontou muito” na vida, o que poderia revelar o motivo das pessoas o culparem pelos acontecimentos. C.A. não demonstra clareza entre o que provoca nos outros e a impressão que as pessoas tem dele.

O sonho de C.A. abrange o tema da fuga e o sonhador foge de pessoas que querem matá-lo. Esse sonho refere-se à falta de controle sobre si mesmo e o perigo de optar pela vida que antes levava. Não há possibilidade de enfrentamento, é preciso fugir desta ameaça, deste mal, que está dentro dele. É preciso fugir porque esse mal, essa ameaça interna, aniquila alguns de seus recursos internos (durante a fuga seu amigo foi atingido).

Nota-se que o sonho de fuga combina com o teor defensivo da entrevista. C.A. precisa se defender de algo que o persegue internamente e que o impulsiona de volta à rua. Quando diz que sonha com coisas ruins como consequência de todas as coisas que ele já

“aprontou” na vida, mostra que foi transformado pelas suas experiências da rua e uma ameaça interna o persegue.

**Participante 17      R., menino, 17 anos**

**ENTREVISTA**

No tráfico a conversa é mais séria, sempre algo que envolve alguma morte, algum roubo. Só se ouve desgraça. Família é família, a gente não conta; e por outro lado tem problemas que só a família precisa saber, como atrito em casa.

Os cabeças nunca saem do tráfico. Os que já tem um envolvimento maior, eles tem uma idéia diferente, que só o crime compensa. Para eles é aquilo e já era. Às vezes um quer ser mais bandido que o outro, o que gera mais confusão é isso. Eles usam muita droga. Eu vi, o lucro lá neles usando. A turma que trafica mesmo fica 3 dias sem dormir. Tem uns que só usam, outros que sustentam a família. Tem uns que a mãe tá no tráfico, e tem uns que se envolvem por ilusão. De dinheiro, de poder. Envolve muito dinheiro, mas é um dinheiro morto. Só sai desgraça. Tem uns que vão preso. Outros são morto pela polícia. Se você falar que é aliado, é aliado e não sai mais. Só sai os que entram pra vender uma coisinha ou outra. Ameaçam. Pra quem tá nesse meio não tem segurança. Com a família é diferente, tem carinho que você nunca vai ter na rua. Tem muita mulher envolvida mas não é por isso que vai ter carinho. As mulheres se envolvem ou por causa do namorado, ou quer ser bem falada na quebrada.

Eu simplesmente pegava da biqueira e levava pros playboy que não podia entrar na quebrada pra pegar. Entrei no movimento de laranja quando eu era moleque e nem me ligava. Quando eu fui preso pensei: Esse é meu limite.

**SONHO**

Não lembro.

**Análise do caso:**

R. descreve diversas formas de envolvimento com o tráfico: aqueles que participam do tráfico para usar drogas, aqueles que se envolvem por ilusão de poder e de dinheiro, aqueles que sustentam a família através do trabalho com o tráfico e aqueles em que a família é muito envolvida com esta atividade, e esta se torna desde pequeno uma possibilidade bastante presente. Há os que logo vão presos, os que são mortos pela polícia, os que se dizem aliados e não podem mais sair do mundo do tráfico e os que vendem uma coisa ou outra podendo mudar o rumo de suas vidas e não participar mais desta atividade. As variadas formas de participar do tráfico indicam maneiras diferentes de envolvimento com esse mundo e com as pessoas que fazem parte dele.

R. expressa o conflito de ser ou parecer bandido, dizendo que um quer parecer mais bandido que o outro, na esperança de reconhecimento e prestígio. Pode-se supor que as pessoas que forçam parecer mais envolvidos fazem parte de parcelas menos influentes e importantes do tráfico de drogas. Quando comenta sobre a participação das meninas no crime, destaca a influência dos namorados sobre elas, ou a ilusão de serem bem faladas na

comunidade por causa dessa participação, que lhes confere status. Ser bandido, influente e participativo no crime parece um valor a ser exaltado e mostrado.

R. ressalta que aqueles que estão mais envolvidos e que participam há mais tempo do tráfico passam três dias sem dormir, não podem abandonar a sua função e possuem uma idéia diferente daqueles menos envolvidos. Pensam que “só crime compensa”, que “é aquilo e já era”. Isso indica dificuldade em imaginar novas possibilidades para a sua vida e impossibilidade de trilhar outros caminhos, como se nada na vida compensasse mais que a participação nessa atividade. Está denunciada a intensidade da experiência nesses contextos, uma vivência transformadora e marcante, quase permanente.

Avalia o mundo do tráfico de drogas como um ambiente ruim, onde não há segurança e não se recebe carinho. Carinho faz parte de outro universo, o universo da família. O mundo do crime promove o ganho de um dinheiro morto, que traz apenas desgraça. Após ter sido preso, está desiludido e ciente que este é o seu limite para o envolvimento com o tráfico.

A imagem que descreve sobre o início de suas atividades no tráfico mostra um garoto, de pouca idade, iludido, pouco consciente, com pouco controle e domínio sobre as suas escolhas e sobre o seu envolvimento com o crime. Entrou como “laranja”, em uma atividade muito primária do tráfico, que consiste em levar drogas de um local para o outro. Aos poucos foi se misturando com esse mundo e se tornando mais envolvido com o tráfico de drogas. Ao ser preso, parece ter sofrido um choque, um susto, que se configurou como um momento de consciência e uma oportunidade de avaliação e reflexão. A partir desta consideração foi possível realizar uma nova escolha para a sua vida. Identifica o seu limite, já ultrapassado. A possibilidade de transformação e de elaboração de novos percursos a seguir anuncia uma estrutura egóica mais fortalecida.

## **Participante 18     M., menina, 15 anos**

### **ENTREVISTA**

Na rua tem pessoas que não vai com a cara da outra. Outras se apegam bem. As pessoas não ficam muito juntas, é mais briga, só fica junto se for poucas pessoas e se for irmão ou muito amigo. Tem umas pessoas boas, outras ruins, tem umas chatas, umas mais agitadas, mais bravas, mais agressivas. Você se dá bem na rua pela droga. Se você oferecer, ficar sustentando... quando tem droga, tem amigo. Quando não tem nada, é briga. Precisa ser sincera, não mentir, e não falar as coisas dos outros. No abrigo eu fico na minha, na rua se eu não for com a cara já quero brigar, bater nela. Na família, como você já conhece a pessoa, não dá ligância de como a pessoa é. Quando alguém fica irritada você quer ajudar. Na rua ninguém tá nem aí, se a pessoa for boa ou ruim, tanto faz, briga. Eu tive um namorado, terminei e ele foi preso. Se eu tivesse junto com ele tem uma regra: não pode ficar com ninguém, ou você morre ou apanha. Tem que roubar ou traficar pra levar pra ele, pra mandar as coisas pra ele. Na rua tem muitas regras... tem que ter aval pra bater nas pessoas, se for vender droga tem que pedir autorização, respeitar o outro, quem rouba as nossas coisas, apanha ou morre, se dedurar, caguetar, alguém, morre. A pena para quem não cumpre as regras é apanha ou morre. Todo mundo erra, mas na rua é

diferente. A vida na rua é difícil. Tem gente que fala que é fácil, mas não é não. Acha que é fácil quando tá lá e depois vê o que passou. Na hora parece que tá cego. Um quer ser sempre maior que o outro. Quer se achar, ter um celular mais caro. O que faz a pessoa ser poderosa é ser considerada por outras importantes, ou ser disciplina do lugar.

A maior dificuldade não é passar fome, nem não tomar banho, é o frio. O bom é que o dinheiro é fácil, traficando ou roubando. Algumas pessoas se dão bem no tráfico na rua e agora moram fora da rua.

### **SONHO**

1. Sonhei com a minha filha, como ela era, como era o rosto dela. Eu tava tendo ela dentro do abrigo.

*Sem associações.*

### **Análise do caso:**

M. parece desiludida com a experiência de vivência de rua. Destaca aspectos difíceis desta experiência e ressalta a possibilidade de buscar novas alternativas para a sua vida.

Enfatiza algumas regras da rua como pedir autorização para bater em alguém ou para vender drogas, não roubar pessoas que moram na rua com ela, não “dedurar” quando percebe algo errado, respeitar o outro e não ficar com ninguém quando o namorado vai preso. Nestes casos, é preciso esperar a liberdade do namorado, e além disso roubar ou traficar para levar coisas para ele na cadeia. Caso essas regras sejam descumpridas, a punição é apanhar ou ser morto.

Diz que na rua tem gente boa, ruim, agitada, chata, brava, agressiva, mostrando as principais características presentes, e portanto as mais adaptadas no contexto da rua. Ressalta ainda que é preciso ser sincera, não mentir e não falar coisas dos outros, o que também é valorizado neste ambiente.

M. sentiu-se sozinha na rua. Relata relacionamentos baseados na agressividade e muitas brigas. Diferente do que acontece no CRECA (que propõe outras formas de relacionamento), na rua ela logo “quer brigar, quer bater” quando acontece alguma coisa que lhe desagrada. Observa que na rua há pessoas que nunca “vão com a cara” das outras, mas também há aquelas que se apegam. Geralmente as pessoas não ficam juntas, a não ser que sejam irmãos ou muito amigos. Afirma que só há amigos por perto quando tem drogas e esta é uma forma de manter as companhias. Na falta dessas substâncias os relacionamentos são marcados por brigas.

Indica uma distinção entre ser e parecer. As pessoas querem parecer mais importantes, adaptadas, possuidoras de mais bens materiais, “um quer ser mais que o outro”, “quer se achar”. Os “disciplinas” são as pessoas realmente poderosas e importantes, que organizam o local, autorizam a bater no outro ou a vender drogas, e estabelecem as regras. Também são importantes na rua aqueles que possuem relacionamentos influentes e são considerados por alguém importante.

M. reflete sobre a avaliação que as pessoas fazem da sua própria vivência de rua. Nota que enquanto as pessoas estão na rua, não há clareza sobre a dureza da vida neste contexto, como se estivessem “cegos”. Entretanto, quando não estão mais na rua conseguem avaliar a experiência passada e percebem quantas dificuldades enfrentaram. Isso indica que a avaliação do que acontece na rua é muito diferente e inferior à avaliação que se faz ao se libertar desta experiência, o que denuncia a qualidade imediatista do contexto da rua e a experiência de rebaixamento de consciência neste ambiente. Ao sair de lá o jovem pode refletir sobre o que viveu.

O sonho de M. pode indicar a possibilidade dela se observar mais atentamente e conhecer aspectos importantes e genuínos de sua história e de sua personalidade. Agora que não está na rua, e vive no CRECA, tem a possibilidade de avaliação mais sofisticada de suas experiências e de sua vida.

Esse sonho traz o símbolo da criança, o arquétipo da criança, que anuncia uma renovação e uma oportunidade de pensar no futuro, o que se distancia da dinâmica imediatista da rua. A imagem da filha simboliza a menininha que ela já foi e também o que ela será amanhã. Ela olha no rosto da filha, quer saber como ela é. Estes símbolos numinosos devolvem a continuidade de sua vida, a sensação de futuro e de possibilidade de projeto, indicando a possibilidade de avaliar a sua história de uma nova maneira.

## **Participante 19     G., menina, 15 anos**

### **ENTREVISTA**

As pessoas conversam, mas não são amigas, na rua não tem amigo, quando eu tava na rua só conhecia gente sem caráter. Passa fome, frio. Não dá pra dormir porque dá medo de ser sequestrada ou outra coisa de ruim. Fica suja, faz o que quer na hora que quer, e é ruim porque você não tá do lado da mãe. Senti falta dela e dos meus irmãos. As pessoas lá, tá numa hora com você e depois sei lá, quer te bater, brigar com você. Brigam muito na rua. Às vezes porque tá drogado.

Eu sou do mesmo jeito em casa ou na rua, mas na minha casa eu não tinha medo. Na rua eu ficava com medo das pessoas que passavam de madrugada porque tavam fora de si. Medo de fazer alguma coisa comigo, estuprar. Em casa eu abraço os meus irmãos, na rua você não pode fazer isso. Vai que você abraça e a pessoa leva na maldade. Em casa eu era chata e legal, mas na rua eu era chata o tempo todo. Tem que ser chata. Para se dar bem tem que ser chata, mas tem que conversar e ser amiga. Uma menina que andava comigo usava, e se eu não tivesse sido chata com ela quando ela me ofereceu, eu ia acabar usando. Eu fumei maconha e cheirei cocaína. A maioria das pessoas usam droga, acho que é porque não tem nada pra fazer. Na rua você não pode ir pela cabeça dos outros. Eu não fiquei com ninguém na rua, mas as pessoas ficam se agarrando no meio da rua, é tão feio. É muito vulgar o namoro na rua. É só pra fazer coisa... É estranho viver na rua, não sei explicar. Eu não conseguia dormir, preferia morrer. Eu ficava mais sozinha. Eu não confiava nas pessoas, por isso que eu acho que não se tem amigo na rua.

O primeiro dia que eu fui pra rua. Teve uma briga entre a minha mãe e o meu padrasto. Apanhei, fiquei brava, saí de casa, com a roupa do corpo, só pensei que não queria mais voltar pra casa. Não sabia o que eu ia fazer, depois que saí, fiquei pensando, onde eu vou? O que vou comer? O que vou vestir? Fui para uma escola

que fica aberta à noite e fiquei lá sentada. Conheci uma menina que era prostituta. Conversou comigo, ela não tinha um olho, e eu falei pra ela que eu tinha perdido a chave de casa e ela me levou pra um prédio, comprou pedra, me levou pra Campo Limpo se prostituir com ela, voltei de lá.

No CRECA o jeito de se relacionar é mais parecido com a casa. Para se adaptar na rua precisa ter contato com droga, usar e vender. A menina queria me bater porque eu não queria usar a pedra.

### **SONHO**

1. Sonhei que eu tava voltando pra casa, minha mãe foi me buscar, saí do CRECA e comecei a me dar bem com a minha família e com o meu padrasto.

*Sem associações.*

### **Análise do caso:**

G. possui muitos recursos internos, mas é uma menina muito sozinha. A família era muito desorganizada e estava em constante conflito, geralmente muito intensos, o que a impedia de voltar para casa.

Diz que na rua passa-se fome, frio, medo, não dá para dormir, faz-se o que quiser na hora que quiser, fica suja, não está com a mãe, sente saudade da família. Interessante notar que o fato de fazer o que quiser na hora que quiser não é expresso como uma qualidade positiva, mas é descrito como falta de cuidado e negligência. G. sentia-se muito insegura e com muito medo, além de sozinha.

Os relacionamentos são descritos como inconstantes (“as pessoas lá tá numa hora com você e depois sei lá, quer te bater”); baseados em brigas, sem espaço para demonstração de carinho (“na rua não pode fazer isso [abraçar]”) e não são constituídos por laços de confiança porque na rua não se pode confiar em ninguém, nem “ir pela cabeça dos outros”. Não se tem amigos, as pessoas são sem caráter e usam muita droga, o que influencia em seu comportamento agressivo com os outros.

Avalia ser uma pessoa chata e legal, apesar de ser apenas chata na rua, onde é preciso ser assim. Está explícita a questão de formação da persona, na qual algumas características genuínas precisaram ser excluídas para a constituição de uma estrutura de adaptação coerente com o ambiente. Além de ser chata, era interessante conversar com as pessoas, ser amiga e ter drogas, “para se adaptar na rua precisa ter contato com droga, usar e vender”.

G. também fala sobre os relacionamentos amorosos e sexuais na rua. Descreve relacionamentos pouco afetuosos e baseados basicamente nas relações sexuais e interações físicas. Muitas vezes lhe pareciam “feios” e “vulgares”. Relacionamentos, mais uma vez, muito distantes afetivamente.

A imagem do primeiro dia em que vai para a rua mostra uma menina desesperada por uma situação familiar muito ruim. Sai de casa sem consciência do que isso significa, e se dá conta de que será uma decisão bastante difícil quando já está na rua e se questiona

sobre o que vestir, comer, para onde ir. No relato do primeiro dia em que ficou na rua há a figura de uma mulher, estranha, que procura iniciar G. numa vida de drogas, prostituição e perigos intensos, e é interessante destacar que apesar de ir até Campo Limpo, G. não se submete à iniciação. Ela rejeita esta passagem perigosa. Isto indicaria uma estrutura egóica mais fortalecida e madura, que apesar de estar em grande sofrimento e ter se inserido em uma situação de risco, tem a possibilidade de refletir e optar por algo mais seguro.

O sonho de G. revela a possibilidade de construção de relacionamentos de outra qualidade, próximos e afetivos. A presença da mãe e do estabelecimento de uma boa relação com ela pode indicar a possibilidade de conectar-se com aspectos internos referentes a dinâmica matriarcal, que se relacionam ao cuidado, à proteção, à manutenção da vida. A presença de uma boa relação com o padrasto pode indicar a oportunidade de reconectar-se também com aspectos internos relacionados com a dinâmica patriarcal, elementos de ordem, proteção ligada à dinâmica patriarcal, de leis e de ampliação da consciência diante das escolhas e das circunstâncias vividas no mundo. Este sonho parece compensar a falta de relacionamentos afetivos, continentais. Traz o símbolo do voltar para casa como uma nova possibilidade de reconectar-se a elementos genuínos e profundos de sua personalidade, do self, e seguir por novos caminhos.

## **Participante 20      V., menino, 16 anos**

### **ENTREVISTA**

Na rua tem gente que é ruim, que é da briga. Quando tá perto da boca não pode ter briga porque pode chegar polícia.

Eu ficava um pouco chateado na rua, fiquei dois anos na rua.... nunca fiquei com fome, tem que saber correr atrás. Tem que ser humilde, se dá com as outras pessoas, ajudar quem tá precisando de alguma coisa. Tem que ser de boa, legal. Não pode ser folgado. Quando eu tinha droga eu tinha que dar pras pessoas. As regras são que não pode roubar...

Saí da rua mas às vezes me dá vontade de voltar. O primeiro dia que eu fui pra rua... sei lá... dá um segundo, a pessoa explode, sai. Fui pra rua com 6 anos, eu dormia embaixo das bancas... aí eu chorava de saudade e voltava pra casa.

### **SONHO**

1. Não lembro... mas sonhava com a minha família direto, às vezes era morte, às vezes era alegria. Sem associações.

### **Análise do caso:**

V. tinha muita experiência de rua porque viveu nesse contexto por bastante tempo. Chegou ao Projeto Quixote porque já havia vivido no CRECA coordenado pelo Projeto Quixote, quando se submeteu a um intenso trabalho em equipe, que o levou de volta para casa, depois de um longo trabalho com a sua família também. Desta vez vinha ao Projeto

Quixote para ser atendido na instituição e participar das atividades fora do CRECA. Durante a entrevista, demonstrou que não queria falar da sua experiência de rua porque queria construir uma nova vida, outra história, que não fosse relacionada a essas experiências. Gostaria de excluir o tema da rua das novas relações com as pessoas. Por essa razão falou muito pouco de suas experiências e do contexto da rua, e eu não interferei em sua decisão.

Com isso, demonstrou que a experiência de viver na rua é muito intensa e marcante, e mesmo com planos de se desvincular do estigma de menino de rua, parece seduzido por ela, e declarava que às vezes pensava em voltar para lá. Há algo de sedutor na vida nas ruas, e às vezes parece uma adição como das drogas.

V. ressalta as regra de não roubar as pessoas que estão ali na rua e não brigar perto do ponto de vendas de drogas para não chamar a atenção da polícia. As pessoas são acostumadas com brigas, que dão a tonalidade aos relacionamentos ali estabelecidos. É importante conseguir o que se precisa por si mesmo, ser tranquilo e se dar bem com as pessoas, ser “de boa”, “legal”, não ser folgado e saber dividir as drogas quando as tem.

A imagem relatada do primeiro dia em que foi para rua revela um menino muito novo, de apenas seis anos, que não “aguentou” a situação de conflito familiar, escolhendo como alternativa possível para o seu sofrimento a saída para a rua. Descreveu um menino sozinho, triste e abandonado mesmo dentro de casa. Com seis anos lançou-se nesta jornada ainda muito imaturo para uma vivência tão dura; não sabia como sobreviveria neste ambiente. Apesar de ter saído de casa sem consciência da “escolha”, teve recursos para encontrar um abrigo (embaixo das bancas de jornal), e dar conta de sua vida por algum tempo, até que a saudade apertasse, a criança reaparecesse e ele decidisse voltar para casa. Passado algum tempo, os problemas continuavam e logo ele saía novamente, até que conseguisse realmente ficar na rua por mais tempo, ter mais conhecimento do funcionamento da vida ali, conhecer pessoas, usar drogas e fazer parte daquele contexto.

O sonho de V. traz a figura da família, que faz contraponto à vida na rua. Ele relata que ficava na rua e voltava para casa quando a saudade apertava, e talvez estes sonhos façam alusão aos aspectos que envolviam a volta para casa, a conexão com o afeto e a emoção, que configuram um mundo contrário ao da rua. Ao sonhar com alegria em relação à família indicaria a possibilidade de voltar para casa, de escolher outro caminho para a sua vida, a possibilidade de repensar e estabelecer relação com aspectos ligados ao desenvolvimento e à manutenção da vida.

Às vezes V. sonhava com morte em relação à família, que pode ser entendido como uma tentativa de assustar o sonhador, e indicar a possibilidade de perder essa proximidade com a família, de ser conduzido a uma estrutura interna que o afaste desse convívio. O sonho da família relacionado a aspectos de morte indicaria, também, a necessidade de V. crescer e se desenvolver mais rápido, ao identificar as limitações e problemas de sua

família, com a qual não pode contar. Este sonho pode apresentar a possibilidade de reconhecer as fragilidades das pessoas que formam essa estrutura familiar e a consciência de ter menos expectativas em relação a eles.

## **10.2 Parte II: Análise dos quadros**

A segunda parte da análise dos resultados retira o foco da singularidade de cada caso apresentado e se dedica à compreensão da vivência nos contextos estudados reunindo todos os relatos. O foco recai sobre as categorias levantadas que agrupam os pontos principais retirados dos casos estudados.

Os dados adquiridos na análise de cada história apresentada foram reorganizados em quadros, de acordo com as categorias de análise levantadas a partir das perguntas formadoras do roteiro da entrevista e que foram destacadas como núcleos de significados relevantes para esta pesquisa.

As categorias são: VALORES; PADRÕES DE RELACIONAMENTO/REGRAS; CONSEQUÊNCIAS/PUNIÇÃO; MOTIVOS DE ENVOLVIMENTO. Também foram reunidos em quadros os estudos sobre o primeiro dia de envolvimento e os estudos sobre os sonhos dos jovens. Os dados referentes à experiência de rua foram separados da experiência do tráfico, portanto, os quadros 1, 1.1, 2 e 3 (em anexo) apresentam dados alusivos às vivências de rua, e os quadros 4, 4.1, 5 e 6 (em anexo) organizam os dados relativos à experiência com o tráfico de drogas.

### **10.2.1 A vivência de rua**

As entrevistas dos jovens com experiência de rua permitem compreender a maneira como vivem neste ambiente e suas considerações sobre a qualidade daquilo que contam.

A reflexão a respeito do cotidiano na rua, incluindo as regras de funcionamento, as leis locais, os códigos sociais e as formas de relacionamentos ali estabelecidos é enriquecida com a análise da categoria PADRÕES DE RELACIONAMENTO/REGRAS, e da categoria CONSEQUÊNCIAS/PUNIÇÃO (Quadro1).

As regras que regulam o funcionamento diário da vida na rua são entendidas como ordens estritas e há pouco relato sobre a possibilidade de negociação. Os jovens demonstram claro conhecimento dessas leis e das consequências em descumpri-las, e isto parece uma necessidade adaptativa de sobrevivência dada a intensidade da punição que se insere sobre aquele que erra. De acordo com os relatos, encontra-se a possibilidade de apanhar ou ser morto, a possibilidade das pessoas tirarem satisfação sobre o erro e a proibição de trabalhar naquele local da rua.

As autoridades locais são os “disciplinas”, que estão na rua há mais tempo e que frequentemente nem moram mais lá. Eles comandam as regras, decidem quem pode ficar na rua e quem deve ir embora para outro local, quem pode dormir naquela região, autorizam as pessoas a baterem nas outras, e a venderem drogas naquele local. É preciso obedecê-los.

É necessário chegar na rua com respeito e considerar que cada um tem o seu lugar naquela região. Não é permitido roubar no local onde se mora, nem pegar as coisas das pessoas que vivem ali. É interessante falar pouco quando o assunto trata de drogas ou roubo, pois as pessoas têm medo de serem denunciadas. Esta é uma regra importante: “Não caguetar”, não contar a ninguém algo que você sabe.

Os relacionamentos amorosos também são pautados por regras claras: é preciso respeitar os namorados dos outros e não “ficar” com alguém que esteja com outra pessoa. Se o namorado vai preso, a menina não pode se envolver com mais ninguém e precisa roubar ou traficar para levar coisas para o namorado na prisão; tudo isso sob os olhares atentos e repressores dos colegas do namorado que não estão presos.

O envolvimento com o tráfico de drogas durante a experiência de viver na rua é muito comum e faz parte da sociabilidade da rua, por isso deve ser compreendido dentro da dinâmica de funcionamento deste contexto; diferente dos jovens que não estão na rua e optam pelo envolvimento com esta organização criminosa. Estar na rua significa viver relações e experiências típicas da sociabilidade deste local, como refere Bedoian (2007). O uso de drogas também está atrelado ao modo de vida da rua pois ajuda a fazer amigos, pertencer ao grupo, compartilhar experiências. Junto a isso, as drogas funcionam como anestésico e alívio momentâneo das dores vividas.

Os jovens retratam um ambiente tenso, bem delimitado pelas leis e códigos próprios da rua e a necessidade de permanecer em alerta constante, favorecendo estados de estresses permanentes. As regras são bastante inflexíveis e as consequências dos erros intensas, ambas funcionam sob uma dinâmica patriarcal autoritária, rígida e punitiva.

A percepção de um ambiente estressante, ameaçador e hostil também está evidente na descrição das características que definem as pessoas que vivem na rua e que são apresentadas na categoria VALORES (Quadro1). Os jovens descrevem o ambiente da rua como arriscado e hostil, no qual as pessoas são falsas, más, sem caráter e agressivas. Os relacionamentos parecem pautados pelas drogas, pela falta de confiança e de amizade.

Esta categoria valores foi selecionada como um núcleo de significado importante nos dados coletados por conter aspectos que se relacionam com as características valorizadas no ambiente da rua, mostrando quais os valores preservados para esses jovens nesses contextos de socialização.

A análise desta categoria iniciou-se reunindo os valores mencionados nas entrevistas que caracterizassem as pessoas que vivem nas ruas, com atenção àqueles que eram esclarecedores de como as pessoas são neste contexto, e como as pessoas deveriam ser. Estruturou-se um novo quadro (Quadro 1.1) no qual essas características e comportamentos descritos pelos jovens foram organizados em duas subcategorias: COMO AS PESSOAS SÃO NA RUA e COMO AS PESSOAS DEVEM SER. Neste mesmo quadro, a subcategoria COMO AS PESSOAS SÃO NA RUA foi reorganizada em dois subgrupos: COMO AS PESSOAS SÃO/POSITIVO e COMO AS PESSOAS SÃO/NEGATIVO. A subcategoria COMO AS PESSOAS DEVEM SER foi reorganizada em quatro subgrupos nomeados como SOCIÁVEIS, DEFENSIVOS, ÍNTEGROS e HABILIDADES.

A análise desses dados demonstra que os jovens participantes com vivência de rua valorizam tanto os aspectos relacionados a sociabilidade, bondade, generosidade, integridade de caráter, como os aspectos relacionados a individualismo, violência, agressividade, destrutividade e desvio de caráter.

Poucos descrevem as pessoas da rua como amigas e como pessoas boas, e quando o fazem ressaltam que apenas algumas são confiáveis em meio a tantas outras dignas de desconfiança e atenção dobrada. Aquelas que são boas, ajudam-se, apegam-se umas as outras e as que ficam juntas são irmãos ou amigos de muito tempo, esclarece uma participante. Nessas condições têm a possibilidade de serem sociáveis e íntegros, dando espaço para histórias de profunda lealdade e generosidade. Eles dizem que as pessoas devem ser parceiras, sinceras, respeitosas, confiáveis, amigas, bondosas. Isso indica que estes valores estão preservados e são exaltados pelos jovens participantes com vivência de rua.

Entretanto, nesse ambiente predominantemente hostil e arriscado, povoado de pessoas desconfiadas, agressivas e não confiáveis, essas qualidades devem ser utilizadas com cuidado. Nestas condições, os jovens desenvolvem algumas características defensivas que os auxiliam na sua adaptação social na rua. Atentos às demandas dessas circunstâncias, procuram responder com esperteza e habilidade.

Preocupam-se em mostrar-se fortes, influentes, perigosos e desta forma buscam respeito, impondo medo aos outros. É necessária uma postura baseada na agressividade, na frieza, na braveza; ter “cara de nervoso”. Atentam em colocar-se acima dos outros, são arrogantes e folgados, “não levam desaforo pra casa”, sabem brigar e bater. Mesmo que seja difícil atuar dessa forma, é preciso mostrar-se assim socialmente.

Parecem interessados em assustar o outro, causar-lhe medo, para que assim permaneçam afastados. O outro é sinônimo de perigo e ameaça. É necessário ser (ou parecer) mais forte que o outro para evitar confronto, geralmente fatal. Estão ameaçados e por isso atacam. Com agressividade conseguem as coisas na rua; é a lei do mais forte.

Tornam-se pessoas desconfiadas, esperam o pior dos outros e atacam para se defender do abuso, do desrespeito, da agressão, dos maus tratos e das ameaças.

A necessidade de parecer perigoso e forte fica declarada quando dizem que alguns jovens querem “parecer muito bandido”, parecer um criminoso experiente, influente, que já teve muitas experiências marcantes e que é capaz de qualquer coisa, alguém realmente perigoso. Pessoas assim são temidas e respeitadas, são as autoridades locais. No entanto, aqueles que querem parecer desta forma e não são, constroem uma postura insustentável, falsa, que logo desaba. Este jovem então, corre perigo, pode apanhar ou ser morto, porque não é permitido mostrar aquilo que não é, ou melhor, deixar parecer aos outros que aquela fachada era falsa. Este é um código da rua, e também do tráfico de drogas, não enganar; o que parece irônico em ambientes coloridos pela ilegalidade e pela necessidade de mostrar-se bravo e forte.

Também estão atentos em não parecer bonzinho, não ser muito amigo, não querer ajudar os outros, pois esses aspectos podem depor contra aquela máscara de agressivo e bravo, configurando uma nova postura, desta vez desadaptada. O risco de parecer fraco, bobo ou trouxa torna uma pessoa vulnerável e desprotegida nesses ambientes, exposta à situações de ataques, abusos e desrespeitos.

Nesse contexto, a sociabilidade dá lugar ao isolamento, à tensão e ao estado de alerta em relação ao outro. É preciso esquecer do outro como alguém que coopera, que ajuda e que merece consideração ou cuidado. O outro não importa, é perigoso. A integridade e a autenticidade dão lugar ao egoísmo. É necessário dar conta de si mesmo sozinho, se virar, sobreviver. Não se pode contar com ninguém, não se pode confiar em ninguém, e nem “ir pela cabeça dos outros”, “precisa ser mais você” no extremo, no limite da expressão.

O egoísmo, a agressividade, a violência, a braveza são fundantes da persona adaptativa no ambiente da rua. Ressaltam, ainda, a necessidade de desenvolver as habilidades de uma persona bem adaptada ao funcionamento desses contextos. Por isso mostram clareza das regras, das leis e das consequências em descumpri-las, além de consciência dos códigos de convivência. Valorizam a esperteza para perceber as situações, discriminar as variáveis envolvidas e agir com cautela, com precisão, com exatidão, de forma calculada. “Saber entrar e saber sair”, isto é tarefa de uma persona bem ajustada. É adaptável também ter amigos influentes e falar na gíria, passaporte para fazer parte do grupo.

Os dados da categoria MOTIVOS DE ENVOLVIMENTO (Quadro 1) permitem a reflexão sobre a decisão de romper os vínculos familiares e lançar-se numa busca de novas experiências na rua. Muitos jovens apontam a dificuldade de convivência familiar como

principal motivo de sair de casa. Quando o relacionamento familiar se torna insuportável e os vínculos parecem esgarçados, os jovens dizem “não aguentar mais” e vão para as ruas.

Os relatos do primeiro dia em que foram para as ruas (Quadro 2) mostram imagens de momentos de muita solidão, sofrimento e dor. A busca da rua se apresenta, na maioria das vezes, como uma medida desesperada. Mesmo quando dizem buscar as ruas por influência de amigos ou por uso de drogas, a mesma dor parece presente. Saem de casa muito tristes e na maioria das vezes muito novos e imaturos, duas condições que impedem as considerações sobre as consequências e os riscos desta “escolha”.

Ao avaliar as imagens do primeiro dia de envolvimento e aquilo que eles dizem que é bom na experiência da rua, fica clara a busca pela liberdade e por relacionamentos de pares mais intensos.

Na categoria PADRÕES DE RELACIONAMENTO/REGRAS (Quadro 1) há relatos sobre os aspectos positivos da vivência de rua. A maioria dos participantes destacou a facilidade em conseguir comida, cobertor, dinheiro e drogas, e principalmente a liberdade para usá-las quando quiser. Destacam também a possibilidade de viverem como querem, de acordarem e dormirem na hora desejada, de “sair por aí” e não dar satisfação a ninguém. A liberdade parece um símbolo importante, algo que eles buscam na rua.

Entretanto, uma participante relatou a liberdade de “fazer o que quiser na hora que quiser” de forma negativa, denunciando que a liberdade esperada na rua também é entendida como negligência e abandono. Na verdade estão “livres” porque estão descuidados. Além disso, passa-se fome, frio, medo, ficam sujos e sentem saudades, mostrando o cotidiano baseado em uma dinâmica matriarcal negligente. Aspectos básicos do desenvolvimento, relacionados à dinâmica matriarcal, como alimentação, higiene, limpeza, proteção contra o frio, amparo em situações de medo ou saudade estão comprometidos. O uso indiscriminado das drogas também faz parte do funcionamento da dinâmica matriarcal destrutiva, de prazer perigoso, fulgaz, traiçoeiro.

Ressaltam ainda como qualidades da vida na rua os momentos intensos, divertidos, as histórias engraçadas, os episódios com os amigos. Lembram momentos com o namorado da rua, a oportunidade de dormir junto, usar drogas juntos a noite toda. Diversas vezes descrevem com alegria os momentos vividos com a turma, como se estivessem em uma festa, uma viagem entre amigos. Esses momentos são guardados como os episódios bons da vida na rua.

Entretanto, nessa mesma categoria, poucos participantes ressaltam a possibilidade de fazer amigos como uma variável positiva da rua. A maioria expressa a dificuldade de se relacionar com os outros jovens, a falta de confiança, de apoio e a fragilidade dos laços de amizade ali estruturados. A solidão, as brigas perigosas, a falta de referência, de modelos.

Nesta categoria os relacionamentos entre os jovens são, na maioria das vezes, relevantes na consideração das dificuldades em viver nesses ambientes.

Desta forma, fica explícito que os jovens saem às ruas em busca de prazer, liberdade, relacionamentos, mas aos poucos esta busca se revela uma ilusão.

A análise dos sonhos dos jovens (Quadro 3) apresenta aspectos importantes relacionados às suas vivências no mundo. Retratam as situações perigosas vividas na rua, mostrando ao sonhador a dureza do que é experimentado cotidianamente. Retratam também os estados de inflação egóica, que provocam má avaliação dos riscos e consequências, crença em superpoderes e busca por soluções mágicas para os conflitos vividos. As imagens oníricas mostram, ao mesmo tempo, sentimentos de falta de controle ao envolverem-se com a rua e sensação de impossibilidade de mudança.

Os sonhos trazem frequentemente o tema da morte, alertando para o perigo vivido, muitas vezes pouco consciente. Alerta também para a possibilidade de desfechos trágicos, de morte real e para a possibilidade de morte subjetiva de aspectos do sonhador. Muitos desses sonhos possuem lysis negativa, indicando a possibilidade de desfechos catastróficos para o conflito apresentado no sonho. A ausência de lysis aponta para a indisponibilidade de resolução do conflito na atual configuração psíquica do sonhador.

Os conteúdos oníricos ilustram temas típicos da adolescência, como o conflito em crescer, a paixão jovem, a sexualidade, o namoro, os conflitos familiares de casa. O tema da adolescência recebe a tonalidade das experiências da rua.

Alguns sonhos mostram a presença de elementos violentos dentro deles, contra os quais devem lutar. E também a presença de potencialidades que devem ser descobertas. Imagens profundas da psique emergem nos sonhos e apontam a necessidade de resgate e conexão com aspectos ligados à dinâmica matriarcal de cuidado, proteção, apoio, manutenção da vida; e aspectos ligados à dinâmica patriarcal de ordem, consciência e ética. Muitos sonhos com lysis positiva apontam para a presença de potencialidades que poderiam auxiliar a conquista de desfechos positivos para os conflitos apresentados no sonho.

Alguns sonhos indicam a necessidade de relacionamentos saudáveis e confiáveis, e muitos deles trazem o símbolo de voltar para casa, anunciando novos caminhos e novas possibilidades de vida.

### **10.2.2 O envolvimento com o tráfico de drogas**

O mundo do tráfico é apresentado pelos jovens participantes durante as entrevistas e nestes relatos estão presentes dados importantes para a reflexão sobre o funcionamento cotidiano da organização do crime, suas leis próprias, seus códigos de convivência. Os

relatos permitem, também, a reflexão sobre a consideração desses jovens a respeito de suas vivências.

Os jovens demonstram extrema clareza das regras de funcionamento do tráfico de drogas (presentes na categoria PADRÕES DE RELACIONAMENTO/REGRAS, Quadro 4) e das consequências em descumpri-las (presentes na categoria CONSEQUÊNCIAS/PUNIÇÃO, Quadro 4). Grifam a necessidade de permanecerem atentos para desempenhar o trabalho com eficiência e para não errar nunca, pois as regras são “duras e inegociáveis”, “o crime não admite falhas”. Um dos participantes diz que a pessoa pode “errar com Deus, com a família”, mas não no crime. Outro participante diz que as regras e punições são rígida para facilitar o aprendizado de quem inicia as atividades no crime e mantém o funcionamento organizado do tráfico. Isso acontece porque quando está claro que participar do crime não é “brincadeira”, a pessoa não falha.

Descrevem as atividades do crime e os cuidados em desempenhá-las como se falassem sobre um emprego, em que é preciso ter responsabilidade, “só muda que é errado”, diz C.R. Uma das participantes conta o dia em que foi buscar trabalho no tráfico de drogas como se estivesse em uma entrevista de emprego comum. Foi recomendada, participou de uma entrevista de seleção que dependia também da avaliação de sua “ficha”. É interessante notar que eles chamam o traficante que comanda de “patrão” ou “dono da boca”, marcando as relações de trabalho.

O tráfico segue uma dinâmica de funcionamento empresarial, possui enorme rendimento (ALMENDRA, 2007) e seleciona características relacionadas a frieza, que pautam os grandes ambientes de competição empresarial na sociedade atual.

Expõem algumas regras que visam preservar a atividade ilegal do tráfico mantendo o cuidado de não levantar qualquer suspeita sobre o seu exercício. Não pode denunciar, não se pode confiar na polícia, não se pode chegar ao ponto de drogas de forma que chame a atenção e nem brigar ali perto para não expor o local a risco.

As outras regras apresentadas estão relacionadas com a atividade do tráfico: não se pode deixar que as drogas sumam e é preciso garantir que as contas estejam corretas pela manhã, quando conferem juntos. Há também a norma de não roubar, mantendo a organização do local.

Ressaltam diferentes formas de envolvimento com o tráfico de drogas. Há os que participam desta atividade para usar drogas, aqueles que estão em busca de dinheiro e poder, os que sustentam a família com o dinheiro conquistado no tráfico e aqueles que se envolvem com o crime porque muitos membros de sua família são integrantes desta organização. As diferentes formas de participação no crime e os diferentes graus de envolvimento propõem diversas maneiras de se relacionar com as pessoas que fazem parte deste movimento e sugerem responsabilidades e regras diferentes.

Aqueles que estão menos envolvidos e que vendem pouca quantidade de drogas têm mais facilidade de abandonar o trabalho. Os mais envolvidos, mais influentes, os que ocupam cargos mais elevados frequentemente são proibidos de mudar de idéia ou de se desligar do mundo do crime. Vale ressaltar que muitos deles não têm interesse em desvincular-se desta organização.

A experiência de envolvimento com o tráfico de drogas marca profundamente a história de vida, a subjetividade e a constituição da identidade destes jovens. Os mais comprometidos com as atividades não vislumbram novas alternativas de vida e avaliam que “só o crime compensa”. Isto fica bastante explícito nas entrevistas.

A punição para aqueles que erram é muito cruel e na maioria das vezes resulta em morte. Às vezes as vítimas não são mortas mas apanham muito. Outras consequências relatadas são ir preso ou ser proibido de comprar drogas nesse local. Apesar dos participantes com vivência de rua também relatarem muitas mortes como punição ao erro, estas são descritas de forma mais cruel pelos participantes com envolvimento no tráfico de drogas.

O mundo do crime é muito perigoso e arriscado. Requer atenção redobrada constante para controlar as situações e se proteger tanto da polícia como das outras pessoas que fazem parte do crime. É um mundo agitado, tenso, ameaçador, que conduz a um nível alto de estresse e preocupação. É um ambiente descrito como mundo de “desgraça”, “sem segurança”, no qual se ganha muito dinheiro mas que é um dinheiro “morto”.

Essas circunstâncias influem na qualidade dos relacionamentos ali estabelecidos e na maneira de se portar socialmente. Os relacionamentos são descritos (categoria PADRÕES DE RELACIONAMENTO/REGRAS, Quadro 4) como duros e complicados, baseados na agressividade e na maldade. É um mundo em que se vive sozinho pois o outro é uma ameaça (muitas vezes) à vida, e é necessário estar atento para impor sobre o outro uma postura de poder e não permitir que ninguém cobre nenhuma satisfação ou queira forçar alguma posição.

Os jovens dizem que não existem amigos no mundo do crime, e mesmo entre amigos há violência e não há perdão. Não há relacionamentos de cooperação e nem confiança, e a vida é pautada no cuidado de si mesmo; os jovens vivem sozinhos, é a lei “cada um por si”.

Diante dessas circunstâncias, eles têm grande preocupação em fazer valer a sua palavra e obter respeito, cuidando para não parecer “trouxa” ou “idiota” e ficar submetido ao poder dos outros. Desta forma não podem parecer muito “bonzinhos” ou fazer tudo que lhes pedem. As características valorizadas nesses ambientes estão apresentadas na categoria VALORES (Quadro 4).

A análise desta categoria foi possível a partir da divisão dos aspectos mencionados em quatro subcategorias: POSTURA DE MALANDRO; CUIDADO PARA NÃO ERRAR; O QUE NÃO PODE; SOCIABILIDADE (Quadro 4.1).

A subcategoria POSTURA DE MALANDRO (Quadro 4.1) indica aspectos fundantes da persona destes jovens que auxiliam na adaptação ao ambiente hostil e estressante, e na participação nos relacionamentos ali estabelecidos de forma adequada. Esta atitude promove defesas diante da dureza das regras de funcionamento e da frieza dos relacionamentos. Os jovens preocupam-se em serem respeitados e por isso precisam responder com violência, tratar as pessoas de forma a impor respeito e medo, e não permitir que elas se aproximem para pedir alguma satisfação ou para exigir alguma coisa. Para agir desta forma, os jovens devem mostrar que têm maldade, que são ruins, bravos, arrogantes e estressados. Valorizam os aspectos relacionados à agressividade e também os aspectos ligados à maldade, à frieza e à ruindade. Desejam impor respeito pelo medo, que assusta e intimida o outro, “você tem que agir na maldade”, dizem. Essas são as características valorizadas no contexto do crime, os aspectos adaptativos para a vida no tráfico de drogas.

Em muitas entrevistas aparece a necessidade de estabelecer uma postura diante do grupo social, seja no contexto da rua ou do tráfico de drogas. Esta imagem construída para ser considerada socialmente contém características valorizadas nesses ambientes, por meio das quais os jovens desejam ser reconhecidos.

Alguns deles declaram muito esforço para mostrar que “servem” para o tráfico de drogas. Preocupam-se em esconder algumas características genuínas de sua personalidade que não combinam com este contexto, esforçam-se para não deixar explícito que não servem para o tráfico.

Os bandidos são respeitados na comunidade por serem influentes, experientes, por ocuparem cargos elevados na organização do crime e serem responsáveis por muitas decisões. São perigosos por terem a vida marcada pelo crime, uma vida em que “só o crime compensa”, por isso são capazes de qualquer coisa. Eles dificilmente mudam as suas vidas ou abandonam o crime, pois estão identificados com esta experiência. O cotidiano e a identidade estão atrelados a essa atividade.

Muitos jovens desejam mostrar-se socialmente como esses bandidos para obter prestígio e respeito, entretanto, mostrar ao grupo algo que não é pode resultar em punições severas como a morte. Aqueles que realmente participam das organizações e decisões do cotidiano do tráfico, e são importantes para essa organização, não exageram nesta “postura de bandido”, não precisam mostrar o seu envolvimento para ninguém e nem impor respeito.

Os jovens valorizam também a esperteza, que garante atenção e sucesso no cotidiano do crime por prevenir o erro e a consequente submissão ao julgamento dos mais poderosos. Não se pode “vacilar”, é necessário ser responsável, ter disciplina e estar quieto.

O compromisso com o trabalho e a obrigatoriedade de acertar sempre, sob o risco de perder a vida, são traços importantes do dia a dia no tráfico de drogas, por isso valorizam aqueles que são “espertos” e “ligeiros”. Estas características estão descritas na subcategoria CUIDADO PARA NÃO ERRAR (Quadro 4.1).

Os aspectos de sociabilidade que são ressaltados como importantes para a vida no tráfico são “ser humilde” e “falar com todo mundo” (subcategoria SOCIABILIDADE, Quadro 4.1). Ao contrário dos jovens que relataram a vida na rua, e que destacaram a importância de serem parceiros, amigos, legais, sinceros, os meninos do tráfico mostram maior atenção ao fato de serem agressivos e ruins, compromissados nas suas atividades, e poucos atributos de sociabilidade são mencionados.

Há intensa valorização dos aspectos racionais em detrimento dos aspectos emocionais (subcategoria O QUE NÃO PODE, Quadro 4.1). Acreditam na importância de pensar antes de agir, de elaborar as ações e avaliar suas atuações, impedindo qualquer atitude impulsionada por emoções, que são pouco adaptativas à vida no crime. Sentem muita raiva, mas devem agir sempre baseados na razão. Entretanto, mencionam episódios em que agiram por impulso, vingança, ódio.

Não é adequado mostrar os aspectos sentimentais, amorosos, carinhosos, bondosos e nem a compaixão. Como disse V. se a pessoa possui coração bom, coração mole, não pode mostrar para ninguém; não combinam com o ambiente do crime.

Esses aspectos são negligenciados nessa luta por constituir uma persona adequada ao tráfico de drogas, entretanto, isso gera desequilíbrio psíquico.

O funcionamento do tráfico de drogas recebe influências da dinâmica patriarcal autoritária, punitiva, destrutiva, denunciada pela severidade das regras, crueldade das punições, exposição à violência e à agressividade, pela valorização unilateral dos aspectos racionais, condutas castradoras e estrutura hierarquizada rígida. O uso de drogas, a falta de sono, a ameaça constante à vida e os relacionamentos pouco afetivos são aspectos do tráfico de drogas que funcionam sob a dinâmica matriarcal destrutiva.

A consideração sobre os motivos que levam os jovens ao envolvimento com o tráfico de drogas traz uma importante reflexão sobre os aspectos subjetivos que impulsionam a busca pelo crime. O desejo pelo poder é expresso em muitas entrevistas. Além disso, eles dizem se envolver com o tráfico, iludidos com promessas de aquisição de respeito e status na comunidade, promessas de aquisição de dinheiro fácil e de proximidade com a droga, que também são formas de poder, já que o dinheiro, a droga, o respeito e o status adquirido são elementos valorizados nesse ambiente.

As imagens do primeiro dia de envolvimento com o tráfico de drogas (Quadro 5), mostram uma situação inicial de deslumbramento com a posição do traficante na comunidade, com a proximidade da droga e a promessa de ganhar muito dinheiro. Estão

iludidos com essas possibilidades, no entanto, esta idéia aos poucos se desfaz. Apesar de ganharem muito dinheiro e de obterem respeito pelo medo, muitos deles não se mostram satisfeitos. Ao invés de obter poder e prestígio, sofrem abusos das autoridades do crime. O dinheiro é declarado um “dinheiro morto” e o ambiente do tráfico é ameaçador e hostil. Há uma ilusão que se desfaz.

As imagens do primeiro dia de crime revelam uma “decisão” pouco elaborada. Além de serem, com frequência, crianças pequenas e imaturas, lançam-se a estas experiências em instantes de raiva, braveza, humilhação, vergonha. Falam, também, de momentos de muita dor e de fragilidade emocional.

Um dos participantes da pesquisa, bastante envolvido com o crime, que já foi preso e que parecia ocupar cargos mais elevados na organização do tráfico de drogas, diz que se envolveu com o crime após a morte de seu pai, quando “desandou”. Ele descreve os criminosos do tráfico como pessoas cheias de ódio, doidas para matar, o que mostra a presença de uma raiva profunda. Talvez C.R. estivesse projetando nos bandidos a sua própria revolta por perder o pai (também envolvido com o crime), por ter poucas oportunidades, por ter uma vida marcada pela falta.

As imagens do primeiro dia mostram jovens em busca de independência, reconhecimento, valorização e autonomia. Mas esta busca ocorre através do envolvimento com o crime que se mostra uma forma equivocada de conquistar aspectos tão importantes para o desenvolvimento.

Destacam a possibilidade de obter dinheiro com facilidade, de ser reconhecido e respeitado na sua comunidade, de ter autonomia em relação ao uso das drogas, de ter popularidade por fazer parte do tráfico e por ter proximidade com as drogas. Apontam a possibilidade de ser valorizado pelas mulheres, de ser bem falado “na quebrada” (no seu local). Sentem-se bem por fazer parte de um grupo, que possui regras próprias e organizações estabelecidas, e também por desempenhar uma atividade que passa a fazer parte de sua identidade. De outro lado consideram a dificuldade de não errar nunca, sob o risco de ser submetido a castigos cruéis que podem custar a vida. Ressaltam a dificuldade de estar em um ambiente tenso, em que estão sozinhos, não podem confiar em ninguém e devem ser espertos para não causar desavenças sérias com outras pessoas do tráfico, ou não ser pego pela polícia. Vivem sob a expectativa da vida curta ou de viver a opressão de um sistema carcerário. Expressam o conflito entre permanecer ou abandonar a organização do tráfico; entre os benefícios de empregar-se em um trabalho normal e os benefícios de trabalhar na ilegalidade do tráfico de drogas. Mostram o drama de esconder partes genuínas de sua personalidade para que não sejam descobertos como jovens inúteis para o funcionamento do tráfico de drogas. Relatam dificuldades em não mostrar o que sentem, em excluir emoções, em não poder reagir sem antes calcular o comportamento que será melhor

adaptado. Revelam a dor de precisar ser calculista e frio a todo momento, de precisar ser duro e ruim. “Eu tento ser ruim porque é assim que a gente convive”(V.).

A análise dos sonhos dos jovens com envolvimento com o tráfico de drogas (Quadro 6) revela aspectos importantes referentes às suas vivências no mundo. Trazem imagens de perigos e ameaças. Retratam a dureza e a violência vivida, mostrando com clareza a qualidade de seu cotidiano. Alertam para o perigo iminente, muitas vezes pouco considerado e descrevem estados de inflação egóica, que dificultam a avaliação das conseqüências dos atos e que provocam a esperança de soluções mágicas para conflitos sérios enfrentados. Apresentam imagens que retratam a falta de controle e de consciência ao se envolverem com o crime e ilustram a sensação de falta de alternativas ou de possibilidade de mudança de percurso.

Há muitos sonhos com o tema da morte, revelando a possibilidade de morte real, mas também a possibilidade de morte de aspectos do sonhador. Alguns aspectos devem morrer para a constituição de uma nova configuração psíquica e outros estão sendo mortos pela escolha da vida violenta do tráfico de drogas. Muitos desses sonhos possuem lysis negativa, indicando a possibilidade de desfechos trágicos para o conflito apresentado. A ausência de lysis nos sonhos aponta para a indisponibilidade de resoluções na atual configuração da consciência do sonhador.

Alguns sonhos revelam conflitos de identidade após a experiência transformadora de ser integrante de uma organização criminosa e ilustram relações baseadas em brigas violentas. Ao mesmo tempo, muitos conteúdos oníricos fazem alusão à necessidade de relacionamentos mais saudáveis e construtivos. As figuras masculinas surgem como figuras de confronto, geralmente fatais, e denunciam ausência ou fragilidade dos modelos de identificação.

Alguns sonhos apresentam imagens relacionadas a presença de elementos violentos dentro deles, indicando a necessidade de lutar contra ou de fugir deles.

Muitos sonhos apontam a necessidade de reconexão com aspectos relacionados à dinâmica matriarcal, de cuidado, proteção, manutenção da vida. Indicam, também, a existência de potencialidades e aspectos internos criativos a serem considerados. Esses sonhos geralmente possuem lysis positiva que aponta para a possibilidade de resolução do conflito apresentado no sonho.

Muitos conteúdos oníricos trazem o tema da liberdade, apresentando imagens profundas da psique que indicam novas possibilidades internas e novos caminhos que podem ser percorridos.

Dois sonhos relatados apresentaram imagens poderosas do self que se destacaram por serem diferentes das demais imagens oníricas apresentadas. Descreveram a imagem do vento e de dois pássaros azuis que pareciam resgatar o ego de sua vida aprisionada.

## 11 DISCUSSÃO

Este estudo dedicou-se à compreensão do processo de individuação em condições adversas de vida na rua ou no crime. A adolescência, como parte do processo de desenvolvimento humano, propõe a construção da identidade e formação de uma persona que a expresse. Essas formulações devem alinhar-se a individualidade e à totalidade psíquica cumprindo a tarefa do processo de individuação.

As questões típicas da adolescência se impõem aos jovens e são vividas, em alguns casos, no contexto da rua ou do tráfico de drogas. Os conflitos desta fase do desenvolvimento recebem, então, a tonalidade daquilo que eles experimentam na vida. A intensidade dessas experiências é evidenciada no conteúdo das entrevistas e na tonalidade que acompanha o que expressam. É uma vivência transformadora que influencia a constituição da identidade dos jovens e marca as profundezas psíquicas. Conforme se envolvem com essas experiências e se misturam com os conteúdos da rua e do crime, tornam-se cada vez mais comprometidos com tais atividades e também subjetivamente comprometidos por essas vivências.

### 11.1 A rua e o tráfico de drogas

A rua e o tráfico de drogas têm a cara da violência.

São ambientes perigosos, ameaçadores, hostis, cada um a sua maneira. Mantém os jovens em alerta constante e em estados permanentes de estresse. Estão diariamente preocupados em atender às leis e aos códigos próprios da rua e do tráfico, na esperança de não errar. As regras são rígidas, admitem pouca negociação e seu descumprimento acarreta punições bastante severas. Essas condições conduzem a estados de esgotamento psíquico. Apesar do risco de vida ser uma variável presente na rua e no tráfico, os jovens envolvidos com o crime ressaltam a possibilidade de serem mortos com detalhes de crueldade. Especialmente no tráfico de drogas em que não há espaço para erros sob o risco de perder a vida, os garotos procuram executar o trabalho com atenção e eficiência.

Vive-se sozinho nestes ambientes e é preciso conseguir o que se necessita sem ajuda de ninguém, sem contar ou confiar em ninguém. Os relacionamentos são marcados pelas brigas, pela agressividade e pela falta de cooperação. O outro é falso e perigoso, frequentemente visto como uma ameaça que deve ser afastada. Por isso agem com violência e agressão e assustam o outro.

A violência é um fator comum, esperada como parte de uma norma social (GUIMARÃES e CAMPOS, 2007) e os jovens utilizam-na não apenas para resolver conflitos, como também no estabelecimento dos relacionamentos e na manutenção da organização

local. Lutam desesperadamente para se constituir e se posicionar nestes ambientes. Em condições de violência os jovens atuam como agentes reprodutores e também são afetados como vítimas dessa violência (GUIMARÃES e CAMPOS, 2007; SOLIGO, 2005; BROIDE, 2006; GRAMKOW, 2007; TRAVERSO-YÉPEZ e PINHEIRO, 2002; NOGUEIRA, 2005). Estes são os dois pólos da mesma relação violenta, ora o jovem ocupa uma posição, ora a outra.

A rua e o tráfico de drogas obedecem a esta dinâmica, entretanto, funcionam de maneiras diferentes. A rua está predominantemente marcada pela agressividade, pela braveza, enquanto o tráfico acrescenta a isso a maldade e a frieza com intensidade maior que na rua.

O ambiente do tráfico é descrito como um mundo de “desgraça” e é tão difícil fazer parte dele que muitos jovens esforçam-se por aparentar que servem para essa atividade, permanentemente preocupados em fazer parte desse grupo. O envolvimento com o tráfico é marcado especialmente pelo medo e pelo desamparo (BROIDE, 2006), enquanto a vivência de rua é marcada principalmente pelo abandono extremo e pela vulnerabilidade.

Experiências de violência no período da infância e da adolescência podem comprometer o desenvolvimento e a constituição da autoestima, empobrecer a perspectiva de futuro e trazer sentimentos de ambiguidade diante dos relacionamentos (ASSIS et.al.; 2004), é o que se verifica nas entrevistas. Muitos dos jovens participantes, tanto os que mencionam vivência de rua como os que já se envolveram com o tráfico, acreditam muito pouco nas suas potencialidades, nas possibilidades de mudança de vida; não estabelecem planos para o futuro, pois estão marcados pela descrença e pela imediatez, e desconfiam dos relacionamentos estabelecidos socialmente, por estarem baseados em desrespeito e agressividade. As experiências boas, de proteção e conforto, influenciam o desenvolvimento, fortalecendo o ego para tolerar conflitos e emoções intensas, e colaboram para a integração de elementos à personalidade e para a restauração do equilíbrio psíquico (SAUAIA, 2003). Isso denota a importância das experiências que atravessam a vida, especialmente na fase da infância e da adolescência. Mostra, também, o valor de estabelecer trabalhos com os jovens que englobem estes aspectos enriquecedores do desenvolvimento.

Nesta pesquisa verificou-se que a violência e, portanto, a situação de vulnerabilidade, já estava presente antes dos jovens saírem para a rua ou buscarem o envolvimento com o tráfico de drogas – o que confirma a teoria. Frequentemente os adolescentes buscam condições alternativas à violência doméstica e encontram na rua novas formas de violência (MEDEIROS et.al.; 2001). Os jovens do tráfico apresentam em suas vidas ciclos de violência antes do ato infracional (RIGATTO, 2007). Quando saem para

as ruas ou se envolvem com o tráfico de drogas há uma busca que tem por trás uma grande dor.

A vida na rua e no tráfico de drogas se desenvolve sob os influxos de uma dinâmica matriarcal predominantemente destrutiva, e também sob as influências de uma dinâmica patriarcal predominantemente rígida e autoritária, também destrutiva.

O arquétipo do Pai ilumina as esferas relacionadas aos valores, ao pensamento, à razão, às leis, à moral, às idéias, às ordens, às proibições e intervém na inclusão do indivíduo na cultura. O Pai propõe a educação, declara a maturidade dos indivíduos e inculca nos jovens os valores coletivos dominantes, colocando-os como parte do mundo adulto (NEUMANN, 1995). Em sua polaridade criativa oferece proteção e é provedor, mas pode trazer destruição e obstrução ao processo de desenvolvimento e de vinculação com o coletivo.

A estrutura de funcionamento da rua e do tráfico funciona de acordo com a dinâmica patriarcal. Possuem regras claras, definidas, estrutura hierarquizada, chefes, funcionamento empresarial (no caso do tráfico), lidam com dinheiro, possuem leis próprias, baseiam-se em considerações racionais.

É possível dizer que os jovens buscam na organização da rua e do tráfico a dinâmica patriarcal fundada nas regras, na organização, na ordem, nas leis, porque necessitam destas referências para o seu desenvolvimento. Vivências dessa qualidade são fundamentais para desenvolver autonomia, responsabilidade e prosseguir no processo de individuação. Buscam também o poder, o dinheiro, a energia ativa, o respeito, a ocupação de status em uma comunidade hierarquizada, que são aspectos ligados às energias do Arquétipo do Pai. Simbolicamente, precisam adquirir poder sobre eles mesmos, desenvolver-se, criar forças internas, dar conta de si mesmos, crescer. Entretanto, encontram uma dinâmica que funciona de forma destrutiva, castradora, que poda o desenvolvimento.

A dinâmica movimentada e caótica da rua e principalmente do tráfico de drogas recebe os influxos do arquétipo do Pai em seu aspecto destrutivo, potencializando a força da agressividade de modo violento e criminoso. A severidade das regras e a crueldade das punições obedecem à dinâmica patriarcal rígida e autoritária, que não oferece possibilidade de reparação ou negociação e que não proporciona proteção ou suporte para o desenvolvimento do jovem. O desenvolvimento se dá sob a dinâmica da violência e do medo, sem oferta de proteção patriarcal aos jovens, que ficam expostos a agressões e discriminações.

O desenvolvimento favorecido pelas energias do arquétipo do Pai auxilia na introjeção das autoridades externas, formando uma consciência moral e uma estrutura interna de autoridade que farão parte da personalidade (NEUMANN, 1991). Entretanto,

nessas condições de dinâmicas patriarcais castradoras há desintegração da consciência, fixação da consciência de maneira primitiva, o que impede o desenvolvimento da autonomia, independência e obstrui o progresso em direção ao futuro. O mundo da rua e do tráfico conta muito pouco com perspectivas de futuro e, principalmente no tráfico de drogas, a expectativa de vida é muito curta.

Nessas condições de entrave do desenvolvimento, o jovem permanece eternamente filho, imita o pai e não alcança a autonomia ou a voz interior que guie as suas atitudes, jamais chega ao poder sobre si mesmo e segue regras puramente externas. Permanece totalmente dependente, obediente, inferior, sem possibilidade de avaliar e questionar aquilo que vive. O filho se mantém moralmente preso, insere-se no mundo de forma limitada e sofre a obstrução da formação de uma consciência ética. Não beneficia a passagem para a dinâmica da alteridade que sustentaria a construção da identidade baseada na coerência ética.

O desenvolvimento sob a dinâmica destrutiva paterna também obstrui a criatividade. Especialmente os garotos do tráfico mostram uma frágil estrutura psíquica em que a capacidade criativa parece endurecida e se torna mais empobrecida à medida que se inserem na atividade criminosa.

O arquétipo da Grande Mãe, que ilumina a dinâmica matriarcal, possui uma polaridade devoradora e maléfica, e uma polaridade bondosa e doadora (NEUMANN, 1995). Em seus aspectos positivos, a mãe garante a segurança e a vida e propõe garantias existenciais (HILLMANN, 1998). Está relacionada a generosidade, a felicidade, a nutrição, ao prazer, a fertilidade (NEUMANN, 1995).

As condições de vida nas ruas mantêm os jovens abandonados, sem cuidado; passam fome, frio, medo, permanecem desamparados, sentem saudades, ficam sujos. Essas circunstâncias denunciam a influência de uma dinâmica matriarcal negligente, que não oferece garantias para a manutenção da vida, nem impulsiona o desenvolvimento. A dinâmica matriarcal destrutiva também está explícita na vida dos jovens envolvidos com o tráfico de drogas. Nessas condições a vida está constantemente ameaçada, sob risco, e as garantias de existência são muito tênues.

A mãe negativa evidencia-se nas formas de relacionamento, construídas tanto nas ruas como no crime. Interações que oferecem pouco apoio, fundadas na “esterilidade da gentileza coletiva” (HILLMAN, 1998). As forças da Grande Mãe incendeiam o ódio e o ressentimento vivido nessas condições; ela tem face de “lábios frios e olhos vazios” (HILLMANN, 1998, p.91). Os jovens vivem sob os influxos das forças da Grande Mãe devoradora, senhora da fome, do impulso da violência, dona dos manejos sedutores que levam à ruína (NEUMANN, 1995).

As drogas se encaixam perfeitamente nestes contextos, propondo um prazer fugaz, perigoso, traiçoeiro. A mãe negativa é feiticeira, sedutora, entorpece os jovens e os conduz ao fim da vida ao invés de impulsionar o seu desenvolvimento. As energias devoradoras do arquétipo da Grande Mãe enriquecem aspectos sedutores e fascinantes das experiências da rua e do tráfico de drogas, que insistentemente teimam em atrair o jovem novamente para essas vivências, mesmo já conhecendo as situações tão duras desses modos de vida. “A mãe terrível é uma feiticeira que confunde os sentidos e deixa os homens fora de si” (NEUMANN, 1995, p.61). De acordo com Neumann (p.60),

se ela fosse terrível e deusa da morte, faltaria a sua imagem grandiosa algo que talvez a tornasse ainda mais terrível e todavia, ao mesmo tempo, infinitamente desejável. Porque ela também é o que enlouquece e fascina, seduz e torna feliz, subjuga e encanta. O fascínio do sexo e a embriaguez da orgia, a perda na inconsciência e a morte, aqui se entrelaçam.

A dinâmica devoradora da Grande Mãe compromete o desenvolvimento do jovem e trava a sua jornada, mantendo-o num estágio de indiferenciação, pouco consciente, em que experimenta o prazer e a dor de forma indistinta. Tem menos capacidade para avaliação, discernimento; permanece cego, enfeitiçado.

Diante do exposto, o desenvolvimento que se dá sob as influências de dinâmicas matriarcais e patriarcais destrutivas não garante a existência e a manutenção da vida, que seria fornecido pela energia construtiva do arquétipo da Grande Mãe, e não recebe o impulso necessário para a construção da autonomia, da independência, e da segurança para a inclusão na coletividade que seria alavancado pelas energias do arquétipo do Pai. O desenvolvimento adolescente é truncado e o jovem não adquire segurança para ser alguém único, individual, e nem para ser um indivíduo inserido e participante no mundo. Insere-se no mundo de forma marginal e sem liberdade. Fica sem lugar de pertencimento e não desenvolve a estrutura psíquica capaz de dar conta de si mesmo, de ter responsabilidade, boa autoestima, de estabelecer relacionamentos saudáveis, de construir a identidade baseada numa consciência ética.

## **11.2 A potência do herói e os jovens da rua e do tráfico**

Os jovens vão às ruas ou se comprometem com a organização do tráfico de drogas em um momento singular da vida, que é a adolescência. Nesta etapa do processo de individuação, o jovem é atraído por experiências poderosas que modificam profundamente a configuração e o funcionamento psíquico até então (FRANKEL, 2005), e neste contexto psíquico, a rua e o crime se apresentam como alternativas disponíveis e transformadoras.

Durante a adolescência, o jovem já possui as estruturas essenciais do desenvolvimento formadas e essas serão enriquecidas e ampliadas em complexidade, combinando-se em arranjos inéditos (FORDHAM, 1994). É um momento de vida em que os padrões de relacionamento infantil deixam de ser válidos e algo mais passa a ser necessário. As identificações, introjeções e modelos construídos na infância são retomados e atualizados, e o jovem busca novas referências ao engajar-se em uma missão heróica de conquista da autonomia, independência e individualidade (FELDMAN, 1996).

Ao mesmo tempo em que o jovem percebe um mundo diferente, com novas expectativas em relação ao seu comportamento, ele também identifica a emergência de novos conteúdos e de novas demandas internas. O ambiente externo e o mundo interno impulsionam o adolescente para grandes transformações. Há na adolescência uma necessidade de transformação e também de vivência iniciática (FRANKEL, 2005).

Esses jovens enfrentam, ainda, a experiência de pouca continência familiar, experiência de desamparo, de violência, de expectativas frustradas, que impulsionam-no ao desenvolvimento e ao amadurecimento acelerado para que ele dê conta de si mesmo e deixe de depender completamente de quem tem pouca condição para cuidá-lo, contê-lo e protegê-lo. Devem aprender a ser “gente grande”, ser seu próprio pai e sua própria mãe, sem projetar o cuidado ou a lei no outro. Os processos de renovação e transformação contam com a ativação do arquétipo do herói, que auxilia na superação dos obstáculos do processo de desenvolvimento e faz a mediação entre o ego e o self.

Imbuídos da força do herói, esses jovens lançam-se às vivências transformadoras na rua ou no crime e outorgam sentido a essas experiências como se fossem rituais de passagem. Algumas vivências radicais da adolescência podem ser entendidas como formas de passagem para a vida adulta através de caminhos perigosos, entre elas estão o uso de drogas, a fuga de casa, a automutilação (FRANKEL, 2005; ZOJA, 1992; OLIVEIRA, 2007) e a busca pela vida nas ruas ou o envolvimento com o crime.

A crise da adolescência ganha nova dimensão na rua (BEDOIAN, 2007) e no tráfico. Os conflitos agudos e frequentes de identidade são vividos nestes ambientes pouco protegidos, onde há limitações das possibilidades de protagonizar a vida, favorecendo a construção da identidade através de roteiros de violência (FONSECA, 2009), com influência dos aspectos típicos destas vivências.

O jovem é conduzido pelo processo de transformação experimentando a potência arquetípica da iniciação mediante fortes experiências de morte, renascimento e transcendência. A jornada heróica inicia-se com um chamado, uma busca que o conduz para a partida. Neste momento ele segue em direção ao desconhecido em uma descida às trevas.

### 11.3 A partida do herói

A mudança que ocorre em suas vidas está baseada em um grande sofrimento e numa importante busca, entretanto, numa busca que aos poucos se revela uma ilusão. Este caminho é traçado sem consciência ou elaboração, e sem continência. Os momentos desta “decisão” são descritos como instantes de desespero, tristeza profunda, humilhação, raiva e, muitas vezes, os jovens eram pequenos e imaturos demais para avaliar com precisão as consequências e as implicações desta “escolha” e o quanto ela poderia modificar suas vidas. Entretanto, a ilusão que leva à rua e a ilusão que conduz ao tráfico são diferentes.

Os jovens vão para as ruas quando o relacionamento familiar se torna insuportável e os vínculos parecem já esgarçados pelos conflitos. Sair de casa se apresenta como a única alternativa desesperada quando não vislumbram outra saída. Vão para a rua na esperança de encontrar algo diferente, e por isso, como refere Bedoian (2007), a rua é um lugar de apelo.

Fugir de casa é uma fantasia bastante comum na infância mas, nestes casos, essa idealização infantil torna-se realidade, dura vários dias, às vezes meses e anos, e envolve riscos reais. Normalmente, a fuga das crianças não se concretiza, mas nestes casos ela se torna uma busca sofrida e concreta, e isso acontece porque antes deles saírem sozinhos nesta batalha, já estavam sozinhos e tristes.

É interessante notar que a separação real da família e inclusive da comunidade é um fator comum nos rituais de iniciação das sociedades tradicionais (FRANKEL, 2005).

Buscam lugares de pertencimento, querem ser acolhidos em suas singularidades e procuram pela possibilidade de relacionamentos amigáveis e companheiros. Buscam os grupos de pares. Essa busca quer povoar o mundo interno, tão vazio. Compensa a falta de relacionamentos de intimidade, de proximidade, de cumplicidade, a dor de sentir-se sozinho, o abandono, a falta de orientação e de cuidado diante de uma família frágil, pouco continente, despreparada, de vínculos praticamente rompidos.

Entretanto, quando saem de casa confrontam-se não apenas com suas fantasias de crianças, mas com a realidade cruel da rua (BEDOIAN, 2007). Descobrem a qualidade ruim dos relacionamentos e a solidão novamente. Mais uma desilusão. São relacionamentos inconstantes, nos quais falta confiança. São relações pautadas pelas brigas violentas, muitas vezes com faca, e pelo interesse pela droga do outro. Os relacionamentos sexuais são baseados puramente no contato físico e deslizam para a indiferenciação e para a interação coisificada entre os participantes. Não é possível confiar no outro que faz maldade enquanto a turma dorme, que rouba os parceiros, que não ajuda, que prejudica. Não há tempo de relaxar e é difícil dormir. É preciso ficar atento, em vigília. Por estarem sozinhos,

uma das grandes lições da rua parece ser conseguir o que se precisa por si mesmo, dar conta de si próprio, e dizem isso com muita dor, “na rua é só você e você”.

Há episódios de afeto e de lealdade na rua quando os adolescentes são muito amigos, de muito tempo, ou quando são irmãos, embora essa não seja a característica fundamental dos relacionamentos na rua. De uma forma geral, a afetividade na circunstância da rua é pouco estável, frágil, por isso pouco confiável. É uma tentativa de substituição afetiva que não se valida nesse contexto.

Buscam também a liberdade, a possibilidade de fazerem o que quiserem, ao seu modo, e darem conta de suas vidas sozinhos. Buscam o prazer e a liberdade. Vivem a cultura do prazer e do momento descrita por Lipovetsky (2004). Estão movidos pela ilusão do “fazer o que quiser”, do “quanto quiser”, do “pode tudo”, que vem compensar uma vida tolhida, podada, marcada pela falta e pela ausência diante de necessidades básicas. Parecem sentir-se cerceados, presos e ignorados nas suas vontades. Querem ser livres e ter prazer, mas a ilusão da liberdade se torna sentimento de abandono e negligência, retratando novamente uma situação de desproteção, abandono e falta de cuidado.

Apesar de ressaltarem a facilidade em conseguir comida, cobertor, dinheiro e drogas, e principalmente a liberdade para usar drogas, para ir onde quiser e para fazer o que quiser a qualquer hora, esta liberdade pode ser entendida de forma negativa, denunciando negligência. É possível fazer o que quer porque não há ninguém cuidando, ninguém está preocupado com eles, não há zelo pelo desenvolvimento saudável, pelo bem estar ou pela integridade física e psíquica desses jovens. Estão abandonados.

O envolvimento no tráfico de drogas também está fincado em uma busca, que de repente se revela uma ilusão. Os jovens buscam poder. Identificam-se com o traficante, valorizado, importante na comunidade. Há um verdadeiro fascínio pelo poder e deslumbramento pelo destaque que tem um criminoso. Entram nesta organização criminosa iludidos com promessas de aquisição de respeito e status, visibilidade social, dinheiro fácil e acesso às drogas, que também são formas de ser valorizado na comunidade. Isso significa ser querido, apreciado, estimado, respeitado. Vivem a esperança de uma vida melhor.

Os contextos de violência contribuem para uma escolha de vida ilegal, que na verdade significa uma possibilidade de admiração, poder, respeito e garantias financeiras (BRANCO, 2006). É uma busca, também, por uma imagem positiva de si mesmo, de força, de identidade construída. No entanto, isso se dá por meios violentos e ilegais, que desviam o desenvolvimento da personalidade.

Esta busca compensaria sentimentos de desvalor, de falta de potência e falta de reconhecimento. São vidas marcadas pela invisibilidade, pela humilhação e pela carência, num mundo em que suas vozes jovens não têm força. Além da dor de viver uma história carente de atenção e de afeto, vivem a falta de recursos materiais, a dificuldade de

estabelecerem e realizarem planos de vida, a sensação de estarem à margem do mundo, abandonados, desprovidos, descuidados, largados pela sociedade que não os vê. As falas dos jovens envolvidos com o crime são carregadas, muitas vezes, de sentimento de revolta na escolha pelo crime, revolta contra a sociedade e contra seus cuidadores, tão ausentes. Sentem raiva e estão descrentes.

A participação do tráfico indicaria uma possibilidade de visibilidade, de ocupar um lugar de destaque social, de potência. Uma oportunidade de existência social que não conhecem, pois seus direitos não são respeitados, suas reivindicações não são ouvidas, seus desejos, materiais ou não, estão distantes da possibilidade de realização.

Aos poucos a ilusão se desfaz. Vivem o ambiente tenso, a necessidade da obediência cega diante das ordens, as situações extremas de violência, e após algum tempo, o deslumbramento parece ruir e cede espaço à desilusão diante das promessas do crime. Neste momento vivem, inclusive, abusos das autoridades da organização.

Adquirem poder na comunidade, mas estão, ao mesmo tempo, submetidos a outras pessoas ou a duras condições de vida. Estão, de um lado, poderosos, de outro lado, aprisionados e impotentes.

Dizem que realmente ganham muito dinheiro, mas que é um dinheiro morto. Significa que não tem valor, que leva à ruína, que não compensa. Ao compreendermos simbolicamente o dinheiro como energia, é possível entender que o crime fornece uma energia destrutiva, que não faz crescer, que aprisiona, que escraviza e por isso este dinheiro não traz possibilidades e nem poder sobre si mesmo. Esta energia acumulada no mundo do tráfico de drogas não leva ao desenvolvimento, à vida, pois é uma energia morta, que causa prejuízo, inclusive psíquico. Quando não há desilusão diante do crime, há lesão na integridade psíquica.

Há também o fascínio pelo perigo. A experiência do risco e da adrenalina dá prazer, cria uma sensação de vivacidade e seduz os jovens. Neste ambiente em que as emoções são desprezadas diante da primazia da razão, a adrenalina e o risco, assim como o uso de drogas, trazem a oportunidade de viver emoções. Traz a sensação de vida emocional, de vibração, quando o cotidiano parece cinza, perigoso, anestesiado, racional. Mesmo que essa emoção seja provocada pelo medo, ela mobiliza o mundo interno e traz a sensação de estar vivo.

Os comportamentos autodestrutivos podem ter atrás de si a necessidade de experiências de vitalidade e afirmação, e seriam a base do uso abusivo de drogas, da sedução pelas armas e pelo crime, como já alertou Frankel (2005).

Sob a ilusão de poder e sob o fascínio pelo risco há uma dor intensa que marca a vida dos meninos e meninas envolvidos com o crime antes deles concretizarem contato com o traficante pela primeira vez. Os jovens com vivência de rua e envolvimento com o tráfico

vivem iniciações distintas ao lançarem-se ao mundo novo e desconhecido destas experiências.

Ambos vivem a urgência de transformação, como se uma parte do jovem precisasse morrer pela necessidade de uma nova vida. São atraídos por fantasias de morte, renascimento e transformação (FRANKEL, 2005). Entretanto, enfrentam situações extremamente perigosas em que há ameaça real de morte, que pode transformar o desejo autêntico do self por mudanças em um fato literal de perder a vida.

É necessário considerar os riscos reais. Nota-se, no entanto, algumas avaliações ingênuas das situações perigosas vividas, das consequências das escolhas, das suas reais possibilidades e limites, além da busca de saídas fantásticas para os problemas, o que denuncia estados de inflação egoica. O jovem é tomado pela onipotência e isso fica claro nas entrevistas em que há desconexão entre a tonalidade do discurso e a seriedade do que falam. O estado de inflação é comum na adolescência e impulsiona o jovem na sua busca de identidade e de novas referências, revestindo-o de poder transformador. Nestes casos, de uma vida permeada por riscos reais contra a vida, a inflação pode se tornar extremamente perigosa.

#### **11.4 A jornada – a iniciação**

A adolescência é um momento de transição para a idade adulta, que demanda vivências iniciáticas. Os jovens vivem a experiência da rua e do tráfico de drogas com sentido de ritual de passagem que marca a entrada na fase da maturidade e habilita o indivíduo para ela. Durante a jornada heróica, ocorre uma iniciação, quando o jovem enfrenta desafios e é transformado, para que possa despedir-se da infância e alcançar o mundo adulto.

Os rituais funcionam de acordo com um padrão arquetípico que inclui a morte iniciática, que fortalece e prepara o indivíduo para a renovação, e que é seguida do renascimento iniciático. Esta é uma experiência tão intensa que necessita de preparação e espaço interno que sirva de recipiente para ela. Nesta etapa da trajetória heróica, a personalidade perde o controle diante do contato com uma carga de energia inconsciente e passa por uma série de provações e revelações, a partir das quais é possível emergir em direção a uma nova vida. A jornada exige também um sacrifício, de onde nasce o novo (CAMPBELL, 1990). Entretanto, este processo pode ocorrer de forma destrutiva, levando o jovem por caminhos perigosos que ameaçam a vida e a integridade psíquica. O arquétipo do herói é constelado, mas o jovem age de maneira lesiva consigo e com o mundo. Ele, então, vive uma experiência de iniciação negativa que destrói a personalidade anterior e inaugura uma configuração psíquica que aprisiona, e não leva ao desenvolvimento.

Os jovens com vivência de rua ou envolvimento com o tráfico de drogas vivem estas experiências como rituais de iniciação que seguem por caminhos perigosos. A construção da identidade e a preparação para o mundo adulto são impregnados pela violência da rua e do crime.

As entrevistas mostram que após algum tempo de vivência de rua ou envolvimento com o tráfico muitas transformações acontecem e os jovens se sentem diferentes, transformados por isso. V. era um menino que foi para a rua aos 6 anos de idade por não aguentar a situação de conflito familiar que vivia em casa. Não sabia como sobreviveria, mas encontrou abrigo sob uma banca de jornal. Ficava na rua alguns dias até que a saudade apertasse e a criança reaparecesse dentro dele. Ele voltava pra casa. Pouco tempo depois saía de novo para a rua, pois a situação em casa não apresentava nenhuma mudança. Cada estadia na rua durava mais tempo até que ele estava mais envolvido com este contexto, conhecia as pessoas, usava drogas, manipulava melhor as regras, era permeado por essa experiência, misturava-se com ela. Conseguia permanecer mais tempo fora de casa e não sentia mais aquela saudade de criança, aquela vontade de voltar para casa; estava transformado. Alguma coisa estava diferente dentro dele. Hoje ele não vive mais na rua, mas luta para se livrar da imagem de menino de rua e fala sobre a dificuldade de ficar longe das ruas, mostrando o esforço necessário para se desfazer dessa experiência que ficou marcada dentro dele.

Os jovens também se percebem diferentes no olhar das pessoas e ficam preocupados com o que as pessoas pensam deles. Portam-se diferente perto deles, “não olham no seu olho”, “olham de jeito estranho”, e isso provoca um questionamento sobre o que eles são, no que se transformaram. Há necessidade de perceber a consideração do outro a respeito deles e sentem-se estranhos por não se reconhecerem na interação com o outro. Está deflagrado um conflito de identidade muito primitivo. Alguns se questionam sobre a imagem que as pessoas estabelecem deles e os estereótipos dificultam ainda mais a construção de uma identidade mais positiva, o que se torna mais um fator de risco para o desenvolvimento (ARPINI, 2001; GRAMKOW, 2007; DELL’AGLIO et al, 2005).

A experiência da sexualidade que influi diretamente na personalidade em desenvolvimento e no processo de construção da identidade, também recebe a marca das vivências de rua, e muitas vezes é descoberta em situações de exposição a riscos, com pouca proteção e cuidado, e muito pouca consideração sobre os próprios limites psíquicos e corporais. Diversas vezes é uma experiência abusiva, mesmo que não seja um episódio em que a relação é imposta. Caracteriza-se como uma relação abusiva porque a pessoa permite que ultrapasse os seus próprios limites, por não conhecê-los. O significado da sexualidade está atrelado ao universo da rua, como bem expôs Medeiros et.al. (2001). Os jovens envolvidos com o tráfico não relataram nada a respeito do relacionamento sexual,

enquanto os jovens com vivência de rua descreveram relacionamentos que ocorrem nas ruas ou em locais mais escondidos, chamados “mocós”, e que são marcados pelo contato físico e pela falta de afeto. A sexualidade emerge como um novo poder, próprio do mundo adulto (FRANKEL, 2005), propõe transformações psíquicas e modificações no relacionamento com o outro, a partir da proximidade e da intimidade.

Na adolescência o jovem busca novas referências fora do contexto familiar, mas em seguida é importante confrontar as descobertas com as figuras de referência, o que dá sustentação para a construção da identidade. Entretanto, nesses casos há ausência de modelos de referência e também a falta de interlocutor com o qual o jovem precisa discutir, dialogar, confrontar. Sem este confronto, sem esta retaguarda, a construção da identidade pode ser comprometida. Às vezes, quando há possibilidade de manter este diálogo, este confronto, ele acaba acontecendo como uma luta, que ao invés de promover o desenvolvimento provoca a morte, a estagnação psíquica. Os pilares de sustentação do desenvolvimento infantil, frequentemente formados pelas relações familiares, são muito instáveis e mal cumprem o papel de cuidado e continência do desenvolvimento do jovem. É uma estrutura familiar ambivalente que funciona sob os influxos do amor e da raiva. Os jovens desligam-se gradualmente do mundo da infância em direção ao mundo desconhecido dos adultos, e isso ocorre sem proteção e apoio que poderiam sustentar inseguranças típicas desse momento. Vivem estes desafios sozinhos e desamparados.

As inquietações sobre o crescimento e a conquista do mundo adulto estão presentes. Há inseguranças sobre as oportunidades que estarão disponíveis para a construção de uma vida adulta. Existe como alternativa disponível a possibilidade de se tornar um criminoso, que será a base de uma identidade adulta. A opção por uma vida marcada pela prosperidade material, mas também pela ilegalidade, pelo medo, pela ameaça, e frequentemente pela morte precoce. Essa escolha é pautada na constituição da identidade, na posição que eles assumem socialmente e em ilusões que permeiam a vida do crime, assim como no desejo por remuneração e dinheiro.

Nesta busca de novas referências, o jovem deixa de participar apenas do contexto familiar, mostra grande interesse no grupo de pares, e a proximidade com a família é transferida para o grupo que agora faz parte. Como bem apontou Erikson (1976), os jovens se unem e se ajudam neste momento de grande conflito. Formam turmas, estereotipando-se a si próprios, numa tentativa de alcançar uma definição de identidade. Nas condições aqui estudadas, os grupos de iguais frequentemente estão envolvidos com o crime ou com a vivência de rua e isso marca a união do grupo. As “baladas” disponíveis para estes jovens também têm marcas da violência, das drogas e das características do tráfico e da rua.

Há uma grande busca por unir-se à sociedade e participar dela (ZOJA, 1992). Oscilam entre um sentimento de absoluta separação, isolamento e exclusão, e sentimento

de conexão total e mistura com o grupo de pares, devido a um grande desejo de pertencimento. Outros autores mostraram a importância de participar de grupos em situação de vivência de rua (BEDOIAN, 2007; RIGATTO, 2007; SILVA, 2008; SANTANA et.al., 2005; LIMA, 2005; MEDEIROS et.al., 2001), nos estudos das gangues (GUIMARÃES e CAMPOS, 2007) e no envolvimento com o tráfico de drogas (BROIDE, 2006; FONSECA, 2009). Fazer parte de um grupo é fundante da identidade do jovem. Ele é um menino de rua, um menino do tráfico, um craqueiro, um traficante.

Neste período de passagem, que se caracteriza como um momento de limiar psicológico, não há definição das estruturas psíquicas, o que pode levar o jovem a optar por uma identidade e um papel social bem precisos, porém primitivos (ZOJA, 1992), e nestas condições ele pode se ligar ao crime, às drogas, à vida na rua. Resta saber o que determinaria a passagem para a delinquência. Cada vez mais envolvido com o crime, a voz interior se torna mais imprecisa e inconsciente, confundindo-se com a voz do grupo (JUNG, 2006).

Nas condições assinaladas haverá uma peculiaridade da persona para que ela seja adaptativa ao mundo da rua ou do tráfico de drogas. Os jovens aprendem a ser meninos de rua, meninos do tráfico. A persona auxilia na adaptação social, na manipulação do ambiente, protege o indivíduo e torna-se a maneira como se apresenta ao mundo. A clareza dos aspectos valorizados em cada contexto, das regras de funcionamento e a apresentação social de forma coerente faz parte da adequação e da sobrevivência, em um ambiente em que a vida é tirada com facilidade em casos de punição ao erro. Há uma tendência arquetípica para adaptar-se ao ambiente, que se soma às tendências pessoais e às demandas sociais. Ao criar estratégias para lidar com o ambiente em que estão inseridos, constroem um personagem para atuar nessas situações e uma identidade relacionada à violência. Estas demandas requisitam transformações internas profundas, marcadas pela experiência de viver na rua ou de estar envolvido com o crime.

Nesta fase da vida, o jovem experimenta muitos papéis que auxiliam na constituição de uma estrutura psíquica que permita sua inserção e participação no coletivo (ERIKSON, 1976). O teste de diferentes personas no mundo é um reflexo da erupção de muitos aspectos do self, num momento de fluidez da identidade, que ainda não está totalmente integrada; este processo auxiliará na elaboração da identidade e de uma persona que seja coerente com ela (FRANKEL, 2005). De acordo com Erikson (1976), esta nova configuração psíquica não se caracterizará pela natureza lúdica da infância e nem pela natureza experimental da puberdade, mas estará relacionada com compromissos cada vez mais permanentes. Esse autor considera que essa experiência precoce de violência se funde à identidade e é difícil mudar esta imagem depois, o que foi verificado na amostra estudada.

Alguns declaram que pensam em voltar para a rua, ou dizem que não estão certos de largar o tráfico mesmo depois de terem sido presos. Outros mostram pouco controle sobre si mesmo e preferem nem lembrar o que viveram. Isso mostra a necessidade de grande força para sustentar a decisão de construir uma nova vida longe da rua, longe do crime.

Nos contextos da rua e do tráfico, é importante mostrar-se egoísta, forte, agressivo, bravo, arrogante, folgado e não levar desaforo para casa. É preciso assustar o outro, dar medo. A máscara aqui utilizada deseja afugentar, afastar o outro. Na rua, dizem que é importante “ter cara de nervoso”, saber brigar e bater, mostrando que a agressividade e a intimidação são as características principais da constituição da persona adaptativa na rua. O mundo do crime exige que a maldade e a ruindade se associem à agressividade da rua para compor a persona adequada ao tráfico de drogas. Enquanto no ambiente da rua é necessário mostrar-se bravo, no tráfico é preciso mostrar que se “tem maldade”, que se sabe “agir na maldade”. Um dos participantes diz que a “pessoa tem um lado bom e um ruim. E nesses lugares tem que mostrar o lado ruim”(I.).

Em ambos os contextos descritos não é recomendável ser muito “bonzinho”, querer ajudar os outros, ou ser “amigo”, pois isso pode depor contra aquela postura firme necessária, e indicar fraqueza, frouxidão. Parecer bobo ou trouxa é perigoso para a vida na rua ou no crime. Isto demonstra que aspectos relacionados a bondade, a colaboração, a compaixão, a amizade, são características que não devem fazer parte da persona.

Os meninos com experiência de rua mencionam episódios de lealdade e generosidade na rua, e dizem que as pessoas deveriam ser parceiras, sinceras, respeitadas, confiáveis, amigas, bondosas, apesar da maioria das pessoas da rua não o ser. De qualquer forma, fica evidente que esses valores estão preservados e são exaltados pelos jovens com vivência de rua. Isso revela uma contradição em que valorizam tanto os aspectos relacionados a sociabilidade, bondade, generosidade, integridade de caráter, como os aspectos relacionados ao individualismo, à violência, à agressividade, à destrutividade e ao desvio de caráter. Esses jovens mostram que alguns atributos que eles valorizam não cabem na persona que devem assumir.

Diferente deles, os jovens envolvidos com o tráfico de drogas mencionam muito pouco as características ligadas a sociabilidade, destacando apenas a importância de serem humildes e de falar com todo mundo. O relacionamento social não parece ser um aspecto esperado no contexto do crime, ou os valores sociais não parecem preservados diante da crueza dos relacionamentos vividos. Os relacionamentos frios marcaram tanto a constituição subjetiva destes jovens que os valores de sociabilidade perderam o sentido. Entretanto, quando falam da família mencionam o carinho, o amor, os sentimentos, que também são

exterminados no tráfico de drogas; ali é necessário agir com a razão e os aspectos emocionais são descartados.

Há indícios de um processo gradual de dessensibilização aos sentimentos de compaixão e igualdade humana que são incompatíveis com a violência, como propôs Branco (2006). Apesar disso ser evidenciado em ambos os contextos, parece agravado nos jovens do tráfico de drogas. Enquanto os participantes com vivência de rua admitem alguns atributos ligados ao sentimento como valores que devem ficar excluídos da persona, os jovens do tráfico de drogas mencionam o sentimento apenas quando relacionado à família.

Esta condição é representada nos sonhos. Os jovens com vivência de rua apresentaram muitos sonhos que se referem a relacionamentos. Eles buscam isso na rua, na ilusão de encontrar ali o que não existe em casa. Os jovens do tráfico contaram poucos sonhos que trazem imagens de relacionamentos e quando surgem, na maioria, são relacionamentos destrutivos e fatais.

A gíria utilizada nos dois ambientes também faz parte da persona e funciona como um passaporte para este mundo novo que possui um idioma próprio. É a linguagem própria do grupo, como diz um participante, “a linguagem dos caras também é diferente e facilita pra gente se entender”(I.). Desenvolvem personas adaptadas à rua ou ao tráfico, mas pagam um alto custo psíquico por isso.

Um menino (C.R.) envolvido com o tráfico diz que as pessoas se adaptam a esse modo de convivência, e ele, já bem adaptado, sabe como manipular este ambiente com facilidade. Ele havia sido preso e estava prestes a sair da Fundação Casa para retomar a sua vida na comunidade; estava ansioso por isso. Relatava que há uma maneira específica de se relacionar com as pessoas da Fundação Casa, com os “bandidos” e com os “malandros”, e que ele havia aprendido a se relacionar nesses contextos; havia se adaptado. Conversar comigo exigia outra forma de relacionamento e ele dizia-se inseguro, gaguejando, porque tinha medo de não saber mais se relacionar no “mundão”, fora do crime. As características desenvolvidas no tráfico de drogas estavam tão misturadas com a sua identidade que ele nem se reconhecia em outras situações. Sentia-se perdido, relatando que não sabia qual seria a sua “ideologia no mundão”, no que pensaria, como seria, com quem se relacionaria. Sua persona, tão bem moldada para o tráfico, parecia disfuncional para a vida fora do crime. Isto mostra a intensidade da experiência do crime que altera profundamente a constituição psíquica dos jovens e deixa marcas importantes na identidade.

O desenvolvimento de personas criativas e adequadas depende da percepção de sua multiplicidade e individualidade (FREITAS, 1995). Isso é decorrente da boa integração entre o ego e o self, que garante a coerência do processo de individuação. A articulação harmoniosa entre o ego e a persona permite que o ego reconheça-se como indivíduo, tenha

consciência de si separado das exigências externas, tenha capacidade de julgamento não necessariamente idêntico aos padrões coletivos, mesmo que atento e ciente deles.

Isso não acontece em casos de identificação com a persona, quando o ego, ao preocupar-se intensamente em adaptar-se ao mundo social, começa a acreditar que a imagem construída para participação social é toda a personalidade. A intensidade da experiência do tráfico e da rua tinge a subjetividade dos jovens que mostram muita dificuldade de se observarem como alguém fora dessa organização. Estão tão envolvidos com o crime que pensam que “só o crime compensa”, parecem não vislumbrar outros aspectos de sua individualidade que não estejam coloridos pelas circunstâncias do crime. Os meninos da rua não apresentam esta identificação tão marcante com a persona, mas também sofrem com a dificuldade em enxergar novas possibilidades de vida que acrescentariam riqueza à identidade. Ambos negligenciam aspectos importantes da personalidade (STEIN, 1998; WHITMONT, 1991).

É importante destacar que a persona não é apenas uma estrutura externa que faz a mediação com o mundo externo, ela está articulada com a totalidade psíquica. Falar da persona significa falar das profundezas da psique. A persona protege o ego e reflete a verdadeira personalidade do indivíduo, ampliando sua expressão (JUNG, 2002; HOPCKE, 1995; FRANKEL, 2005; FREITAS, 1995). Por isso é interessante a metáfora da máscara, que não apenas esconde quem está por trás dela, mas revela, descreve as características do personagem, e denuncia o que se pretende representar através de seu uso (FREITAS, 1995).

Os jovens aprendem a viver nesses contextos e tornam-se adaptados a eles. Estão aptos a serem meninos de rua ou jovens do tráfico. No entanto, são inseridos neste pequeno grupo, de forma marginal, e não fazem parte da sociedade toda.

Há uma transformação, mas falta um renascimento que conduz ao desenvolvimento e à participação da sociedade. Os jovens são iniciados pelas experiências de rua e envolvimento com o tráfico de drogas e deixam de ser como antes. Ocorre uma iniciação negativa que propicia uma identidade ligada à vida na rua e ao crime e que não promove o desenvolvimento. O jovem não está apto para a próxima etapa do desenvolvimento, atinge a maturidade de modo marginal e não se pauta por valores que serão compartilhados com o social. Trilha um caminho perigoso que pode levar à morte concreta e inaugura uma nova configuração psíquica, que é uma condição aprisionada, presa a um destino, a um círculo que se fecha.

Esta força poderosa do herói está disponível para o jovem, fornecendo força para o combate. Ao fazer um uso destrutivo de uma potência, que é em si neutra, ocorre uma manifestação lesiva dessa energia. O mal estaria na consequência do mau uso que o homem faz do seu livre-arbítrio (TARNAS, 2001) quando recebe os influxos desta potência.

Pode-se entender o mal como algo que ocorre quando o ego participa de um processo que não conduz à integridade psíquica, anula a relação do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com o mundo. O mal caminha na contramão do desenvolvimento e da vida, é a antívida (PIERRAKOS, 1991b). O jovem se entrega a uma iniciação que não favorece o processo de individuação.

Os jovens do tráfico parecem mais intimamente tomados pelas experiências cruéis do crime, enquanto a rua tem uma tonalidade mais lúdica, apesar de dura. Os jovens de rua buscam relacionamentos, parecem menos amortecidos, menos comprometidos, talvez mais tipicamente adolescentes. Os sonhos dos jovens de rua abordam mais temas próprios da adolescência como a questão da sexualidade, dos amigos, dos casos, dos namoros, em relação aos sonhos dos jovens do tráfico. Talvez isso indique a necessidade de distanciamento das motivações da adolescência em função do endurecimento necessário na dedicação ao crime, que os toma de corpo e alma.

Todos eles vivem as fortes experiências do risco e da adrenalina, sem a supervisão de um mentor. Os rituais de iniciação devem ser conduzidos por um mentor, geralmente alguém mais velho e mais experiente, que supervisiona o ritual, garante a segurança do iniciante e está pronto para dar continência às energias poderosas que estão presentes no processo. Na rua, a figura mais experiente que coordena os acontecimentos são os “disciplinas”, e no mundo do crime, os traficantes. Nenhum dos dois garante segurança ao jovem e nem está disposto a dar qualquer continência aos adolescentes que vivem os percalços e perigos destes contextos. A iniciação ocorre no vácuo, sem segurança e não promove a transformação esperada.

Esses rituais de iniciação têm suas fases de morte iniciática e renascimento iniciático vividas de forma vazia, pois falta o significado simbólico e o fortalecimento do ego e da consciência. Normalmente a iniciação ocorre a partir de acontecimentos concretos que contam com sentido simbólico, entretanto, nestes casos, os jovens não vivem a morte iniciática preparatória, ao contrário, enfrentam perigos de morte reais, que podem, inclusive, interromper o processo nesta etapa. A transformação é truncada.

A grande quantidade de sonhos com morte indica a necessidade de extinção de uma atitude do ego para a descoberta de uma nova configuração psíquica. Por isso são muito comuns na adolescência. No entanto, os sonhos com morte destes jovens mostram, além da possibilidade de morte real, que esta escolha de vida mata aspectos importantes de sua personalidade.

Há lesão da afetividade, da liberdade e do espírito. Há aprisionamento interior, o jovem é cerceado nas possibilidades do ser. Este processo o leva a matar todas as possibilidades dele se desenvolver porque ele só pode seguir um caminho, que se torna rígido e sem saída. Ocorre o contrário do que é proposto pela individuação. Se a

indivíduo significa o desabrochar das possibilidades e a diferenciação da consciência, esses jovens seguem um caminho de mão única, de única alternativa. Conseguem gratificações imediatas, mas matam a alteridade. Há lesão psíquica de integridade, de riqueza do desenvolvimento. Não são livres para amar, o contato com o outro é marcado pela desconfiança, perdem a capacidade de empatia, direcionam-se para a finitude. São histórias de vidas curtas, de falta e de desesperança no futuro.

Os jovens nessas condições não vislumbram saídas, não percebem outras alternativas. Um dos participantes (I.) diz que o tráfico “não tem saída”, mostrando descrença em novas possibilidades para a sua vida e a falta de confiança em seus recursos internos para a construção de outra história. Falam de uma escolha de vida que não tem futuro e não acreditam na possibilidade de mudança. Outro participante (R.) ressalta que os jovens mais envolvidos com o crime têm dificuldade de imaginar novos caminhos a seguir, para eles, “só o crime compensa”, nada mais vale a pena, apenas o crime, “é aquilo e já era”. O filme *Exilados do Mundão* mostra um jovem, muito envolvido com o crime, que se apresenta como um bandido experiente. No entanto, esta máscara cede durante uma conversa com um menino que diz ter tido a oportunidade de filmar a sua história após sair da Fundação Casa, e o bandido aconselha-o a não desperdiçar esta possibilidade porque ele próprio nunca teve oportunidades na vida. É interessante considerar simbolicamente esta frase, como se ele não pudesse vislumbrar novas possibilidades internas para a sua vida; vive um ambiente interno restrito, duro, frio, totalmente moldado pela frieza do crime e pela falta da criatividade. Falta vida no mundo interno.

Essa dificuldade em vislumbrar saídas e buscar novas alternativas aparece nos sonhos. Os sonhos frequentemente trazem imagens em que não há saídas, não há volta, há um buraco no fim do corredor. Há a sensação de que independente de qualquer decisão ou atitude egoica, esta realidade vivida incidirá sobre eles. Como se o destino os perseguisse e não disponibilizasse outros desfechos e outras alternativas. Como se algo os empurrasse sempre para a vida do crime, aspectos dos quais eles não têm consciência. Essa sensação de ausência de saídas, de impotência diante da própria vida está relatada nesses sonhos, mostrando jovens endurecidos, empobrecidos, marcados e descrentes: “Sonhei que eu amanheci cheia de tiros [na cabeça]” disse J.. Outra menina, S., sonhou que estava num corredor com 15 portas, o número de sua idade, e em cada porta havia um menino diferente com quem ela tinha relação sexual. Ao final do corredor havia um buraco. Esta imagem mostra uma vida marcada por violações, que não conta com novas alternativas.

A transformação e a iniciação que levam ao desenvolvimento são possíveis se houver consciência, introspecção, contato com o mundo interior. Entretanto, ao invés de introspecção e transcendência, vivem momentos de entorpecimento.

A droga, o medo, o sexo indiscriminado, a falta de sono, a adrenalina do risco, a agitação da rua e do crime contribuem para um estado narcotizado, entorpecido, pouco consciente. A rua e o tráfico são ambientes agitados, tensos, movimentados que promovem pouca introspecção ou contato com o mundo interno. Neste estado o jovem permanece preso no processo, enfeitiçado.

Os jovens vão se envolvendo cada vez mais com essas vivências e aos poucos sentem-se mais entorpecidos, têm menos clareza e discernimento para avaliar o que vivem. São fisgados, engolidos e vivem algo que funciona como o vício. É difícil sair dali. Não é apenas a promessa ilusória da vida na rua ou do envolvimento do tráfico que está em jogo, algo mais sedutor provoca essa adição que os captura em suas feridas internas, enlaça esferas psíquicas muito profundas. Perambulam como se estivessem cegos, embriagados, narcotizados e fica evidente o rebaixamento de consciência e a carência de experiências de pausa para observação do que acontece.

A oportunidade de viverem momentos de pausa nesses contextos caóticos e agitados permite pensar, avaliar as circunstâncias às quais estão submetidos, observar de outra forma, ao invés de apenas agir e reagir aos acontecimentos vividos. Esta breve pausa teria a finalidade de ajudá-los a reconsiderar suas escolhas, serem transformados pelas suas reflexões e assim adquirirem a possibilidade de uma transformação para a vida. Isto inclui a possibilidade de estabelecer novos planos para o futuro e acreditar neles. “Pela introversão, o indivíduo é fecundado, entusiasmado, reconcebido e renasce” (JUNG, 1989, par.588).

A experiência de tempo desacelerado e de perspectivas de futuro entram em oposição à realidade conturbada e imediatista da rua e do tráfico, onde apenas importa o prazer instantâneo, o agora, e o amanhã é incerto e distante demais.

De acordo com Broide (2006), os jovens desenvolvem uma postura defensiva diante de condições de extremo sofrimento e isso impede a reflexão sobre a situação vivida e sobre a sua história. Tomam pouca consciência da raiva e do desespero em sentir-se fraco, amedrontado e abandonado. Nos sonhos observam-se os aspectos sombrios dessa dor, que conduzem os jovens a estas vivências desestruturantes. São aspectos muito sofridos e por isso são pouco considerados e disfarçados. Em momentos de pausa, podem considerar essa dor e buscar novas maneiras de lidar com ela, que não seja a partir da forma inconsciente, defensiva e ilusória de se envolver com a rua ou crime.

É digno de nota que a humildade foi uma característica muito valorizada pelos jovens nas entrevistas. “Tem que ser humilde”, dizem. No dicionário Aurélio humildade é ter dimensão da sua própria fraqueza. Simbolicamente esse seria o caminho da transformação, ter consciência da dor que conduz às vivências marcantes desses contextos e buscar formas mais conscientes de lidar com ela.

É importante lembrar que eles entendem a humildade como uma característica sociável, que considera o outro e não se impõe sobre ele. O sentido que os jovens atribuem à humildade é descrito como o oposto da arrogância, que leva a pessoa a desconsiderar o outro, ser “folgado” e se impor sobre os demais. Isso indica que esse processo de consideração das próprias dores e limites conduz ao relacionamento com o outro na alteridade.

Muitas vezes, a mudança da vida e a possibilidade de experimentar momentos de pausa ocorrem pela vivência de um choque, um susto. O susto abre um instante de pausa, um espasmo, um breve intervalo no momento conturbado e atrapalhado. Esse choque é provocado, às vezes, por um grande perigo enfrentado, pela iminência da morte, pela ocasião de uma grande perda ou até em situações em que vão presos. Alguns meninos vivem a experiência de ser preso como um momento de consciência, um choque de realidade, uma chance para reavaliar as condições vividas e mudar. Um dos jovens diz que ao ser preso pensou: “este é o meu limite” (R.). Entretanto, muitos jovens não adquirem esta consciência e seguem em frente.

Às vezes este choque é vivido no sonho.

### **11.5 O retorno**

Os sonhos muitas vezes chocam o sonhador, assustam, sacodem o ego, tiram o jovem de certa sonolência. Seriam choques aplicados no ego quando ele precisa despertar (VON FRANZ, 1988; WHITOMONT e PERERA, 1995). Esses sonhos retratam a realidade vivida pelo jovem com toda a crueza e frieza que lhe é própria. O mundo interno apresenta uma imagem que explana e revela com clareza a qualidade do que vivem, e denuncia ao sonhador a possibilidade de um desfecho trágico. São sonhos com morte, tiros, facadas, abusos, prisão, sofrimento. Mostram imagens de experiências abusivas, trajetos que não têm saídas, de escolhas caras, de perdas de pessoas queridas, de morte de aspectos saudáveis.

Os sonhos trazem momentos de grande sofrimento e de muito medo que chamam a atenção para o risco, na maioria das vezes ignorado ou pouco considerado. Revelam a falta de consciência dos perigos e trazem imagens referentes ao estado de inflação egoica dos jovens que apostam, de forma inconsequente, na possibilidade de permanecerem ilesos às ameaças, como se fossem imunes ou possuíssem superpoderes.

Um dos sonhos traz a imagem de sair sangue da orelha o que indicaria que o jovem ouve coisas que lhe ferem os ouvidos, mas não está prestando atenção suficiente. Não escuta o perigo, o que o torna ainda mais vulnerável ao risco. Esta imagem despertaria o ego para uma escuta mais cuidadosa daquilo que vive no mundo.

A importância dos sonhos é denunciada pela mobilização emocional que causa ao ego. Muitos jovens relataram reações emocionais intensas em relação ao sonho, dizendo que acordaram assustados, tristes, chorando, com saudades, o que anuncia o caráter numinoso dos símbolos. Esses são indícios de que o sonhador estava diante de conteúdos importantes presentes nos sonhos. Frequentemente destacavam a sensação de que o sonho traz uma mensagem; são avisos, castigos, sinais, tentativas de salvamento, mesmo que muitas vezes entendidos de forma literal. Demonstraram, de alguma forma, que os sonhos têm importância para eles.

A vivência de rua ou tráfico desencadeia suas compensações psíquicas. Entretanto, as possibilidades de composição com a atitude consciente são tantas que não é possível estabelecer uma regra de compensação, que nem sempre é um contraste exagerado. O sonho se vale de muitas formas de comunicação. Os sonhos dos participantes mostram algumas dessas alternativas de compensação da atitude consciente adaptada à vida na rua ou no crime, apresentando uma consideração da totalidade psíquica a respeito daquilo que vivem.

Essa condição psíquica de aprisionamento e encarceramento sem saídas é acompanhada pela emergência de símbolos ricos do self, cuja função é centralizar, organizar e garantir a integridade. O self expressa-se de maneiras distintas nos sonhos dos participantes.

Muitos sonhos apresentaram figuras femininas auxiliadoras como mães, avós, madrinhas que prometem conforto, proteção, apoio e cuidado, como fadas madrinhas que surgem em momentos de desamparo nos contos de fadas e que indicam novos caminhos que vão em direção ao desenvolvimento e à preservação da vida. Essas figuras apontam para a integração e para a totalidade.

Sugerem também a necessidade ou a possibilidade de contato com aspectos ligados à dinâmica matriarcal que se referem à manutenção da vida em contraste com a dureza vivida. A possibilidade de interação com aspectos dessa natureza traria novo equilíbrio psíquico, mais saudável e contribuiria para uma estrutura psíquica mais íntegra. “Eu sonho direto com a minha avó, que ela fala para eu mudar de vida. Que ela não quer me ver nessa vida, nesse caminho sem volta. Ela quer que eu estude, ajude a minha mãe e meus irmãos” (J.F.).

Indicam a oportunidade de resgate da criança sofrida e maltratada que há dentro deles, inaugurando a possibilidade de cuidá-la e acolhê-la. Cria-se assim, um espaço psíquico que se contrapõe ao espaço da violência, da desumanidade, dureza, perigo. “Sonho com a minha madrinha direto (já falecida). Que ela vem conversar comigo, que não é para eu chorar que ela tá comigo” (S.)

Entretanto a emergência desses símbolos poderosos traz a mensagem de que é necessária uma atitude do ego a favor da nova possibilidade interna que leva ao desenvolvimento, caso contrário ela se perde. Isto definiria a transformação do percurso vivido. Em um dos sonhos, um menino (C.) diz “tava traficando e a minha avó foi lá onde eu tava, eu não fui embora com ela, ela foi sozinha e foi atropelada”. Os sonhos destacam, portanto, a importância da escolha e da atitude egoica, ressaltando a responsabilidade do jovem diante de sua vida.

Os sonhos também apontam a necessidade de lutar contra aspectos violentos que existem dentro dos jovens. Uma luta contra o mal interno e externo, que configura a possibilidade de constituição de uma consciência ética, capaz de manter tensão entre os opostos bem e mal que habitam dentro e fora de todos os Homens. S. sonha que um diabo muito forte a persegue e ela foge em direção a uma igreja que há atrás da sua casa.

Os jovens com envolvimento intenso com o crime relataram sonhos com imagens profundas do self: o pássaro azul e o vento, como se a totalidade psíquica se valesse de símbolos poderosos numa tentativa de resgate. Resgate de uma vida que estaria fadada ao fim, à morte e não ao desenvolvimento.

É impressionante como conteúdos tão transformadores e benéficos originam-se em sonhos de pessoas que estão sofrendo tanto (GAMBINI, 2008), submetidos a condições tão cruéis e desestruturantes. Os símbolos profundos da psique indicam possibilidades internas, novas maneiras de pensar e sentir, novas saídas e alternativas para a situação cotidiana. Ajudam a resgatar os potenciais de humanização que desviam e protegem dos caminhos ameaçadores.

Os jovens com vivência de rua relatam sonhos com o símbolo do voltar para casa. “Sonhei uma vez que eu tinha saído do CRECA e tive um sonho que eu acordei em casa. Aí eu achei que esse sonho era realidade. Eu acordei e conversei com o meu pai no sonho e ele ficou feliz que eu tinha voltado pra casa. Aí eu acordei e comecei a chorar porque eu também tava feliz de ter voltado pra casa. Esse é o sonho que eu mais lembro” (K.).

Saíram de casa para as ruas, lançaram-se nesta jornada perigosa e o sonho indica a possibilidade de voltar para casa como um retorno, um fechamento para sua aventura, uma nova possibilidade de caminho, uma trajetória que leve ao centro de si mesmo. A possibilidade de realizar-se como indivíduo e expressar a sua individualidade como contribuição para o mundo. De acordo com Penna (1994), os sonhos do sono têm o poder de incentivar os sonhos de vigília.

Voltar para casa é a última etapa da trajetória do herói. Está anunciada a possibilidade de terminar o processo, quando é possível viver a pausa, reconsiderar as experiências, deixar de se arriscar com tamanha violência e inconsciência e talvez ser

transformado por isso. A última etapa da trajetória do herói é o seu retorno, “o tesouro que o herói traz da caverna escura é a vida, é ele mesmo, renascido” (JUNG, 1989, par.580).

Os jovens com vivência de tráfico não relataram sonhos com símbolo de voltar para casa, o que não tem relação com a sua vivência no mundo. Seus sonhos trouxeram imagens de liberdade, que eles buscam, desejam, perdem e almejam. Frequentemente compreendem este símbolo como liberdade concreta, fora da prisão, no Mundão, com possibilidade de continuar as suas atividades, inclusive no crime. Entretanto, estes símbolos indicariam a liberdade psíquica, novas possibilidades internas. Em um dos sonhos dois pássaros azuis pousam no ombro do sonhador três vezes, num movimento semelhante a uma benção. No outro sonho, um vento forte abre as portas da prisão libertando o sonhador. Este símbolo importante de espírito busca destruir a vida carcerária que está edificada dentro dele, indicando a possibilidade de um novo caminho, o que consolidaria o retorno simbólico.

A conclusão da trajetória heróica indica a oportunidade de transformação a favor do desenvolvimento, que prepare o jovem para a maturidade e para o retorno ao mundo. Portanto, a renovação do herói inclui, também, o enriquecimento da constituição da persona que permita a expressão de sua autenticidade no mundo e a participação no coletivo de forma implicada. Esta seria a ética da individuação.

Os sonhos muitas vezes vem auxiliar a jornada destes jovens, atuando como mentor, na falta de uma figura que acompanhe e contenha esta energia mobilizada na vivência da rua ou envolvimento com o tráfico, mas é importante que ele seja considerado pelo sonhador, que frequentemente está entorpecido demais para dar-lhe atenção. A renovação da trajetória do herói necessita introspecção, pausa; por isso o trabalho com os jovens deve estabelecer esta ponte para o mundo interno, que logo depois se transformará numa ponte para o mundo externo.

## 12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar ao lado desses jovens é sentir a força pulsante da vida e arrepiar-se com as manifestações destrutivas que ela pode assumir.

O processo de desenvolvimento que se dá na rua ou no tráfico de drogas conduz a poderosa energia da individuação de forma desestruturante. A jornada segue por um caminho desvirtuado, pega atalhos, se perde. Os jovens são iniciados, mas não estão preparados para a maturidade. Faltam instrumentos e são feridos na identidade e na profundidade psíquica.

Suas máscaras têm a cara da violência e afugentam o outro. Não participam da sociedade e não estão preparados para imprimir sua autenticidade no mundo e participar da sociedade de forma responsável.

Cada vez mais endurecidos, relacionam-se de forma precária e sonham cada vez menos com relacionamentos. A possibilidade de relacionar-se foi desenvolvida ao longo da história como uma conquista psicológica e sociológica que está na base da interação social, e compõe a capacidade altruísta. Quanto mais prejudicados pelas vivências, mais profundas as feridas psíquicas, que alcançam a capacidade de viver coletivamente. Esta marca pode ser observada impressa nos sonhos, que se revelam, mais uma vez, um bom instrumento de diagnóstico.

Houve um grande desvio. Os caminhos parecem sem saída, carentes de alternativas. Entretanto, fica demonstrado que, em muitos casos, o mundo interno está vivo, como em outros adolescentes. Emergem do mundo interno símbolos que sinalizam possibilidades. Os sonhos tentariam resgatá-los, mas eles parecem surdos. Confusos e dispersos. Enfeitiçados. Cegos. A juventude pulsa baixinho.

A esperança em ouvir um chamado criativo da psique impulsiona o trabalho com jovens, traz força para auxiliá-los nessa passagem perigosa, ajudá-los a ouvir a voz da sua própria alma. O trabalho com estes jovens deve se propor a ser o mentor nesta iniciação e lançar mão de conteúdos numinosos que os tocam nos momentos de pausa dos sonhos.

A adolescência é um momento de vulnerabilidade determinante e a identidade fincará raízes sobre as bases edificadas neste período de energia pulsante. Este é o momento de investir nesses jovens, antes que fiquem endurecidos demais. Investir em trabalhos multidisciplinares de qualidade e valorizar a sua importância.

Há tempo de resgatar o jovem que está por trás das armas e da sujeira, do capuz e do cheiro do craque; e devolver-lhe suas potencialidades e possibilidades de transformar a própria história. Isto ocorre na mesma medida em que responsabilizamos os jovens pelas suas escolhas e pela sua vida. Há tempo de enxergar ali uma criança sofrida que precisa de cuidado. Recuperar o sorriso alegre e não drogado, o olhar brilhante e não chapado.

É possível que o investimento nesses jovens forneça uma via de expressão para os conteúdos internos criativos que assim poderão se concretizar em uma condição humana real. Há possibilidade de retorno em muitos casos, com certeza não em todos.

A sociedade deveria investir nesta parte de sua potência jovem e isso é investir na sua saúde, no seu desenvolvimento. Entretanto, há uma tendência a descartar o que não vai bem, não cuidar das suas partes doentes. Esses jovens são os estranhos e diferentes que deixam turvo o que deveria ser transparente (BAUMAN, 2001), que abalam a imagem sem deficiências da sociedade. Esses jovens expressam alguns sintomas da sociedade, que lida com eles como se faz com aspectos sombrios: exclui, ignora, prende, isola. A sociedade se vale do mecanismo do bode expiatório como meio defensivo de projeção da sombra, evitando assim, culpa, sofrimento e responsabilidade (PENNA, 1994).

É preciso resgatar a estranheza e a surpresa diante de tais condições às quais está submersa parte da juventude. Há desperdício de parte de uma energia importante, de parte da potência jovem que será o futuro. O que temos desperdiçado em termos de potência? Lembremos de Cronos, o pai mitológico que ingeria os seus filhos. Foi substituído por Zeus, um passo em direção ao desenvolvimento. Atentemos, também, para as feridas relacionadas ao cuidado da Grande Mãe, que negligencia parte dos seus filhos.

Vivemos um momento de pluralidade, riqueza de alternativas, novidades, rapidez, ampliação de horizontes e oportunidades. Isso significa, também, forte relativismo, ausência de parâmetros, desorientação, perda de noção de limites, ansiedade, incerteza, confusão. Há diluição entre o certo e o errado, entre o aceitável e o inadmissível, entre os heróis e os vilões. O jovem encontra na atmosfera contemporânea uma dinâmica tão incerta e instável quanto experimenta nas transformações corporais e psíquicas próprias da adolescência. Neste momento de confusão de valores, há uma busca coletiva de iniciação, de transcendência para a alteridade.

A sociedade tem responsabilidade sobre o seu desenvolvimento. Esse processo de passagem para um novo modo de funcionamento envolve uma escolha, uma atitude. Há possibilidade de construção de um caminho para a alteridade, mas essa transformação envolve concessões e sacrifícios em nome do desenvolvimento. A individuação exige o sacrifício de partes ainda apreciadas do modo de funcionamento anterior, o que é fundamental para que haja renovação.

A participação ética da individuação exige compromisso com o processo e disposição responsável em assumir uma atitude coletiva diante da pluralidade de tendências que habita o universo caótico e paradoxal da contemporaneidade. Diante dessa diversidade de ofertas e deste momento de transformação e vulnerabilidade, uma atitude será construída; a generosidade e o altruísmo são apenas parte das alternativas disponíveis, resta saber quais valores serão adotados nesta construção.

## REFERÊNCIAS

- AFONSO, C. **A liberdade assistida de adolescentes em cumprimento de medida sócio-educativa e seus fatores de proteção** – uma análise sob o olhar da Psicologia Sócio-Histórica. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- ALCANTARA, M.; et al. **Vivendo em contexto de violência**: o caso de um adolescente. *Psicologia em Estudo* v.7, n.2, p.31-40. Maringá. 2002. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 22/07/09.
- ALMEIDA, M. **Compreendendo as estratégias de sobrevivência de jovens antes e depois da internação na Febem de Ribeirão Preto**. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Educação), Faculdade de filosofia, ciências e letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2002.
- ALMENDRA, C. **Violência e tráfico**: o indizível e o impronunciável – cenas de Campinas, Rio de Janeiro e São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- ARIES, P. As idades da vida. In: **Historia social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- ARPINI, D. **Sonhar a gente sonha**: representações de sofrimento e exclusão em adolescentes em situação de risco. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- ASSIS, S., et al. Violência e representação social na adolescência no Brasil. **Revista Panamericana Salud Publica** v.16, n.1, p. 43-51. 2004. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 22/07/09.
- BAIERI, L. **Personagens e enredos de cenas de medo e violência na cidade de Santo André, São Paulo**. Tese (Doutorado em Serviço Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- BAUMAN, Z. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BEDOIAN, G. Quixotinhos Urbanos: a rua, a droga e a rede. In **Conceitos e estratégias para o atendimento de crianças e jovens em situação de risco**. São Paulo: SMADS, Projeto Quixote, Unifesp, 2007.
- BERRY, P. A Sombra: agente provocador. In: **Espelhos do Self**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- BLY, R. A Sombra: o Self rejeitado. In: **Espelhos do Self**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- BOVENSIEPEN, G. Symbolic attitude and reverie: problems of symbolization in children and adolescents. **Journal of Analytical Psychology**, n.47, p.241-257, 2002.

BRANCO, T. **Relação entre condição de vida e representação da violência em jovens residentes em bairro da periferia de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BROIDE, J. **A psicanálise nas situações sociais críticas**: uma abordagem grupal à violência que abate a juventude nas periferias. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

BYINGTON, C. Adolescência e interação do Self individual, familiar e cósmico. **Junguiana**: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. São Paulo, n.6, p.47-118, 1988.

BYINGTON, C. **Psicologia Simbólica Junguiana**: a viagem de humanização do cosmo em busca da iluminação. São Paulo: Linear, 2008.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CASSIRER, E. **Um ensaio sobre o homem**: Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CUNHA, L. **O duplo mal-estar do jovem contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

DELL'AGLIO, D.; et.al. Eventos estressores no desenvolvimento de meninas adolescentes cumprindo medidas socioeducativas. **Paideia** v.15, n.30, p.119-129. 2005. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 22/07/09.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

FARIA, D. **O pai possível**: conflitos da paternidade contemporânea. São Paulo: Educ/FAPESP, 2003.

FEFFERMANN, M. **Na fronteira da lei e do fora-da-lei**: um estudo sobre o discurso de crianças e adolescentes da periferia do município de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

FEFFERMANN, M. **Vidas arriscadas**: um estudo sobre os jovens inscritos no tráfico de drogas em São Paulo. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

FELDMAN, B. Identity, sexuality and the self in late adolescence. **Journal of Analytical Psychology**, n.41, p.491-507, 1996.

FORDHAM, M. **A criança como indivíduo**. São Paulo: Cultrix, 1994.

FRANKEL, R. **The Adolescent Psyche**. Essex: Routledge, 2005.

FREITAS, L. **A psicoterapia como um rito de iniciação**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

FREITAS, L. **A máscara e a palavra**: exploração da Persona em Grupos Vivenciais. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

FREY-ROHN, L., Como lidar com o Mal. In: **Ao encontro da sombra**. São Paulo: Cultrix, 1991b.

FONSECA, M. **Coexistir na fronteira**: notas de um antropólogo sobre a trajetória de um grupo de jovens em meio a uma guerra entre a comunidade e o tráfico de drogas. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GAMBINI, R. **A voz e o tempo**: reflexões para jovens terapeutas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade pessoal**. Oeiras: Celta Editora, 2001.

GRAMKOW, G. **Os sentidos subjetivos de um jovem com história de transgressão social-legal na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

GRINBERG, L. **Jung**: O homem criativo. São Paulo: FTD, 1997.

GUIMARÃES, G. Moinho da Luz: Uma experiência de atenção a crianças e adolescentes em situação de rua. In: **Conceitos e estratégias para o atendimento de crianças e jovens em situação de risco**. São Paulo: SMADS, Projeto Quixote, Unifesp, 2007.

GUIMARÃES ROSA, J. **Grande Sertão Veredas**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

GUIMARÃES, S.; CAMPOS, P.. Norma social violenta: Um estudo da representação Social da violência em Adolescentes. (Universidade de Goiás, Goiania). **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.20, n.2, p.188-196. 2007. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 22/07/09.

HENDERSON, J. **Shadow and Self**. Wilmette: Chiron, 1990.

HILLMAN, J. **Estudos de psicologia arquetípica**. Rio de Janeiro: Ed.Achiamé, 1981.

HILLMAN, J. A cura da Sombra. In: **Ao encontro da sombra**. São Paulo: Cultrix, 1991b.

HILLMAN, J. **O livro do Puer**. São Paulo: Paulus, 1998.

HOPCKE, R. **Persona**. London: Shambala, 1995.

HUDSON, W. Persona and defense mechanisms. **Journal of Analytical Psychology**. n.23, p.54-62, 1978.

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C.G.Jung**. São Paulo: Cultrix, 1957.

JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

JUNG, C.G. **Aion**: Estudos sobre o simbolismo do si mesmo. OC.IX/2. Petrópolis: Vozes, 1986.

JUNG, C.G. **Símbolos da transformação**. OC.V. Petrópolis: Vozes, 1989.

JUNG, C.G. **A natureza da psique**. OC. VIII/2. Petrópolis: Vozes, 1991a.

JUNG, C.G. O Problema do Mal no nosso tempo. In: **Ao encontro da sombra**. São Paulo: Cultrix, 1991b.

- JUNG, C.G. **Tipos psicológicos**. OC. VI. Petrópolis: Vozes, 1991c.
- JUNG, C.G. **Civilização em transição**. OC. X/3. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JUNG, C.G. **O eu e o inconsciente**. OC. VII/2. Petrópolis: Vozes, 2002.
- JUNG, C.G. **Desenvolvimento da personalidade**. OC.XVII Petrópolis: Vozes, 2006.
- JUNG, C.G. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. OC. XVI/2. Petrópolis: Vozes, 2007.
- KAST, V. **Pais e filhas, mães e filhos**. São Paulo: Loyola, 1997.
- KUCHENBECKER, A. **Uso de drogas entre meninos e meninas de rua no centro de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- LESHER, A. et al. **Cartografia de uma rede: mapeamento do circuito de rua entre crianças e adolescentes em situação de rua da cidade de São Paulo**. São Paulo: Projeto Quixote, Unifesp, 1999.
- LESHER, A.; LOUREIRO, C. Refugiados Urbanos. In: **Conceitos e estratégias para o atendimento de crianças e jovens em situação de risco**. São Paulo: SMADS, Projeto Quixote, Unifesp, 2007.
- LEVINSKY, D. Panorama do desenvolvimento psicossocial do adolescente. In: **Adolescência: Reflexões Psicanalíticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- LIMA, E. **Adolescentes e jovens e suas bases de apoio: relações de amizade como suporte social no enfrentamento à violência**. Dissertação (Mestrado em psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2005.
- LIMA FILHO, A. **Brincadeiras selvagens: problema nosso**. São Paulo: Oficina de Textos, 1997.
- LIMA FILHO, A. **O pai e a psique**. São Paulo: Paulus, 2002.
- LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- MARQUES, G. O. **Modelos heróicos no desenvolvimento infantil e adolescente: uma compreensão junguiana**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- MARTY, F. Adolescência, violência e sociedade. **Ágora**, v.9, n.1, p.119-131. Rio de Janeiro. 2006. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 22/07/09.
- MEDEIROS, M.; et. al. A sexualidade para o adolescente em situação de rua em Goiânia. **Revista Latino-americana de Enfermagem** v.9, n.2, p.35-41. 2001. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 22/07/09.
- MINAYO, M. A violência na adolescência: Um problema de saúde pública. **Caderno de saúde publica**, v.6, n.3, p.278-292, 1990. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 22/07/09.

MOLINEIRO, M. **Vocação**: Uma perspectiva junguiana – a orientação vocacional na clínica junguiana. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

NEUMANN, E. **A criança**. São Paulo: Cultrix, 1991.

NEUMANN, E. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1995.

NOGUEIRA, V. **Percepção de risco de envolvimento em situações de violência**: uma análise do efeito da vitimização, diferenças entre gêneros e o alvo do risco. Dissertação (Mestrado Faculdade de filosofia, ciências e letras de Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, 2005.

OLIVEIRA, L. **Coisas de menina**: Análise simbólica da personagem Buffy – a Caça-Vampiros. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

PALUDO, S.; KOLLER, S. Toda criança tem família: Criança em situação de rua também. (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) **Psicologia e Sociedade**, v.20, n.1, p. 42-52. 2008. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br), acesso em 22/07/09.

PENNA, E. **Quem somos e para onde vamos**. Monografia (Formação de analista junguiano), Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, São Paulo, 1994.

PENNA, E., **Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

PENNA, E. **Processamento Simbólico Arquetípico**: uma proposta de método de pesquisa em Psicologia Analítica. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

PEREIRA, F. **Jovens em conflito com a lei**: a violência na vida cotidiana. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Educação), Faculdade de filosofia, ciências e letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2002.

PIERRAKOS, J. A anatomia do mal. In: **Ao encontro da sombra**. São Paulo: Cultrix, 1991b.

POLETO, M.; KOLLER, S.; DELL'AGLIO, D. Eventos estressores em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de Porto Alegre. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.14, n.2, p.455-466, 2009. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 22/07/09.

REY, G. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo. Thomson, 2001.

RIGATTO, F. Adolescência e delinquência: vítimas e agressores. In: **Conceitos e estratégias para o atendimento de crianças e jovens em situação de risco**. São Paulo: SMADS, Projeto Quixote, Unifesp, 2007.

RIGATTO, F. Drogas: conceitos e preconceitos. In: **Conceitos e estratégias para o atendimento de crianças e jovens em situação de risco**. São Paulo: SMADS, Projeto Quixote, Unifesp, 2007.

RIGATTO, F. **Evolução e desfechos observados em jovens liberados de unidades de internação da Febem-SP**. São Paulo: Projeto Quixote, UNIFESP, 1996.

SANCHEZ, R. **Plantão psicoeducativo em uma periferia da cidade de São Paulo**: uma experiência provocadora de reflexão sobre práticas educativas. Dissertação (Mestrado em psicologia da Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SANFORD, J. **Mal**: o lado sombrio da realidade. São Paulo: Paulinas, 1988.

SANTANA, J. Os adolescentes em situação de rua e as Instituições de Atendimento: Utilização e reconhecimento de objetivos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.18, n.1, p.134-142. 2005. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 22/07/09.

SAPIENZA, G.; PEDROMÔNICO, M. Risco, Proteção e Resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. In: **Psicologia em Estudo**, v.10, n.2, p.209-216. Maringá, 2005. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 22/07/09.

SAUAIA, N. **Psicoterapia de orientação junguiana com foco corporal para grupos de crianças vítimas de violência**: promovendo habilidades da resiliência. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

SCANDIUCCI, G. **Juventude negrodescendente e a cultura hiphop na periferia de São Paulo**: possibilidades e desenvolvimento humano sob a ótica da Psicologia Analítica. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto de Psicologia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SCHMOOKLER, A. O reconhecimento da nossa cisão interior. In: **Ao encontro da sombra**. São Paulo: Cultrix, 1991b.

SILVA, H. **Vida nas ruas**: solidariedade e resistência entre crianças e jovens. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SIQUEIRA, G. **Hostilidade**: uma revisão de literatura no referencial teórico junguiano. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SOLIGO, L. **Entre o sonho e a morte**: o cotidiano dos malandros em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais: Antropologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2005.

SOUZA, A. **O sentido das drogas para adolescentes em situação de rua**. Dissertação (Mestre em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

STEIN, M. **Liminality**. Wilmette: Chiron, 1990.

STEIN, M. **Jung**: o mapa da alma. São Paulo: Cultrix, 1998.

TAQUETTE, S; et.al. Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS. **Caderno de Saúde Pública**, v.19, n.5, p.1437-1444, 2003. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 22/07/09.

TARNAS, R. **A epopéia do pensamento Ocidental**: para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

TRAVERSO-YÉPEZ, Martha A.; PINHEIRO, V. Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas. (Universidade Federal do Rio Grande do Norte). **Psicologia e Sociedade**, v.14, n.2, p.133-147, 2002. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 22/07/09.

VICENTIN, M. **A vida em rebelião**: histórias de jovens em conflito com a lei. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

VON FRANZ, M. **A interpretação dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

VON FRANZ, M. **A sombra e o mal nos contos de fada**. São Paulo: Paulinas, 1985.

VON FRANZ, M. A percepção da Sombra nos sonhos. In: **Ao encontro da sombra**. São Paulo: Cultrix, 1991b.

VON FRANZ, M.L. **O caminho dos sonhos**. São Paulo: Cultrix, 1988.

WEISSTUB, E.; GALILI-WEISSTUB, E. Collective Trauma and Cultural complexes. In: **The Cultural Complex**. New York: Brunner-Routledge, 2004.

WILKINSON, M. The Adolescent Brain. In: **The Mind Brain Relationship: A Jungian Clinical Perspectives**. London: Routledge, 2006.

WHITMONT, E. A evolução da sombra. In: **Ao encontro da sombra**. São Paulo: Cultrix, 1991b.

WHITMONT, E. Persona: máscara que usamos para o jogo da vida. In: **Espelhos do self**, São Paulo: Cultrix, 1991.

WHITMONT, E; PERERA, S. **Sonhos, um portal para a fonte**. São Paulo: Summus, 1995.

ZOJA, L. **Nascer não basta**. São Paulo: Axis Mundi, 1992.

## **ANEXOS**

## Anexo A – Quadros

**Quadro 1 – Vivência de Rua**

| <b>X</b> | <b>VALORES DA RUA</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | <b>PADRÕES DE RELACIONAMENTO/ REGRAS</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <b>CONSEQUÊNCIAS / PUNIÇÃO</b>                                                                                           | <b>MOTIVOS DE IR PARA RUA</b>                                                                                                                                                      |
|----------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| A.       | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tem que ser amigo, humilde, sincero, respeitoso, parceiro, ser mais você, saber dividir, saber “entrar e sair”, conquistar a confiança das pessoas, não ser falso, não falar mal dos outros, não parecer ser mais respeitado e mais envolvido com o crime do que é.</li> <li>- Querem se mostrar bandido (“dizendo que quem sobreviveu, sobrevive a qualquer coisa”), dizendo que já foi preso, experiente, perigoso e bem relacionado. Mentir é perigoso (parecer e não ser)</li> <li>- Os bandidos são muito respeitados, e é importante ter a amizade deles</li> <li>-os humildes tem mais respeito</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- chegar com respeito, respeitar o local onde você está e o espaço dos outros, não roubar o local onde está, namorar quem você quiser desde que a pessoa não esteja envolvida com ninguém.</li> <li>- Os disciplinas comandam as regras – decidem quem entra ou sai, quem pode dormir no local. Autorizam quando alguém quer bater em outra pessoa.</li> <li>-relacionamentos – fica com quem quiser que não esteja com ninguém.</li> <li>- Bom - consegue comida, cobertor e dinheiro, fácil vender drogas, usa droga na hora que quiser, é livre para ir onde quiser, tem amigos, estar perto de quem gosta dela.</li> <li>- Ruim – “a vida é dura na rua” - exposição à agressão e discriminação; muitas brigas, falta de oportunidades. As pessoas olham de maneira estranha e pensam que vai roubar.</li> <li>- Tráfico como vício.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- as pessoas “cobram”, batem ou matam.</li> <li>- No creca tem seguro.</li> </ul> |                                                                                                                                                                                    |
| N.       | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tem que ser humilde e ser legal</li> <li>- as pessoas são falsas, parecem ser amigos e não são.</li> <li>- Não tem amigos na rua</li> <li>-relacionamento quando tem droga ou roubo.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Rua - cada um por si – “se der alguma coisa errada, vai todo mundo sair correndo e você que se estrepia” / “cada um faz seu corre”</li> <li>- Tráfico – não mentir, acertar as contas direito pela manhã</li> <li>- relacionamento quando tem droga ou roubo.</li> <li>-tem muita briga</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                          | <ul style="list-style-type: none"> <li>- relacionamento ruim com mãe e irmãos</li> <li>- influência de amigos e namorado</li> </ul>                                                |
| J.       | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tem que ser esperta, saber chegar e saber sair, não ser folgada, não ser boazinha (= Fundação Casa).</li> <li>- Rua e tráfico – pessoas não são amigas, não pode contar, nem confiar- não pode ir pela cabeça dos outros.</li> <li>-precisa fazer amizade que te faz bem, ficar arrumado.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | <ul style="list-style-type: none"> <li>- tráfico – muita cobrança, pouca conversa; trabalhar direito, gerar dinheiro</li> <li>- Rua – cada um corre atrás do seu; não ir pela cabeça dos outros; não mexer nas coisas dos outros, respeitar, obedecer os disciplinas, respeitar os namorados dos outros, não pegar as coisas dos outros, nem as drogas.</li> <li>- Briga com faca (creca-sem faca). Difícil dormir. Difícil fazer amizade.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | <ul style="list-style-type: none"> <li>- bater, matar</li> </ul>                                                         | <ul style="list-style-type: none"> <li>- briga com mãe, padrasto. Irmãs.</li> <li>-envolvimento com drogas</li> <li>- Tráfico – influência de amigos, desejos materiais</li> </ul> |
| S.       | <ul style="list-style-type: none"> <li>- As pessoas são arrogantes, ignorantes, desconfiadas, acham o pior dos outros, ruins.</li> <li>-As pessoas são falsas – “se eles não correm por eles ninguém vai correr”; “tudo que conseguem é só deles porque é tudo que eles tem”.- parecem amigas mas não são</li> <li>-tem que ser nervosa, egoísta, esperta, saber brigar, saber bater, saber se virar, ter cara de nervosa.</li> <li>-não pode ser boa, amiga, ou querer ajudar</li> </ul>                                                                                                                                                                  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Rua – muita sujeira e muita briga</li> <li>- não roubar quem mora junto, conseguir as coisas por si só. “Na rua você ta sozinho”.</li> <li>- tráfico – vender direito, fazer o que ta na regra.</li> <li>- não contar com ninguém, não confiar (rua/tráfico)</li> <li>- creca – amigos carinhosos, relacionamento afetivo e de apoio.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                    |

|      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                       |                                                                     |
|------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|
|      | <ul style="list-style-type: none"> <li>- eu era brava, arrogante, ignorante, chegava e brigava e xingava</li> <li>- pessoas querem parecer PCC, bandidos, perigoso, influente, experiente.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                       |                                                                     |
| J.E. | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tem que ser folgado e bravo, ter bom humor e carisma, mas mostrar firmeza</li> <li>- não parecer bobo</li> <li>- não pode baixar a cabeça</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | - cada um tem seu lugar, as pessoas pegam as coisas dos outros, fazem maldade quando ta dormindo.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                       |                                                                     |
| K.   | - respeito pelo medo, falar na gíria.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                       |                                                                     |
| J.F. | <ul style="list-style-type: none"> <li>- pessoas são humildes ou ignorantes, maldosas.</li> <li>- pessoas querem mostrar envolvimento, influência, malandragem.</li> <li>“Na rua você quer ser malandro, quer ser o pá”</li> <li>-falar na gíria</li> <li>- amigos só quando tem drogas – más influências, interesseiros, não pode confiar nas pessoas.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                    | <ul style="list-style-type: none"> <li>- regras são ordens (rua = tráfico)</li> <li>- na rua é só você e você</li> <li>-vida difícil. Não passa fome, liberdade fazer o que quer. Mas passa frio, medo, desproteção, vulnerabilidade, insegurança, discriminação.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                | - não pode trabalhar mais, pode acontecer coisa pior. | - querer coisas boas para ele, iludido com dinheiro e oportunidade. |
| T.   | <ul style="list-style-type: none"> <li>-Tem que falar com todo mundo, mas não muito.</li> <li>-Mostrar que você tem humildade.</li> <li>-Não pode contar/ confiar nos outros – “É cada um por si na maioria das vezes”.</li> <li>-De vez em quando as pessoas se ajudam .</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- cada um por si</li> <li>- fazer o que o traficante explica, não falar muito quando o assunto é droga ou roubo, ouvir mais e falar menos.</li> <li>- pessoas na rua por opção, para curtir, zoar</li> <li>- pessoas que estavam por necessidade – tráfico, cara emburrada, cara sofrida, pele maltratada, olhar triste, vida apertada, sofre por dentro.</li> <li>“A rua é triste”</li> </ul>                                       |                                                       | - depois que a mãe faleceu ficou sozinha e perdida                  |
| C.A. | - usar droga, ser ignorante, não levar desaforo para casa.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                       | - influências                                                       |
| M.   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- tem gente boa, ruim, chata, agitada, brava, agressiva.</li> <li>-as pessoas não vão com a cara das outras, não ficam juntas.</li> <li>-algumas se apegam, ficam juntas se for muito amigo ou irmão.</li> <li>-precisa ser sincera, não mentir, não falar coisas dos outros.</li> <li>- Eu queria brigar e bater”.</li> <li>-Só tem amigo quando há droga, manter amigo é sustentá-lo com droga.</li> <li>- ser X parecer – mais importantes, ter mais coisas.</li> <li>- os mais importantes são os disciplinas, e os que são considerados por alguém importante.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- pedir autorização quando quer bater em alguém, ou vender drogas, não roubar quem mora lá, não dedurar, respeitar o outro, não ficar com ninguém quando namorado vai preso, roubar ou traficar para levar para o namorado</li> <li>-A vida na rua é difícil</li> <li>-o pior é o frio.</li> <li>-É fácil ganhar dinheiro.</li> <li>-Tem muitas brigas.</li> </ul>                                                                   | - apanhar, ser morto                                  |                                                                     |
| G.   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- pessoas são sem caráter, usam muita droga. Não são amigas.</li> <li>- tem que ser chata.</li> <li>-As pessoas estão com você e de repente quer te bater.</li> <li>-tem que conversar com as pessoas, ser amiga, ter contato com drogas (usar e vender).</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | <ul style="list-style-type: none"> <li>- passa fome, frio, medo, não dá pra dormir, faz o que quiser na hora que quiser, fica suja, não está com a mãe, sente saudade.</li> <li>-Eu ficava mais sozinha</li> <li>-Muita briga</li> <li>- relacionamentos inconstantes, agressivos, sem carinho, sem confiança.</li> <li>Relacionamentos sexuais sem afeto, físicos, vulgar.</li> <li>- não pode contar/confiar com ninguém. “não pode ir pela cabeça dos outros”</li> </ul> |                                                       |                                                                     |
| V.   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tem que ser humilde, tranquilo, se dar bem com as pessoas, ser “de boa”, ser legal, não ser folgado, saber dividir a droga quando tem, ajudar quem ta precisando.</li> <li>-Tem gente ruim, de briga.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | <ul style="list-style-type: none"> <li>- a vida na rua parece um vício, é sedutor.</li> <li>-não roubar as pessoas de lá, não brigar perto do ponto de drogas, saber conseguir o que precisa.</li> <li>-relacionamento de brigas</li> <li>-Tem que saber correr atrás.</li> </ul>                                                                                                                                                                                           |                                                       | - conflito familiar.                                                |

**Quadro 1.1 – Valores da Rua**

| COMO AS PESSOAS SÃO NA RUA |                                                                                                                                                                                                                                                                                     | COMO AS PESSOAS DEVEM SER                                                                                                                                  |                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                       |
|----------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| COMO SÃO/POSITIVO          | COMO SÃO/NEGATIVO                                                                                                                                                                                                                                                                   | SOCIÁVEIS                                                                                                                                                  | ÍNTEGROS                                                                                                                                   | DEFENSIVOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | HABILIDADES                                                                                                                           |
| São boas<br>São amigas     | São falsas<br>Parecem amigas não são<br>São desconfiadas<br>Esperam o pior<br>Deixam na mão<br>Não se pode contar<br>Não se pode confiar<br>Não ajudam<br>Interesseiros<br>Ter droga para relacionamento<br>Sem caráter<br>São ruins<br>São ignorantes<br>São más<br>São agressivas | Ser tranquilo<br>Ser de boa<br>Ter bom humor<br>Carismático<br>Ser amigo<br>Ser parceiro<br>Falar com todo mundo<br>Se dar bem com as pessoas<br>Ser legal | Ser sincero<br>Ser confiável<br>Não ser falso<br>Não mentir<br>Ser respeitoso<br>Não falar mal dos outros<br>Ser mais você (autenticidade) | Ser ignorante<br>Ser ruim<br>Ser maldoso<br>Ser folgado<br>Ser arrogante<br>Ser nervoso<br>Ser bravo<br>Não levar desaforo<br>Mostrar firmeza<br>Ser egoísta<br>Saber brigar/bater<br>Dar medo<br>Ser chato<br>Parecer criminoso<br>Influente<br>Experiente<br>perigoso<br>não ser bonzinho<br>não ser amigo<br>não querer ajudar<br>não parecer bobo | Saber entrar e sair<br>Ter amizade importante<br>Ser esperto<br>Não ser folgado<br>Ser humilde<br>Falar na gíria (pertencer ao grupo) |

## Quadro 2 – O Primeiro Dia na Rua

| Part       | O PRIMEIRO DIA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | ANÁLISE SIMBÓLICA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 4.<br>A.   | Eu ficava com a minha irmã lá. Ela dormia embaixo de uma árvore, tinha um banco onde ficava um pessoal vendendo droga. Descendo as escadas tem mais criança. Tinha passarela, dois riacho, e em cima onde a gente tomava banho. Cada canto da praça tem um cara que trabalha. Todos para o mesmo patrão. Não pode atravessar senão tem que contar pro patrão.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | -fala do presente, do cotidiano<br>-rua = casa, ambiente familiar, estar em casa<br>-estar com as pessoas que te considera<br>-uma parte quer mudar outra não<br>-necessidade de relacionamentos próximos e verdadeiros                                                                                                                                                                    |
| 6.<br>N.   | Quando eu fui a primeira vez pro creca eu fui antes por Conselho Tutelar com a minha mãe, e me encaminharam pro creca centro. Eu fui pro creca porque o juiz me levou porque eu tava na rua usando drogas. Minha mãe falou que eu tava usando droga. Fiquei dentro da perua chorando e ela foi embora chorando. Ai eu pensei: agora ela aprende. Minha mãe tinha brigado comigo porque eu tava com o Rodrigo, menino que eu conheci no creca. Falou: “fica em casa e deixa esse menino”. E eu falei: “não, vou com ele”. Ai minha mãe não deixou ele ficar em casa comigo, fomos pra rua. Chegou o pessoal querendo levar a gente pro creca de novo, e a gente queria ir junto, então a gente falou que era irmão. E o cara perguntou: e o que são essas alianças? Eu disse que meu namorado tava preso. Ele ligou lá e não tinha vaga no creca, fomos para o Vale, e encontramos um monte de gente que tava no creca antes com a gente. Ficamos lá usando maconha, fiquei tão louca que dormi na rua, senão não tinha dormido, tinha ficado andando. Já ficar acordada para não dormir porque não gosto de dormir na rua. Achamos um mocó embaixo do viaduto, com um monte de rato, e eu tava tão louca que eu nem ligava. Quando nós acordamos, o sapato dele tinha sido roubado! Claro, não pode tirar os sapatos! Eu já sabia disso porque os outros me falaram no creca. | -dificuldade de relacionamento com a mãe<br>-relacionamento de amor e briga<br>-falta de continência da mãe<br>-preocupação da mãe = amor<br>-ficar namorado / influência dos outros<br>-Conta como uma festa = questão com grupo de pares, sexualidade, balada.<br>-sem avaliação dos riscos<br>-aspectos adolescentes<br>-tenta viver a sexualidade protegida, mas precisa ir para a rua |
| 7.<br>J.   | No meu primeiro dia de rua, uma menina me perguntou: “você rouba?” Eu disse que não. “Então como você vai fazer pra comer?”. Eu disse que eu ia pedir, mas ela disse “você tá ligada que vai ter que fazer uns corre”. Nesse dia eu briguei com a minha mãe e saí. Fui com meu pai [padrasto] na 25, vi o pessoal lá. Ai quando eu briguei com a minha mãe eu fui para a 25. Fui eu e uma menina, mas ela quis voltar para a casa. Já sai pensando em ficar fora de casa, mas não imaginava o que era ficar na rua. Tinha muita criança. Eu queria voltar para casa, mas toda vez eu brigava com o meu padrasto. Eu cheguei na rua e uma menina me disse: “por que você veio pra rua?”, e eu respondi, “porque eu briguei com a minha mãe”, ela disse “dorme aqui no mocó, onde tem um monte de gente”. Eu não dormia. Ficava acordada. Também... tem que dormir com um olho aberto e outro fechado... ninguém sabe a maldade dos outros....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | -briga com a mãe<br>-briga com padrasto<br>-medo da rua. Não dormia                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 8.<br>S.   | Meu primeiro dia de rua foi num dia que eu não queria ficar com a minha mãe, ela me batia, e eu não precisava ficar apanhando. Sai de casa para ir para a casa do meu pai. Eu achei que eu ia pedir dinheiro e ia pra lá, mas não consegui e dormi na rua, perto da casa dele. Encostei lá e acabei dormindo no mercado, quando abriu eu acordei. E fui para a casa do meu pai. Na vez seguinte eu tava na casa de uma amiga na favela, briguei com ela e fui para a rua. Eu ficava com uma menina e fiquei com ela na rua. As vezes eu ficava com ela e as vezes sem ela.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | - sentimento de solidão<br>-briga em casa com a mãe – desespero, inconsciência, sem elaboração<br>-sem consciência dos perigos<br>-busca do pai                                                                                                                                                                                                                                            |
| 9.<br>J.E. | Antes de ficar na rua de verdade, eu saía de casa cedo, ia pra rua. Ficava lá. Usando droga, ou fazendo outras coisas, às vezes roubava, a noite voltava. As pessoas achavam que eu era imprestável.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | -lazer + ficar fora de casa<br>-pouco apoio familiar – mora com tia, pouco contato<br>-imprestável = não tem valor, não serve para nada, pode ser descartado                                                                                                                                                                                                                               |
| 15.<br>T.  | Eu fui para a rua depois que a minha mãe morreu. Mas eu conheci muitas pessoas na rua, no Vale do Anhangabaú. Uma vez a gente foi num pessoal para a praia de trem cargueiro, foi muito legal.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | -sentimento de solidão<br>-busca de pessoas, de relacionamentos                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 19.<br>G.  | O primeiro dia que eu fui pra rua. Teve uma briga entre a minha mãe e o meu padrasto. Apanhei, fiquei brava, saí de casa, com a roupa do corpo, só pensei que não queria mais voltar pra casa. Não sabia o que eu ia fazer, depois que saí, fiquei pensando, onde eu vou? O que vou comer? O que vou vestir? Fui para uma escola que fica aberta a noite e fiquei lá sentada. Conheci uma menina que era prostituta. Conversou comigo, ela não tinha um olho, e eu falei pra ela que eu tinha perdido a chave de casa e ela me levou pra um prédio, comprou pedra, me levou pra Campo Limpo se prostituir com ela, voltei de lá.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | -menina desesperada – decisão pouco elaborada<br>-situação familiar muito ruim<br>-mulher estranha, quer iniciá-la – G. não se submete à iniciação                                                                                                                                                                                                                                         |

|           |                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                          |
|-----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 20.<br>V. | O primeiro dia que eu fui pra rua... sei lá... dá um segundo, a pessoa explode, sai. Fui pra rua com 6 anos, eu dormia embaixo das bancas... aí eu chorava de saudade e voltava pra casa. | -menino muito novo, desesperado com brigas. Não agüentou. Sozinho, triste, abandonado.<br>-jornada assumida de forma imatura, sem consciência dos riscos<br>-aos poucos se mistura mais com o mundo da rua, sente menos saudade, fica mais tempo na rua. |
|-----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

### Quadro 3 – SONHOS – jovens com vivência de RUA

| Part     | Sonho                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | símbolo                                                                                                              | Análise simbólica                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|----------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 4.<br>A. | sonhei que eu podia ajudar a minha mãe. Eu tinha crescido, tava trabalhando e ajudava a minha mãe.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | -ajudar a mãe                                                                                                        | -desejo de estabelecer relacionamento<br>-compensa falta de relacionamentos<br>-possibilidade de se ajudar<br>-resgate de aspectos internos saudáveis dinâmica matriarcal/nova possibilidade                                                                                                                                                                      |
| A.       | Sonhei também que eu conseguia catar uma menina que eu gostava, e ela pedia desculpa pra mim.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | -relacionamento com namorada<br>-desculpas                                                                           | -necessidade de relacionamento<br>-possibilidade de reconciliação/ reconexão com aspectos matriarcais<br>-possibilidade de reconectar aspectos do feminino ferido                                                                                                                                                                                                 |
| A.       | Sonhei que minha irmã foi presa. Ela chegava em mim e me dizia que ia fazer um assalto, e eu falei, “não, tem polícia!”. Fizeram, ela e mais dois amigos, e saíram correndo, trocaram de roupa, comeram uma coisa e depois foram presos.                                                                                                                                                                                                                                                                        | -irmã rouba<br>-ela avisa<br>-irmã presa                                                                             | -retrato do que vive<br>-alerta presença perigo/ possibilidade de desfecho trágico<br>-possibilidade de avaliar consequências<br>-Não se apropria da sua consideração<br>-não desenvolvimento da postura ética<br>-feminino aprisionado                                                                                                                           |
| 6.<br>N. | Eu sonhei com o cara que eu to namorando e que disse que ele ia roubar lá no autódromo. Eu falei: “vai lá então, com um monte de polícia, você vai ser preso”. Eu vi ele indo preso no sonho, os caras colocavam a algema nele. Eu fazia de tudo para ver ele lá na cadeia, mas a minha mãe tinha que dar uma autorização ela não quis dar e eu quebrei a casa toda. Chutei televisão, máquina, tudo. Ela queria chamar a polícia pra mim e eu falei “vai lá chamar que assim eu vou pra mesma cadeia que ele”. | -namorado rouba<br>-briga com a mãe<br>-mãe chama polícia<br>-autódromo                                              | -aspectos adolescentes – namorado, confronto familiar<br>-masculino valorizado relacionado com violência e transgressão<br>-mostra elementos de violência e contravenção dentro dela.<br>-retrata relação ambivalente com a mãe<br>-mãe figura de confronto – contenção externa/polícia<br>-paixão vivida em contexto de risco<br>-círculo sem saída de violência |
| 6.<br>N. | Sonhei que eu tava na favela, e que eu ia morrer, tinha tomado vários tiros de 2 ou 3 caras, e chegou a polícia. Caí no chão. Aí eu levantei do nada e eu tava com colete a prova de balas, eu pensei: “ox, eu não tava com isso aqui!”. Aí eu fui atrás dos meninos e eles acharam que eu era espírito. Depois os caras me mataram de verdade, um monte de cara.                                                                                                                                               | -ambiente de violência<br>-leva tiros<br>-colete à prova de balas – surpresa<br>-repete a situação<br>-LYSIS – morre | -retrata experiências de perigo vividas<br>-alerta ao perigo<br>-mostra possibilidade de desfecho trágico<br>-possui potencialidades para lidar com situações mas precisa se apropriar<br>-mostra novas alternativas<br>-inflação – superpoderes                                                                                                                  |
| 7.<br>J. | Sonhei que eu amanhecia cheia de tiro. Não tinha lugar para dormir e eu sonhei que eu tomava um tiro na cabeça de um cara que um outro cara tava devendo.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | -leva tiros na cabeça<br>-estava dormindo                                                                            | -escolha por esse caminho sem consciência, sem controle. Atingida no pensamento, na consciência ética. Não estava acordada quando foi atingida.<br>-sofreu a situação em que se encontra – realidade incide sobre ela<br>-chocar, retrata a forma como vive                                                                                                       |
| 7.<br>J. | Tava com umas amigas, aí chamaram a gente para ir na biqueira para comprar droga. A gente tava com 50 reais, mas era falso. Os meninos descobriram e bateram em nós. Aí a polícia chegou, queria saber onde era a biqueira e nós não falamos e eles levaram a gente pra FEBEM                                                                                                                                                                                                                                   | -meninos batem, polícia prende<br>-dinheiro falso                                                                    | -situação sem saída – não pertence a nenhum dos grupos/essa escolha não tem saída.<br>-chocar / essa vida não propõe saídas<br>-essa escolha não traz energia para construção                                                                                                                                                                                     |
| 7.<br>J. | Sonhei que eu conhecia meu pai, eu não conheço ele. Ele ia no creca, falava com o juiz e me levava pra morar com ele. Eu tinha acabado de sair e voltei e a tia disse que o meu pai tava na porta do creca.                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | -conhecer o pai<br>-ia para casa                                                                                     | -apresenta novo caminho, nova possibilidade – há saídas<br>-possibilidade de voltar para casa – encontrar a si própria, centro.<br>-pai – saída pela ética, pela consciência, pelo pensamento<br>-possibilidade de encontrar elementos positivos da dinâmica paterna internamente                                                                                 |

|          |                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|----------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 8. S.    | Tava na minha casa, atrás da minha casa tinha uma Igreja. O diabo foi me buscar, saí correndo para a igreja, e uma mulher de lá me disse: "esse diabo é muito forte e você não vai conseguir deter ele". Ele saiu quebrando a igreja toda. | -diabo<br>-perseguição/fuga<br>-mulher negativa<br>-diabo quebra a igreja | -luta contra o Mal que há dentro nela, dificuldade de controlá-lo. Ainda precisa fugir.<br>-alerta para necessidade de buscar novas forças/potencialidades dentro dela<br>-figura materna interna negativa – não acredita na força dela, não apóia                                          |
| 8. S.    | Sonhei que meu pai morria, se jogava do viaduto do chá. A gente tava conversando e ele me disse que não agüentava mais beber, que a vida dele não era aqui, queria ir para um lugar melhor e se jogou.                                     | -pai se mata                                                              | -ausência de figura de ordem, proteção, apoio. Ausência de aspectos positivos da dinâmica paterna.<br>-falência dos aspectos paternos internos.<br>-sensação de que não há saídas<br>-alerta para dificuldade de salvar o pai interno<br>-ausência de horizontes<br>-logos lesado           |
| 8. S.    | Sonhei que eu tava tendo relação com um menino que eu fiquei, na mata perto da minha casa.                                                                                                                                                 | -relação sexual com menino                                                | -aspectos adolescentes – sexualidade<br>-possibilidade de relacionamentos de intimidade<br>-possibilidade de relação íntima entre aspectos internos<br>-sexo – vida – aspectos criativos do desenvolvimento                                                                                 |
| 8. S.    | Sonho com a minha madrinha (já falecida) direto. Que ela vem conversar comigo, que não é para eu chorar porque ela tá comigo.                                                                                                              | -madrinha<br>-apoio materno                                               | -figuras internas protetivas ligadas a dinâmica matriarcal<br>-figuras de self<br>-indicam novas possibilidades internas, novos caminhos                                                                                                                                                    |
| 8. S.    | Ontem eu sonhei que eu tava fazendo sexo com 15 pessoas. Num corredor, no final do corredor era um buraco e tinha 15 portas. Cada porta tinha um menino diferente e eu transava com cada um.                                               | -sexo<br>-15 portas<br>-buraco<br>-SEM LYSIS                              | -sensações de ausência de saídas, desfechos ruins<br>-um abuso por ano em sua vida – retrata história marcada – CHOCA<br>-sexo indiscriminado - busca desvirtuada<br>-perigo de utilizar instrumentos disponíveis de forma equivocada e transformá-los em elementos destrutivos de violação |
| 9. J.E.  | No creca só tenho sonho ruim. Sonho que eu estou brigando.                                                                                                                                                                                 | -brigas                                                                   | -conflitos.<br>-Internos – adolescência – crescer.<br>-externos - ambiente                                                                                                                                                                                                                  |
| 9. J.E.  | Sonhei que eu tava no ônibus e fui para a casa da minha mãe, acordei quando encontrei uma pessoa, um amigo no meio do caminho, e não fui para a casa dela.                                                                                 | -casa da mãe<br>-desvio do caminho<br>-encontro casual com amigo          | -possibilidade de desviar do caminho de encontro do self<br>-razões casuais – sem controle<br>-conflito adolescente de crescer – atenção ao mundo dos amigos, distância do mundo da família                                                                                                 |
| 9. J.E.  | Sonhei que eu tava matando uma pessoa, esfaqueando, era um homem. Não lembro porque.                                                                                                                                                       | -assassinato<br>-homem<br>-SEM LYSIS                                      | -morte banalizada – ser imprestável<br>-morte de aspectos do sonhador de forma banalizada<br>-ausência de modelos masculinos para construção da identidade                                                                                                                                  |
| 9. J.E.  | Sonhei que a minha vó tava viva e eu tava morando com ela.                                                                                                                                                                                 | -avó<br>-voltar para casa                                                 | -aspectos internos ligados a dinâmica matriarcal<br>-cuidado, manutenção da vida, integração, conforto, apoio<br>-aspectos do self<br>-levam a vida para um caminho em direção ao self<br>-compensa desproteção, desamparo                                                                  |
| 11. K.   | Sonhei uma vez que eu tinha saído do creca e tive um sonho que eu acordei em casa. Aí eu achei que esse sonho era realidade. Eu acordei e conversei com meu pai, no sonho e ele ficou todo feliz que eu tinha voltado pra casa.            | -pai<br>-voltar para casa                                                 | - aspectos positivos da função paterna<br>-voltar para casa = novo caminho, em direção ao Self<br>-retorno pode ocorrer pela função paterna integrada e preservada internamente                                                                                                             |
| 13. J.F. | Eu sonho direto com a minha vó, que ela fala comigo para eu mudar de vida. Que ela não quer me ver nessa vida, nesse caminho sem volta. Ela quer que eu estude, ajude minha mãe e meus irmãos.                                             | -avó<br>-apoio                                                            | -aspectos internos positivos, aponta para futuro, vida, cuidado, proteção.<br>-imagem interna positiva que aponta novo caminho                                                                                                                                                              |

|          |                                                                                                                                                                                              |                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|----------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 15. T.   | Eu tava vindo pro Quixote e apareceu a Pamela e o Edson e eles tavam aqui, cantando, aí eu tento chamar eles e não consigo. Depois eles percebem que eu tava chamando e vieram falar comigo. | -amigos da rua<br>-não consegue comunicação     | -dificuldade de comunicação<br>-dificuldade de relacionamentos com conteúdos internos que precisam ser integrados / talvez relacionados as experiências que viveu na rua                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 15. T.   | Eu tava andando em uma paisagem linda com a minha mãe (já falecida) e eu tentei falar com ela, mas não consegui.                                                                             | -mãe<br>-dificuldade de comunicação             | -dificuldade de comunicação<br>-necessidade de relacionamento com aspectos internos maternos<br>-mostra imagem materna positiva de cuidado, proteção, apoio.<br>-imagem do self que indica que ela tem recursos internos para seguir um caminho que busque o desenvolvimento, mas com os quais precisa estabelecer contato<br>-bloqueio afetivo, sentimento de isolamento, dificuldade de falar e de ser ouvida, solidão                                            |
| 16. C.A. | Sonho que eu tô fugindo e o cara vai me matar. Primeiro eles atiram e pega um amigo que tá comigo.                                                                                           | -fuga<br>-querem matá-lo<br>-morte de uma amigo | -mostra falta de controle sobre si mesmo<br>-não há possibilidade de enfrentamento deste mal que há nele, precisa fugir<br>-este mal aniquila recursos positivos                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 18. M.   | Sonhei com a minha filha, como ela era, como era o rosto dela. Eu tava tendo ela dentro do abrigo.                                                                                           | -bebe/filha<br>-arquétipo da criança            | -possibilidade de conhecer alguns aspectos genuínos de sua personalidade e de sua história<br>-agora, fora da rua, tem possibilidade de reavaliação<br>-sua filha simboliza o que ela já foi, sua história<br>-sua filha é ela amanhã – pensar no futuro, renovação,<br>-surge uma possibilidade nova                                                                                                                                                               |
| 19. G.   | Sonhei que eu tava voltando pra casa, minha mãe foi me buscar, sai do creca e comecei a me dar bem com a minha família e com o meu padrasto.                                                 | -mãe<br>-padrasto<br>-voltar para casa          | -possibilidade de estabelecer relacionamentos próximos e afetivos<br>-conectar-se com aspectos internos positivos ligados a dinâmica matriarcal (mãe)– cuidado, proteção, vida<br>-conectar-se aspectos internos relacionados a dinâmica patriarcal (padrasto)- ordem, proteção, consciência.<br>-compensa relacionamentos esgarçados<br>-possibilidade de voltar para casa – reconectar-se com o centro                                                            |
| 20. V.   | Não lembro... mas sonhava com a minha família direto, às vezes era morte, às vezes era alegria.                                                                                              | -família<br>-alegria<br>-morte da família       | -possibilidade de reconectar-se com caminho em direção ao Self – voltar para casa / família. Possibilidade de estabelecer relação com aspectos ligados ao desenvolvimento e à vida.<br>-choque, assustar o sonhador – retrata o que vive, e a possibilidade de perder a família.<br>-necessidade de crescer, se desenvolver mais rápido e não depender mais da família pouco continente. Possibilidade de reconhecer as fragilidades da família – morte da família. |

**Quadro 4 – Envolvimento com o tráfico de drogas**

| <b>X</b> | <b>VALORES DO MUNDO DO TRÁFICO</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | <b>PADRÕES DE RELACIONAMENTO/ REGRAS</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | <b>CONSEQUÊNCIAS / PUNIÇÃO</b>                                                                                               | <b>MOTIVOS DE ENVOLVIMENTO</b>                                                                                                                                                  |
|----------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| M.M.     | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tem que ter postura de malandro.</li> <li>-se dá bem quem é mais “ligeiro”, “esperto”, “não vacila”, “sabe controlar o vício”.</li> <li>- Não pode ser “mongão”, “bobo” ou inadequado.</li> <li>- Falar na gíria.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                       | <ul style="list-style-type: none"> <li>- não denunciar, não conversar, não confiar na polícia, não pegar coisas de casa</li> <li>-não chegar gritando no ponto de drogas</li> <li>-cuidado para não dar a impressão de que não serve para o tráfico</li> </ul>                                                                                                                                                                                                              | <ul style="list-style-type: none"> <li>-espancamento ou morte.</li> <li>-ir preso</li> <li>-não vendem mais droga</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- fascínio pelo poder e pelo risco</li> <li>- dinheiro</li> </ul>                                                                        |
| F.       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | - relacionamentos “complicados” e “muito duros” - na Fundação Casa e no tráfico.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                 |
| V.       | <ul style="list-style-type: none"> <li>- falar com todo mundo, ser “humilde”, mostrar respeito para ser respeitado, não mostrar sentimentos, não parecer “bonzinho”, ser ruim.</li> <li>-“no mundo do tráfico não pode ter coração bom. Até pode ter mas não pode mostrar pra ninguém”, “se mostrar que é bonzinho, as pessoas acham que é idiota, que pode pisar”, “eu tento ser ruim porque é assim que a gente convive”.</li> <li>-“se eu mostrar que eu tenho coração mole eles vê que eu não sou pra isso”.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- ter respeito pelos outros, fazer as coisas dentro das regras estipuladas (“andar pelo certo”), não defender quem faz algo errado, conversar com o patrão caso perceba alguma irregularidade, garantir que tudo esteja correto no acerto de contas ao final do trabalho, trabalhar direito (“fazer o seu”), ter consciência de que isso é um trabalho e deve ser desempenhado com seriedade.</li> <li>-fazer tudo certo.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>levar para um “barraco”, e bater ou matar.</li> </ul>                                 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- adquirir “poder” para se vingar</li> </ul>                                                                                             |
| D.M.     | <ul style="list-style-type: none"> <li>- respeito pelo medo</li> <li>- precisa ser esperto, ter disciplina, ficar quieto.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | <ul style="list-style-type: none"> <li>- ficar atento com a polícia, não chamar atenção para o ponto de drogas, não deixar sumir droga, não roubar, não desistir do trabalho</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>- apanhar, ser morto, não poder pegar droga.</li> </ul>                               | <ul style="list-style-type: none"> <li>- conseguir droga por ele mesmo</li> <li>- não precisar pedir e sofrer humilhação</li> <li>- fascínio pelo respeito adquirido</li> </ul> |
| C.       | <ul style="list-style-type: none"> <li>-tem que saber usar a mente, pensar antes de fazer, não agir pela emoção.</li> <li>-conversar com respeito</li> <li>-falar na gíria</li> <li>-Não pode ser bonzinho, nem fazer tudo que pedem (como faz em casa)</li> <li>-Tem que ser bravo, agir na maldade, responder afrontas com violência, quebra ele logo de uma vez. Conversar com respeito.</li> <li>- Ser X Parecer- agir como se não fosse dono do tráfico</li> </ul>                                                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>- cada um na sua</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | <ul style="list-style-type: none"> <li>-não tem perdão na terceira falha</li> <li>-ir preso, ser morto</li> </ul>            | <ul style="list-style-type: none"> <li>- deslumbramento pelo poder do traficante, proximidade com drogas, ganhar dinheiro.</li> </ul>                                           |
| I.       | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tem que mostrar o lado ruim, que você tem maldade, malícia, que você é esperto. Pra ninguém achar que você é trouxa.</li> <li>-se não mostrar malícia sua palavra não vai valer.</li> <li>- Não mostrar o lado bom, amor, sentimentos (só em casa), senão vêem que voc~e é bobo e querem pisar em cima.</li> <li>-Tem que ser humilde, exigente para não errar</li> <li>-falar na gíria.</li> <li>-Ser X Parecer criminoso. Quem é não mostra tanto.</li> </ul>                    | <ul style="list-style-type: none"> <li>- regras rígidas, duras, inegociáveis, “o crime não admite falhas”</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                 |
|          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                 |
| C.R.     | <ul style="list-style-type: none"> <li>- tem que ter responsabilidade</li> <li>-Tem que ser arrogante, estressado, exigir respeito, não mostrar carinho</li> <li>-Tem que tratar de um jeito para não ser cobrado depois.</li> <li>-pessoas doidas pra matar, cheias de ódio</li> <li>- querem parecer influentes, perigoso</li> </ul>                                                                                                                                                                                      | <ul style="list-style-type: none"> <li>- regras rígidas e inegociáveis</li> <li>-controlar a situação, não reagir, tratar os outros de forma que eles não cobrem você, não errar</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                              | <ul style="list-style-type: none"> <li>- depois da morte do pai, desandou, entrou para o tráfico.</li> </ul>                                                                    |

|    |                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|----|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| R. | <ul style="list-style-type: none"> <li>- ser X parecer bandido – vontade de mostrar respeito. Um quer ser mais bandido que o outro.</li> <li>-usam muita droga</li> <li>- ser influente, participativo.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- os aliados não podem sair do tráfico, os que vendem pouco podem</li> <li>- mais envolvidos pensam: só o crime compensa. Os cabeças nunca saem do tráfico.</li> <li>-ambiente sem segurança, de muita desgraça, recebe dinheiro morto, não há carinho.</li> <li>-diferentes formas de estar no tráfico</li> <li>- Envolve muito dinheiro, mas é um dinheiro morto, só sai desgraça.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- ir preso, ser morto (pela polícia)</li> <li>-ameaças das outras pessoas do crime</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- os que querem usar drogas, os que ficam iludidos pelo poder e dinheiro, os que sustentam a família, os que estão em famílias de traficantes.</li> <li>-meninas entram pelo namorado, para ser bem falada.</li> <li>-Entrei de laranja quando eu era moleque e nem me ligava.</li> </ul> |
|----|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

**Quadro 4.1 – valores do tráfico**

| POSTURA DE “MALANDRO”                                                                                                                                                                                                                         | CUIDADO PARA NÃO<br>ERRAR                                                                                                 | NÃO PODE NO<br>TRÁFICO                                                                       | SOCIABILIDADE                       |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------|
| Ter postura de malandro<br>Mostrar respeito p/ ser respeitado<br>Ser ruim<br>Ser bravo<br>Tratar de um jeito para não ser cobrado<br>Agir na maldade<br>Mostrar que tem maldade<br>Responder com violência<br>Ser arrogante<br>Ser estressado | Ser esperto<br>Ter disciplina<br>Ficar quieto<br>Saber usar a mente<br>Ter responsabilidade<br>Ser ligeiro<br>Não vacilar | Parecer bonzinho<br>Fazer tudo que pedem                                                     | Ser humilde<br>Falar com todo mundo |
|                                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                           | Mostrar sentimento<br>Mostrar lado bom<br>Mostrar amor<br>Mostrar carinho<br>Ter coração bom |                                     |

### Quadro 5 – O PRIMEIRO DIA – TRÁFICO DE DROGAS

| Part.       | O PRIMEIRO DIA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | ANÁLISE SIMBÓLICA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1.<br>M.M   | O primeiro dia que eu fui para o tráfico foi assim, eu tava conversando com os meninos que eu queria dinheiro, e o menino me disse “porque você não vai ali pedir para o cara pra traficar?”; Eu fui lá e ele disse que tinha chegado um cara na minha frente e que se rolasse ele me chamava.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | -dificuldade de avaliação das conseqüências das escolhas/riscos<br>-inflação<br>-escolha pouco consciente<br>-Símbolo DINHEIRO (motivador)- compensação de vida com falta, empobrecida.                                                                                                                                                                                                                      |
| 3.<br>V.    | Meu primeiro dia de tráfico foi assim. Conversei com uma amiga minha. Eu não conhecia ninguém onde eu queria. Ela falou que estudava com um menino que conhecia os cara. Eu conheci o menino. No outro dia ele me levou lá, fui no barraco. Os outros já tava sabendo que eu queria. Conversaram comigo, falaram que ia puxar a minha ficha e se eu tivesse mentindo ia ficar feio pro meu lado, e no dia seguinte eu comecei. Assim que a gente saiu de lá foi bala pra todo lado. Puxaram a gente pra trás, era guerra entre traficante. No primeiro dia eu comecei a trabalhar, normal, não senti nada. Fizeram mal pra mim, e desde lá meu coração parece que esfriou. Aí eu entrei nessa pelo poder. Para fazer as pessoas pagarem pelo que fizeram. Eu quero fazer, não quero mandar ninguém fazer. Eu nem chorava mais, agora que eu to chorando. Meu coração parece que não está palpitando nada. | -busca de um emprego<br>decisão deliberada<br>-aquisição de poder/vingança (motivador)<br>-busca devido uma grande dor<br>-sem recursos internos para lidar com trauma<br>-fragilidade emocional<br>-sentiu-se protegida, pertencente                                                                                                                                                                        |
| 5.<br>D.M.  | Meu primeiro dia de tráfico foi assim, eu acordei e fui direto pra lá. Já sabia. Peguei as drogas e fui pra biqueira. Não pensava em nada, só em arrumar uma grana. Esse dia eu tava bravo porque eu passava muito desaforo dos outros na rua. Aí resolvi comprar droga e usar droga. O tráfico me ajudou porque eu comprava a minha própria droga e não precisava pedir para os outros. Aí não precisava passar vergonha, o pessoal me tirava na frente dos outros e não deviam fazer isso. Antes disso o cara já tinha me convidado. Eu tinha 7 anos. Me senti normal e fiquei atento. Só não podia perder a droga senão era do meu lucro.                                                                                                                                                                                                                                                              | -decisão de um menino novo, bravo, envergonhado, humilhado, desesperado, assustado, raiva.<br>-decisão pouco elaborada, pouco consciente (Muito novo)<br>-motivação: ser independente na obtenção das drogas, modificar relação com os outros.<br>-impotência diante dos outros X onipotência inflada que leva ao crime e sustenta fascínio pelo \$ e poder<br>-busca autonomia, reconhecimento, valorização |
| 10.<br>C.   | Estou no tráfico desde os 10 anos. No começo o tráfico é bom. Você usa droga, trafica, ganha muito dinheiro. Depois que se acostuma, os cara começa a montar em cima, e faz você de lagarto.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | -envolvimento inicial = deslumbramento com a posição de participante do tráfico, proximidade com a droga e possibilidade de ganhar muito dinheiro.<br>-Depois deslumbramento parece ruir - sofrem abuso das autoridades do crime, vivem desilusão.                                                                                                                                                           |
| 13.<br>J.F. | Eu comecei a usar drogas com 9 anos. Com 10 eu entrei para o mundo do tráfico. Eu comecei a pensar que vinha coisa boa pra mim. Ganhar dinheiro. Comecei a plantar maconha. Com 14 anos eu fui preso, minha mãe nem sabe disso. Me livreí várias vezes da morte. Era para eu tá numa cadeira de rodas. Hoje eu tenho uma vida que eu nunca tive no crime. Eu paro pra pensar na minha vida, no meu futuro. Eu quero estudar, quero ser bombeiro. Quero seguir em frente, deixar de lado as coisas velhas e seguir uma vida nova. E acreditar nos meus objetivos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | -menino muito novo, deslumbrado e iludido com oportunidades oferecidas pelo tráfico<br>-decisão pouco consciente<br>-se percebe diferente e não quer poluir a imagem que a família tem dele.<br>-mudança veio com possibilidade de reflexão, avaliar riscos, fazer planos,                                                                                                                                   |
| 14.<br>C.R. | Meu pai morreu e eu desandei, ele trabalhava pra um cara que tava preso.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | -escolha baseada na dor, na perda da figura masculina de identificação<br>-figura de identificação ligada ao crime<br>-explícita conotação negativa para escolha de vida, mas não esboça modificação.<br>Impotência.                                                                                                                                                                                         |
| 17.<br>R.   | Eu simplesmente pegava da biqueira e levava pros playboy que não podia entrar na quebrada pra pegar. Entrei no movimento de laranja quando eu era moleque e nem me ligava. Quando eu fui preso pensei: Esse é meu limite.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | -menino novo, iludido<br>-decisão pouco elaborada<br>-garoto pouco envolvido que aos poucos foi se misturando<br>-foi preso. Sofreu um choque, susto. Momento de consciência. Fez nova escolha.                                                                                                                                                                                                              |

**Quadro 6 - SONHOS – Tráfico de Drogas**

| Part           | Sonho                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | símbolo                                                                                                                | Análise simbólica                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|----------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1.<br>M.M<br>. | Eu tava tomando banho e começou a sair sangue da minha orelha e saí correndo pro quarto da minha mãe.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | -Sair sangue orelha<br>-LYSIS – buscar a mãe                                                                           | -retrata o que vive, choca<br>-aviso, alerta<br>- chama atenção ao chamado interno<br>-não escuta o que vive – pouca consciência<br>-procurar aspectos protetivos, relacionados a dinâmica materna, salvadora, desenvolvimento                                                                                                                          |
| 1.<br>M.M<br>. | Eu ganhei uma casa, e dinheiro e comecei a mobiliar e viver nela. A casa era só minha e eu podia fumar maconha na sala vendo TV, e sair de casa a hora que eu quisesse.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | -fazer o que quiser<br>-dinheiro<br>-liberdade                                                                         | -fazer o que quiser / liberdade<br>-conflito de crescer<br>-visão ingênua de crescer/crime<br>-dinheiro                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 1.<br>M.M<br>. | Sonhei que eu caí de um prédio e não morri. Tava conversando com um homem que eu não conheço e me desentendi e ele me empurrou, caí. Quando caí no chão eu acordei.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | -ser empurrado do alto do prédio<br>-homem desconhecido<br>-LYSIS – cair e não morrer                                  | -perigo não consciente<br>-envolvimento sem controle<br>-dificuldade de avaliação risco<br>-inflação<br>-figura criminoso que ele pode ser<br>- morte de aspectos do sonhador<br>-busca de resoluções fantásticas / inflação                                                                                                                            |
| 1.<br>M.M<br>. | Eu tava descendo uma rua e descendo e pulava bem alto meio voando. Era a rua de casa normal. Achei que eu ia me machucar.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | -descer rua pulando alto<br>-medo                                                                                      | -má avaliação da realidade<br>-ação do ego mas que perde controle<br>-inflação<br>-medo- chama atenção para risco                                                                                                                                                                                                                                       |
| 2.<br>F.       | Eu fui visitar [na prisão] o cara que foi preso comigo, e fiquei trocando idéia com ele. Assisti o jornal com ele e começou um tiroteio. Tomei um susto porque eu achei que eu tava lá no meio.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | -ambiente da prisão<br>-envolvido no tiroteio, surpresa<br>-SEM LYSIS                                                  | -envolvimento sem consciência<br>-envolvimento sem controle/ sensação de falta de alternativas/impotência<br>-realidade incide sobre ele<br>-não consciência de sua atitude que leva a vida no crime<br>-dilema: continuar ou não no crime?                                                                                                             |
| 3.<br>V.       | Eu estava com 2 amigas e a gente queria entrar em uma casa grande e velha bem esquisita onde faziam velório. Tinha que comprar ingresso. Mas uma mulher, que eu não conheço veio e deu ingresso pra gente. Quando a gente entrou, tinham umas velas grandes, mas não tinha nenhum caixão. A gente saiu de lá, foi andando por uma floresta e apareceu uma menina monstrinho, um monstrinho que era uma menina atrás da gente e dizia: Me espera! E a gente corria mais. Aí ela disse que conhecia a Juliana e a gente ficou com mais medo e correu mais. | -casa velha, esquisita, velório<br>-ganha ingresso para entrar<br>-caixão<br>-menina mostro persegue<br>-Juliana-amiga | -retrata - iniciação na vida do crime<br>-sem consciência do perigo e da consequência da escolha pelo crime<br>-morte de aspectos dela- sentimento<br>-persona X sentimento reprimido<br>-alerta para necessidade de cuidado<br>-aspectos dela estão morrendo<br>-exclusão de sentimentos<br>-feminino maltratado – ela/trauma – ela precisa de cuidado |
| 5.<br>D.M.     | Sonhei hoje, eu e meus 2 irmãos. Nós 3 brigando, um deu uma facada no outro. Eu chamei o que tava sangrando, vem aqui, e abracei ele.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | -briga<br>-abraça irmão esfaqueado                                                                                     | -conflito interno identidade primitivo: o que sou?<br>-identidade pouco estabelecida/consolidada<br>-cuida de aspectos feridos – integração destes aspectos<br>-necessidade de cuidado<br>-revela relacionamentos baseados na agressividade                                                                                                             |
| 10.<br>C.      | Sonhei que o diretor da Fundação me deu um monte de tiro na perna e eu sobrevivi. Falei que eu ia voltar pra buscar ele, quando eu voltei ele não tava mais lá.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | -tiro na perna<br>-vingança<br>-ausência de confronto<br>-diretor da Fundação Casa                                     | -dificuldade de identificação com modelo masculino<br>-não tem confronto para construção da identidade<br>-ferida em relação ao movimento, na direção da vida, o caminhar<br>-mostra a raiva e a vontade de vingança.                                                                                                                                   |

|             |                                                                                                                                                                            |                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                       |
|-------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 10.<br>C.   | Sonhei que a minha vó foi atropelada. Eu tava traficando ela foi lá onde eu tava, não fui embora, ela foi sozinha e foi atropelada.                                        | -avó<br>-atropelamento<br>-culpa                    | -mostra aspectos internos de cuidado, zelo pela vida, que podem mudar o rumo que ele escolheu.<br>-ajuda pode ser desperdiçada, precisa decisão ego<br>-o aspecto motor que mata a avó – o ego tem que decidir                                        |
| 12.<br>I.   | Tava na UIP, sonhei que tava a maior ventania no prédio, um temporal, foi antes da minha audiência. Sonhei que o prédio tava balançando e o portão se abrindo e eu saindo. | -vento<br>-balança estrutura carcerária<br>-ele sai | -indica a liberdade da sua vida, possibilidade de construir uma nova vida<br>-liberdade simbólica<br>-imagem do self que tentar derrubar e destruir a vida carcerária que há dentro dele<br>-expectativa de salvação fantástica, não há força de ego. |
| 14.<br>C.R. | Tinha dois passarinhos azuis, vieram os dois, pousou do meu lado. Depois na minha frente, e depois do meu lado de novo. Eu estava na varanda da minha casa.                | -pássaro azul<br>-movimento de benção<br>-em casa   | -Imagem de Espírito Santo, self – chamado interior de mudança, símbolos profundos - benção – possibilidade de um novo caminho<br>-libertação de sua vida do crime – liberdade simbólica e não concreta<br>-voltar para casa – encontro do self        |

## **ANEXO B – TERMOS DE CONSENTIMENTO**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

A presente pesquisa tem por objetivo analisar os papéis de adaptação exercidos por adolescentes com vivência de rua e/ou envolvimento com o tráfico de drogas. Ela será realizada através da análise de entrevistas, produções de desenhos e relatos de sonhos. Este material será coletado durante um encontro com jovens freqüentadores do Projeto Quixote durante suas atividades na instituição.

Ciente dos procedimentos da pesquisa, não restando dúvidas a respeito do lido e do explicado, firmo este CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO da concordância em participar da pesquisa proposta. Fica claro que é possível retirar este CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO a qualquer momento e deixar de participar da pesquisa, e fico ciente de que todo trabalho torna-se informação confidencial, guardada a força do sigilo profissional.

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

---

**Participante da pesquisa**

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DA INSTITUIÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_, coordenador geral do *Projeto Quixote*, uma OSCIP ligada a UNIFESP, estou ciente da realização da Pesquisa **PASSAGEM PERIGORA – A construção da identidade de jovens em situação de vulnerabilidade social – uma perspectiva da Psicologia Analítica**, conduzida por Felícia Rodrigues Rebelo da Silva Araujo, que será realizada através de entrevistas em jovens frequentadores do Projeto Quixote que ocorrerão durante o período de participação do jovem nas atividades propostas nesta instituição.

Esta pesquisa tem como objetivo a análise dos papéis de adaptação social exercidos por adolescentes com vivência de rua e/ou envolvimento com o tráfico de drogas. Acredita-se que essa condição às quais estão submetidos interfira na qualidade dos papéis exercidos na sociedade para sua inserção e adaptação social. A psicologia analítica tem muito a contribuir para o entendimento e acompanhamento de jovens nestas situações de importante complexidade social e intensa vulnerabilidade.

A pesquisa conta com estratégias de entrevistas abertas, produções de desenhos e relatos de sonhos, o que compõe seu método. A coleta do material a ser analisado será realizada mediante entrevistas com jovens frequentadores do Projeto Quixote durante suas atividades na instituição.

É imprescindível relatar que a pesquisa se realizará fundada na *Resolução nº 196/96* do Conselho Nacional de Saúde (CNS), respeitando as condições nesta descrita. Para tanto, cumpre destacar que os adolescentes serão informados de sua participação na pesquisa e dos instrumentos utilizados através de linguagem clara e acessível, e estarão livres para recusar a participação em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado. Serão informados, também, da garantia de seu anonimato e privacidade através do sigilo das informações e de dados de identificação dos participantes.

Destaca-se que esta pesquisa não prevê nenhum risco ou prejuízo para os participantes, e que os resultados estarão disponíveis para a instituição *Projeto Quixote*.

\_\_\_\_\_  
nome-----  
CPF: \_\_\_\_\_  
Coordenador Geral  
do Projeto Quixote

\_\_\_\_\_  
Liliana Liviano Wabha  
CPF: \_\_\_\_\_  
Orientadora da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Felícia Rodrigues R. S. Araujo  
CPF 221 276 358 - 17  
Pesquisadora

\_\_\_\_\_  
nome-----  
CPF: \_\_\_\_\_  
Testemunha 1

\_\_\_\_\_  
nome-----  
CPF: \_\_\_\_\_  
Testemunha 2

## ANEXO C - COMITÊ DE ÉTICA



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP  
SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE

Protocolo de Pesquisa nº 100/2009

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica  
Orientador(a): Prof.(a). Dr.(a). Liliana Liviano Wahba  
Autor(a): Felícia Rodrigues Rebelo da Silva Araújo

**PARECER** sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Dissertação de Mestrado, intitulado *Expressões da persona e correlatos inconscientes em jovens com vivência de rua ou envolvimento com o tráfico de drogas*

### CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que os critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas.

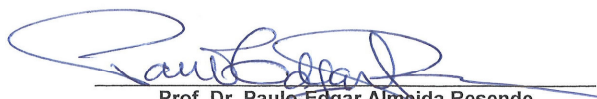
No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

### CONCLUSÃO

Face ao parecer consubstanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, em Reunião Ordinária de **29/06/2009**, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº **100/2009**.

Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea "c", do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

São Paulo, 29 de junho de 2009.

  
Prof. Dr. Paulo-Edgar Almeida Resende  
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP